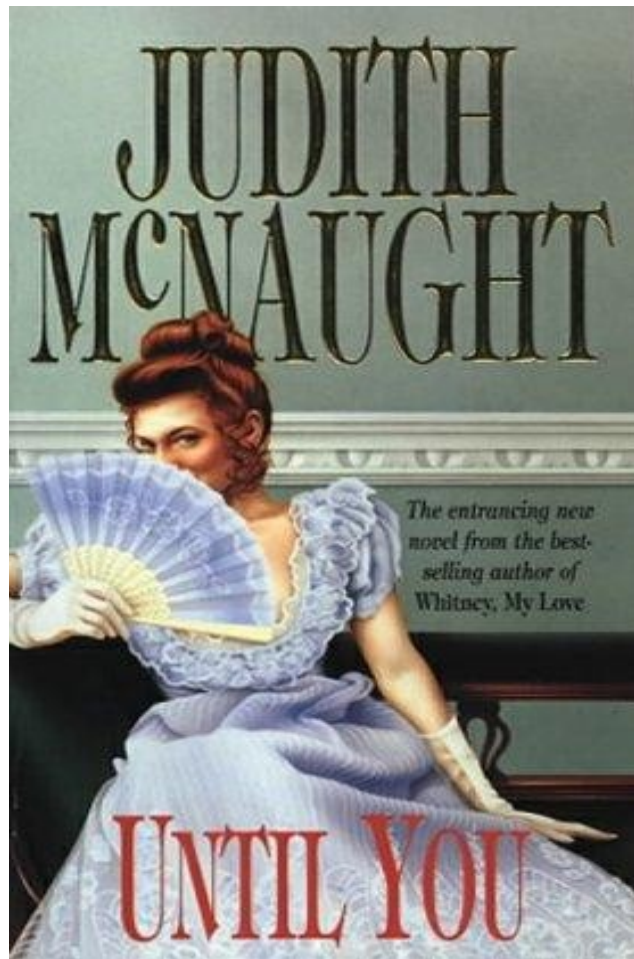


ATÉ VOCÊ CHEGAR

JUDITH McNAUGHT



Mais uma trama repleta de paixão, erotismo e aventura criada pela grande dama da ficção romântica. No início do século XIX, Sheridan Bromleigh -- garota de catorze anos criada livremente pelo pai -- é enviada à casa de sua tia solteirona, professora de boas maneiras. Seu aprendizado dura seis anos: aos vinte, ela é uma bela, elegante e educada professora de um seletor colégio de moças, escolhida para acompanhar uma das alunas, noiva de um nobre, à Inglaterra. Durante a viagem, a aluna foge com outro homem, deixando Sheridan aterrorizada com a possibilidade de ser punida pelo descuido. Mas o noivo preterido acabara de falecer, atropelado pela carruagem do conde Stephen Westmoreland, que compungidamente recebe Sheridan no cais, confundindo-a com a noiva oficial. Antes que consiga esclarecer o mal-entendido, a jovem é atingida na cabeça pela carga de um dos navios, perdendo a memória. Em meio à confusão que se segue, brota entre o conde e a plebéia uma arrebatadora, louca paixão. . .



CAPITULO 1

Reclinada sobre uma montanha de travesseiros de cetim, entre lençóis de linho amarrotados, Helene Devernay admirava o tórax musculoso e bronzeado de Stephen David Elliott Westmoreland, conde de Langford, barão de Ellingwood, quinto visconde de Hargrove, visconde de Ashbourne, enquanto ele vestia a camisa pregueada que jogara nos pés da cama na noite anterior.

— Iremos ao teatro na semana que vem? perguntou ela. Stephen fitou-a rapidamente, surpreendido, e pegou a gravata.

— Claro... Olhando-se no espelho sobre a lareira, encontrou o olhar dela, enquanto colocava a estreita tira de seda branca no pescoço e dava um nó complicado. — Por que pergunta?

— Porque a temporada começa na semana que vem, quando Monica Fitzwaring estará chegando. Foi o que disse meu costureiro, que também costura para ela.

— E daí? — Ele fitou-a no espelho, sem que seu rosto demonstrasse a menor reação. Com um suspiro, Helene rolou de lado e apoiou-se num cotovelo; falou em tom sentido, mas absolutamente franco:

— O boato é que, afinal, você vai fazer o pedido que ela e o pai esperam há três anos.

— É isso o que andam dizendo? — indagou ele, com ar casual. Mas suas sobrancelhas ergueram-se, demonstrando silenciosa mas claramente seu desagrado por Helene ter tocado em um assunto que não considerava da conta dela.

Helene percebeu a reprimenda tácita e o aviso que continha, mas tirou vantagem do que havia sido um caso tranquilamente franco para ambos, e altamente prazeroso, durante vários anos.

— No passado houve dezenas de boatos afirmando que você estava prestes a propor casamento a uma mulher ou outra — comentou, calma, — e até agora eu jamais lhe pedi que confirmasse ou negasse qualquer um deles.

Sem responder, Stephen distanciou-se do espelho e pegou a elegante casaca que deixara sobre o divã florido. Vestiu-a, aproximou-se de um lado da cama e afinal deu toda a atenção à mulher que ali estava. De pé, olhando para baixo, ele sentiu que o aborrecimento diminuía consideravelmente. Apoiada num cotovelo, os cabelos dourados descendo pelas

costas e os seios nus, Helene Deverney era uma visão adorável. Inteligente, direta e sofisticada, tinha tudo para ser uma deliciosa amante, tanto na cama quanto fora dela. Ele sabia que era também prática o bastante para não alimentar secretas esperanças de casamento com ele, o que estava completamente fora de questão para uma mulher como ela, independente o bastante para não ter vontade de amarrar-se a ninguém para a vida inteira qualidades que tinham solidificado o relacionamento deles. Ou, pelo menos, ele assim pensava.

— Mas agora está me pedindo que confirme ou negue se pretendo pedir Monica Fitzwaring em casamento? — perguntou, suave.

Helene deu o cáldo e sedutor sorriso que normalmente fazia o corpo dele reagir:

— Estou.

Empurrando para trás os lados da casaca, Stephen colocou as mãos nos quadris e olhou-a, frio:

— E se eu disser que sim?

— Então, milorde, eu lhe diria que está cometendo um grande erro. Você gosta dela, apenas; não é amor, nem uma grande paixão. Tudo o que ela tem para lhe oferecer é beleza, linhagem aristocrática e a perspectiva de um herdeiro; não tem a sua força de vontade nem a sua inteligência, e, mesmo que se importe com você, jamais irá entendê-lo. Vai entediá-lo na cama e fora dela; você irá intimidá-la, magoá-la e provocar-lhe raiva.

— Obrigado, Helene. Devo me sentir afortunado por você se interessar tanto pela minha vida particular, já que chega ao ponto de me oferecer sua experiência para ajudar-me a viver.

Essa observação sarcástica fez o luminoso sorriso dela perder um pouco do brilho, mas não desaparecer.

— É, de fato... — confirmou, em voz baixa. — Eu me sinto repreendida e avisada pelo seu tom, mas Monica Fitzwaring iria sentir-se esmagada ou mortalmente ofendida.

Observou a expressão de Stephen endurecer, ao mesmo tempo em que a voz dele se tornava muito polida e gelada:

— Peço desculpas, madame inclinou a cabeça num arremedo de reverência, se usei um tom menos civilizado.

Esticando um braço, Helene puxou de leve a barra da casaca, tentando fazê-lo sentar-se na beira da cama, a seu lado. A tentativa falhou, e ela deixou a mão cair, porém manteve a determinação, e o sorriso ampliou-se, para acalmá-lo:

— Você jamais fala com alguém em tom que não seja civilizado, Stephen. Na verdade, quanto mais aborrecido fica, mais "civilizado" você é... Mostra-se tão civilizado, tão perfeito e correto, que o efeito é alarmante. Pode-se até dizer... *aterrorizador!*

Ela estremeceu para ilustrar o que acabara de dizer, e Stephen teve que rir, a despeito de si mesmo.

— É isso o que quero dizer — Helene sorriu de novo. — Quando você se torna frio e zangado, eu sei como...

Perdeu a respiração quando a grande mão dele se introduziu sob o lençol e lhe envolveu um seio, e seus dedos lhe acariciaram a pele macia de maneira tantalizante.

— Eu simplesmente quis avisá-la...

Passando os braços pelo pescoço dele, Helene atraiu-o para a cama, suspirando:

— E me enlouquecer.

— Creio que um casaco de pele faria isso bem melhor.

— O quê, me avisar? — ironizou ela.

— Enlouquecê-la...

A resposta dele interrompeu-se quando sua boca cobriu a de Helene. Daí por diante, Stephen dedicou-se à deliciosa tarefa de enlouquecê-la.

Eram quase nove horas da manhã quando ele se vestiu novamente.

— Stephen? — sussurrou ela, sonolenta, quando ele se inclinou e beijou-lhe as pálpebras cerradas.

— Hum?Tenho que confessar uma coisa.

— Nada de confissões — lembrou ele. — Combinamos isso desde o começo. Nada de confissões, de recriminações, de promessas. Foi assim que quisemos.

Helene não negou, mas naquela manhã não se achava disposta a cumprir o combinado:

— Minha confissão é que descobri que estou idiotamente enciumada de Monica Fitzwaring.

Stephen conteve um suspiro de impaciência e esperou, sabendo que ela estava

determinada a falar, mas resolveu não ajudá-la a fazê-lo. Simplesmente limitou-se a fitá-la, com o cenho franzido.

— Compreendo que você precise de um herdeiro começou ela, os lábios cheios curvando-se num sorriso de embaraço. Mas será que não pode se casar com uma mulher que pareça uma sombra pálida, em comparação a mim? E que tenha mau gênio, também. Uma mulher rabugenta, de nariz grande e torto, ou de olhos pequeninos e muito juntos, seria o ideal, no meu ponto de vista.

Ele teve que rir diante do espírito dela, mas queria encerrar definitivamente aquele assunto e declarou:

— Monica Fitzwaring não é uma ameaça para você, Helene. Tenho certeza que ela sabe do nosso caso e que não irá tentar interferir, mesmo que pense que pode fazê-lo.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ela mesma me informou — afirmou ele, seco. Ao ver que Helene não se convencera, acrescentou: — Para acabar com sua preocupação e com esta conversa, quero esclarecer que sempre considerei o filho de meu irmão um herdeiro aceitável. Além disso, não tenho a menor intenção de me submeter, nem agora nem nunca, ao costume de ir atrás de uma esposa com o único propósito de fazer um herdeiro legal para meu nome, títulos e posses.

Ao terminar esse brusco discurso, viu a expressão dela mudar da surpresa para um divertido desconcerto. O motivo da evidente confusão foi esclarecido pelo comentário de Helene:

— Se não é por querer um herdeiro, porque um homem como você iria se casar?

O movimento de ombros e o breve sorriso de Stephen mostraram que eram triviais, absurdos e imaginários todos os motivos comuns para o casamento. Depois, com um leve divertimento que mal disfarçava seu genuíno desprezo pela falsa bem-aventurança e santidade do casamento, ele respondeu:

— Não há nada que obrigue um homem como eu a cometer um matrimônio.

Helene observou-o, atenta, e seu rosto demonstrava curiosidade, cautela e um princípio de compreensão:

— Sempre me perguntei por que você não se casou com Emily Lathrop. Além de ter um corpo e um rosto admiráveis, é uma das poucas mulheres da Inglaterra que possuem

requisitos de berço e linhagem suficientes para entrar na família Westmoreland e lhe dar um herdeiro. Todo mundo sabe que você duelou com o marido dela, e no entanto não o matou, nem se casou com ela um ano depois, quando o velho Lorde Lathrop afinal bateu as botas por conta própria.

As sobranceiras de Stephen ergueram-se divertidas com a gíria irreverente com que Helene se referiu à morte de Lathrop, mas a atitude dele em relação ao duelo foi tão casual quanto a dela:

— Lathrop enfiou na cabeça que precisava defender a honra de Emily e cortar os falatórios, desafiando para um duelo um dos supostos amantes da esposa. Eu nunca entendi por que o pobre homem me escolheu entre uma verdadeira legião de possíveis candidatos.

— Seja qual for o método que ele empregou, é evidente que a idade confundiu-lhe a mente.

Stephen encarou-a, curioso:

— Por que diz isso?

— Porque sua habilidade com pistolas e sua ampla experiência em duelos já são lendárias.

— Até uma criança ganharia um duelo com Lathrop — afirmou ele, ignorando os elogios às suas habilidades. — Era tão velho e frágil que não conseguia segurar direito a pistola, menos ainda apontá-la. Tinha que usar as duas mãos.

— Por isso você o deixou sair vivo de Rockham Green? — Ele assentiu:

— Achei que seria pouco educado de minha parte matá-lo, — naquelas circunstâncias.

— Considerando que foi ele quem provocou o duelo, desafiando-o diante de testemunhas, foi muita bondade sua fingir que errava o tiro, a fim de preservar o orgulho dele.

— Eu não fingi errar o tiro, — Helene informou Stephen. E acrescentou, incisivo: — Eu me neguei a mirar.

Não fazer mira num duelo significava um pedido de desculpa, portanto era uma admissão de erro. Imaginando se ele teria alguma outra explicação para o fato de, a vinte passos de distância, ter atirado para o ar em vez de atirar em Lorde Lathrop, Helene disse, devagar:

— Está querendo dizer que realmente *era* amante de Emily Lathrop? Você era *mesmo* culpado?

— Como o pecado — confirmou Stephen, ríspido.

— Posso fazer-lhe mais uma pergunta, milorde?

— Já que começou, *faça respondeu* ele, lutando para ocultar a impaciência com a inusitada e desagradável preocupação dela com sua vida particular.

Num perfeito simulacro de hesitação feminina, ela desviou os olhos como se procurasse reunir coragem, depois fitou-o com um sorriso sedutor e embaraçado, que seria irresistível se não houvesse sido precedido por aquele questionário ultrajante que violava até mesmo o indulgente padrão de Stephen sobre o decoro aceitável entre os sexos.

— O que atraiu você para a cama de Emily Lathrop?

A instantânea aversão de Stephen por essa pergunta foi completamente eclipsada por sua reação negativa à pergunta seguinte:

— Quero dizer, há alguma coisa que ela fazia com você... ou *para* você... ou *em* você, que eu ainda não tenha feito em minha cama?

— Para ser franco — ele fez um gesto displicente, — há uma coisa que Emily fazia e que eu gostava muito.

Na ansiedade para descobrir o segredo de outra mulher, Helene não reparou no sarcasmo da voz do lorde e indagou:

— O que ela fazia que você gostava tanto?

— O olhar dele fixou-se, sugestivo, nos lábios dela:

— Quer que eu lhe mostre?

Helene fez que sim, e Stephen inclinou-se sobre ela, colocando as mãos uma de cada lado do travesseiro de modo que sua cintura e quadris ficaram a poucos centímetros do rosto dela.

— Tem certeza que quer participar da demonstração? — A voz dele era um sussurro deliberadamente sensual.

Ela assentiu com energia, de maneira tão convidativa que o fez ter uma sensação que hesitava entre divertimento e impaciência.

— Ensine-me o que ela faz e que você gosta tanto — murmurou ela, deslizando as

mãos pelos braços dele.

Stephen ensinou-a, colocando a mão direita, com firmeza, sobre a boca de Helene, surpreendendo-a com a "demonstração" que combinou com sua sorridente "explicação":

— Ela me poupava de perguntas como as suas, sobre *você* ou qualquer outra pessoa, e eu gostava *demais* disso.

Os olhos azuis dela, espelhando mágoa e frustração, sustentaram os dele, mas desta vez a advertência era mais do que clara na voz máscula:

— Entendeu, minha beleza inquisidora?

Fazendo que sim com a cabeça, ela tentou suavizar a situação passando a ponta da língua, úmida e cálida, na palma da mão dele.

Com uma risada divertida diante da tentativa, Stephen retirou a mão; já não estava com disposição para fazer sexo ou conversar, então deu-lhe um rápido beijo na testa e foi embora.

Lá fora, a neblina úmida e cinzenta agasalhava a noite, mal interrompida a espaços pelo brilho fantasmagórico da iluminação dos postes. Stephen pegou as rédeas da mão do sonolento cocheiro e incitou a jovem parelha de cavalos castanhos; impacientes, os animais saíram batendo os cascos com estrépito nas pedras da rua, agitando as longas crinas. Era a primeira vez que aqueles cavalos iam à cidade, e ele soltou as rédeas, deixando-os andar a trote. Notou que os cavalos se mostravam muito agitados. Tudo parecia assustá-los, desde o som de seus próprios cascos até as sombras que começavam onde terminava a luminosidade dos postes. De repente, uma porta bateu à esquerda, os cavalos sobressaltaram-se e tentaram disparar. Automaticamente Stephen encurtou as rédeas e fez a carruagem virar para a Middleberry Street. Os animais seguiam a trote rápido e pareciam ter se acalmado um pouco. Foi então que um gato miou agudamente e saltou de uma carroça de frutas, fazendo uma avalanche de maçãs espalhar-se pelo chão. Ao mesmo tempo, a porta de uma estalagem abriu-se, inundando a rua de luz. Irrompeu um pandemônio: cães latiam, os cavalos relinchavam e se empinavam freneticamente, enquanto um vulto escuro saía da estalagem e desaparecia entre duas carruagens estacionadas para em seguida materializar-se diante da carruagem de Stephen. O grito de aviso deste soou tarde demais.

CAPITULO 2

Apoiando-se pesadamente em sua bengala, o idoso mordomo mantinha-se de pé na saleta mobiliada com móveis antigos, enquanto ouvia, em respeitoso silêncio, o ilustre visitante comunicar que seu patrão acabara de morrer. Só quando Lorde Westmoreland terminou de falar é que o criado permitiu-se demonstrar alguma reação, e mesmo então cuidou que suas palavras fossem tranquilizadoras:

— Lamentável, milorde, para o pobre Lorde Burleton e para o senhor. Mas... acidentes acontecem, não é? E ninguém pode ser culpado. Coisas ruins são coisas ruins, e é por isso que assim se chamam.

— Eu não chamaria apenas de "coisa ruim" atropelar um homem e matá-lo — retrucou Stephen, com amargura dirigida a si mesmo, não ao criado.

Se bem que o acidente daquela madrugada tivesse acontecido mais por culpa do jovem barão bêbado, que se jogara diante da carruagem de Stephen, o fato é que este segurara as rédeas e estava vivo, incólume, enquanto o jovem Burleton morrera. Além disso, parecia que não havia ninguém para chorar o falecimento do barão, e naquele momento isso lhe parecia uma injustiça final.

— Com certeza seu patrão tem parentes em algum lugar... — tentou. — Alguém a quem eu possa explicar pessoalmente o acidente.

Hodgkin, o mordomo, sacudiu a cabeça distraído, porque só naquele instante se deu conta de que estava desempregado de novo e que parecia fadado a continuar assim até o fim da vida. Havia conseguido aquele emprego apenas porque ninguém queria trabalhar como mordomo, criado de quarto, lacaio e cozinheiro pelo salário miserável que Burleton podia pagar.

Embaraçado pelo temporário lapso de autopiedade e por sua falta de decoro, Hodgkin clareou a garganta e acrescentou, rápido:

— Lorde Burleton não tinha parentes próximos vivos, como eu... eu disse. Acontece que só comecei a trabalhar para ele há três semanas, não estou a par de suas amizades e...

— A voz do mordomo falhou, enquanto o horror se estampava em seu rosto. — Ah, com o choque me esqueci da noiva dele! O casamento ia se realizar esta semana.

Uma nova onda de culpa envolveu Stephen, mas ele assentiu e, quando falou, sua voz

soou firme e brusca:

— Quem é ela e onde posso encontrá-la?

— Tudo o que sei é que se trata de uma herdeira americana que o barão conheceu numa viagem e que chegará amanhã, num navio que vem das colónias. O pai dela está doente demais para viajar, por isso acredito que ela esteja viajando acompanhada por uma parente ou, quem sabe, por uma dama de companhia. Ontem, Lorde Burleton saiu para comemorar sua última noite de solteiro. Isso é tudo o que sei.

— Mas pelo menos deve saber o nome dela! Como Burleton a chamava?

Pressionado pelo nervosismo causado pela impaciência de Lorde Westmoreland e pela vergonha por sua memória deteriorada, Hodgkin disse, um tanto na defensiva:

— Como eu disse, trabalhava há pouco tempo para o barão, e ele ainda não me fazia confidências. Na minha presença, ele... ele a chamava "minha noiva" ou, então, "minha herdeira".

— Pense, homem! Ele deve ter dito o nome dela alguma vez!

— Não... Eu... Espere, sim! Lembro-me de alguma coisa... Lembro-me que o nome dela me fez pensar em como eu adorava ir a Lancashire quando era pequeno. Lancaster!

— exclamou Hodgkin, deliciado. — O sobrenome dela é Lancaster, e seu nome é Sharon... Não, não é isso. Charise! Charise Lancaster!

Os esforços de Hodgkin foram recompensados por uma enérgica aprovação de cabeça acompanhada por outra pergunta rápida:

— Como é o nome do navio em que ela vem?

O mordomo sentia-se tão encorajado e orgulhoso que bateu com a bengala no soalho, em júbilo, quando a resposta brilhou em sua cabeça:

— É *Morning Star*! — gritou, e em seguida ficou vermelho, embaraçado com o tom de voz alto e a atitude imprópria.

— Mais alguma coisa? Os menores detalhes poderão me ajudar quando eu falar com ela.

— Lembro-me de algumas coisinhas, mas acho uma vulgaridade mencioná-las. Seria mexerico e...

— Vamos ouvi-las, então — cortou Stephen, bruscamente.

— A *lady* é jovem e ”uma coisinha linda”, segundo o barão. Pelo que percebi, ela está loucamente apaixonada por ele e quer se casar, enquanto o pai dela está interessado apenas no título de barão.

A última esperança de Stephen de que se tratasse de um casamento de conveniência morreu quando ele ouviu que a moça estava ”loucamente apaixonada” pelo noivo.

— E Burleton? — perguntou, enquanto punha as luvas. — Por que ele queria se casar?

— É apenas uma suposição, mas parece que ele correspondia aos sentimentos da noiva.

— Maravilhoso — murmurou Stephen, ácido, encaminhando-se para a porta.

Só depois que Lorde Westmoreland saiu é que Hodgkin permitiu que o desespero da situação o envolvesse. Estava de novo desempregado e sem dinheiro. Momentos antes pensara em pedir, implorar a Lorde Westmoreland que o recomendasse para alguém, mas seria um atrevimento presunçoso, indesculpável e, com certeza, inútil. Como descobrira nos dois anos precedentes, antes de trabalhar para Lorde Burleton, ninguém queria um mordomo, criado de quarto ou lacaios com mãos trêmulas pela idade e o corpo tão velho e fraco que não se mantinha ereto e não aguentava andar rápido.

Com os ombros estreitos caídos pelo desespero, as juntas começando a doer penosamente, Hodgkin voltou-se e tratou de ir para seu quarto, nos fundos do desgastado apartamento. Estava a meio caminho quando as fortes e impacientes batidas da aldrava forçaram-no a voltar-se e ir o mais depressa que pôde para a porta de entrada.

— Sim, milorde?

— Quando eu ia saindo, ocorreu-me que a morte de Burleton irá privá-lo dos pagamentos que ele ia fazer-lhe. — A voz de Westmoreland soava ríspida e profissional.

— Meu secretário, Mr. Wheaton, tratará de recompensá-lo. — Ia voltar-se, mas deteve-se e acrescentou: — Minha governante está sempre precisando de criados competentes. Se você não está pensando em se aposentar, Mr. Wheaton poderá contratá-lo. Ele mesmo cuidará de todos os detalhes.

E desta vez Stephen foi embora. Hodgkin fechou a porta, virou-se e ficou olhando para o pequeno *hall* sem enxergar nada, enquanto o ânimo e o vigor começavam a circular pelas suas veias, aquecendo o velho corpo. Ele não apenas teria uma casa para onde ir, como também iria trabalhar entre a criadagem de um dos mais admirados, respeitados e influentes

nobres de toda a Europa!

E o emprego não lhe fora oferecido por piedade; disso Hodgkin tinha absoluta certeza, porque o Conde de Langford não era conhecido como um homem que mimasse seus criados, nem qualquer outra pessoa. De fato, diziam que ele era um homem distante, exigente, com elevados padrões na escolha de seus empregados.

Apesar disso, Hodgkin não conseguia afastar completamente a impressão de que o conde poderia ter-lhe oferecido o emprego por piedade, mas de repente lembrou-se de algo que o nobre dissera, algo que o enchera de prazer e orgulho: Lorde Westmoreland dera a entender, especificamente, que o considerava *competente*. E, usara essa palavra.

Competente!

Lentamente, Hodgkin aproximou-se do espelho do *hall e*, com uma das mãos apoiada no castão da bengala, examinou seu reflexo. Competente...

Endireitou a espinha, se bem que o esforço lhe provocasse alguma dor, depois ergueu os ombros. Com a mão livre, alisou carinhosamente as lapelas da surrada mas limpa casaca. Afinal, não parecia assim tão velho, decidiu... nem um dia a mais do que setenta e três anos! Era evidente que Lorde Westmoreland não o julgara decrépito ou inútil. Não, claro! Stephen David Elliott Westmoreland, o Conde de Langford, achava que Albert Hodgkin seria uma *aquisição valiosa* para sua criadagem. *Lorde Westmoreland* que possuía propriedades na Europa inteira, títulos de nobreza herdados de sua mãe e de dois antepassados que o tinham nomeado herdeiro achava *Albert Hodgkin* uma valiosa aquisição para sua magnífica criadagem!

O velho mordomo inclinou a cabeça de lado, tentando imaginar como ficaria com a elegante libré verde e ouro de Langford, mas sua visão de repente se toldou e começou a ondular. Ergueu a mão e as pontas dos longos e magros dedos tocaram o canto de um dos olhos, onde havia uma estranha umidade.

Enxugou as lágrimas e teve o súbito, louco impulso de agitar a bengala no ar e dançar uma jigá. Dignidade, recomendou seriamente a si mesmo, era a coisa mais apropriada para um homem que estava prestes a integrar o quadro de servidores de Lorde Stephen Westmoreland.

CAPÍTULO 3

O sol era um disco de fogo deslizando no horizonte púrpura quando o marinheiro caminhou pelo cais, aproximando-se da carruagem que se encontrava parada lá, esperando, desde cedo nessa manhã.

— Lá vem ele, o *Morning Star* — disse a Stephen.

Este se encontrava encostado na porta do veículo, observando preguiçosamente a conversa de um grupinho de bêbados na porta de um bar. Antes de erguer o braço para indicar o navio, o marinheiro deu uma olhadela cautelosa nos dois cocheiros; ambos portavam pistolas bem à vista e pareciam tão conscientes quanto seu patrão dos perigos que espreitavam o porto.

— Lá está ele, bem ali tornou a dizer para Stephen, indicando um pequeno navio que entrava no porto, as velas como transparentes silhuetas contra o céu crepuscular. — Está um pouco atrasado.

Endireitando-se, Stephen fez um sinal para um dos cocheiros, que deu uma moeda ao marinheiro pela informação. O conde saiu caminhando lentamente pelo cais, desejando que a mãe ou a cunhada pudessem ter vindo com ele para receber a noiva de Burleton. A presença de uma mulher ajudaria a suavizar o choque que a trágica notícia causaria à moça. Uma notícia que ia destruir os sonhos dela.

— É um pesadelo! — gritou Sheridan Bromleigh para o aturdido camareiro.

Era a segunda vez que o rapaz vinha avisá-la que havia "um cavalheiro" esperando por ela no píer. Cavalheiro esse que, naturalmente, ela julgava ser Lorde Burleton.

— Diga a ele que espere. Diga a ele que eu *morri*. Não. Diga a ele que estou indisposta.

Fechou a porta, trancou-a e encostou-se nela, com o olhar fixo na assustada criada, encolhida num cantinho da cabina que ambas partilhavam, torcendo nervosamente um lenço nas mãos gorduchas.

— É um pesadelo, e quando eu acordar, de manhã, verei que nada disso aconteceu, não é, Meg?

Meg sacudiu a cabeça tão vigorosamente que as fitas de sua touca branca se agitaram, enquanto dizia:

— Não é um sonho. A senhora tem que falar com o barão... e lhe dizer alguma coisa

que... alguma coisa que não o ofenda e em que ele acredite.

— Bem, com certeza isso elimina a verdade! — O tom de Sheridan era amargo. — Quero dizer, ele não vai acreditar se eu disser que perdi a noiva dele em algum lugar da costa inglesa. *A verdade é* que eu a *perdi*!

— A senhora não a perdeu: ela fugiu! Miss Charise fugiu com Mr. Morrison quando paramos no último porto.

— De qualquer modo, o que importa é que ela foi confiada a mim e eu falhei, não cumpro com meu dever diante do pai dela e do barão. E não posso fazer nada, a não ser ir lá e dizer isso ao barão.

— Não pode! — horrorizou-se Meg. — Ele vai nos atirar num calabouço! A senhora precisa fazê-lo ter pena de nós, porque não temos a quem recorrer, nem para onde ir. Miss Charise levou todo o dinheiro e não temos nem com que pagar a passagem de volta para casa.

— Vou arranjar um trabalho!

Apesar das palavras confiantes, a voz de Sherry tremia de nervosismo, e ela percorreu a pequena cabina com o olhar, procurando instintivamente um lugar para se esconder.

— A senhora não tem referências — argumentou Meg, com voz lacrimosa. — Não temos onde dormir esta noite, nem dinheiro para comer. Vamos acabar na sarjeta ou coisa pior!

— O que poderia ser pior? — perguntou Sheridan, mas, quando Meg abriu a boca para responder, ergueu a mão. Disse, com seu espírito e bom humor normais: — Não, não fale, por favor. Não quero nem pensar em nos tornarmos "escravas brancas".

Meg empalideceu, boquiaberta, e por fim conseguiu murmurar:

— Escravas... brancas!

— Meg, por favor! Eu estava brincando! Uma brincadeira de mau gosto, reconheço...

— Se a senhora sair daqui e disser a verdade a ele, iremos parar num calabouço.

— Por que — explodiu Sherry, mais perto de um ataque histérico do que já estivera em sua vida você não pára de falar em calabouço?

— Porque é a lei daqui, miss, e a senhora... eu... nós fomos contra algumas leis. Não de

propósito, é claro, mas eles não ligam. Aqui eles jogam a gente num calabouço... não fazem perguntas, nem ouvem respostas. Aqui só existe um tipo de pessoas que importam, e elas são a nata. E se ele pensar que nós a matamos para roubar o dinheiro dela ou que a vendemos, qualquer coisa assim? Seria a palavra dele contra a sua, e a senhora não é ninguém, por isso a lei ficará do lado dele.

Sheridan procurou algo tranquilizador ou alegre para dizer, mas sua capacidade emocional e física tinha sofrido demais durante semanas de estresse, piorado com os longos períodos de enjoo durante a viagem, e a coisa tinha culminado há dois dias com o desaparecimento de Charise. Em primeiro lugar, ela, Sherry, jamais deveria ter embarcado naquele esquema, concluiu. Superestimara sua habilidade em lidar com uma garota doidinha e egoísta de dezessete anos, convencendo-se de que seu bom senso e sua natureza prática, combinados com a experiência de ensinar na Escola para Jovens Ladies de Miss Talbot, onde Charise estudara, a tornavam apta para lidar admiravelmente com qualquer dificuldade que surgisse durante a viagem. O severo pai de Charise iludira-se tanto com o jeito competente de Sheridan que, quando um repentino ataque de coração o impedira de viajar para a Inglaterra, escolhera-a para acompanhar sua filha, entre várias candidatas mais velhas e experientes. Logo Sheridan, que era apenas três anos mais velha do que Charise. Claro, a jovem tivera algo a ver com essa decisão; falara, teimara, insistindo em que Miss Bromleigh a acompanhasse, até que o pai cedera, afinal. Miss Bromleigh é que a ajudara a escrever cartas para o barão, alegara ela, e não era como aquelas damas de companhia sonsas que ele entrevistara; Miss Bromleigh seria uma companheira divertida. Esperta, advertira o pai de que Miss Bromleigh a impediria de sentir tanta saudade de casa a ponto de voltar para a América e para seu papai, em vez de se casar com o barão!

Isso até que era verdade, pensou Sheridan com tristeza. Miss Bromleigh era provavelmente a responsável pela fuga de Charise com um homem quase desconhecido, num ato impulsivo que lembrava a trama de um dos romances açucarados que as duas tinham lido durante a viagem. Tia Cornelia sempre se opusera a essas histórias, a essas “noções bobamente românticas”, então Sheridan as lia às escondidas, depois que fechava o cortinado da cama ao seu redor. Lá, em sua solidão, podia experimentar a deliciosa excitação de ser amada e cortejada por nobres lindos, sedutores, que roubavam seu coração ao primeiro olhar. Depois, ficava largada de costas sobre os travesseiros, de olhos fechados,

imaginando-se a heroína, dançando num baile, com um glorioso vestido, os cabelos loiro-acinzentados erguidos num fabuloso penteado... passeando no jardim com a trêmula mãozinha apoiada no braço dele, a brisa perfumada fazendo seus cabelos loiroprata escaparem do toucado. Ela lia cada romance tantas vezes que podia repetir as cenas favoritas de cor, substituindo o nome da heroína pelo seu...

“O barão segurou a mão de Sheridan e levou-a aos lábios, enquanto lhe jurava eterna devoção.

— Você é meu amor, meu único amor...

“O conde estava tão deslumbrado com a beleza de Sheridan que perdeu o controle e beijou-lhe a face.

— Perdoe-me, mas não pude evitar! Eu a adoro!”

E havia uma que ela preferia especialmente... a que mais gostava de imaginar:

“O príncipe tomou-a nos braços fortes e apertou-a contra o coração.

— “Se eu tivesse cem reinos, daria todos a você, minha doce amada. Eu não era nada até que você...”

Deitada em sua cama, ela alterava a trama dos romances, os diálogos, as situações e até mesmo os locais, para adequar a história a si mesma, mas nunca, nunca mudava seu herói imaginário. Ele e só ele permanecia constante, e ela conhecia cada detalhe sobre ele porque o construía para si. Era forte, másculo, vigoroso, mas bondoso, sábio, paciente e também alegre. Era alto, bonito, de cabelos negros e maravilhosos olhos azuis que podiam ser sedutores, penetrantes e sabiam brilhar com bom humor. Ele adoraria rir com ela, que lhe contaria histórias divertidas para fazê-lo rir. Ele gostaria muito de ler e seria mais instruído do que ela, talvez também um pouco mais mundano. Mas não mundano demais, nem orgulhoso, nem sofisticado. Ela detestava arrogância, exibicionismo e, particularmente, odiava que lhe dessem ordens. Aceitava essas coisas dos pais dos alunos da escola, porém sabia que jamais poderia aceitar como marido um desses homens com atitudes de masculina superioridade.

E, claro, seu herói imaginário se tornaria seu marido. Iria pedi-la em casamento com um joelho no chão e dizendo coisas como:

Eu não sabia o que era felicidade, até que você... Eu era um homem sem coração, até

que você...

Gostava da ideia de ser necessária ao seu herói imaginário, *de* ser valorizada por algo além da beleza. Depois que ele a tivesse pedido em casamento com essas doces e emocionantes palavras, como ela poderia não aceitar? E, para a invejosa surpresa de todo mundo em Richmond, Virgínia, eles se casariam. Depois, ele a levaria, com tia Cornelia, para sua maravilhosa mansão no alto de uma colina, onde se devotaria a fazê-la feliz e onde a maior preocupação dela seria escolher os vestidos que iria usar. Ele poderia ajudá-la a localizar seu pai, que também iria morar em sua casa.

Sozinha na escuridão, não lhe importava se não tinha a menor chance de encontrar um homem assim ou se, caso encontrasse alguém que lembrasse esse exemplo de perfeição, ele não iria dar mais do que um olhar distraído, de passagem, para Miss Sheridan Bromleigh. De manhã, ela recolhia seu farto e sedoso cabelo ruivo num prático coque na nuca, depois encaminhava-se para a escola, e ninguém imaginava que Miss Bromleigh, que era olhada como "solteirona" pelos estudantes, professores e pais, tivesse um coração incuravelmente romântico.

Ela enganava todo mundo, inclusive a si mesma, agindo como um exemplo de praticidade e eficiência. Agora, ali estava o resultado do excesso de confiança de Sheridan: Charise ia se casar com um homenzinho comum, em vez de se casar com um lorde, um nobre que poderia tornar a vida dela bem miserável, se assim quisesse. Se o pai de Charise não morresse de raiva ou de um ataque cardíaco, sem dúvida ia passar o resto da vida pensando num modo eficiente de tornar a vida de Sheridan e de tia Cornelia insuportável. E a pobrezinha, tímida Meg, que fora criada de quarto de Charise por cinco longos anos, certamente seria despedida sem referências, o que destruiria suas perspectivas futuras de conseguir uma posição decente na vida. E isso na melhor das hipóteses!

As esperanças baseavam-se na premissa de que Sheridan e Meg *pudessem* voltar para casa. Se a jovem criada estava certa, e Sheridan tinha quase certeza que estava, Meg iria passar o resto de sua vida num calabouço, e Sheridan Bromleigh — a "sensível e competente" Sheridan Bromleigh seria sua companheira de cela.

Lágrimas de culpa e medo subiram aos olhos de Sheridan ao pensar na calamidade que provocara, tudo por causa de sua ingênua superconfiança, de sua louca ansiedade por conhecer a fabulosa Londres e a elegante aristocracia sobre a qual lera em romances. Devia

ter escutado tia Cornelia, que a repreendia há anos, dizendo-lhe que viver acalentando sonhos maravilhosos era procurar decepções a vida inteira; que o orgulho era pecaminoso aos olhos do Senhor, assim como a cobiça e a indolência; que aos olhos dos homens a modéstia numa mulher era muito mais atraente do que a mera beleza.

Tia Cornelia tinha razão na primeira dessas três afirmativas, como Sheridan acabava de constatar. Ela bem que tentara ouvir os avisos da tia, mas havia uma diferença tão grande entre a personalidade dela e a da boa senhora, que fez Sherry ter enorme dificuldade em acatar seus conselhos para não viajar para a Inglaterra: tia Cornelia *adorava* fazer predições, rituais, e seguir a rotina de todo dia, coisas que faziam Sherry quase chegar às lágrimas, de tanto desespero.

CAPÍTULO 4

Cherry olhava para a pobre Meg do outro lado da pequena cabina, mas não a via. Desejava ardentemente poder estar em Richmond, sentada diante da tia, na sala da pequena casa de três cômodos que partilhavam, saboreando a gostosa rotina de uma xícara de chá tépido e tendo pela frente uma *vida inteira* de chá tépido e de tédio.

Se Meg estivesse certa a respeito das leis britânicas... ela nunca mais voltaria para sua casa, nunca mais veria a tia, e ao pensar nisso sentia-se esmagada por *uma* sensação de desastre total.

Seis anos antes, quando fora morar com a irmã mais velha de sua mãe, a perspectiva de nunca mais ver Cornelia Faraday a teria deixado alegre, mas seu pai não lhe dera escolha. Até então, Sheridan viajara com ele num carroção cheio de mercadorias de todas as espécies, desde peles e perfumes até panelas de ferro e forcados; artigos de luxo e de necessidade que ele vendia ou permutava nas fazendas e cabanas ao longo de seu "caminho".

O "caminho" deles era o que tomassem numa encruzilhada de estrada, em geral que levasse para o sul, ao longo da costa, no inverno, e para o norte no verão. Às vezes eles se desviavam para oeste, quando um pôr-de-sol glorioso os atraía, ou para sudoeste, porque um riacho murmurante ia nessa direção. No inverno, quando a neve tornava a viagem muito difícil ou impossível, havia sempre um fazendeiro ou um dono de armazém que precisava de um par extra de mãos ativas, e seu pai irlandês oferecia trabalho em troca de algumas noites de hospedagem.

Como resultado, quando estava com doze anos, Sheridan dormia em cima de qualquer coisa, desde uma manta estendida sobre o feno de um celeiro até um macio colchão de plumas em casas que abrigavam um bando de moças bonitas, sorridentes, que usavam vestidos de cores berrantes e com decotes tão baixos que os seios pareciam estar a ponto de saltar fora. Mas fosse a anfitriã uma robusta esposa de fazendeiro, uma carrancuda esposa de pregador ou uma moça de vestido de cetim púrpura com plumas negras no decote e na barra, sempre acabava apaixonada por Patrick e cuidando maternalmente de Sheridan. Encantadas com o sorriso fácil do irlandês, com sua adorável cortesia e inesgotável disposição para trabalhar duro por cama e comida, as mulheres logo passavam a servir-lhe

porções mais generosas, a fazer suas sobremesas preferidas e a cuidar das roupas dele.

A boa vontade delas estendia-se a Sheridan. Provocavam-na afetuosamente por causa dos bastos cabelos ruivos e riam quando o pai se referia a ela, com carinho, como sua "cenourinha". Colocavam-na sobre um banquinho se ela insistisse em ajudar a lavar a louça, e quando iam embora davam-lhe retalhos de panos e preciosas agulhas para que fizesse uma nova manta ou roupinhas para sua boneca, Amanda. Sheridan as abraçava, dizia-lhes que Amanda e ela sentiam-se muito gratas, e as mulheres sorriam, comovidas, porque sabiam que era verdade. Beijavam-na ao despedir-se e sussurravam-lhe que iria ser lindíssima um dia; então, Sheridan ria porque sabia que isso era *impossível*. Ficavam olhando enquanto a menina e o pai se distanciavam no carroção; acenavam, gritando "Vão com Deus" e "Voltem logo".

As vezes as pessoas das propriedades onde se hospedavam insistiam em que ficassem e que seu pai se casasse com uma das filhas da casa ou de vizinhos. Aí, o encantador sorriso abria-se no rosto bonito de Patrick, mas seus olhos permaneciam sombrios, como se ele dissesse "Muito obrigado, mas não. Seria bigamia, porque a mãe de Sheridan ainda está viva em meu coração".

A lembrança da mãe de Sheridan era a única coisa que roubava a luz e a alegria dos olhos dele, e quando isso acontecia ela ficava nervosa, tensa, até que ele voltasse a ser o de sempre. Meses depois que a mãe e seu irmãozinho, ainda bebê, haviam morrido de uma doença chamada fluxo, seu pai continuava a se comportar como um ser estranho e silencioso, sentado diante do fogo na pequena casa onde moravam, bebendo uísque, esquecido das plantações, que haviam acabado por morrer, e sem sequer pensar em plantar de novo. Ele não falava, não se barbeava, não comia quase nada e parecia não se importar se sua mula estava morrendo de fome ou não. Sheridan, que nessa ocasião tinha seis anos e estava acostumada a ajudar a mãe, tentava fazer as tarefas que ela fazia.

Patrick parecia ignorar os esforços da pequena, o que a deixava muito triste. Até que, num fatídico dia, ela queimara um braço e os ovos que fritava para ele. Tentando não chorar, apesar da terrível dor no braço e no coração, Sheridan levava a louça e a roupa que havia para lavar até o riacho perto de casa. Enquanto, ajoelhada na beira do riozinho, ensaboava uma camisa de flanela do pai, cenas do passado feliz haviam começado a povoar-lhe a mente. Lembrara-se de como a mãe cantava, lavando roupa, enquanto ela dava

banho no pequeno Jamie. Lembrara-se do jeito como Jamie ficava sentadinho na *água*, gritando suas palavras ininteligíveis, rindo, feliz, batendo as rechonchudas mãozinhas na água. Mamãe adorava cantar; ensinava canções inglesas para Sheridan, e as duas cantavam juntas, enquanto trabalhavam. Às vezes ela parava de cantar e ficava ouvindo Sheridan, com a cabeça meio inclinada e um estranho e orgulhoso sorriso iluminando-lhe o rosto. E muitas vezes abraçava a filha com força, dizendo algo maravilhoso como:

Sua voz é muito doce e muito especial... exatamente como você. As lembranças desses dias idílicos faziam doer os olhos de Sheridan, enquanto permanecia ajoelhada junto do riacho. As palavras da canção favorita da mãe soavam em sua mente, junto com a visão dela sorrindo, primeiro para Jamie, que ria e espirrava água, depois para ela, que também estava toda molhada.

Cante para nós ela diria. *Cante para nós, meu anjo...* Como se tivesse voltado àquele dia, Sheridan tentara atender ao pedido, mas sua voz se quebrara, e as lágrimas haviam inundado seus olhos. Com as costas das mãos, enxugara as lágrimas e percebera que a camisa de seu pai estava sendo levada pelo riacho, já fora de seu alcance. Fora então que ela perdera a batalha, deixando de se mostrar eficiente e crescida. Dobrando os joelhos junto ao peito, escondera o rostinho no avental que fora da mãe e chorara, de profunda tristeza e terror. Entre as flores campestres do verão e o odor de mato, ela balançava-se para diante e para trás, chorando alto, chorando muito, até que suas palavras se tornaram um rouco e soluçante cântico.

Tenho saudade de você, mamãe dizia, entre soluços. Tenho saudade, muita saudade de você. Tenho saudade de Jamie. Por favor, volte para papai e para mim... Por favor, volte, volte... Ah, por favor... Não posso continuar sozinha, mamãe. Não posso, não posso...

A litania de dor fora interrompida de repente pela voz de seu pai não a voz esquisita, sem vida e terrivelmente desconhecida que ele tinha há meses, mas sua velha voz, naquele momento alterada pela tristeza e pelo amor. Agachando-se ao lado dela, tomara-a nos braços: — Eu também não posso continuar sozinho — dissera ele, apertando-a fortemente contra o peito. — Mas acho que juntos vamos conseguir, meu bem.

Mais tarde, depois que o choro dela cessara, ele perguntara:

—O que você acha de ir embora daqui, de viajar, só nós dois? Cada dia será uma aventura. Eu costumava ter muitas aventuras. Foi assim que encontrei sua mãe... Eu estava

vivendo uma aventura na Inglaterra, em Sherwyn's Glen. Um dia, nós dois iremos a Sherwyn's Glen. Só que não vamos chegar do modo como sua mãe e eu saímos de lá. Desta vez vai ser em grande estilo.

Quando a mãe de Sheridan era viva, falava nostalgicamente da pitoresca cidade inglesa onde nascera: era uma comunidade bonita, campestre, de ruas ladeadas por árvores, com clubes onde havia bailes aos quais ela fora várias vezes. Contara a Sheridan que havia um tipo de rosa que florescia no presbitério, uma espécie rara de rosa vermelha cujos botões se abriam em alegre profusão ao longo da cerca que rodeava o presbitério.

A preocupação de Patrick em voltar a Sherwyn's Glen parecera começar depois da morte da esposa. O que intrigou Sheridan durante um bom tempo, no entanto, foi descobrir exatamente *por que* ele queria tanto voltar para lá, principalmente quando a pessoa mais importante da cidade parecia ser um homem ruim, orgulhoso, um monstro, chamado Squire Faraday, que era senhor de todos e que não seria um bom vizinho, mas seu pai Squire — *na Inglaterra, título dado a fidalgos rurais (N. do T.)* — cismara que tinha de construir uma mansão perto da casa dele, o que parecia proposital.

Ela sabia que a primeira vez que seu pai encontrara o Squire Faraday fora ao ir fazer-lhe a entrega de um valioso cavalo irlandês que o cavaleiro comprara para sua filha; sabia também que, como seu pai não tinha nenhum parente próximo vivo na Irlanda, decidira ficar lá e trabalhar para o *Squire* como cavaliário e treinador de cavalos. Só quando chegou aos onze anos é que Sheridan descobriu que o cavaleiro Faraday, malvado, de coração frio, odioso e arrogante, era o pai de sua mãe!

Gostaria muito de saber por que seu pai tirara sua mãe da cidade que ela adorava e a levava para a América, juntamente com a irmã mais velha, que desde então se estabelecera em Richmond e recusara-se a sair de lá. Sempre lhe parecera meio estranho que a única coisa que haviam levado com eles, além das roupas que tinham no corpo e de uma pequena soma em dinheiro, fora um cavalo chamado Finish Line, que sua mãe amava a ponto de pagar uma cara passagem para levá-lo. No entanto, ela o vendera logo depois de chegar à América.

Nas poucas vezes em que ouvira os pais falarem da partida da Inglaterra, ela ficara com a impressão de que tinham pressa em mudar de assunto, que pareciam vagamente infelizes, mas não conseguia imaginar por quê. Infelizmente seu pai recusava-se a satisfazer-lhe a

curiosidade a esse respeito, o que a deixara sem escolha: teria que se conformar e esperar até que a mansão que seu pai pretendia construir ficasse pronta, para tentar descobrir por conta própria. Planejava conseguir o que queria fazendo todo tipo de perguntas veladas assim que chegasse lá. Pelo que sabia, seu pai esperava obter o dinheiro necessário para realizar o planejado jogando baralho e dados com dinheiro economizado, sempre que encontrasse um bom jogo pela frente. Logo ambos perceberam que ele não tinha sorte no jogo, mas Patrick acreditava que isso um dia mudaria.

Tudo o que preciso, querida ele costumava dizer com um sorriso, é uma linda seguida máxima real na mesa certa. Fiz algumas no meu tempo, e sinto que meu tempo está chegando de novo. Posso sentir que está.

Como ele jamais mentira para ela, Sheridan acreditava nisso também. E viajavam juntos, conversando sobre assuntos vários, tais como os hábitos das formigas e a criação do universo. O estilo de vida nómada que levavam podia parecer estranho para muita gente. No começo assim parecera para Sheridan, estranho e assustador, mas logo ela aprendera a gostar dele. Antes que deixassem sua fazenda, ela achava que o mundo inteiro era igual ao pedaço de terra deles e que nada diferente existia para além de suas fronteiras. No entanto, descobrira que havia paisagens muito diferentes para se ver, de cada lado da estrada, além da feliz expectativa de conhecer gente interessante ao longo do caminho que percorriam, sempre na mesma direção viajantes que rumavam para lugares tão distantes e exóticos quanto o Mississippi, o Ohio ou até mesmo o México!

Das pessoas, ela ouvia fascinantes histórias de lugares distantes, costumes surpreendentes e estranhos modos *de* viver. E como tratava todo mundo do mesmo jeito que seu pai fazia com amizade, educação e interesse, muita gente resolvia acertar o passo com o carroção dos Bromleigh e viajava com eles durante dias e até semanas. Ao longo do caminho, Sheridan aprendia cada vez mais: Ezekiel e Mary, um casal de pretos, ambos de pele negra como carvão, cabelos negros encarapinhados e um sorriso hesitante, contaram-lhe sobre um lugar chamado África, onde tinham outros nomes. Ensinaram-lhe um canto rítmico e estranho, que não era bem uma canção, mas que fazia o coração dela inchar e bater mais forte.

Um ano depois que Mary e Ezekiel tinham seguido seu caminho, num dia cinzento de inverno, um índio de cabelos brancos, pele morena e enrugada como couro seco, apareceu

na estrada, montado em um belo cavalo malhado, tão jovem e vigoroso quanto seu cavaleiro era velho e fraco. Depois de ser inúmeras vezes encorajado por Patrick, amarrou o cavalo na traseira do carroção, subiu para junto deles e, ao responder às perguntas de Sheridan, disse chamar-se Cão que Dorme. À noite, sentado junto à fogueira do acampamento, respondeu a uma pergunta sobre canções indígenas fazendo uma estranha apresentação de uma delas, numa demonstração que consistia em sons guturais, acompanhados por palmas e bater de mãos nos joelhos. Era algo tão estranho e sem melodia que ela precisou morder os lábios para conter um sorriso, temerosa de ferir os sentimentos do índio, mas assim mesmo ele pareceu perceber sua surpresa divertida. Imobilizou-se e calou-se subitamente. Arregalou os olhos e disse, com sua voz grossa e seu modo abrupto de falar:

— Agora *você* faz canção.

A essa altura, Sheridan já se acostumara a sentar-se junto da fogueira e cantar com desconhecidos, assim como a conversar com eles. Então, cantou uma canção irlandesa que o pai lhe ensinara, sobre um rapaz que perdera o seu amor. Quando chegou à parte em que o jovem chorava a perda da bonita moça, Cão que Dorme emitiu um estranho ruído, semelhante a um bufido e uma risada presos na garganta. Um rápido olhar de Sheridan para o rosto contraído do índio acima da fogueira demonstrou que sua desconfiança tinha fundamento, e dessa vez foi Sheridan que se calou no meio da canção.

Chorando informou-lhe o índio em tom distante, superior, apontando-lhe um dedo coisa de mulher.

Òh! —desconcertou-se ela. —Eu... Bem, acho que os irlandeses são... bem, são diferentes porque a música diz que eles choram. Foi meu pai que me ensinou essa canção, e ele é irlandês.

Voltou-se, procurando a confirmação do pai, e disse, hesitante:

— Os homens da velha terra podem chorar, não é, papai?

Ele lançou-lhe um olhar sorridente e, enquanto punha a caneca de café perto do fogo, respondeu:

— Bem, querida, e se eu disser que sim e Mr. Cão que Dorme ficar pensando que a Irlanda é uma terra triste, cheia de rapazes que choram e enxugam os olhos nas mangas? Isso não seria nada bom, não acha? No entanto, se eu disser que não, *você* vai ficar

pensando que eu e a canção somos mentirosos... Isso também não será nada bom. — E com uma conspiratória piscadela, concluiu: — E se eu disser que você se enganou de música e que são os *italianos* que choram?

Patrick falara como se estivessem fazendo seu jogo favorito, "E se...", uma brincadeira que eles tinham inventado e com a qual sempre brincavam, para passar o tempo, durante os três anos que vinham viajando juntos. Às vezes o jogo era sobre possibilidades sérias como "E se nosso cavalo ficasse aleijado?"; outras, era boba como "E se uma fada aparecesse e nos concedesse um desejo?", mas, apesar da premissa, a finalidade era sempre encontrar a melhor solução para a pergunta, em um mínimo de tempo. Sheridan tornara-se tão boa nisso que seu pai declarava, orgulhoso, que precisava puxar muito pela cabeça para não ser derrotado por ela.

As sobrancelhas de Sheridan franziram-se em concentração por um breve momento, então ela deu a solução, com uma risada feliz:

— Eu acho melhor você fingir que tem alguma coisa urgente a fazer, assim não precisará responder à pergunta. Seja qual for sua resposta, você vai ficar em maus lençóis.

— Tem razão — concordou ele, rindo.

E seguiu o conselho, dando um bem-educado boa-noite para Cão que Dorme. A súbita mudança de atitude não colocou sequer a sombra de um sorriso no rosto do estóico índio, mas ele lançou um olhar longo, intenso, para Sheridan, acima da fogueira, em seguida pôs-se de pé e desapareceu na mata escura sem dizer uma palavra.

Na manhã seguinte, Cão que Dorme convidou-a para andar em seu cavalo uma honra que Sheridan suspeitou que partira do desejo que o índio tinha de viajar confortavelmente na carroça, mas sem admiti-lo. Ela jamais tinha montado outro cavalo senão o velho e lento que puxava o carroção. Olhou o bonito e nervoso animal com certa excitação e um crescente pânico criado pelo nervosismo. Estava para recusar quando percebeu o olhar desafiador do índio. Procurando fazer a voz soar frustrada, alegou que não tinham sela. Cão que Dorme lançou-lhe outro de seus olhares superiores e informou-lhe que as donzelas *índias* montavam em pêlo.

O olhar altivo combinado com a sensação que Sheridan tinha de que ele sabia que ela estava com medo foi demais. Disposta a arriscar a vida a fim de não dar motivo para o índio ter uma opinião ruim sobre ela e sobre *todas* as crianças irlandesas, aproximou-se e

pegou a corda do cavalo das mãos dele. Cão que Dorme não se mexeu para ajudá-la a montar, então Sheridan puxou o cavalo até perto do carroção, subiu nele e gastou alguns minutos tentando fazer o animal chegar perto o bastante para ela passar uma das pernas por cima dele.

Depois de montada, desejou não tê-lo feito. De cima do cavalo o chão parecia muito distante e muito, mas muito duro. Caiu cinco vezes, e podia praticamente *sentir o* índio e seu teimoso cavalo rindo dela. Quando se preparava para a sexta tentativa, estava tão furiosa e dolorida que largou a corda, agarrou as orelhas do cavalo e chamou-o de demônio, usando uma palavra alemã que aprendera com um casal alemão que os acompanhara até a Pensilvânia; depois, montou-o e incitou o cavalo a andar movimentando a corda e falando com brusquidão. Levou alguns segundos para perceber que, pelo jeito, os cavalos índios obedeciam melhor à rudeza do que à timidez, porque o animal parou de andar de lado e sacudi-la, para sair num suave e rápido trote.

Nessa noite, sentada junto da fogueira, olhando o pai fazer o jantar, Sheridan mudou de posição várias vezes para aliviar o traseiro dolorido, e numa delas, inadvertidamente, encontrou o olhar de Cão que Dorme, coisa que vinha evitando desde que tornara a amarrar o cavalo atrás do carroção. Em vez de fazer algum comentário franco sobre sua falta de habilidade em cavalgar, comparada com as donzelas índias, Cão que Dorme não tirava os olhos dela, ao clarão das chamas, até que de repente perguntou:

—O que nome seu quer dizer?

—O que meu nome quer dizer? —ela repetiu, depois de pensar um pouco.

Quando ele assentiu, ela explicou que seu nome era o de uma flor que crescia nas terras da mãe dela, na Inglaterra, um lugar que ficava do outro lado do mar. O índio emitiu um ruído desaprovador, e Sheridan, de tão perplexa, indagou:

—Bem, o que acha que meu nome devia significar?

—Você não flor — respondeu ele, observando-lhe o rosto sardento e os revoltos cabelos ruivos. — Você, fogo. Chama. Brilho que queima.

—O quê? Ah! —riu ela, encantada, ao entender. — Você quer dizer que meus cabelos são como o fogo, por causa da cor deles?

Apesar do jeito estranho do índio, de seu modo confuso de falar e de seu cavalo teimoso,

Sheridan tratou-o com seu jeito amigável. Era incapaz de ficar amuada com alguém por mais de uma hora.

— Meu pai me chama de "cenoura" por causa do meu cabelo — explicou, divertida. — A cenoura é um legume cor de laranja... como... bem, é um legume como o milho resolveu. É por isso que ele me chama de "cenoura".

— Homem branco não bom como índio para dar nomes. Bem-educada, — ela não observou que ser chamado de cão não é exatamente preferível a ser chamado de cenoura. Apenas perguntou: — Que tipo de nome um índio me daria?

— Cabelo de Fogo — anunciou ele. — Se você homem, nome você Sábio Sempre.

— O quê? — murmurou Sheridan, confusa.

— Você sábia agora — esclareceu o índio, sem jeito. — Sábia, mas não velha. Jovem.

— Ah, eu gosto de ser chamada de sábia! — exclamou Sheridan, mudando completamente de ideia e chegando à conclusão de que gostava muito daquele índio. Sábia Sempre repetiu, olhando para o pai, toda feliz.

— Você menina — contradisse Cão que Dorme, apagando a alegria dela e assumindo de novo o ar de superioridade. — Meninas não sábias. Nome você Cabelo de Fogo.

Ela resolveu gostar dele assim mesmo, e sufocou a resposta desaforada que lhe subira aos lábios, fazendo com que seu pai a achasse mesmo sábia e esperta, apesar da opinião do índio.

— Cabelo de Fogo é um nome lindo — disse, em vez de brigar. O índio sorriu pela primeira vez, um sorriso de sabedoria que ficara décadas ausente de seu rosto, e deixou claro que sabia que ela não se deixara levar pela provocação.

— Você Sábia Sempre — determinou ele, e o sorriso ampliou-se ainda mais quando olhou para o pai dela e assentiu.

Patrick assentiu também, concordando com ele, e Sheridan decidiu, como sempre acabava fazendo, que a vida era maravilhosamente excitante e que não importava como as pessoas eram por fora: por dentro eram todas iguais. Todos gostavam de rir, de conversar, de sonhar... e de fingir que eram sempre corajosas, que jamais se deixavam abater pelo sofrimento e que a tristeza não passava de uma indisposição momentânea, que logo iria embora. E, na maioria das vezes, ia mesmo.

CAPÍTULO 5

No café da manhã seguinte, Patrick viu-se diante de uma índia linda, de tranças, com o mesmo tipo de tira de cabeça e cinto enfeitados por contas que Cão que Dorme usava. Levou instantes para descobrir que aquela índia fora feita por ele mesmo. Depois de rápidas negociações, Cão que Dorme juntou-se definitivamente a eles, com a obrigação de produzir cintos, tiras e braceletes para Patrick vender durante a viagem.

Com a permissão de seu "sócio", Sheridan deu o nome de Corre Ligeiro para o cavalo malhado, e nos dias seguintes montou-o o tempo todo. Enquanto seu pai e Cão que Dorme viajavam dignamente acomodados no carroção, ela galopava à frente, depois voltava para trás deles, inclinada sobre o pescoço do cavalo, com os cabelos ao vento, misturados à crina negra, e o som de suas risadas se espalhava sob o céu azul. No dia em que perdeu completamente o medo de disparar a galope, orgulhosa, perguntou a Cão que Dorme se já cavalgava como um *rapaz* índio. Ele a fitou como se essa possibilidade fosse absurda, ou melhor, impossível, e jogou no meio da estrada o miolo da maçã que acabara de comer.

— Pode Sábia Sempre pegar isso quando passar cavalgando? indagou, apontando o miolo da maçã.

— Claro que não — declarou ela, sem jeito.

— Rapaz índio faz.

Nos três anos seguintes Sherry aprendeu essa façanha e muitas outras e algumas delas provocavam advertências preocupadas de seu pai. Cão que Dorme aprovava cada sucesso dela com um resmungo, sempre seguido de um novo desafio, que parecia impossível, mas algum tempo depois Sherry já o vencia. As economias deles aumentaram muito com a venda do intrincado e bonito artesanato do velho índio, e passaram a comer bem melhor com o resultado das caçadas dele e de sua habilidade na pesca. Se as pessoas os consideravam um estranho trio o velho índio, a menina de calças compridas de couro de veado, que cavalgava em pêlo fazendo acrobacias incríveis a galope, e o amável irlandês de fala macia, que jogava regularmente mas com cautela, Sherry não o notou. Na verdade, ela achava que as pessoas que viviam amontoadas em cidades como Baltimore, Augusta e Charlotte é que levavam uma vida estranha, comparada com a deles. Não se importava que

o pai demorasse muito para ganhar dinheiro bastante para construir sua mansão em Sherwyn's Glen.

Certa vez, ela disse isso a Rafael Benavente, um bonito mexicano de olhos azuis, de vinte e poucos anos, que resolvera viajar com eles até Savannah, a caminho de St. Augustine.

— *Angel mio* — dissera ele, rindo com vontade. — É bom mesmo que você não tenha pressa, porque seu pai é um mau jogador. Sentei ao lado dele ontem à noite, a uma mesa de jogo no salão de Madame Gertrude, e vi roubo a valer.

— Meu pai nunca rouba no jogo! — protestara ela, batendo os pés com indignação.

— Não, eu sei disso ele lhe assegurara, rápido, segurando-a por um pulso quando ela ia sair correndo. — Mas ele não percebeu que os *outros* roubam.

Você devia — os olhos dela se haviam fixado no revólver que ele trazia à cintura, furiosa por saber que roubavam de seu pai o dinheiro que ele ganhava com tanto custo — ter atirado neles! É, devia ter atirado neles todos!

— Eu não podia fazer isso, *nina* — explicou ele, ainda com expressão divertida, porque era um dos que estavam roubando.

Sheridan libertou o pulso bruscamente:

— *Você* roubou do meu pai?

— Não, não... — Ele fazia esforços enormes para ficar sério. Eu só roubo no jogo quando é muito necessário, isto é, quando na mesa há alguém roubando; e só roubo quem me rouba.

Como Sheridan soube mais tarde, Rafael era um jogador profissional, e, segundo ele mesmo afirmava, havia sido expulso da enorme fazenda que sua família tinha no México como castigo por "coisas erradas" que fizera.

Acostumada a ter sua pequena família em alta consideração, ela ficou abismada ao saber que existiam pais que castigavam os filhos expulsando-os de casa, e triste por pensar que Rafael tinha cometido faltas sérias a ponto de ser castigado dessa maneira. Quando, cautelosa, conversou sobre esse assunto com seu pai, ele passou um braço tranquilizador por seus ombros e disse que Rafael lhe contara o motivo pelo qual fora expulso de casa, e que tinha algo a ver com o fato de gostar muito de uma senhora casada, mas muito infeliz

com o marido.

Ela aceitou essa explicação sem mais perguntas, não apenas porque sabia que o pai era muito cuidadoso com quem admitia como acompanhante de viagem, mas também porque preferia pensar bem de Rafael. Apesar de estar com apenas doze anos, tinha certeza que Rafael Benavente era o homem mais lindo e encantador da Terra com exceção de seu pai, é claro.

O mexicano lhe contava histórias maravilhosas, brincava com ela por causa de seus modos quase masculinos e lhe garantia que ia ser numa mulher linda, algum dia. Dizia que os olhos dela eram como nuvens cinzentas e frias de tempestade, que Deus lhe dera para suavizar o fogo dos cabelos. Até então, Sheridan não se importara com sua aparência, mas esperava, no fundo do coração, que Rafael estivesse certo sobre seu aspecto futuro e que ele se encontrasse por perto quando isso acontecesse. Por enquanto, contentava-se em ter a companhia dele e ser tratada como criança.

Ao contrário dos demais viajantes que encontravam, Rafe parecia ter muito dinheiro e nenhuma ideia do que fazer da vida. Ele jogava mais do que Patrick e passava o tempo como bem queria. Um dia, quando o carroção ultrapassou os limites de Savannah, na Georgia, desapareceu por quatro dias e quatro noites. Quando reapareceu, no quinto dia, cheirava a perfume e uísque. Por alguns trechos de conversa de um grupo de senhoras casadas que iam para o Missouri com os maridos, em pequena caravana, no ano anterior, Sheridan concluiu que o estado de Rafe indicava que ele estivera em companhia de uma "meretriz". Se bem que não tivesse a menor ideia do que era uma meretriz, pela mesma conversa sabia que não se tratava de uma mulher respeitável e que tinha uma espécie de poder diabólico para "tirar um homem do bom caminho". Sherry não sabia exatamente o que uma mulher fazia para não ser respeitável, porém sabia o bastante para reagir instintivamente.

Quando Rafe voltou naquele dia, com a barba por fazer e cheirando a meretrizes, ela se ajoelhou, tentando fazer uma desajeitada prece pela salvação dele e se esforçando para não chorar, tal o medo que sentia. Por momentos, ela passava do medo para o ciúme e a indignação; manteve-se afastada dele, com raiva, o dia inteiro. Vendo que as tentativas de agradar-lhe não davam resultado, Rafe acabou por sacudir os ombros e fazer de conta que não ligava, mas na noite seguinte chegou ao acampamento com um sorriso travesso e um

violão. Fingindo ignorá-la, sentou-se do outro lado da fogueira, à frente dela, e começou a tocar.

Sherry já ouvira muita gente tocar violão, mas *não* como Rafe tocava. Sob os ágeis dedos, as cordas vibravam num estranho e pulsátil ritmo que fazia o coração dela bater mais depressa, e seus pés, calçados com botinhas, baterem no chão marcando o tempo. De repente, o andamento mudou e a música tornou-se incrivelmente melancólica, tão triste que as cordas pareciam chorar. A terceira melodia que ele tocou era luminosa, alegre; Rafael fitou-a acima da fogueira, sorriu e começou a cantar, como se estivesse falando com ela. Contou a história de um homem louco que não sabia avaliar o que tinha nem a mulher que o amava, e que perdera tudo. Antes que Sherry pudesse reagir ao choque e possibilidades do que ouvira, ele passou para outra canção suave, que ela conhecia.

—Cante comigo, *ángel* —*pediu* Rafe, contrito.

Cantar era o passatempo preferido da maioria das pessoas quando viajavam, inclusive do grupinho de Bromleigh. Mas nessa noite Sheridan sentia-se estranhamente tímida e sem jeito, antes de fechar os olhos e obrigar-se a pensar apenas na música, no céu e na noite. Cantou com ele, e a voz profunda de barítono do rapaz contrapunha-se melodiosamente à sua voz aguda.

Alguns segundos depois de terminar a canção, Sherry abriu os olhos ao ouvir aplausos, e ficou surpresa com o grupinho de viajantes que se reunira perto deles para ouvi-la.

Foi a primeira de muitas e muitas noites em que ela cantou acompanhada por Rafael, sempre ouvida por viajantes acampados por perto. Às vezes, quando iam a uma vila ou cidade, as pessoas demonstravam sua admiração por ouvi-la oferecendo-lhe o que comer e até mesmo dinheiro. Nos meses que se seguiram, Rafe ensinou-a a tocar violão, apesar de ela jamais conseguir tocar bem como ele; ensinou-lhe o espanhol, que ela falava quase tão bem quanto ele, e depois ensinou-lhe italiano, que nenhum dos dois falava bem. A pedido de Sherry, ficou de olho nos homens que jogavam com seu pai, e Patrick começou a ganhar bem mais do que antes. O mexicano até passou a dizer que eles podiam tornar-se sócios em todo tipo de aventuras, que pareciam muito excitantes mas terrivelmente impossíveis para Sheridan; seu pai, no entanto, sempre ouvia com interesse.

A única pessoa que parecia não gostar muito da presença de Rafe era Cão que Dorme, que vivia lhe dirigindo olhares de reprovação e recusava-se a falar com ele, a não ser que o

mexicano lhe fizesse uma pergunta direta, que então respondia. Sherry percebeu isso, e quando, triste, conversou com o pai a esse respeito, Patrick disse-lhe que provavelmente Cão que Dorme estava enciumado porque ela agora dava menos atenção a ele do que antes de Rafe juntar-se ao grupo. Depois disso, ela passou a dedicar boa parte de seu tempo ao índio, a cavalgar mais do lado dele no carroção do que do lado em que Rafe se encontrava.

A paz e a compreensão voltaram a reinar no pequeno grupo de viajantes, e tudo parecia perfeito, eterno... até que Patrick resolveu ir visitar a irmã de sua falecida esposa, em Richmond, Virgínia.

CAPÍTULO 6

Sheridan ficara ansiosa com a perspectiva de ir ao encontro de sua única parente, mas sentiu-se deslocada na pequena e abafada casa de tia Cornelia e apavorada com a possibilidade de quebrar um dos frágeis bibelôs que havia por todo canto, de sujar uma das imaculadas toalhinhas de croché existentes em cada superfície disponível. Apesar de todo o cuidado que tomava, tinha a terrível sensação de que a tia não gostava muito dela e que desaprovava completamente tudo que dizia e fazia. Essa desconfiança foi confirmada pela mortificante conversa entre a tia e seu pai, que ouviu dois dias depois de sua chegada.

Ela estava sentada num banquinho junto da janela, olhando o movimento da rua, sem prestar atenção nas vozes que soavam na sala contígua, quando ouviu seu nome. Ergueu-se e foi colar o ouvido à porta. Em segundos verificou que sua desconfiança tinha fundamento: tia Cornelia, que dava aulas numa escola para moças de famílias ricas, *não* gostava de Sheridan Bromleigh e fazia um furioso sermão para Patrick Bromleigh a esse respeito:

— Você devia ser chicoteado pelo que fez com essa menina! — O tom de tia Cornelia demonstrava desprezo puro, coisa que Patrick não tolerava de ninguém; no entanto, ele não reagia. — Ela não sabe ler, não sabe escrever e, quando lhe perguntei se fazia suas preces, respondeu-me que "não tinha muitos motivos para se ajoelhar". Em seguida me informou... vou repetir com as palavras dela... que "o bom Deus provavelmente não gostava desses pregadores que vivem berrando para chamar a atenção, do mesmo modo que não gosta das meretrizes que tiram os homens do bom caminho e do temor a Deus".

— Escute, Cornelia... — começou Patrick, e havia riso contido na voz dele.

Cornelia Faraday na certa também percebeu o riso, porque de imediato entrou naquele estado que Rafe chamava de raiva do diabo.

— Não tente me envolver com seu falso encanto, seu... seu patife. Convenceu minha irmã a casar-se com você, arrastou-a por meio mundo com a insidiosa conversa de dar-lhe uma vida nova na América, e eu nunca me perdorei por não ter tentado detê-la. Pior, acabei vindo junto! Mas desta vez não vou ficar calada, enquanto você transforma a filha de minha irmã em uma... uma pilhéria! Essa menina, que está quase na idade de se casar, não

sabe agir como mulher, nem mesmo parece uma mulher. Duvido que ela saiba que é mulher! Nunca usou nada a não ser calças compridas e botas, está queimada de sol como uma selvagem e blasfema como um pagão! As maneiras de Sheridan são deploráveis, ela é vergonhosamente desbocada e não sabe o que quer dizer a palavra "feminina". Já me comunicou, com a maior tranquilidade, que não pensa em casar-se já, mas que "gosta" de alguém chamado Rafael Benavente e que um dia *irá pedir* a ele que se case com ela. Essa jovem senhora... apesar de eu usar esse termo ela está longe de ser uma senhora... pretende honestamente propor a si mesma em casamento, e, pior ainda, o homem escolhido parece ser um mexicano vagabundo que, ela me esclareceu com orgulho, sabe uma porção de coisas importantes... inclusive roubar no jogo de baralho! Bem — concluiu tia Cornelia, com a voz elevando-se num tom triunfante, está desafiado a desmentir isso tudo!

Sherry prendeu a respiração e esperou, com um certo prazer, que seu pai respondesse em sua defesa e derrotasse a odiosa e traidora mulher que a levava a fazer confidências com suas perguntas e agora usava suas respostas honestas contra ela.

— Sherry não blasfema, nem pragueja! — retrucou Patrick meio lamentoso, mas parecia que começava a perder a paciência.

Tia Cornelia não se intimidava, como os outros, diante da possibilidade de o irlandês perder a paciência.

— Ah, sim! Pragueja, blasfema, sim! — rebateu, com firmeza. — Esta manhã ela bateu um cotovelo na quina da mesa e praguejou EM DOIS IDIOMAS! Eu ouvi com meus próprios ouvidos!

É mesmo? — perguntou o pai de Sherry, áspero. — E como soube o que ela estava dizendo?

— Conheço latim o bastante para traduzir *Dios mio* como uma blasfêmia.

— Quer dizer "meu Deus" — defendeu-se Patrick. Mas em seguida pareceu sentir-se culpado e não muito convincente ao acrescentar: — É evidente que ela estava fazendo uma prece! Você não a critica por não fazê-las?

Sheridan abaixou-se e espiou pelo buraco da fechadura. Seu pai estava vermelho de embaraço ou de raiva, tinha as mãos fechadas com força ao lado do corpo, mas tia Cornelia permanecia de pé diante dele, fria e imóvel como uma estátua de pedra.

—O que acaba de dizer demonstra que você conhece muito pouco de rezas e menos ainda a sua filha —atacou ela de novo, beligerante. —Estremeço só de pensar no tipo de pessoas que você deixou conviver com ela, mas uma coisa é certa: Sheridan esteve exposta ao jogo e às pragas, e você permitiu que bêbados acostumados a roubar no jogo de cartas, como esse tal Mr. Rafael, a vissem vestida de maneira indecente. Só Deus sabe que tipo de maus pensamentos ela evocou nesse homem e em outros que a viram com os cabelos vermelhos soltos ao vento, como uma devassa. E ainda não *mentionei* o outro companheiro preferido dela: um índio que dorme com cães. Um selvagem que...

Dessa vez Sherry viu os maxilares do pai cerrarem-se com fúria e por um milésimo de segundo ficou com medo, mas também esperançosa, que ele socasse tia Cornelia bem no olho por estar dizendo coisas tão maldosas. Em vez disso, ele falou com a voz alterada por profundo desprezo:

Você se transformou em uma solteirona cheia de malícia *e* rancorosa, Cornelia, daquelas que acham que todos os homens são bestiais, que sentem luxúria diante de toda mulher que vêm, quando na verdade está frustrada porque homem nenhum sentiu luxúria por *você!* *E* além disso o sotaque irlandês de Patrick se acentuara, como acontecia toda vez que ele perdia momentaneamente o controle. —Sherry está com quase catorze anos, mas é lisa como uma bengala e tem o peito tão achatado quanto o seu! Na verdade, pequena Nelly —concluiu ele, triunfante, —tudo na pobre Sherry indica que ela vai ficar parecida com *você*. *E* como não existe bebida na face da Terra que faça um homem sentir luxúria por você, acho que minha filha está a salvo.

Pelo buraco da fechadura, Sherry percebeu que esse último insulto atingira Cornelia mais do que o ”solteirona cheia de malícia e rancorosa”. Teve que levar as mãos à boca para conter uma risadinha. No entanto, tia Cornelia não se deixou esmagar pelos desaforos do cunhado, como ela gostaria. Ergueu o queixo, sustentou o olhar dele e retorquiu, com gelado desdém:

—Se não me engano, houve um tempo em que *você* não precisava de bebida alguma, não é, Patrick?

Sherry não tinha a menor ideia do que tia Cornelia queria dizer. Por um segundo seu pai também pareceu não ter, depois ficou furioso e, em seguida, tornou-se estranhamente

calmo.

— Bom golpe, Cornelia — disse, em voz baixa. — Está falando exatamente como deve falar a altiva filha mais velha do Squire Faraday. Eu tinha esquecido como você era, mas você não esqueceu. — Os últimos sinais da raiva que ele sentira sumiram-lhe do semblante enquanto olhava ao redor. Sacudiu a cabeça, com um sorriso triste. — Não importa que você viva em uma casa que é menor do que o *hall* de entrada da mansão Faraday, que ganhe para viver ensinando boas maneiras para as filhas de outras pessoas... continua a ser a filha do Squire Faraday, orgulhosa e altaneira como sempre.

— Então, talvez você pelo menos lembre — falou tia Cornelia, em tom baixo, mas decidida — que a mãe de Sheridan era minha única irmã. E posso afirmar com certeza, Patrick, que se ela estivesse viva ficaria horrorizada ao ver a criatura... ridícula que você fez de Sheridan. Não — corrigiu-se em seguida, com autoridade, — ela ficaria *envergonhada* da filha.

Do outro lado da porta, Sherry, alarmada, sentiu seu corpo enrijecer. *Envergonhada dela?* Nunca. Sua mãe jamais se envergonharia dela, porque a amava. Visões da mãe no tempo em que moravam na fazenda passaram-lhe pela mente. Mamãe servindo o jantar, usando um vestido simples mas elegante, avental imaculadamente limpo, os cabelos recolhidos num enorme coque, na nuca... mamãe escovando os longos cabelos de Sheridan até que eles cintilassem... mamãe fazendo um "vestido especial" para Sheridan com um corte de algodão e rendas que alguém lhe dera.

Com a imagem da mãe de avental engomado e cabelos bem penteados ainda na mente, Sheridan abriu os braços e olhou-se. Calçava botas de menino porque não gostava de lidar com cordões, e as botas estavam gastas, empoeiradas. A calça de couro tinha uma porção de manchas, sem falar na parte do traseiro, que estava fininha a ponto de rasgar; na cintura, tinha o cinto que Cão que Dorme havia feito para ela, que servia para segurar a calça e ao mesmo tempo manter a blusa fechada. *Envergonhada...*

Sem pensar, foi para o banheiro e olhou-se no pequeno espelho da tia, para examinar o rosto e o cabelo. A imagem que viu a fez recuar, chocada; parou, piscou os olhos e sacudiu a cabeça, a fim de expulsar aquela visão. Por momentos ficou paralisada, completamente perdida, sem saber o que fazer; depois ergueu as mãos e tentou pentear com os dedos a

espessa massa de "devassos" cabelos vermelhos. Os dedos não penetraram mais do que alguns centímetros no denso emaranhado; então, tentou melhorar a aparência pressionando com as palmas das mãos os lados da cabeça para diminuir o volume da cabeleira. Então aproximou-se de novo do espelho, hesitante, e retirou as mãos com o maior cuidado. O cabelo tornou a ficar armado no mesmo instante. Não se parecia nada com sua mãe. Aliás, não se parecia com mulher alguma que já vira fato esse que não notara e com o qual jamais se importara, até aquele momento.

Tia Cornelia dissera que ela era uma... *criatura ridícula*, e, agora que pensava nisso, lembrava-se de que as pessoas reagiam de maneira meio esquisita diante dela, principalmente os homens. Eles a olhavam de um jeito esquisito. Seria luxúria? Era evidente que seu pai não notara, mas desde o ano passado o desenvolvimento de seu peito vinha se tornando embaraçoso, e às vezes os pequenos seios se tornavam evidentes, por mais cuidadosamente que ela afofasse a blusa.

Tia Cornelia dissera que ela parecia uma devassa. *Devassa?* Sherry franziu as sobrancelhas, procurando lembrar quando e como ouvira essa palavra ser usada. "Devassa" parecia ter uma ligação qualquer com meretriz... uma *assanhada*... Uma "devassa" assanhada! Era isso! E Sheridan era isso?

Um doloroso nó se formou em sua garganta quando chegou a essa conclusão. Provavelmente tia Cornelia tinha razão a esse respeito e sobre tudo o mais. Pior ainda, tinha razão em dizer que sua mãe ficaria envergonhada por causa dela.

Envergonhada.

O choque de Sheridan foi tão grande que ela permaneceu imóvel. Alguns minutos depois percebeu que a tia estava propondo que ela ficasse lá, para ter uma casa decente e ser educada; seu pai emitiu apenas um frágil protesto. Quando se conscientizou do fato, agiu sem pensar: escancarou a porta e entrou na sala, gritando:

— Não, papai, não! Não me deixe aqui, por favor!

Patrick parecia aturdido, enfeitiçado, e Sheridan tirou vantagem da indecisão dele, abraçando-o:

— Por favor! Prometo que uso botinhas de mulher, que penteio meu cabelo devasso e tudo o mais, mas, por favor, não me deixe aqui.

— Não faça assim, querida — foi tudo o que ele disse. Sherry sentiu que perdia a batalha,

mas tentou:

—Quero ficar com você, Rafe e Cão que Dorme! Meu lugar é junto de vocês, não importa o que ela diga!

Ainda dizia isso, na manhã seguinte, quando seu pai começou a despedir-se para ir embora.

Voltarei para buscá-la prometeu ele, firme. Rafe tem boas ideias. Vamos ganhar montes de dinheiro e virei buscá-la em um ano... dois, no máximo. Então, você terá crescido. Iremos para Sherwyn's Glen e construiremos uma casa enorme, como lhe prometi, meu bem. Você vai ver.

—Eu não quero uma casa grande— gritou Sheridan, olhando primeiro para Rafe, que estava de pé no meio da rua, lindo e triste, depois para Cão que Dorme, cujo rosto moreno nada demonstrava. Só quero ficar com você, Rafe e Cão que Dorme! Volto antes de você perceber que fui embora prometeu Patrick, ignorando os soluços dela e dando-lhe aquele sorriso irlandês que as senhoras achavam irresistível. Num impulso para dar-lhe consolo, acrescentou: — Pense em como Rafe vai ficar chocado quando chegar aqui e você tiver se transformado em uma adorável senhorita, usando vestido e... e fazendo as coisas que sua tia vai lhe ensinar.

Antes que Sherry pudesse protestar, ele desvencilhou os braços dela de seu pescoço, pôs o chapéu, recuou alguns passos e olhou para Cornelia:

—Vou lhe mandar o dinheiro que puder, para ajudar.

Ela assentiu como se aceitasse os dízimos de um camponês, mas a altivez da cunhada não o incomodou.

—Quem sabe— acrescentou ele, com um sorriso sombrio — eu a levo de volta para a Inglaterra conosco. Você gostaria, não é, Nelly, de ir morar numa casa muito maior do que esta, bem diante do nariz do Squire Faraday? — Seu sorriso tornou-se zombeteiro. — Nenhum deles lá é suficientemente bom para você, não, Nelly? Mas quem sabe eles melhoraram com a idade...

Sheridan, que procurava respirar fundo, com calma, porque não queria desandar a chorar como um bebê, viu-o sacudir os ombros diante do rígido silêncio da tia. Em seguida, ele se aproximou da filha e deu-lhe um forte abraço.

—Escreva para mim —implorou ela.

—Eu escrevo —prometeu ele.

Depois que o pai se distanciou, Sherry voltou-se para olhar o rosto inexpressivo da mulher que destruíra completamente a sua vida e que era sua única parente. Com os olhos cinzentos rasos d'água, disse em voz suave e bem clara:

—Eu... eu jamais deveria ter vindo aqui. Jamais deveria ter posto os olhos em você! Eu a odeio.

Em vez de esbofeteá-la, como Sheridan sabia que a tia tinha direito de fazer, Cornelia encarou-a com tranquilidade:

—Tenho certeza que sim, Sheridan, e aposto que irá me odiar muito mais até isto tudo estar terminado. Mas eu não a odeio. Agora, vamos tomar uma xícara de chá antes de começarmos nossas aulas?

—Odeio chá, também— informou Sheridan.

Ergueu o pequeno queixo o mais alto que pôde para retribuir o olhar gelado da tia, num gesto instintivo e idêntico ao de Cornelia, que notou a semelhança e compreendeu que a sobrinha não a notara.

—Não tente me intimidar com essa expressão, menina. Aperfeiçoei esse olhar há muitos anos e sou imune a ele. Essa atitude lhe serviria muito na Inglaterra, onde você é neta do Squire Faraday. No entanto, estamos na América, onde não há por que se orgulhar do parentesco com ele. Aqui somos, no máximo, pobres respeitáveis. Aqui, ensino boas maneiras para filhos de pessoas que sempre olhei como meus inferiores e estou feliz por ter um trabalho. Agradeço ao Senhor por ter conseguido esta pequena casa, que é minha, e não olho para o passado. Uma Faraday não se queixa. Lembre-se disto. E não me arrependo completamente da escolha de vida que fiz. Pelo menos, deixei de ser uma marionete, deixei de acordar pensando no tipo de agitação que iria haver durante o dia. Levo uma vida ordenada, calma, respeitável.

Deu um passo atrás ao terminar o discurso e observou a imóvel sobrinha com ar levemente divertido:

—Minha querida, se você quiser tirar mais vantagem desse olhar de altivez pétrea, recomendo que olhe para mim por cima de seu nariz... isso, bem assim. É exatamente

como eu faria.

Se Sheridan não estivesse tão amargurada e triste, teria rido. Com o tempo, aprendeu a rir de novo, assim como aprendeu latim e a se comportar como uma senhorita. Cornelia era uma professora incansável, determinada a ensinar à sobrinha tudo o que sabia, e logo Sheridan descobriu que, sob a formal rigidez da tia, havia uma grande preocupação e uma profunda afeição pela obstinada sobrinha. Tornou-se uma excelente estudante, assim que venceu o ressentimento. Saber ler, descobriu, ajudava a diminuir o tédio daquela vida, que não lhe oferecia mais cavalgadas selvagens com cavalos malhados, nem o som de violão, canções e risos sob as estrelas. Trocar qualquer tipo de olhar direto com alguém do sexo oposto era prova de costumes fáceis e, portanto, proibido; conversar com um desconhecido era o equivalente a um crime. Cantar só era permitido na igreja, e nunca, *nunca* se devia aceitar nenhuma forma de pagamento por isso. Em lugar das atividades empolgantes que ela conhecia, via-se ante o duvidoso desafio de aprender a servir chá com o bule colocado no ângulo certo, ajeitar garfo e faca da maneira correta no prato ao terminar de comer coisas triviais, claro, mas, como tia Cornelia dizia:

— Saber comportar-se é um predicado valioso... aliás, o único, na nossa situação.

Quando Sheridan chegou aos dezessete anos, ficou evidente que Cornelia tinha razão: usando um simples vestido marrom, com os cabelos reunidos em um perfeito coque meio oculto pela touca de croché que ela mesma fizera, Miss Sheridan Bromleigh foi apresentada a Mrs. Adley Raeburn, diretora da escola onde tia Cornelia lecionava. Mrs. Raeburn, que fora convidada para ir à casa delas, observou por um segundo o rosto e os cabelos de Sheridan reação peculiar das pessoas da cidade, que havia se tornado mais forte ultimamente. Poucos anos antes, uma Sheridan Bromleigh mais jovem, menos educada e menos tranquila teria acintosamente baixado os olhos para as próprias botas ou puxado o chapéu para cobrir o rosto, ou, ainda, perguntaria à estranha o que ela estava olhando.

Mas esta era uma nova Sheridan, uma jovem consciente de que havia sido um ônus financeiro. Estava determinada a ganhar para viver, não apenas para ajudar a tia, nem para resolver problemas atuais, mas sim para garantir seu futuro. Na cidade, ela ficara sabendo o que era pobreza e fome, coisas muito raras no campo. Agora era uma habitante da cidade e provavelmente o seria pelo resto de sua vida. Nos últimos dois anos, as cartas do pai, que antes chegavam constantemente, tinham rareado até cessar. Ele não teria simplesmente se

esquecido dela, disso tinha certeza, e a possibilidade de ter morrido era tão dolorosa que ela não conseguia encará-la. Isso não lhe deixava escolha a não ser abrir seu próprio caminho, dizendo consigo que seria assim até Rafe vir buscá-la. Repetia isso a si mesma pela milésima vez quando Mrs. Raeburn disse, cortês:

—Ouvi comentários lisonjeiros de sua tia a seu respeito, Miss Bromleigh.

E Sheridan Bromleigh, que outrora colocaria as mãos no cós da calça de couro e responderia, com agressiva timidez, que não podia imaginar que comentários lisonjeiros seriam aqueles, apertou a mão estendida da senhora e respondeu, com a mesma cortesia:

—E eu sobre a senhora, Mrs. Raeburn.

Agora, abaixo do convés do *Morning Star*, Sheridan de repente deu-se conta de que era bem possível que nunca mais visse as pessoas que tinham participado de sua vida: nem tia Cornelia, nem as mocinhas da escola, nem as outras professoras que haviam se tornado suas amigas, que se reuniam todos os sábados na casa dela para tomar o chá da tarde e conversar. Nunca mais veria seus rostos sorridentes. Nem Rafe... nem seu pai.

Sua boca secou e, ao mesmo tempo, lágrimas subiram-lhe aos olhos, ao pensar que o pai também nunca mais a veria. Quando afinal ele chegasse à casa de tia Cornelia, ansioso para vê-la e explicar o motivo do longo silêncio, ela não estaria lá... Nunca iria saber o que acontecera com ele.

Fechou os olhos, e viu Rafe, Cão que Dorme e seu pai parados no pequeno *hall* da casa da tia, perguntando por ela. Destruíra isso tudo insistindo em acompanhar Charise nessa viagem, e não fora unicamente por dinheiro. Claro que não. Sonhava de olhos abertos com a Inglaterra desde que começara a ler aqueles românticos romances, que haviam despertado seu gosto por aventuras e acendido a chama de sua imaginação romântica chama que ela não conseguira dominar, apesar dos esforços de tia Cornelia e dos seus.

Bem, se era aventura o que queria, estava tendo! Em vez de estar sentada em uma sala de aula, rodeada por rostinhos que demonstravam profunda atenção, lendo-lhes uma história ou ensinando-lhes a maneira elegante e decorosa de caminhar, encontrava-se num país estranho, nada amigável, presa numa armadilha, indefesa e sem um pinga sequer da coragem de que tanto se orgulhara. Tinha que enfrentar um nobre que, de acordo com Meg, não precisaria do apoio da lei para desabafar sua justificada ira ou executar sua vingança quando ela lhe contasse o que acontecera. O que ela, em seu orgulho, *permitira* que

acontecesse.

O medo, fraqueza que Sheridan tanto desprezava nos outros, apoderara-se de todo o seu ser, eludindo os esforços que fazia para dominá-lo; tremia miseravelmente ao pensar na miséria que causara a todos os que a amavam e confiavam nela. Depois de uma vida de um otimismo determinado e saúde perfeita, sentia-se fraca, nervosa e muito doente. De repente, a cabina começou a oscilar, e ela teve que se apoiar no espaldar de uma cadeira para não cair; depois, forçou os olhos a se abrirem, respirou profundamente, recolheu os cabelos no severo coque de sempre e dirigiu um olhar tranquilizante para a aterrorizada criada, enquanto punha a capa.

Tentando parecer normal, disse:

— Está na hora de enfrentar o barão e meu destino... — Então, suspirou e parou de fingir que não havia motivo para susto. — Fique aqui e não se deixe ver. Se eu não voltar, espere algumas horas e desembarque o mais silenciosamente que puder. Não. É melhor que permaneça a bordo. Se tiver sorte, ninguém a descobrirá até o navio sair, amanhã cedo. Não há motivo para nós duas sermos presas, se for isso o que ele decidir fazer.

CAPÍTULO 7

Depois da relativa quietude da pequena e escura cabina, o barulho e a agitação do cais iluminado com tochas era atordoante. Estivadores com troncos e caixas nos ombros subiam e desciam pela prancha, retirando bagagens e levando novas provisões para a viagem do *Morning Star*, que recomeçaria no dia seguinte. Molinetes rangiam, enquanto guindastes retiravam do navio cargas pesadas, envoltas em grossas redes, e as colocavam no píer.

Com cuidado, Sherry desceu pela prancha, procurando nos grupos de gente o homem que sua imaginação criara como sendo um infame nobre inglês alto, pálido, arrogante, com indisfarçável ar de crueldade, que estaria vestindo um calção de cetim de cores berrantes, amarrado logo abaixo dos joelhos, camisa com punhos de rendas, e cheio de berloques para impressionar a noiva.

Então, viu um homem alto parado no cais, impaciente, batendo as luvas numa das pernas, e soube de imediato que era ele. Estava mais do que evidente que se tratava de um "privilegiado", apesar de usar discretas calças pretas e casaca cinzenta, que ao abrir-se com o vento revelava uma elegante mas discreta camisa branca, sem nenhum brilho de ouro ou brasão. O maxilar quadrado denotava fria determinação, e uma impressão de força emanava desde os ombros largos até a ponta das brilhantes botas negras. Quando notou que ela se aproximava, as bastas sobrancelhas pretas franziram-se, e o medo de Sheridan transformou-se em pânico. Nos últimos dois dias ela viera acalentando secretamente a certeza de que sua habilidade lhe permitiria acalmar o ofendido noivo e fazê-lo compreender a situação, mas aquele homem de sobrancelhas grossas, que quase se uniam na expressão de altivo desprezo, parecia talhado em granito. Sem dúvida ele se perguntava onde diabos estava sua noiva e por que Sheridan Bromleigh, e não Charise Lancaster, descia pela prancha. Era evidente que se encontrava aborrecido e zangado.

Mas Stephen não estava aborrecido nem zangado, e sim aturdido. Esperava que Charise Lancaster fosse uma juvenzinha de uns dezessete ou dezoito anos, de cachinhos loiros e faces gorduchas, rosadas, envolta em babados e rendinhas. O que via à luz trêmula das tochas era uma discreta e pálida jovem, de rosto firme, com maçãs salientes, olhos incrivelmente grandes e luminosos, protegidos por cílios espessos e longos, sob sobrancelhas finas e muito bem desenhadas. Seu cabelo era de cor indeterminada, puxado

severamente para trás, descobrindo a testa e preso num volumoso coque. Em vez de rendinhas e babados, ela vestia uma simples capa marrom, e o primeiro pensamento que ele teve ao segurar a longa e delicada mão foi que Burleton devia ser doido ou cego para descrevê-la como uma "coisinha linda".

Apesar da aparente compostura, ela parecia muito tensa e assustada, como se adivinhasse que havia algo terrivelmente errado. Então, Stephen mudou de ideia e decidiu que seria melhor para ambos se fosse direto ao assunto.

Miss Lancaster —disse, depois de se apresentar rapidamente, sinto comunicar-lhe um acidente.— Afastou a onda de culpa que ameaçava envolvê-lo e acrescentou, rápido:— Lorde Burleton morreu ontem.

Por um instante, ela ficou olhando para ele em chocada incompreensão:

—Morreu? Ele não está aqui?

Stephen esperava que ela tivesse uma reação histérica ou, no mínimo, se desmanchasse em lágrimas. Jamais esperaria que ela libertasse a mão gelada da dele e dissesse, com voz sem cor:

—Que coisa triste... Por favor, transmita minhas condolências à família.

Voltou-se e deu alguns passos pelo cais antes que ele percebesse que ela estava em estado de choque.

—Miss Lancaster...

O chamado dele foi sobrepujado por um grito de alarme vindo do navio, enquanto uma rede presa a um guindaste se rompia:

—SAIA DAÍ! CUIDADO!

O conde viu o perigo e correu para ela, mas era tarde: a rede rompeu-se de vez, e o caixote bateu na cabeça de Sheridan, derrubando-a de bruços sobre o cais. Gritando por seus lacaios, Stephen abaixou-se e ergueu-a nos braços. Ela estava sem sentidos, e começou a sair sangue de um grande corte, na parte de trás de sua cabeça.

CAPÍTULO 8

—Como vai nossa paciente hoje? —perguntou o dr. Whitricomb, enquanto o mordomo de Westmoreland o fazia entrar no escritório do conde.

Apesar do tom animado, o simpático doutor sentia-se tão pessimista sobre as chances de cura da doente quanto Stephen Westmoreland, que estava sentado numa poltrona junto da lareira, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo sobre as mãos.

—Não houve mudança— respondeu, com voz cansada. Passou as mãos nas faces antes de erguer a cabeça. —Ela ainda está como morta. A criada de quarto fala constantemente com ela, como o senhor sugeriu. Eu também falei, há poucos minutos, mas ela não respondeu. Já faz três dias! —A impaciência e a frustração transpareceram em sua voz. —Você não pode fazer alguma coisa?

O dr. Whitticomb estudou o rosto abatido do conde, dominou o impulso de lhe dizer que precisava descansar, pois sabia que seria inútil, e explicou:

—Está nas mãos de Deus, não nas minhas. No entanto, vou subir para olhá-la.

—E! Eis aí algo muito bom para se fazer! — explodiu o lorde, às costas do médico.

Ignorando o desabafo, Hugh Whitticomb subiu a suntuosa escada e, lá em cima, virou à esquerda. Quando voltou ao escritório, algum tempo depois, o conde encontrava-se no mesmo lugar de antes, mas a expressão do médico se animara um pouco.

—Pelo jeito —comentou, seco,— ir olhá-la foi bom, afinal de contas. Ou, quem sabe, ela gostou mais da minha voz do que da voz da criada.

Stephen ergueu rapidamente a cabeça:

—Ela está consciente?

—Agora está dormindo, mas voltou a si e pôde me dizer algumas palavras. Eu não tinha muita esperança, mas ela é jovem, forte, e acho que vai se recuperar.

Após dizer tudo o que precisava sobre a paciente, o dr. Whitticomb fixou-se de novo nas profundas marcas de cansaço do rosto de Stephen, na tensão dos seus olhos, e deu largas à preocupação:

—No entanto, você não me parece muito bem— disse, com a familiaridade que lhe

conferiam os longos anos como médico e amigo da família. — Eu ia sugerir que subíssemos os dois para vê-la após o jantar, desde que me convide para ficar, é claro... mas temo que sua aparência a assuste, se não tratar de ir dormir um pouco e não fizer a barba antes.

— Não preciso dormir — respondeu Stephen, tão aliviado que se sentiu cheio de energia. Levantou-se, foi até uma bandeja de prata e pegou uma das garrafas de cristal. — Quanto a me barbear, estou de acordo. — Sorriu, enquanto servia conhaque em dois copos e dava um ao médico. Ergueu o dele num brinde: — À sua habilidade, que a trouxe de volta à vida.

— Não foi habilidade minha e sim praticamente um milagre — afirmou o dr. Whitticomb, hesitando em brindar.

— Então, à cura milagrosa dela — concordou Stephen, levando o copo aos lábios.

Deteve-se ao ver que o médico ainda se recusava a brindar e sacudia a cabeça:

— Eu... eu não disse que ela está curada, Stephen. Disse que voltou a si e tem condições de falar.

Ao notar a hesitação na voz do médico, os penetrantes olhos azuis do conde fixaram-se no rosto dele, pedindo silenciosamente uma explicação.

Com um suspiro, relutante, o doutor atendeu ao pedido:

— Esperava lhe dizer isto depois que você tivesse descansado um pouco, mas o fato é que, se ela escapar dessa situação sem nenhuma sequela física, que é algo que não posso garantir, ainda haverá um problema. Uma complicação. Claro, poderá ser um problema temporário, mas também poderá ser definitivo.

— Que diabo você está querendo dizer, Hugh?

— Ela perdeu a memória, Stephen.

— Ela o quê? — surpreendeu-se o conde.

— Ela não *se lembra* de nada que aconteceu antes de abrir os olhos, no quarto lá em cima. Não sabe quem é, nem onde está. Não sabe sequer o próprio nome.

CAPÍTULO 9

Com a mão na maçaneta trabalhada *em* bronze da porta, o dr. Whitticomb parou antes de entrar no quarto de sua paciente. Voltou-se para Stephen e, em voz muito baixa, deu-lhe mais algumas instruções:

—Ferimentos na cabeça podem ter consequências imprevisíveis. Não se preocupe se ela tiver esquecido que falou comigo há poucas horas. Por outro lado, é possível que já tenha recuperado inteiramente a memória. Ontem, conversei com um colega que tem mais experiência do que eu com ferimentos graves na cabeça e chegamos à conclusão de que seria um erro dar láudano a ela, por mais que se queixe de dores de cabeça. O láudano aliviaria a dor, mas também a faria dormir, e achamos imperativo mantê-la acordada e falando.

Stephen assentiu, mas o médico ainda não terminara:

—Quando falei com ela, ficou muito ansiosa e assustada por não se lembrar de nada, por isso não diga, de modo nenhum, coisa alguma que possa aumentar a ansiedade dela. Quando entrarmos, procure fazê-la sentir-se calma e segura; avise a todos os criados que precisarem entrar no quarto por algum motivo para agir da mesma maneira. Como já disse, ferimentos na cabeça são perigosos e imprevisíveis... Não queremos que ela morra.

Depois disso, certo de que tudo fora dito, ele abriu a porta.

Sheridan sentia a presença das pessoas na penumbra do quarto como se flutuasse em confortável neblina, meio adormecida, meio acordada, sem sentir medo nem preocupação, apenas um suave aturdimento. Agarrava-se a esse estado nebuloso porque lhe permitia escapar dos medos não identificados, das assustadoras perguntas que sentia vagamente, sepultadas no fundo *de* sua mente.

—Miss Lancaster...

Aquela voz soava muito próxima, suave mas insistente e vagamente conhecida.

—Miss Lancaster...

Ela piscou, e o vulto definiu-se, separando-se em dois homens, um de meia-idade, cabelos grisalhos, óculos com aros de metal *e* bigode aparado. Parecia bondoso e confiante, como sua voz. O outro era muito mais moço. Bonito. Não era suave. Tampouco confiante.

Preocupado.

O homem mais velho sorria para ela ao falar:

— Lembra-se de mim, Miss Lancaster?

Sheridan ia assentir, mas o movimento fez sua cabeça doer tanto que seus olhos arderam em lágrimas.

— Miss Lancaster, lembra-se de mim? Sabe quem eu sou? Com cuidado para não mexer a cabeça ao falar, ela respondeu:

— Doutor...

Seus lábios estavam secos, com pequenas e dolorosas rachaduras, mas a dor de cabeça não aumentava quando ela falava. Ao perceber isso, Sheridan passou a fazer perguntas:

— Onde eu estou?

— Num lugar seguro.

— Onde? insistiu ela.

— Está na Inglaterra. Chegou aqui num veleiro, vinda da América.

Por algum motivo a resposta a fez sentir-se pouco à vontade, deprimida.

— Por quê?

Os dois homens trocaram um olhar, e o médico respondeu, procurando sossegá-la:

Nós lhe diremos isso no momento adequado. Por enquanto, procure não se preocupar com nada.

— Eu... eu quero saber — insistiu ela, num murmúrio que a tensão tornou rouco.

— Está bem, menina — cedeu o médico, dando-lhe pancadinhas amistosas num braço, como se fosse lhe comunicar uma notícia alegre. — Você veio para cá encontrar seu noivo.

Noivo. Evidentemente, ela estava comprometida... com o outro homem, imaginou Sheridan, pois ele parecia o mais preocupado com ela. Preocupado e cansado. Fixou os olhos no jovem e deu-lhe um frágil mas reconfortante sorriso. Nesse momento viu que ele franzia as bastas sobrancelhas e olhava para o médico, que sacudiu a cabeça como se quisesse avisá-lo de alguma coisa. Aquele franzir de sobrancelhas perturbou-a por algum motivo, assim como o olhar de advertência do médico, mas ela não sabia por quê. Era um contra-senso, mas naquele momento em que não sabia quem era, de onde vinha ou como

chegara ali, a única coisa de que tinha certeza era que precisava pedir desculpas por causar tristeza e preocupação a alguém. Essa regra da boa educação parecia estar profundamente impregnada nela, de modo instintivo, imperativo, urgente.

Sherry rendeu-se à poderosa compulsão, esperou até que seu noivo a olhasse e, com voz fraca, trêmula, disse:

— Desculpe-me.

Ele recuou como se essas palavras o ferissem, e pela primeira vez ela ouviu sua voz, profunda, confiante e incrivelmente suave:

— Não peça desculpas. Você vai ficar boa. Só precisa de tempo e descanso.

Falar exigia muito mais esforço do que ela podia fazer. Exausta e atordoada, Sherry fechou os olhos. De súbito, percebeu que os homens iam se retirar.

— Espere... — conseguiu dizer.

Súbita e irracionalmente apavorada por ficar sozinha, sentiu medo de naufragar naquele nada negro em que estivera até há pouco e ao qual não resistiria de novo. Olhou para os dois homens, depois fixou o olhar implorante em seu noivo. Ele era o mais forte, o mais jovem, o mais vital... poderia dominar os demônios que lhe povoavam a mente com sua força de vontade, caso voltassem a atormentá-la.

— Fique... — pediu, num cansado murmúrio. Com o restante das forças, acrescentou...
— por favor.

Vendo que ele hesitava e olhava para o médico, Sheridan umedeceu com a língua os lábios rachados, respirou fundo e conseguiu apenas esboçar a palavra que resumia todos os pensamentos e emoções que turbilhonavam em seu íntimo:

— Medo...

Suas pálpebras pesavam como chumbo e fecharam-se contra a vontade dela, isolando-a embora do mundo dos vivos. O pânico dominou-a, pressionou-a, fazendo-a lutar por ar... E então ouviu o barulho de uma pesada cadeira sendo arrastada pelo soalho e colocada ao lado da cama.

Não há motivo para medo disse seu noivo. Sheridan moveu uma das mãos alguns centímetros sobre as cobertas, como uma criança procurando cegamente o apoio de um parente de quem não podia se lembrar. Dedos longos, fortes, tocaram-lhe a palma e

apertaram-lhe a mão, transmitindo segurança.

—Odeio... o medo... —gaguejou ela.

—Não vou deixá-la sozinha, prometo.

Ela agarrou-se àquela mão, àquela voz, àquela promessa, e mergulhou num profundo sono sem sonhos.

A culpa e o medo fizeram o peito de Stephen doer enquanto a olhava aprofundar-se mais e mais no sono. A cabeça dela estava enfaixada, e o rosto era de uma palidez fantasmagórica, porém o que mais o impressionou é como ela parecia *pequena* na cama, engolida pelos travesseiros e cobertas.

Aquela moça lhe pedira desculpas, quando ele era o único culpado, não apenas pela morte do noivo dela como também por seu acidente. Conhecia os perigos de um cais, e no entanto a colocara, e a si mesmo, no caminho do guindaste. Para completar, sentia-se tão preocupado com a reação dela à notícia da morte de Burleton que não percebera o caixote na iminência de cair e demorara a reagir ao aviso do estivador. E se ela não estivesse em estado de choque pelo que ele lhe havia dito, pelo modo brutal e idiota como lhe dera a notícia, estaria apta a reagir e salvar-se.

Assim, ele a colocara no caminho do perigo, falhara em protegê-la e a tornara completamente incapaz de proteger a si mesma. Se ela morresse, a culpa seria dele, e tinha certeza que não conseguiria viver com esse remorso na consciência. Já era difícil carregar o peso da morte do jovem Burleton, que atormentava seus dias e assombrava suas noites.

De repente, a respiração dela enfraqueceu, e o medo gelou o coração do conde. Prendeu a própria respiração até que o peito dela voltasse a movimentar-se no que lhe pareceu um ritmo razoavelmente firme; então expirou e olhou a mão que repousava na palma da sua. Os dedos dela eram longos, esguios e macios, mas as unhas mostravam-se cortadas muito rente mão aristocrática, pertencente a uma senhorita simples e respeitável, com evidente pendor para o asseio e a praticidade, concluiu.

Ergueu o olhar para o rosto dela e, se não estivesse meio aflito pelo medo e meio morto de exaustão, teria sorrido ao imaginar o que ela sentia em relação a seu rosto, já que tinha espírito prático e simples. Não havia nada de respeitável naqueles lábios bem desenhados, cheios, nos incrivelmente longos cílios curvos que repousavam como provocantes quartos-crescentes em suas faces. Não tinha ideia da cor dos olhos dela, mas os traços do rosto eram

suaves, embora bem definidos; a pele era cor de marfim, quase translúcida. Em contraste com esses traços que transmitiam uma sensação de frágil feminilidade, o desenho firme do queixo denotava determinação. Não, corrigiu-se Stephen, denotava mais coragem do que determinação. Ela não havia chorado de dor ou de medo, dissera que *odiava* o medo, o que demonstrava que preferia lutar contra essa debilitante emoção em vez de sucumbir a ela.

Sem dúvida, era uma moça corajosa, percebeu ele, e bondosa o bastante para pedir desculpa por afligi-lo. Coragem e gentileza, notável combinação em qualquer mulher, principalmente em uma tão jovem como aquela.

E tão *vulnerável*, percebeu ele, ao notar que o peito dela se agitava, ofegante, com a respiração curta e difícil. Apertando-lhe a mão, ficou olhando-a lutar para manter a respiração, contra a falta de ar, e sentiu a garganta apertar-se de horror. Santo Deus! Ela estava morrendo!

—Não faça isso! implorou num angustiado sussurro. —Não morra!

CAPÍTULO 10

O luar penetrava entre as cortinas verdes, que pareciam flutuar na parede mais distante do quarto, quando Sheridan abriu os olhos de novo. Seu noivo encontrava-se sentado na cadeira ao lado da cama, adormecido, mas ainda segurando-lhe a mão. Em algum momento da noite ele tirara a casaca, a gravata, desabotoara o colarinho e caíra adormecido com os braços cruzados sobre a cama e a cabeça apoiada neles. Seu rosto estava voltado para ela, e Sherry virou cautelosamente a cabeça sobre o travesseiro, suspirando de satisfação ao perceber que o movimento não lhe provocara aquelas marteladas no cérebro.

Na agradável sonolência que sobrevêm quando se acorda, ela observou o homem com o qual estava comprometida. Notou que era moreno, como se passasse muito tempo ao ar livre. Seus bastos cabelos eram de um castanho-escuro brilhante, cortados rente dos lados e chegando até o colarinho atrás, e no momento estavam despenteados. Havia algo infantil no modo como os longos cílios negros sombreavam-lhe as faces. No entanto, nada mais havia de infantil nele, e ela sentiu um misto de fascínio e inexplicável perturbação ao descobrir isso.

A barba, começando a crescer, dava um toque azulado ao maxilar quadrado, duro e resoluto mesmo no sono. As sobrancelhas quase retas, negras, achavam-se franzidas, como se ele reprovasse alguém em sonhos. O fino tecido branco da camisa esticava-se sobre os ombros fortes e os braços musculosos. Pêlos negros, crespos, assomavam pela abertura do colarinho e cobriam-lhe também os braços. Ele era todo feito de ângulos agudos e retos, desde o nariz finamente cinzelado até o queixo esculpido e os dedos longos. Parecia severo e intransigente, concluiu.

E bonito.

Santo Deus, como ele era bonito!

Relutante, ela desviou os olhos daquele rosto e pela primeira vez observou o local onde estava. Ficou surpresa com a riqueza do quarto, verde e ouro. Cortinas de um verde pálido cobriam as janelas e as paredes, e desciam em pregas suaves e graciosas do baldaquim que cobria a cama, mantidas abertas por brilhantes cordões dourados, com borlas. A enorme lareira que se abria na parede em frente à cama era de mármore verde, adornada com pássaros dourados, leves, pousados em galhos de bronze. Duas poltronas estofadas em seda

adamascada verde-escura e verdeclara ficavam de frente uma para a outra, diante da lareira, com uma mesinha baixa, oval, no meio.

A atenção de Sheridan voltou-se para a cabeça de cabelos escuros que repousava perto de seu quadril, e ela sentiu-se reanimada. Tinha muita sorte, pois seu noivo não só era um lindo homem, como também parecia ser muito rico. Uma vez que ficara com ela a noite inteira, dormindo naquela desconfortável posição sem largar-lhe a mão, devia amá-la de verdade.

Era evidente que a tinha cortejado e pedido em casamento. Fechou os olhos procurando algum sinal da presença dele em seu passado, mas não havia nada, a não ser um vazio negro. Mulher nenhuma esqueceria se fosse cortejada e amada por um homem como esse, era impossível. Ia lembrar-se disso a cada minuto, prometeu a si mesma, lutando contra uma onda de pânico tão violenta que lhe provocou náuseas. Na sua cabeça soavam palavras que com certeza ele lhe dissera: "Quer dar-me a honra de se tornar minha esposa, Miss...?" Miss o quê? Miss O QUÊ?

Calma!, exigiu Sheridan de si mesma, desesperada. *Pense em outras coisas... nas coisas lindas que ele deve ter dito.*

Sem perceber que passara a respirar pesadamente e fechara a mão com tanta força que enterrava as unhas na palma, ela tentava pensar, lembrar-se dos dois juntos em algum momento. Ele a teria tratado com a cortesia própria de um pretendente. Deveria ter-lhe levado flores e dito que ela era inteligente, encantadora e linda. Sim, porque só sendo inteligente, encantadora e linda poderia conquistar o coração de um homem daqueles...

Tentou pensar algo inteligente, mas seu cérebro ficou em branco.

Tentou pensar numa frase encantadora, e seu cérebro continuou em branco. Procurando manter a calma, quis lembrar-se de seu rosto. Seu rosto...

Não tinha rosto.

NÃO TINHA ROSTO!

Alguns instintos ou traços latentes de seu caráter lutavam por mantê-la calma, mas o terror a sacudia por dentro. Não se lembrava de seu nome. Não conseguia lembrar-se de seu nome. **NÃO conseguia LEMBRAR-SE DE SEU PRÓPRIO ROSTO!**

De repente, ainda dormindo, Stephen percebeu que algo apertava fortemente seus dedos a ponto de cortar a circulação. Quis libertar a mão do desconfortável aperto, mas não

conseguiu. Depois de três dias sem dormir, forçou-se a abrir os olhos o suficiente para ver, por entre os cílios, o que fizera sua mão adormecer. Em vez de ver um garfo enterrado na mão, como imaginara, viu uma mulher deitada na cama, diante dele. Já que essa situação não era estranha o suficiente para tirá-lo do confuso estupor do sono, simplesmente tentou libertar a mão de novo para voltar a dormir, mas, dada a gentileza para com o sexo frágil com que fora educado, esforçou-se para fazer uma bem-educada pergunta sobre o problema dela, já com os olhos se fechando e mergulhando de novo no sono:

—O que foi?

A voz da mulher soou alarmada:

—Eu não sei como sou!

Stephen conhecera muitas mulheres obcecadas pela própria aparência, mas a preocupação desta, num quarto penumbroso no meio da noite, beirava o ridículo. Isso posto, não se sentiu obrigado a abrir os olhos quando ela lhe apertou mais a mão e perguntou, implorando:

—Como eu sou?

—Maravilhosa — respondeu o conde, sem expressão.

Seu corpo todo doía porque, percebeu confusamente, ela estava na cama, mas ele não. Começou a pensar em reunir forças para pedir-lhe que lhe desse um espaço quando percebeu que alguém chorava. Voltou a cabeça em direção àquele som inconfundível, imaginando, irritado, o que teria feito para ela chorar, e resolveu que mandaria Wheaton levar-lhe um presentinho qualquer um broche de rubi ou algo parecido. Na maior parte dos casos, era o desejo de ter uma jóia que fazia as mulheres derramarem sentidas lágrimas. Mesmo dormindo ele sabia disso.

O choro tornou-se um soluço angustiado, acompanhado por tremores e uma respiração ansiosa, sem ritmo. Fosse o que fosse que estava provocando aquela *aflição*, era mais do que simples zanga pela falta de elogio a um vestido novo ou à desistência de ir ao teatro. Aquela aflição merecia um colar de diamantes!

Soluços convulsivos fizeram o corpo dela estremecer inteiro sob as cobertas.

E um bracelete combinando.

Exausto mental e fisicamente, ele tentou aprofundar-se mais no sono, procurando esquecer-se de tudo, mas algo que ela repetia sem cessar não o deixava dormir.

— Eu não sei como sou... não sei... *não sei!*

Os olhos de Stephen abriram-se e ele ergueu a cabeça. Sheridan virou o rosto para o outro lado e levou a mão esquerda aos lábios, tentando conter o choro. Contudo, os soluços continuavam a sacudir-lhe o corpo. Tinha os olhos fechados, mas as lágrimas passavam por entre os espessos cílios e desciam pelas faces pálidas. Chorava em desespero, porém estava consciente, lúcida, e o alívio dele ao constatar isso sobrepujou a culpa que sentia por aquela angústia.

— Antes eu não estava acordado o suficiente para entender a sua pergunta — disse, depressa. — Desculpe-me.

O rosto dela enrijeceu ao som da voz de Stephen, e foi evidente o esforço que Sherry fez para se controlar antes de virar a cabeça sobre o travesseiro e fitá-lo.

— O que há de errado? — perguntou o conde, cuidadoso, procurando dar à voz um tom que supunha suave.

Sheridan engoliu em seco, confusa ao ver que, embora ele parecesse cansado, ao mesmo tempo demonstrava alívio. Ele devia ter se afligido por causa dela durante dias, pensou, sentindo-se tola e ingrata por chorar como uma criança por algo que não passava de uma pequena e temporária inconveniência. Uma estranha, assustadora inconveniência, claro, mas nada como se ela tivesse ficado aleijada, mutilada ou estivesse com uma doença mortal. Guiada por instintivo desejo de ver a situação difícil por seu lado melhor, ela respirou fundo e deu-lhe um sorriso de desculpa:

— Pode parecer absurdo, mas eu não sei como sou, É isso... — Calou-se, não querendo afligi-lo contando como estava assustada. — Sei que é esquisito, mas, já que você acordou, pode me dizer como eu sou?

Stephen percebeu que ela escondia o medo que sentia para não preocupá-lo, o que lhe pareceu uma atitude muito corajosa.

— Dizer como você é...

Tentava ganhar tempo. Não sabia a cor dos cabelos dela e tinha medo de como ela reagiria ao ver-se num espelho. Tentou levar a coisa na brincadeira:

— No momento, você tem olhos vermelhos e inchados — disse, e sorriu, procurando fitá-la mais de perto para verificar de que cor eram. — Mas eles são... muito grandes e...

cinzentos — concluiu, surpreso.

De fato, os olhos dela eram magníficos, constatou, de um cinzento brilhante, debruado de preto, adornado por maravilhosa franja de longos cílios castanhos.

— Cinzentos? — Ela pareceu desapontada. — Acho que não gosto.

— Molhados como estão agora, parecem prata líquida.

— Hum, talvez não sejam tão feios assim. E como é o resto de mim?

— Bem, seu rosto está pálido e úmido de lágrimas, mas apesar disso é bonito.

Ela pareceu dividida entre horror, lágrimas e riso. Para alegria e surpresa dele, decidiu sorrir:

— De que cor é o meu cabelo?

No momento contemporizou o conde, seu cabelo está escondido por... por um enorme turbante branco. Como sabe, dormir de turbante é a última moda...

Na noite do acidente, a luminosidade do cais era pouca, e os cabelos dela estavam cobertos, primeiro pelo capuz da capa, depois pelo sangue. No entanto, como os cílios eram castanhos, ele deduziu que o cabelo também deveria ser, e afirmou:

— Seu cabelo é castanho. Castanho-escuro.

— Você levou um bom tempo para definir... — ela o fitava intrigada, mas não com desconfiança.

— Não sou bom observador... de certas coisas — explicou-se Stephen, desajeitado.

— Pode me arranjar um espelho?

— Ele não sabia como ela poderia reagir ao não reconhecer o próprio rosto quando o visse no espelho, e temia que entrasse em pânico ao deparar com as ataduras e a equimose quase negra na testa, perto da têmpora. No entanto, tinha certeza que Whitticomb deveria estar por perto para medicá-la, se fosse preciso, no momento em que ela se olhasse no espelho.

— Outro dia — disse. — Amanhã, quem sabe. Ou quando as ataduras forem removidas.

Sheridan compreendeu que ele não queria que se visse num espelho, e como não queria mergulhar no terror outra vez, nem dar mais preocupações a ele do que já dera, fingiu não ter ouvido a palavra "ataduras" e comentou:

— Acho que os turbantes são muito práticos. Dispensam o uso de pentes e escovas...

— Isso mesmo — assentiu Stephen, maravilhado com a firmeza e a coragem que se escondiam sob a beleza daquela moça.

Sentia-se tão grato por ela estar falando e tão tocado por sua atitude que lhe pareceu perfeitamente natural e certo cobrir-lhe a mão com a sua, fitar diretamente os fascinantes olhos prateados e perguntar, com ternura:

— Dói muito? Como está se sentindo?

— Tenho um pouco de dor de cabeça, só isso — admitiu ela, sorrindo, como se tudo fosse absolutamente natural. — Não se aflija pensando que me sinto tão mal quanto minha aparência é ruim.

A voz dela era suave, doce, e no entanto sua expressão era franca, aberta. Pouco antes ela revelara uma ansiedade bem feminina a respeito de sua aparência, mas agora aceitava tranquilamente que ela não devia estar muito boa e brincava com isso. Esse modo de agir dava a Stephen a clara impressão de que fingir era algo desconhecido para aquela moça, e que ela era admiravelmente única nesse ponto, e com certeza em muitos outros também, o que a tornava adorável.

Assim que fez essa constatação, ele saltou para outra, que acabou com toda a sua alegria e o fez largar a mão dela, num gesto rápido. Não havia nada de natural ou certo no que ele estava fazendo e no que pensava a respeito dela. Não era noivo dessa moça, como a deixara acreditar; era o homem responsável pela *morte* do noivo dela. Um pouco de decência, respeito humano pelo homem que ele matara e simples bom gosto, tudo isso enfim exigia que ele mantivesse distância dela, física e mentalmente. Era o último homem no mundo que tinha direito de tocá-la ou de pensar nela de qualquer maneira pessoal.

Esperando encerrar aquele episódio do melhor modo possível, ergueu-se e movimentou os ombros doloridos, procurando livrar-se da tensão. Voltando ao último comentário dela sobre a própria aparência, declarou:

— Na verdade, se eu tivesse que descrevê-la neste momento, diria que você parece uma múmia muito elegante.

Ela riu, mas estava cansada. Notando isso, ele disse:

— Vou pedir a uma criada que lhe traga o café da manhã. Prometa-me que vai comer.

Ela assentiu, e ele virou-lhe as costas para sair.

—Muito obrigada —murmurou ela. Ele voltou-se, surpreso:

—Por quê?

Os cândidos olhos de Sheridan fitaram os dele, perscrutadores, indagadores, e ele teve a estranha impressão de que, com o tempo, ela conseguiria enxergar dentro de sua alma. Ficou evidente que ainda não o conseguia, porque um cálido sorriso entreabriu seus lábios macios:

—Por ter ficado comigo a noite inteira.

A gratidão que iluminava os magníficos olhos cinzentos fê-lo sentir-se ainda mais culpado, mais desgostoso por aquela farsa, que a fazia pensar que ele era um galante cavaleiro branco, em vez do negro vilão que de fato era. Inclinando a cabeça em um arremedo brincalhão de reverência, Stephen deu-lhe um sorriso e um deliberado indício de seu verdadeiro caráter:

—Esta é a *primeira vez* que uma mulher linda me agradece por eu ter passado a noite com ela.

Ela ficou confusa, em vez de chocada, mas isso não diminuiu a sensação de alívio de Stephen. Ele não fizera essa subentendida "confissão" sobre sua verdadeira natureza porque precisasse ou quisesse absolvição, nem porque quisesse ser castigado. O que mais lhe importava no momento era que conseguira ser honesto com ela por um momento, e isso o redimia um pouco aos próprios olhos.

Enquanto percorria o longo corredor em direção ao seu quarto, o conde sentiu-se exultante por algo que iria durar algumas semanas, ou meses. Charise Lancaster estava a caminho da recuperação, tinha absoluta certeza disso. Ia ficar boa, portanto ele podia avisar o pai dela do acidente e ao mesmo tempo tranquilizá-lo, garantindo que a jovem ia sarar. Porém, antes de mais nada, precisava localizá-lo. Mas essa tarefa e o envio da carta seriam confiados a Matthew Bennett e seus funcionários.

CAPÍTULO 11

Stephen relanceou os olhos pela carta que lia e cumprimentou com um aceno de cabeça o homem de cerca de trinta anos e cabelos loiros que se aproximava dele.

—Peço que me desculpe por ter interrompido suas férias em Paris —disse a Matthew Bennett, —mas trata-se de um caso urgente e delicado o bastante para requerer sua atenção pessoal.

—Fico feliz em ser-lhe útil sempre que possível, milorde respondeu o advogado, sem hesitar.

O conde fez um gesto para uma das poltronas de couro diante de sua escrivaninha e Matthew sentou-se, sem demonstrar aborrecimento nem surpresa pelo fato de o homem que lhe interrompera as tão necessárias férias continuar lendo a correspondência, como se ele não estivesse ali. Havia muitas gerações os advogados da família Bennett tinham o privilégio de ser os procuradores da família Westmoreland, e, como Matthew bem sabia, essa honra e sua enorme recompensa financeira exigia a obrigação de estar sempre disponível, quando e onde o conde de Langford desejasse.

Se bem que Matthew fosse o advogado mais jovem do escritório, estava completamente a par dos negócios da família Westmoreland e fora solicitado havia muitos anos pelo duque de Claymore, irmão do conde, para cuidar de uma delicada questão pessoal. Nessa ocasião, o jovem sentira-se um tanto intimidado e inseguro ao responder às perguntas do duque; para coroar a situação, perdera lamentavelmente a compostura ao conhecer a natureza do caso que teria de tratar. Agora, no entanto, mais velho e experiente, sentia-se capaz de enfrentar todos os casos com tranquilidade e confiança, e tinha certeza de poder lidar com qualquer problema ”delicado” do conde que exigisse sua atenção... e sem sequer piscar de surpresa.

Portanto, aguardou com a maior calma para saber que caso ”urgente” exigia sua presença, pronto para dar conselhos sobre os termos de um contrato ou mudar as cláusulas de um testamento. Devido ao uso da palavra ”delicado”, Bennett inclinava-se a pensar que se tratasse de uma questão particular, talvez a destinação de uma soma em dinheiro, ou de uma propriedade, para a atual amante do conde; ou alguma doação beneficente e

confidencial.

Para não deixar Matthew Bennett esperar mais tempo, Stephen pôs sobre a mesa a carta do administrador de sua propriedade de Northumberland. Apoiou a cabeça no encosto da cadeira e ficou olhando, com ar ausente, a intrincada barra de gesso esculpido junto ao teto, mais de sete metros acima, e seus pensamentos iam da carta do administrador para o outro problema, mais complicado, de Charise Lancaster. Ia falar, quando um criado, um homem idoso que Stephen reconheceu como o ex-criado de Burleton, impediu-o com uma tossezinha discreta e disse, sem conseguir ocultar a aflição:

—Miss Lancaster insiste em sair da cama, milorde. O que devemos dizer a ela?

O conde sorriu, transferindo o olhar da barra de gesso para o criado, sem mexer a cabeça. Era evidente que ela se sentia bem melhor.

—Diga-lhe que não pretendo deixá-la sair da cama até o fim da semana, e que irei vê-la depois do jantar.

Ignorando a expressão mista de choque, espanto e preocupação que surgiu no rosto em geral tranquilo de Matthew Bennett, mas levando em conta a errônea suposição que ele parecia estar fazendo do que ouvira, Stephen resolveu atacar o problema de frente:

—Parece que arranjei uma noiva e... — começou.

—Minhas mais calorosas felicitações! — interrompeu-o o advogado.

—A noiva não é *minha*, é de Arthur Burleton.

Após um pesado silêncio, durante o qual procurou algo apropriado para dizer sobre aquela revelação, e demonstrando não ter encontrado nada, Matthew balbuciou:

—Nesse caso... queira, por favor... transmitir meus cumprimentos a... a esse cavalheiro.

—Não posso. Burleton morreu.

—Que lástima!

—Eu o matei.

—Bem, isso é péssimo...

Matthew Bennett deixou o comentário escapar, sem tempo para *se* conter. Havia leis contra duelos, e os juizes mantinham uma posição irremovível a esse respeito. Além disso, a chocante presença da noiva do falecido na cama do conde não iria melhorar a situação. O

cérebro do advogado já procurava a melhor linha de defesa quando ele indagou:

—Foi com espada ou pistola?

—Não. Foi com uma carruagem.

—Como assim, milorde?

—Eu o atropelei.

Já que não se trata de morte por espada ou pistola Matthew —pensava alto,— vai ser um caso fácil de ganhar. — Sem reparar no modo esquisito como o conde o fitava, continuou, pensativo: —Os juizes partirão do princípio de que, se milorde estivesse determinado a matá-lo, procuraria fazê-lo num duelo. Afinal de contas, é muito conhecida a sua habilidade com as pistolas. Poderemos conseguir dúzias de testemunhos para corroborar esse fato. Theodore Kittering seria uma excelente testemunha neste caso: era um excelente atirador antes de milorde atingir-lo num ombro... Não. É melhor que ele fique fora disto, porque não é muito afeiçoado ao senhor, e o duelo viria à baila durante o julgamento. Mas, mesmo sem o depoimento de Kittering, temos possibilidades de convencer a corte de que a morte de Burleton não foi intencional da sua parte, que foi um acontecimento fortuito, enfim, que foi um verdadeiro acidente.

Muito satisfeito com a própria lógica, Matthew passeou os olhos pelas paredes do escritório, onde havia algumas estantes de livros e excelentes quadros, e depois fixou-os no conde, que falou, bem devagar e claramente:

—Mesmo com o risco de passar por um absoluto idiota, posso perguntar de que diabo você está falando?

—Como assim, milorde?

—Será que, como entendi, está pensando que atropelei o barão de propósito?

—Bem, essa é a minha impressão.

—Posso perguntar-lhe, então —voltou o lorde, —o que o levou a essa conclusão?

—Bem, achei que o motivo teria algo a ver com... hum... Que está diretamente ligado à... à presença de uma certa jovem nesta casa... que o senhor não permite que... hum... que saia da cama.

O conde soltou uma sonora gargalhada, que soou esquisita, como se não lhe pertencesse.

— Claro — disse, quando parou de rir, — como sou tolo! Que outra conclusão você poderia tirar? — Endireitando-se na cadeira, adotou um tom distante, profissional: — Na semana passada, a moça que está lá em cima... Charise Lancaster... chegou da América. Estava comprometida com Burleton, e o casamento deles aconteceria no dia seguinte, graças a uma licença especial que o barão já providenciara. Uma vez que sou o responsável pela sua morte e como não havia nenhum parente dele que pudesse contar à noiva o que acontecera, naturalmente fui recebê-la no cais para comunicar-lhe a má notícia. Estava falando com ela no píer, quando algum idiota perdeu o controle de uma carga que se encontrava num guindaste; a rede abriu-se, e um caixote atingiu a cabeça da moça. Como sua única acompanhante era uma criada e Miss Lancaster estava muito mal para voltar de imediato para a Inglaterra, preciso de você para comunicar o que houve à família dela e trazer para cá quem queira vir. Além disso, quero que cuide dos negócios que Burleton porventura tenha deixado pendentes. Antes de mais nada, faça um levantamento sobre ele e me dê um relatório, para eu saber por onde começar. O máximo que posso fazer pelo pobre barão é assegurar que seu nome fique livre de dívidas que por acaso tenha contraído antes de morrer.

— Ah, sim! — exclamou Matthew com um sorriso, ao qual, para o seu alívio, o conde correspondeu.

— Ótimo.

Pegando um papel e uma pena da escrivaninha, o advogado indagou

— Onde reside a família dela, e como é o nome do pai?

— Não sei.

— O senhor não... não sabe?

— Não.

— Então — sugeriu Matthew Bennett, com muito respeito e cautela, — não seria o caso de perguntarmos à dama?

— Seria — respondeu Stephen, seco, — mas ela tem pouquíssima coisa a dizer. — Então, sentindo pena de seu confuso procurador, explicou: — A pancada na cabeça foi grave e violenta a ponto de fazê-la perder a memória. O dr. Whitticomb acredita que é uma situação temporária. Infelizmente, embora a saúde dela esteja melhorando, a memória não voltou.

— Sinto muito... — disse Matthew, sincero. Acreditando que a preocupação pelas duas desgraças havia afetado a lúcida perspicácia do conde, sugeriu com diplomacia: — Talvez a criada dela possa ajudar?

— Tenho certeza de que poderia, se soubéssemos onde está. Com disfarçado divertimento, Stephen observou a expressão transtornada do advogado ao ouvir aquilo. — Mande uma pessoa à cabina dela alguns minutos depois do acidente, mas a criada desaparecera. Um dos tripulantes do navio declarou que talvez ela fosse inglesa, então é possível que ela tenha ido ver a família.

— Sei... — murmurou Bennett, mas não sabia nada. — Nesse caso, temos que começar investigando o navio e...

— Ele partiu na manhã seguinte.

— Ah! E a bagagem dela? Não há nada nas malas que possa nos dar uma pista do endereço de sua família?

— Com certeza há — assentiu o conde, mas infelizmente a bagagem foi embora com o navio.

— Milorde tem certeza?

— Absoluta. Depois do acidente, a minha maior preocupação foi conseguir-lhe cuidados médicos imediatamente. Só no dia seguinte lembrei-me da bagagem, e quando meus criados chegaram ao porto o *Morning Star* já havia zarpado.

— Então, temos que começar pelos escritórios da companhia de navegação. Deve haver uma lista de embarque e desembarque de passageiros e de cargas, portanto eles poderão nos esclarecer em que porto da América ela embarcou.

— Isso, comece por aí, então — concordou o conde. Levantou-se, concluindo a entrevista, e Matthew Bennett **também** se pôs imediatamente de pé, já trabalhando com a cabeça para organizar a investigação que precisava fazer.

— Estive nas colônias uma vez — disse, como se falasse consigo mesmo. — Não me importo de voltar...

— Sinto ter interrompido suas férias — repetiu Stephen. — No entanto, existe uma outra razão para tanta urgência, oculta atrás da mais evidente. Whitticomb está preocupado com o

fato de a memória dela não estar dando o menor sinal de voltar, sua única esperança é que *os pais* possam ajudá-la.

CAPÍTULO 12

Como prometera, nessa noite Stephen subiu para ir vê-la. Adotara o hábito de falar com ela duas vezes por dia, e, apesar de manter esses encontros muito breves e impessoais, às vezes se surpreendia esperando por eles. Bateu na porta. Não houve resposta. Ele hesitou, então bateu novamente. Nada, outra vez. Era evidente que sua ordem de haver sempre uma criada com ela, o tempo todo, não estava sendo obedecida. Era isso, ou a criada adormecera durante o trabalho. Qualquer das duas possibilidades o irritaria, mas a primeira coisa que sentiu foi preocupação pela hóspede. Ela estava querendo deixar a cama. Se tivesse decidido fazê-lo, apesar das instruções dele, e houvesse caído sem ninguém por perto para socorrê-la e chamar alguém para ajudar... Se tivesse desmaiado...

Abriu a porta num ímpeto e entrou no quarto. No quarto *vazio*. Ansioso e zangado, olhou a cama, que fora arrumada. Era evidente que aquela tolinha e a criada não tinham feito o que ele mandara!

Um leve ruído o fez voltar-se, e ele ficou paralisado.

— Não ouvi você entrar — disse Sheridan, saindo do quarto de vestir.

Com um penhoar branco demais para ela, uma escova de cabelo numa mão e uma toalha azul cobrindo a cabeça, parou diante dele descalça, esquecida de sua aparência e completamente alheia ao fato de não ter seguido a exigência dele.

Como passara por alguns momentos de intenso temor do que pudesse ter acontecido à jovem, a primeira reação de Stephen foi de aborrecimento, que logo se transformou em alívio e, depois, em divertimento. Ela pegara um cordão das cortinas e o amarrara ao redor da fina cintura para manter o penhoar branco fechado; seus pés descalços assomavam entre a roupa comprida e larga demais; a toalha azul-clara na cabeça, como um véu, fê-lo pensar numa Nossa Senhora descalça. Mas em vez de ter no rosto o sereno e doce sorriso de Nossa Senhora, sua expressão denotava surpresa, ressentimento, acusação e infelicidade, tudo misturado. E ela não demorou a esclarecer a causa:

— O senhor é extremamente distraído ou tem algum problema visual.

Apanhado de surpresa, o conde retrucou, cauteloso:

— Não estou bem certo do que quer dizer...

— Refiro-me ao meu cabelo — disse ela, e com aflita tristeza apontou para a cabeça coberta pela enorme toalha.

Ele lembrou-se do cabelo dela empapado de sangue e imaginou que o ferimento sangrara de novo, apesar de Whitticomb ter suturado o corte.

— Vou chamar uma criada para lavá-lo agora mesmo — assegurou, solícito.

— Não precisa — foi a ressentida resposta. — Eu já lavei.

— Não estou entendendo o... — começou Stephen.

— Meu cabelo *não é* castanho — esclareceu Sheridan retirando a toalha e sacudindo a farta e ofendida cabeleira, e pegou uma madeixa para ilustrar a questão. — *Veja, é ruivo!* A voz dela soava revoltada, mas o conde estava imóvel, sem fala, fascinado pela pesada massa de fios sedosos, flamejantes, que descia em suaves ondas pelos ombros e costas da moça, chegando abaixo da cintura. Ela soltou a mecha que segurava e passou a mão por aquele verdadeiro fogo líquido.

— Meu Deus!... — ofegou ele.

— É tão... tão cor de bronze! — reclamou ela, infeliz.

Mal percebendo que o verdadeiro noivo não ficaria estatelado daquele jeito ao olhar algo que já vira muitas vezes, Stephen desviou relutantemente os olhos do cabelo mais magnífico que já vira.

— De bronze? — repetiu, com vontade de rir.

— Ela assentiu e, em seguida, impaciente, empurrou para trás a luminosa cortina de fogo, que deslizou e quase ocultou o lado esquerdo de seu rosto.

— Você não gosta dele — concluiu Stephen.

— Claro que não. Foi por isso que você não quis me dizer a verdadeira cor, — quando perguntei?

O conde aproveitou a desculpa que ela lhe oferecia sem saber e fez que sim, mas não conseguia desviar os olhos da exótica cabeleira. Era a moldura perfeita para os traços delicados dela e sua pele de porcelana.

Sheridan, por sua vez, notou que a expressão do conde não era de repulsa. Parecia que ele estava... admirado?

— Você *gosta?* *perguntou.*

Stephen gostava. Gostava de tudo o que dizia respeito a ela.

— Gosto — respondeu, casualmente. — Imagino que cabelos ruivos não sejam muito comuns na América, são?

Ao abrir a boca para responder, ela descobriu que não sabia a resposta.

— Eu... francamente, não sei. Mas tenho certeza que na Inglaterra não são.

— Por que afirma isso?

— Porque a criada que estava comigo confessou, depois que insisti muito, que jamais vira cabelos desta cor em *toda* a sua vida. Ela estava impressionada.

— Qual das duas opiniões vale mais? A minha ou a da criada?

— Bem, colocado dessa maneira... — foi a resposta tímida de Sheridan.

Sentia-se sem jeito e confortada pelo cálido sorriso dele. Seu noivo era tão lindo, de um modo tão másculo e enigmático, que era difícil deixar de olhá-lo, e mais difícil ainda acreditar que ele a escolhera, em vez de uma mulher de seu país. Gostava da companhia dele, de seu bom humor, da gentileza com que a tratava. Contava as horas entre as visitas dele, aguardando ansiosamente cada uma delas, mas eram sempre muito breves e pouco informativas. Como resultado, continuava não sabendo quase nada a seu respeito, a respeito dele ou do relacionamento deles. Não queria mais viver no limbo, à espera de que a memória caprichosa voltasse de um momento para outro e lhe desse as respostas.

Compreendia o ponto de vista de Lorde Westmoreland, que insistia em que ela não devia prejudicar a própria saúde sobrecarregando a mente, mas agora estava curada e sentia-se bem. Deixara a cama, tomara banho, lavara o cabelo e vestira aquele penhoar a fim de provar a ele que estava recuperada o bastante para fazer perguntas e ouvir respostas. Suas pernas ainda não haviam recuperado toda a firmeza, mas isso se devia àquele tempo todo que passara deitada, ou, mais do que isso, era efeito do nervosismo que às vezes sentia na presença dele.

Indicou o par de convidativas poltronas diante da lareira:

— Importa-se se nos sentarmos lá? Passei muito tempo na cama e parece que minhas pernas enfraqueceram por falta de uso.

— Por que não disse antes? — Stephen pôs-se de lado para que ela o precedesse em

direção das poltronas.

— Por que não sabia se devia tomar a iniciativa de me sentar...

Depois de enrodilhar-se numa das poltronas, sentando-se sobre as pernas, Sheridan ajeitou o penhoar ao redor do corpo. Uma das muitas coisas que ela esquecera, notou Stephen, é que uma moça bem-nascida não permanecia no quarto com um homem que não fosse seu marido. E ele, que não tinha a desculpa da amnésia, continuava cometendo a falta de permanecer ali. Preferiu fingir que não se lembrara desses detalhes e deixar as coisas como estavam.

— Por que disse que não sabia se devia sentar-se? — indagou, curioso.

Embaraçada, ela desviou o olhar para a lareira, e Stephen sentiu-se absurdamente lesado ao perder a possibilidade de fitar o seu bonito rosto; em seguida, sentiu-se absurdamente feliz quando ela tornou a olhá-lo, para responder:

— Constance, a criada, me disse que você é conde.

Ela o fitava como se esperasse que ele fosse negar, o que a tornava ainda mais diferente das mulheres que ele conhecia.

— E daí? — indagou, ao ver que ela não continuava.

— Bem, creio que é mais apropriado eu me dirigir a você como "milorde". — Ao ver que ele erguia as negras sobrancelhas, esperando, ela admitiu: — Uma das coisas que sei é que em presença de um rei ninguém deve sentar-se, a não ser que seja convidado a fazê-lo.

Ele conteve a custo uma gargalhada:

— Não sou rei, mas sim um mero conde.

— De fato, mas eu não sabia se o protocolo era o mesmo.

— Não é, e, por falar na criada, onde diabo ela está? Ordenei que não a deixassem sozinha nem por um instante.

— Eu a mandei descer.

— Por causa da reação dela diante de seu cabelo, aposto — comentou ele, reprovador. — Isso me parece...

— Não. Foi porque Constance estava comigo desde o amanhecer e parecia exausta. Ela já havia acendido a lareira, preparado o banho, e não preciso que me banhem, como se

fosse uma criança.

Essa afirmativa surpreendeu Stephen, mas ela era cheia de surpresas, inclusive a comunicação que fez em seguida, com ar de determinada resolução e apenas uma sombra de incerteza na voz:

— Tomei algumas decisões.

— De fato?

Ele teve que sorrir diante da expressão definitiva dela. Era claro que aquela jovem não tinha como tomar decisões, mas achou melhor não lhe dizer isso.

— Sim. Decidi que a melhor maneira de lidar com minha perda de memória é acreditar que se trata de um inconveniente passageiro e que devemos encará-la desse modo.

— Acho excelente ideia.

— No entanto, há algumas perguntas que preciso lhe fazer.

— O que quer saber?

— Coisas simples — garantiu ela, sorrindo. — Quantos anos eu tenho? Qual é meu nome do meio?

As defesas de Stephen caíram, deixando-o à mercê de uma arrasadora vontade de rir diante do maravilhoso e corajoso senso de humor dela, e do arrasador impulso de tirá-la da poltrona, mergulhar as mãos naquela massa de cabelos sedosos, colar os lábios nos dela. Aquela moça era tão excitante quanto doce, e mostrava-se mais provocante naquele penhoar amarrado com um cordão de cortina do que a mais refinadamente vestida ou despida cortesã que ele conhecera. Burleton devia ter sofrido a maior agonia na ansiedade de levá-la para a cama, pensou. Não era de admirar que pretendesse casar-se com ela no dia seguinte ao de sua chegada...

A sensação de culpa estragou o prazer que o conde sentia de admirar a beleza à sua frente e a vergonha o queimou como ácido. Burleton, e não ele, é que devia estar ali, sentado diante dela. Burleton era o único que tinha direito a saborear aqueles deliciosos momentos com ela, de vê-la enrodilhada na poltrona, descalça... Burleton é que tinha o direito de despi-la mentalmente e de pensar em levá-la para a cama. Não havia dúvida de que ele sonhara com bem mais do que isso enquanto aguardava a chegada da noiva.

Mas, em vez da felicidade de tê-la, o jovem e ardente noivo jazia num caixão, e seu

assassino passava um serão agradável com a noiva dele. Não, corrigiu-se Stephen, com selvagem aversão a si mesmo, não estava apenas passando um serão agradável com ela, estava *desejando-a lascivamente*.

A atração que sentia por ela era obscena! Era insana! Se queria diversão, podia encontrá-la nos braços das mulheres mais bonitas da Europa. Sofisticadas ou simples, doidivas ou sérias, audaciosas ou tímidas, loiras, morenas e *ruivas*... era só chamá-las. Não havia motivo para sentir aquela selvagem atração por essa mulher, não havia razão alguma para reagir diante dela como um desajeitado adolescente ou um velho babão.

A voz suave dela despertou-o da enfurecida auto-repreensão, mas ele continuou agitado.

Seja o que for ela dizia, meio séria, meio rindo, acho que não tem muito tempo de vida.

O olhar esgazeado de Stephen procurou o rosto de Sheridan:

—O que disse?

—Seja o que for que você estava pensando ao olhar por cima do meu ombro esquerdo no último minuto, espero que tenha pernas longas e corra bem depressa.

Ele deu um breve sorriso, sem sinal de bom humor:

—Deixei-me levar por pensamentos, desculpe.

— Por favor, não peça desculpa! — A risada dela soou nervosa. — Fico *feliz* por saber que pensava em outra coisa e não nas minhas perguntas, enquanto ficava com aquela expressão tão zangada.

—Bem, creio que esqueci suas perguntas.

—Minha idade?— tornou a perguntar ela, com as finas e arqueadas sobrancelhas erguidas. Tenho algum outro nome, além de Charise e do sobrenome Lancaster?

Apesar do tom leve com que ela falava, Stephen percebeu que o observava muito atentamente. Ficou desconcertado pelo modo como os grandes olhos cinzentos procuravam os dele e hesitou por um segundo, ainda tentando descobrir um jeito de escapar das perguntas. Antes que conseguisse, Sherry tornou a romper o silêncio com um profundo e cómico suspiro de resignação e disse em voz exageradamente lúgubre:

—O dr. Whitticomb contou-me que a minha doença chama-se am-né-sia e que *não é* contagiosa. No entanto, eu me sentiria terrivelmente culpada se você a pegasse, nunca me perdoaria... Então, vamos ver se não é isso? Talvez seja melhor começarmos por algo mais

fácil. Importa-se de me dizer o *seu* nome inteiro? A sua idade? Leve o tempo que quiser, pense bem nas respostas.

Stephen teria rido se não se detestasse por sentir vontade de rir:

— Meu nome é Stephen David Elliott Westmoreland — respondeu, — e tenho trinta e três anos.

— Está tudo explicado! — brincou ela. Com tantos nomes, não é de admirar que você leve algum tempo para se lembrar de todos.

Dessa vez o riso fez cócegas insuportáveis nos lábios do conde, que o conteve, fazendo a cara mais séria que pôde:

— Menina impertinente! Eu agradeceria se me demonstrasse um pouco de respeito.

Com ar inocente e infantil, ela inclinou um pouco a cabeça de lado:

— Porque você é conde?

— Não, porque sou *muito maior* do que você.

A risada que Sherry deu foi tão musical e contagiante que o rosto de Stephen doía do esforço de se manter sério.

— Agora que estabelecemos que sou uma impertinente e você é maior do que eu — comentou ela, rindo e olhando-o com *inconsciente* coqueteria através dos longos cílios, — estarei certa se pensar que também é mais velho do que eu? — Stephen assentiu, porque não podia confiar na voz.

Ela pensou por instantes, antes de perguntar:

— Quantos anos?

— Você é uma impertinente teimosa, não? — rebateu ele, entre divertido e admirado pelo modo como ela conduzia a conversa de maneira a sempre chegar aonde queria.

— Então, — Sheridan ficou séria e implorou com os olhos:

— Por favor, diga quantos anos tenho. Diga como é meu segundo nome... ou você não sabe se tenho um nome do meio?

Ele não sabia. Aliás, não sabia também as idades nem os segundos nomes das mulheres que tinham passado por sua cama. Como se determinara a passar pouquíssimo tempo com sua "noiva", a verdade era a saída mais razoável:

— De fato, não sei.

— E a minha família, como é?

— Seu pai é viúvo — respondeu Stephen, lembrando-se do que ouvira do mordomo de Burleton e sentindo-se capaz de contornar a situação, afinal. — Você é filha única.

Sheridan assentiu, assimilando a informação, depois sorriu:

— Como nos conhecemos?

— Bem, acredito que sua mãe a apresentou a ele assim que você nasceu...

Ela riu, porque pensou que o conde estivesse brincando. Ele franziu a testa porque não imaginara ter que enfrentar perguntas como essa, que não lhe davam chance de escapar e que, não importa o que ele dissesse, estaria mentindo se respondesse.

— Eu perguntei como nós nos conhecemos.

— Da maneira usual — respondeu ele, ríspido.

— Que é?...

— Fomos apresentados.

Para fugir da confusão e das perguntas espelhadas nos olhos cinzentos, ele ergueu-se e foi até o aparador, onde tinha visto uma garrafa de cristal.

— Milorde?

Enquanto tirava a tampa da garrafa, ele olhou-a rapidamente por cima do ombro, depois começou a servir-se.

— Sim?

— E nós nos amamos muito?

Metade do conhaque escoou pelo lado do copo, indo cair na bandeja de ouro.

Praguejando silenciosamente, ele compreendeu que qualquer coisa que lhe dissesse nesse momento iria fazê-la sentir-se enganada quando recuperasse a memória. Entre isso e o fato de ser o responsável pela morte do homem que ela amava, Charise ia odiá-lo quando tudo aquilo terminasse. Mas não tanto quanto odiava a si mesmo pelo que acontecia e pelo que estava prestes a fazer. Erguendo o copo, tomou um gole do pouco conhaque que conseguira colocar nele e voltou-se para encará-la. Sem escolha, ia responder de uma maneira que destruiria a boa opinião que ela podia ter a seu respeito.

— Aqui é a Inglaterra, não a América...

— Eu sei interrompeu-o — Sheridan, o dr. Whitticomb me disse.

Interiormente, Stephen estremeceu: era também sua culpa que ela precisasse que lhe dissessem em que país se encontrava.

— Aqui é a Inglaterra — repetiu, seco. Na Inglaterra, nas classes altas, as pessoas se casam por uma série de razões, algumas das quais são puramente práticas. Ao contrário de alguns americanos, não esperamos nem desejamos exhibir o coração, nem fazemos alarde e questão dessa ténue emoção chamada "amor". Ele falava sentindo-se o maior canalha do mundo. Já é tarde, convém que você descanse.

Fez uma leve reverência para indicar que a conversa estava encerrada e esperou que ela se erguesse, desviando cuidadosamente os olhos quando o penhoar se abriu e revelou de relance um tornozelo bem-torneado. Ele já estava para abrir a porta quando ela falou:

— Milorde...

— Sim? Ele não se voltou.

— Você tem um, não tem?

— Um o quê?

— Coração.

— Miss Lancaster... — disse ele, furioso consigo mesmo e com o destino, por se encontrar naquela penosa situação. Voltou-se e viu-a em pé ao lado da cama, com a mão apoiada numa das quatro colunas, formando um quadro lindo.

— Meu nome é... — ela hesitou ao sentir uma pontada de inexplicável culpa por não ter conseguido lembrar-se do próprio nome, que haviam precisado lhe dizer. — Charise. Quero que me chame assim.

Com certeza assentiu ele, determinado a não fazê-lo. — E agora, com licença. Tenho um trabalho a fazer.

Sheridan esperou até que a porta se fechasse atrás dele, então segurou-se na coluna também com a outra mão, enquanto uma violenta náusea lhe sacudia o corpo. Devagar, sentou-se sobre a colcha verde adamascada, com o coração batendo violentamente, de medo e fraqueza.

Que tipo de pessoa era ela, pensou, se ficara noiva de um homem que tivera a coragem de dizer o que o conde dissera? Que tipo de pessoa era ele? Seu estômago se retorceu quando se lembrou da frieza com que ele a fitara enquanto dava sua opinião sobre o amor.

Como seria seu próprio modo de pensar, uma vez que aceitara casar-se com alguém como ele? Por que tinha ficado noiva desse homem?, perguntou-se, amarga.

Mas já desconfiava da resposta: residia na sensação arrebatadora que tinha quando ele lhe sorria.

Só que ele não estava sorrindo ao sair. Aborrecera-se porque ela falara em amor. Quando voltasse a vê-la, na manhã seguinte, trataria de pedir desculpas a ele. Ou quem sabe era melhor deixar aquilo passar e simplesmente procurar ser uma companhia divertida e alegre?

Erguendo as cobertas, deitou-se e puxou-as até o queixo. De olhos muito abertos, com a garganta doendo pelo pranto contido, ficou olhando para o dossel. *Não ia* chorar, disse a si mesma. Não devia ter acontecido nada de irreparável no relacionamento deles, essa noite. Estavam comprometidos, afinal. Certamente o conde passaria por cima daquele pequeno desentendimento causado por pontos de vista diferentes. Então, lembrou-se que lhe perguntara se ele tinha coração. Aí, o bolo que lhe comprimia a garganta ficou do tamanho de um punho.

No dia seguinte tudo lhe pareceria melhor, prometeu-se. Sentia-se muito fraca e cansada por ter tomado banho sozinha, além de se vestir e lavar o cabelo.

No dia seguinte ele viria vê-la e tudo estaria bem outra vez.

CAPÍTULO 13

Três dias depois, Stephen estava no meio do ditado de uma carta para seu secretário quando o dr. Whitticomb chegou. Com um sorriso, acenou-lhe ao passar pela porta dupla do escritório, que se encontrava aberta. Meia hora mais tarde, quando desceu depois de visitar a paciente, o simpático doutor não parecia nada contente.

— Preciso conversar com milorde em particular, se puder me dar alguns minutos — disse ele, fazendo um aceno para dispensar o mordomo, que permanecia junto da porta, com a intenção frustrada *de* anunciá-lo.

O conde teve a desagradável premonição do que ia ouvir, e, com um gesto irritado, indicou ao secretário que se retirasse, largou a correspondência sobre a mesa e recostou-se no espaldar da cadeira.

— Lembro-me perfeitamente de ter-lhe dito — começou Hugh Whitticomb, assim que a porta se fechou atrás do secretário — que era imperativo evitar que Miss Lancaster se perturbasse. O especialista em amnésia que consultei recomendou-me muito isso e fiz o mesmo com você. Lembra-se dessa nossa conversa?

O impulso de Stephen foi dar uma resposta agressiva diante do tom seco do médico, mas limitou-se a dizer:

— Lembro-me.

— Então, por favor, pode me explicar — prosseguiu o doutor, sem ligar para o tom de advertência da voz do conde — por que não sobe há três dias para vê-la? Eu lhe disse que é importante que ela possa se distrair dos pensamentos sobre seu preocupante estado, que a perturbam e angustiam.

— Você me disse, e providenciei para que ela tivesse toda espécie de divertimento feminino de que pude me lembrar, desde livros e ilustrações de moda até bordados, telas e tintas para pintar.

— Há um "divertimento feminino" que não lhe proporcionou e que ela tem todo o direito de esperar.

— Qual é? — indagou Stephen, mas já sabia.

— Não lhe ofereceu sequer breves instantes de conversa com o noivo.

— *Não sou* noivo dela!

— Não, mas *é* o responsável indireto por ela ter ficado sem o noivo. Surpreende-me que tenha se esquecido disso.

— Vou deixar passar esse insulto, doutor— respondeu Stephen, gelado, —por ter partido de um amigo antigo de minha família, muito mais velho do que eu.

O dr. Whitticomb percebeu que não apenas escolhera a tática errada para enfrentar o oponente como também fora longe demais. Esquecera que o frio e determinado nobre sentado atrás da escrivaninha não era mais o travesso garoto que ia à estrebaria no meio da noite para montar um novo garanhão, e que numa dessas vezes recusara-se a chorar, valente, enquanto ele cuidava da fratura de um braço quebrado e lhe fazia um sermão a respeito da loucura de ir atrás do perigo.

— Tem razão— assentiu, contrito. — Estou muito perturbado... Posso me sentar?

Stephen aceitou esse arremedo de pedido de desculpas e assentiu, com um aceno de cabeça:

— Claro...

— Nós, velhos, nos cansamos facilmente sorriu o médico. — Tranquilizou-se ao ver uma sombra de sorriso no rosto do conde. Mais à vontade, fez um gesto para a charuteira de bronze pousada sobre a mesinha de madeira forrada de couro que havia entre as duas poltronas:

— Estou sentindo necessidade de fumar um bom charuto... Posso?

— Evidentemente.

— Enquanto acendia o charuto, Hugh Whitticomb decidiu que era melhor tentar convencer Westmoreland da gravidade do estado de Charise Lancaster às boas. Achando que já passara tempo bastante para dissipar a hostilidade que provocara com sua atitude estouvada e acompanhando a fumaça clara que subia da brasa do charuto, começou:

— Ao chegar lá em cima, agora há pouco, encontrei nossa paciente largada na cama, gemendo.

Alarmado, Stephen levantou-se antes que o médico erguesse a mão para acalmá-lo e acrescentasse:

—Ela estava dormindo, sonhando. Está um tanto febril — acrescentou, desonestamente, para conseguir o que queria. — Fui informado que não tem comido bem, que se sente sozinha e tão desesperada por respostas, que interroga todas as criadas, lacaios e qualquer pessoa que chegue ao seu alcance para tentar saber algo mais sobre esta casa, sobre você, seu *próprio* noivo...

A culpa que o nobre sentia pesou ainda mais ao imaginar Charise Lancaster sofrendo. Mas isso tornou-o ainda mais duro:

— Não sou noivo dela. Sou o homem responsável pela morte do noivo dela. Primeiro, assassinei-o, agora tomei seu lugar. — E riu, amargo. — É uma situação obscena!

— Você não o assassinou — retorquiu Whitticomb, assustado com a violência do remorso que atormentava Stephen. — Ele estava bêbado e enfiou-se na frente da carruagem. Foi um acidente, essas coisas acontecem.

— E você veria a facilidade com que acontecem, se estivesse lá! — A voz do conde parecia presa na garganta. — Foi terrível quando o tiramos de sob as patas dos cavalos... Seu pescoço estava quebrado, os olhos abertos, e ele tentava dizer alguma coisa, enquanto também lutava para respirar. Cristo! Era tão jovem, parecia que ainda nem começara a fazer a barba... Murmurava algo que parecia "meu momento"... Nenhum de nós entendeu, e só no dia seguinte, depois de falar com o mordomo dele, concluí que falava em seu casamento... Se você estivesse lá e tivesse visto a horrível morte do pobre rapaz, não me desculparia tão facilmente por tê-lo matado e por estar, *agora*, desejando possuir a noiva dele!

Hugh esperava o nobre terminar de falar para dizer-lhe que descobrira que o barão de Burleton era um vagabundo, bebedor e jogador, cheio de dívidas, que não seria marido decente para Miss Charise Lancaster se estivesse vivo, mas as últimas palavras reveladoras de Stephen baniram tudo o mais de sua mente: explicavam aquela estranha crueldade de deixar a moça sozinha lá em cima.

Com o esquecido charuto preso entre os dentes, o médico recostou-se na poltrona e olhou o conde com indisfarçado fascínio:

— Então, ela o atrai *tanto* assim?

— Não exatamente *assim!* — *contrapôs* Stephen.

— Agora entendo por que a evita. — Estreitando os olhos por causa da fumaça, Whitticomb considerou a situação por alguns instantes, e então voltou a falar: — Não é de admirar que a julgue irresistível, Stephen. Eu mesmo a considero linda, encantadora...

— Perfeito! — foi a cáustica resposta de Westmoreland. — Então, diga-lhe que *você é* Burleton na verdade, que é o *noivo*, e case-se com ela. Isso resolveria tudo.

A última frase era tão inconscientemente reveladora e interessante que Hugh, cuidadoso, desviou os olhos do rosto do lorde. Tirou o charuto da boca, segurou-o entre dois dedos e estudou-o com aparente absorção.

— Essa linha de pensamento é muito interessante, principalmente vinda de você — comentou. — Eu diria que é *reveladora*.

— Do que está falando?

— Da implicação, em suas palavras, de que se alguém se casasse com ela "tudo estaria resolvido". — Sem esperar comentários, o médico prosseguiu: — Sente-se responsável pela morte de Burleton *e* pela perda da memória dela, e, ao mesmo tempo, fisicamente atraído por ela. Apesar disso, ou justamente por isso, opõe-se irredutivelmente a fazer algo tão simples *e* benéfico como fingir ser o noivo dela, não?

— Se insiste em colocar as coisas nesses termos, sim.

— Muito bem — aprovou Hugh, batendo a mão num joelho, com satisfação. — Isto é um verdadeiro quebra-cabeça, aliás muito interessante. — Antes que seu adversário pedisse que se explicasse, ele disse: — Miss Lancaster ficou sem noivo por causa de um acidente do qual você não teve culpa, mas pelo qual é responsável, de qualquer maneira. Agora, se você está fingindo ser o futuro marido dela e se ela desenvolveu uma profunda afeição por você, pode estar esperando, e tem todo o *direito* de esperar, que você não a decepcione.

O bom doutor fez uma breve pausa, então continuou seu raciocínio:

— Baseado em suas atitudes anteriores com as mulheres, que aliás levavam *milady* sua mãe a se desesperar por vê-lo casado, tenho impressão que há uma forte possibilidade de Miss Lancaster tornar-se a atual favorita. Mas acontece que não lhe será fácil livrar-se dela como tem se livrado das outras, até agora. Sente grande atração física por essa moça, mas também teme achá-la *irresistível* se a conhecer melhor... caso contrário não deixaria que a

presença dela o obrigasse a se esconder dentro de sua própria casa. Nem teimaria em evitar cruelmente uma pessoa frágil, que está precisando de companhia e atenção.

Calando-se apenas para respirar, o médico prosseguiu:

— Se não sentisse medo, você não a evitaria. É simplesmente isso. Mas você *tem* algo a temer: pela primeira vez em sua vida vê seu adorado solteirismo ameaçado.

— Terminou? — inquiriu Stephen, suavemente.

— Quase. O que acha de meu resumo da situação?

— Acho que é a mais espantosa combinação de impossibilidades e falta de lógica que já vi na minha vida.

— Então, milorde — o dr. Whitticomb sorriu sugestivamente, olhando-o por cima dos óculos, — por que nega o conforto de sua presença à pobre moça?

— Não posso responder a isso no momento. Ao contrário de você, não parei para analisar todos os meus erros.

— Então, por favor, permita-me dar-lhe um motivo para diminuir todos os erros que cometeu ou pensa ter cometido. O tom de Hugh se tornara ríspido e firme. Estive lendo artigos sobre perda de memória e andei conversando com colegas experientes nisso. Parece que a amnésia pode piorar não apenas por causa da pancada na cabeça, mas também por histeria e, no pior dos casos, por uma combinação de ambas. De acordo com o que aprendi, quanto mais Miss Lancaster se desesperar para recuperar a memória, mais perturbada, deprimida e *histérica* se tornará... o que não deve acontecer. Quanto mais agitada ficar, mais difícil lhe será recordar o passado. Com satisfação, viu a testa do conde franzir-se. Quer dizer, se ela se sentir segura e feliz, sua memória tem possibilidade de voltar antes. *Se é que* vai voltar.

As grossas sobrancelhas cerraram-se sobre os alarmados olhos azuis:

— O que quer dizer com "se é que vai voltar"?

Exatamente o que disse. Há casos de perda de memória definitiva, e casos em que o pobre paciente precisa reaprender a falar, ler, escrever e até mesmo se alimentar.

— Meu Deus!

O dr. Whitticomb assentiu, para reforçar sua afirmativa, e acrescentou:

— Se ainda tem alguma dúvida a respeito de fazer o que sugeri, considere mais este

incentivo: a jovem *lady* está convencida de não ter passado muito tempo com o noivo antes de vir para cá, porque eu lhe disse isso. Como sabe que se encontra entre pessoas desconhecidas, num lugar desconhecido, ela não fica perturbada, nem ansiosa, por não reconhecer pessoas e coisas. Mas isso deixará de ser verdade se não recuperar a memória *antes* de seus familiares chegarem. Se ela não conseguir se lembrar de seus parentes quando os vir, sofrerá um choque físico e mental. Bem, o que está disposto a arriscar para evitar mais esse desastre a ela?

— Nada — declarou Stephen.

— Tenho certeza que vai deixar de pensar assim no momento em que avaliar a gravidade da situação. De qualquer modo, eu disse a Miss Lancaster que ela não precisa ficar de cama daqui por diante, desde que não se canse muito durante uma semana. — Tirando o relógio do bolsinho, Hugh Whitticomb ergueu a tampa de ouro, enquanto se punha de pé. — Tenho que ir. Ah, sim! Recebi um bilhete de sua adorável mãe: ela planeja vir passar a temporada aqui, com seu irmão e sua cunhada. Gostarei muito de vê-los.

— Eu também respondeu o conde, — distraído.

O dr. Whitticomb já havia ido embora, quando lhe ocorreu que, além de tudo mais, sua família ia envolver-se naquele caso já bastante complicado. E isso não era o bastante, verificou ao examinar os papéis sobre sua mesa. Em uma semana, quando sua família chegasse a Londres para a temporada, acabaria o sossego: convites para bailes e outros acontecimentos chegariam às centenas, juntamente com uma verdadeira procissão de visitas, todos os dias.

Guardou a papelada em uma gaveta e trancou-a a chave. Depois, recostou-se na cadeira, erguendo as bastas sobrancelhas enquanto pensava nas alternativas: se recusasse os convites e não convidasse ninguém, o que tinha muita vontade de fazer, não resolveria o problema, porque seus amigos e conhecidos continuariam a procurá-lo, com insistência, até que ele cedesse e tivessem uma chance de descobrir por que Lorde Westmoreland fora passar a temporada em Londres e agia como um recluso.

Aborrecido, compreendeu que sua única saída era tirar Miss Lancaster da capital, levando-a para uma de suas propriedades, de preferência a mais distante. Isso significava ter que arranjar uma desculpa para sua cunhada e sua mãe, que haviam insistido

ardentemente em que ele permanecesse em Londres durante a temporada. Ambas haviam argumentado carinhosa e astutamente que há dois anos quase não o viam e que adorariam ter sua companhia. E ele sabia que as duas afirmativas eram verdadeiras. Elas não tinham mencionado o terceiro motivo, que Stephen sabia ser mais uma tentativa para fazê-lo casar-se, de preferência com Monica Fitzwaring, uma campanha que as duas vinham fazendo com entusiasmo, divertimento, cada vez com maior pressão e perseverança. Uma vez que sua mãe e Whitney compreendessem seus motivos para sair de Londres, iriam perdoá-lo por estragar seus planos, mas ficariam muito desapontadas.

CAPÍTULO 14

Agora que compreendera a grande importância dos motivos que Whitticomb tinha para querer que ele desempenhasse o papel de noivo devotado, Stephen se determinara a resolver a situação o mais rápido e o melhor possível. Parou diante da porta do quarto dela temendo a inevitável torrente de lágrimas e recriminações que cairia sobre ele assim que o visse. Por fim, bateu.

Sheridan teve um sobressalto ao ouvir a voz dele, mas, quando a criada se ergueu para abrir a porta, desviou os olhos da notícia que lia em um jornal londrino e disse, com voz firme:

— Por favor, diga a milorde que estou indisposta.

Quando a criada informou que Miss Lancaster estava indisposta, Stephen franziu a testa de preocupação, imaginando o quanto dessa *indisposição* se devia à sua negligência.

— Diga a ela que vou sair e verei vê-la dentro de uma hora, quando voltar.

Sheridan recusou-se a sentir satisfação ou alívio ao saber que ele pretendia voltar. Sabia que era melhor não depender dele para nada. O dr. Whitticomb ficara muito preocupado pelo estado de desânimo e tensão em que a encontrara nessa manhã, e a aflição dele a atingira, fazendo-a procurar reagir de algum jeito. Se queria recuperar a saúde, avisara-lhe o bondoso médico, era imperativo que cuidasse bem de seu corpo e mantivesse a mente em constante atividade.

Hugh Whitticomb passara então a dar uma esfarrapada e Sherry desconfiava que mentirosa explicação para a negligência de seu noivo, que incluía motivos como "absorvido por negócios urgentes", "obrigações pessoais" e "problemas com a administração de uma de suas propriedades"... Dera até a entender que ultimamente o conde não vinha se sentindo muito bem. Infelizmente para o doutor, quanto mais ele tentava explicar o inexplicável e indesculpável desinteresse de Lorde Westmoreland pela noiva, mais evidente se tornava para Sheridan que a presença dela e sua doença eram aparentemente menos importantes para o noivo do que os negócios e a vida social! Mais e mais, portanto, havia razão para ela acreditar que o conde a punia, ou procurava dar-lhe uma cruel lição, pelo grande atrevimento de falar em amor.

Passara dias se atormentando por ter tocado nesse delicado tema e repreendendo-se depois por ter perguntado a ele se tinha coração. Mas quando ouvira as advertências do médico sobre sua saúde e vira uma sombra de verdadeira aflição nos olhos dele, a culpa e a dor transformaram-se em justificável indignação. Não era noiva do dr. Whitticomb, e no entanto *ele* se preocupava por ela. *Ele* vinha de longe, todos os dias, para vê-la. Se o amor era um sentimento proibido e ridículo para o sofisticado nobre inglês, o conde poderia pelo menos tentar ajudá-la a recuperar a memória!

Quanto a casar-se com aquele homem, Sherry não conseguia imaginar que loucura a fizera tomar tal decisão. A única qualidade positiva que ele parecia ter era a beleza, que, no entanto, não constituía motivo suficiente para levá-la a casar-se. Além disso, quando sua memória voltasse, e se não conseguisse lembrar-se de coisas que alterassem completamente a atual opinião que tinha sobre o noivo, pretendia dizer-lhe que retirasse o pedido de casamento e o fizesse a qualquer outra mulher que fosse tão fria e impessoal diante do casamento quanto ele. Talvez seu pai tivesse se iludido achando que o conde seria um bom marido e insistido em que ela aceitasse o pedido. Se assim fosse, estava decidida a explicar ao pai por que decidira romper o compromisso. Nos últimos dias, por mais que tentasse pensar em seu pai, não conseguia ver semblante algum, mas sentira cálidas emoções, como um amor profundo e confiante, uma sensação de perda, uma profunda saudade. Com certeza, um pai que evocava sentimentos como esses jamais obrigaria a filha a casar-se com um homem que não lhe agradava!

Exatamente uma hora depois Stephen tornou a bater à porta do quarto de Sheridan.

Ela olhou o relógio do consolo da lareira, reparando que se tratava de um homem pontual, mas isso não influenciou em sua decisão. Continuava sentada à escrivaninha, junto de uma das janelas, lendo e copiando trechos do jornal; tranquila, pediu à criada:

— Por favor, diga ao conde que estou descansando.

Ao dizer essas palavras, sentiu-se orgulhosa de si mesma. Se bem que nada conhecesse de Charise Lancaster, pelo menos sabia que não lhe faltava orgulho e determinação!

Do outro lado da porta, a culpa de Stephen deu lugar a um começo de alarme:

— Ela está doente? — perguntou à criada.

A moça olhou implorativamente para Sheridan, que negou com a cabeça, e respondeu negativamente ao lorde.

Uma hora depois, ao bater de novo na porta, Stephen foi informado de que ela estava "tomando banho".

Mais uma hora, quando ele, já aborrecido em vez de preocupado, deu impacientes pancadinhas na porta, disseram-lhe que "Miss Lancaster está dormindo".

— Diga à senhorita — ordenou ele, em tom irritado — que voltarei exatamente dentro de uma hora e espero vê-la muito limpa, muito descansada e pronta para jantar lá embaixo. Jantamos às nove.

Transcorrida uma hora, quando o conde bateu à porta, Sheridan sentiu divertida satisfação. Sorrindo para si mesma, enfiou-se mais na água quentinha, coberta de espuma, quase desaparecendo na imensa banheira de mármore.

— Diga a milorde que prefiro jantar em meu quarto esta noite — instruiu a criada, e sentiu pena ao ver o olhar desamparado da moça, que parecia temer ser mandada embora.

Stephen irrompeu quarto adentro antes que a criada terminasse de falar e quase a derrubou, em sua impaciência.

— Onde ela está? — perguntou, brusco.

— No... no banho, milorde.

Começou a dirigir-se à porta que dava para o aposento onde mandara instalar um banheiro, quando aquele quarto era o dele. De repente, reparou no ar estupefato da criada e mudou de direção.

Encaminhou-se para a escrivaninha, onde viu o jornal aberto e o papel em que Sherry estivera escrevendo.

— Miss Lancaster! — chamou, muito alto, num tom de voz que fez a jovem criada empalidecer. — Se não estiver lá embaixo em exatamente dez minutos, virei buscá-la e a levarei comigo do jeito que estiver, vestida ou não! Está claro?

Para sua maior irritação, ela não se dignou a responder ao ultimato. Imaginando o que a hóspede escrevera, ele pegou o papel, enquanto pensava que morrer devia ter sido melhor para o pobre Burleton, porque Charise Lancaster iria fazer da vida dele um inferno, com sua ultrajante teimosia e mau gênio. Então, percebeu o que ela estava fazendo, ao ver o que havia escrito no papel. Em letra elegante, clara, anotara dados que retirara do *Post*; dados que com certeza conhecera, mas que com a perda de memória precisava reaprender. Tais

como:

Rei da Inglaterra Jorge IV. Nascido em 1762.

O pai de Jorge IV era Jorge III. Falecido há dois anos.

Chamado "Fazendeiro Jorge" pelos ingleses.

O rei gosta de mulheres, roupas finas e vinhos excelentes.

Depois de anotar uma série de tópicos, ela tentara fazer uma lista de dados semelhantes sobre si mesma, mas havia espaços em branco onde deviam estar informações simples.

Eu nasci em.

O nome de meu pai é Eu gosto de

A tristeza e a culpa arrasaram Stephen, que fechou os olhos. Ela não sabia o próprio nome, nem o do pai, nem o ano de seu nascimento. Pior, quando sua memória voltasse, sofreria o golpe mais chocante: a tragédia da morte de seu noivo... causada por ele.

O papel com aquelas palavras parecia queimar-lhe as mãos, e ele largou-o sobre a mesa, respirou fundo e voltou-se para sair. Não iria perder a paciência com Charise de novo, fosse o que fosse que ela fizesse ou dissesse, prometeu-se. Não tinha direito de sentir raiva ou frustração; não tinha direito de sentir nada, a não ser culpa e responsabilidade.

Dirigiu-se para a porta, determinado a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para suavizar o sofrimento que inflingira a ela com sua negligência e a dor que ainda iria inflingir quando a pobre moça soubesse que seu noivo morrera. No entanto, como só poderia começar a fazer o que se propunha quando ela saísse do banho, avisou, com voz mais cortês, porém muito firme:

— Você tem apenas oito minutos.

Ouviu barulho de água, assentiu satisfeito e retirou-se. Enquanto caminhava pelo corredor em direção da escada, compreendeu que precisaria fazer mais do que pedir desculpas por tê-la negligenciado; teria que dar uma explicação que ela aceitasse. Era evidente que antes de perder a memória Charise Lancaster tinha juvenis, idealistas e românticas noções sobre amor e casamento, uma vez que lhe perguntara se eles "se amavam muito". Stephen estremecia intimamente só com a menção da palavra amor. Como descobrira, com a idade e a experiência, pouquíssimas mulheres eram capazes de sentimentos ou atitudes que se aproximassem dessa terna emoção, apesar de todas elas falarem como se amar lhes fosse tão necessário quanto respirar. Ele, na verdade,

desconfiava dessa palavra e de qualquer mulher que a mencionasse.

Helene partilhava de sua opinião nesse sentido, o que era mais um motivo para gostar da companhia dela. Pelo menos, a jovem dama lhe era fiel, o que não podia dizer da maior parte das esposas que conhecia. Por isso, ele a mantinha em um estilo que seria adequado à esposa legítima de um nobre: uma linda casa nos arredores de Londres, uma numerosa e selecionada criadagem, armários cheios de vestidos e peles, muitas jóias e uma esplêndida carruagem folhada a prata e com estofamento de veludo lavanda cores que se haviam tornado a "assinatura" de Helene Devernay. Pouquíssimas mulheres ficavam bem com aquele tom azul-violeta, menos ainda com prata, e muitas que tinham tentado não haviam ficado bonitas nem elegantes nessas cores. Helene era sofisticada e sensual, compreendia as regras e não confundia "fazer amor" com amar.

Agora que Stephen pensava nisso, nenhuma das mulheres com as quais ficara mais tempo, a ponto de despertar rumores de compromisso, havia tentado falar com ele sobre amor e muito menos esperado que ele o professasse.

Charise Lancaster, porém, evidentemente não era prática nem sensível. Procurara claramente discutir o amor com o homem que pensava ser seu noivo, e essa era uma coisa que sem a menor dúvida ele evitaria a qualquer custo, para o bem dela e o seu. Quando a memória voltasse, ela iria detestá-lo: sentir-se-ia humilhada com falsos protestos de uma afeição que ele não sentia.

Quando Lorde Westmoreland chegou ao salão de jantar, dois lacaios se aproximaram e abriram a porta dupla. Sem sequer notar, com a cabeça fervilhando de pensamentos, passou pelos criados, aproximou-se do aparador e serviu-se de xerez. Atrás dele, as portas fecharam-se silenciosamente, enquanto o conde voltava novamente os pensamentos para seu mais premente problema. No máximo em dois minutos tinha que elaborar uma explicação plausível para a atitude despida de afeto que tivera na última noite em que conversara com sua *noiva* e para o fato de tê-la evitado nos dias seguintes. Ao subir as escadas para vê-la, na primeira vez, pretendia pedir desculpas e dar justificativas vagas. Mas agora, com melhor ideia do temperamento dela, tinha certeza que não sairia daquela situação com tanta facilidade.

CAPÍTULO 15

Aflita de tanta pressa, Sheridan saiu do quarto terminando de fechar a frente do vestido longo, cor de lavanda. Andando rapidamente pelo corredor, passou por dois criados que escancararam a boca de espanto e viraram a cabeça para olhá-la. Quando pensou que fosse se perder, desembocou num enorme patamar com parapeito de mármore branco que parecia se derramar numa escada suntuosa, também de mármore, até o *hall* de entrada, lá embaixo.

Erguendo um pouco a saia, desceu a escada quase correndo, passando por retratos de talvez dezesseis gerações dos arrogantes ancestrais do conde. Não tinha a menor ideia de onde ele estava, nem de como encontrá-lo. A única coisa da qual tinha certeza era que, além dos seus mais desagradáveis traços pessoais, o nobre falara com ela como se fosse propriedade dele, e que de fato estava determinado a arrastá-la como um saco de batatas, escada a baixo, se não se encontrasse em sua presença no prazo determinado.

Faria o impossível para privá-lo desse prazer! Não conseguia imaginar onde estava com a cabeça no momento em que concordara em ligar-se para a vida inteira com aquele homem! Assim que seu pai chegasse, romperia o noivado e lhe pediria que a levasse imediatamente para casa.

Não gostava do conde, e tinha quase certeza de que não devia ter nada em comum com a mãe dele. Pelo que a criada de quarto dera a entender, toda sem graça, a roupa que usava era da condessa. Era estranho imaginar uma castelã de certa idade, como a mãe dele ou outra respeitável *lady*, exibindo-se em bailes ou recebendo convidados num vestido fútil como aquele, cor de lavanda, com mais nada a não ser fitas prateadas fechando o corpinho na frente. Estava tão zangada e absorta naqueles revoltados pensamentos, que não reparou no esplendor do imenso *hall*, com gigantescos lustres de cristal que pareciam feitos de enormes diamantes, nem nos delicados afrescos nas paredes e no intrincado trabalho em gesso, no teto.

Quando chegava aos últimos degraus, viu um senhor idoso vestido de preto, com camisa branca, dirigindo-se apressadamente para a porta de uma sala à esquerda do *hall*.

—Chamou, milorde?— ouviu-o dizer, enquanto abria uma das folhas da porta dupla.

Um instante mais tarde o criado saiu do salão, fazendo uma reverência respeitosa antes

de fechar a porta.

—Com licença... — começou Sheridan, sem jeito, tropeçando na meia cauda do pouco prático vestido e encostando-se à parede para recuperar o equilíbrio.

Ele voltou-se e, ao vê-la, pareceu ficar paralisado. Empalideceu de tal modo que dava impressão de estar em choque.

—Estou perfeitamente bem — garantiu ela, empurrando a cauda do vestido para trás com o pé esquerdo. Como o homem continuasse de olhos esbugalhados, estendeu-lhe uma das mãos, amigável: — O dr. Whitticomb disse que já estou boa e que podia descer. Não nos conhecemos, eu sei, mas sou Charise... hum... Lancaster lembrou-se, depois de breve esforço.

O homem estendeu também a mão para ela, sem tocá-la, e parecia não saber o que fazer, então Sherry segurou a mão nodosa do velho criado e apertou-a, dizendo com um gentil sorriso:

—E o senhor é?...

—Hodgkin — respondeu o homem, como se tivesse uma lixa na garganta. Então, pigarreou e repetiu: — Hodgkin.

—Muito prazer em conhecê-lo, Mr. Hodgkin.

—Não, senhorita... apenas Hodgkin.

—Não posso me dirigir ao senhor apenas pelo seu nome. Seria falta de respeito — explicou ela, com paciência.

—Aqui é assim... — disse ele, parecendo embaraçado. Indignada, Sheridan fechou a mão direita e golpeou a saia do vestido lavanda:

—É bem daquela besta arrogante negar a um homem idoso a dignidade de ser tratado de *mister!*

— O rosto do velho contorceu-se em aflição, e ele pareceu estar com dificuldade de respirar ao dizer:

—Tenho certeza que não sei a quem se refere, *miss.* Refiro-me a...

Precisou fazer força para lembrar-se da resposta que a criada de quarto lhe dera quando perguntara o nome do conde. Lembrava-se que a moça dissera uma lista de nomes, mas o

sobrenome da família era... Westmoreland! Sim, era isso.

— Refiro-me a Westmoreland! — esclareceu, negando-se a juntar o devido título ao nome. — Alguém devia pegar uma vara *e* ensinar um pouco de cortesia a ele.

No patamar do primeiro lance da escada, um lacaios que estava namorando uma criadinha soltou-a e voltou-se para olhar quem falava no *hall* lá embaixo; a criada, curiosa, aproximou-se do parapeito e inclinou-se, querendo ver também. A poucos passos de Sheridan, quatro lacaios empertigados, que se dirigiam para o salão de jantar carregando enormes bandejas, trombaram uns nos outros porque o lacaios que os precedia parou de repente, atônito ao ouvir aquilo. Um outro criado, não tão idoso quanto Hodgkin mas também de cabelos brancos, vestido exatamente como ele, materializou-se diante da porta do salão de jantar, sisudo com o infernal barulho das bandejas chocando-se contra o chão de mármore. Uma delas rolou até perto dos pés dele.

— Quem é o responsável por... — começou a perguntar o mordomo-chefe, então seus olhos encontraram Sheridan e arregalaram-se, enquanto fitavam primeiro os cabelos dela, depois o vestido e, por fim, os pés descalços.

Ignorando a comoção que provocava, Sherry sorriu para Hodgkin e disse, graciosa:

— Sabe? Nunca é tarde para reconhecermos nossos erros, quando alguém nos faz o favor de mostrá-los. No momento apropriado, direi ao conde que ele deve dirigir-se a um homem da sua idade como "Mr. Hodgkin". Posso sugerir-lhe que se coloque na sua situação, imaginando-se com a idade do senhor e...

Ela calou-se ao ver que as sobrancelhas grisalhas do pobre mordomo estavam quase encostando na linha dos cabelos, de tão erguidas, e seus olhos de um azul aguado pareciam querer saltar das órbitas. Sherry fervia de raiva pelo modo de agir do conde, mas afinal compreendeu que possivelmente o infeliz criado tinha medo de perder o emprego se ela interferisse.

— Foi tolice minha, Mr. Hodgkin — desculpou-se, meiga. — Não vou dizer nada disso, prometo.

No patamar lá em cima e no *hall* embaixo, os criados exalaram um suspiro coletivo de alívio, bruscamente interrompido quando Hodgkin abriu a porta do salão e eles ouviram a moça americana perguntar ao lorde, em tom altivo e nada servil:

—Chamou, milorde?

Stephen voltou-se, surpreendido com a escolha de palavras dela, e parou, siderado. Engolindo uma risada em parte de divertimento e em parte de admiração, olhou-a diante de si, com o impertinente narizinho erguido e os olhos cinzentos faiscando como cristais gêmeos de gelo. Em gritante contraste com o porte e a expressão altaneiros, ela usava um amplo e macio penhoar feito por panos de seda cor de lavanda, drapeado nos ombros, que se mostravam quase nus. Segurava a frente do penhoar para poder andar, mostrando os pequenos pés descalços; o maravilhoso cabelo ruivo, ainda úmido nas pontas, descia-lhe pelos ombros e costas como se ela fosse um nu de Botticelli.

O lilás-pálido deveria chocar-se com o vermelho dos cabelos, e chocava-se, mas a macia pele dela era de um tom marfim cálido tão perfeito, que o resultado era mais fascinante do que desagradável. Um resultado tão atraente e bonito que foi preciso alguns momentos para Stephen compreender que ela não escolhera deliberadamente o penhoar de Helene por algum maldoso desejo de aborrecê-lo ou provocá-lo, mas sim porque não tinha o que vestir. Ele esquecera que a bagagem dela seguira no navio, mas se aquele horroroso vestido marrom era uma amostra do gosto dela para roupas, preferia vê-la num penhoar de Helene. No entanto, como os criados não pareciam compartilhar de sua opinião liberal, tomou nota mentalmente de resolver esse problema logo no dia seguinte, bem cedo. Por enquanto, nada podia fazer a não ser agradecer ao penhoar por cobri-la o bastante para satisfazer a regra da decência.

Disfarçando um sorriso admirado, notou que ela precisava se esforçar para manter o ar altivo e gelado sob aquele exame silencioso, e maravilhou-se com o fato de a jovem conseguir expressar seus sentimentos sem se mover ou falar. Era inocentemente feminina, de uma audácia sem o tempero da sabedoria nem o freio da cautela. A visão daqueles cabelos descendo-lhe pelo peito era empolgante, e Stephen levou um choque ao ser obrigado a voltar a si, quando ela rompeu o silêncio:

—Já terminou de me examinar?

—Na verdade, eu a estava admirando.

Sheridan descera preparada para uma confrontação, ansiando por ela na verdade, e perdeu a firmeza quando ele a fitou com estranha expressão nos profundos olhos azuis; em seguida, aquele cumprimento abalou-a ainda mais. Tratando de lembrar-se de que o coração

dele, se existia, era gelado, que o conde era uma besta dominadora com quem ela *não* ia se casar, concluiu que não lhe importava o jeito como a olhava, nem seu modo suave de falar, nesse momento. Distante e altiva, observou:

— Presumo que tenha alguma razão para exigir que eu viesse até sua augusta presença, milorde.

Para surpresa dela, ele não se zangou. Ao contrário, pareceu divertido ao responder, com uma reverência:

— Na verdade, tenho várias razões.

— E elas são? — inquiriu Sherry, confusa.

— A primeira de todas — sorriu Stephen — é que eu quero pedir desculpas.

— Verdade? — Ela sacudiu os ombros. — Por quê?

A perda desse primeiro assalto fez Lorde Westmoreland ficar sério. A moça era muito espirituosa e tinha uma boa dose de orgulho. Ele não conhecia nenhum homem, muito menos uma mulher, que se atrevesse a enfrentá-lo com a coragem e a inteligência com que ela o fazia.

— Pelo modo brusco como interrompi nossa conversa naquela noite e por não ter ido vê-la desde então.

— Aceito seu pedido de desculpas. Posso subir, agora?

— Não — respondeu o conde, de repente desejando que ela não fosse tão corajosa. — Eu preciso... Não, eu quero... explicar por que fiz aquilo.

O olhar dela tornou-se desdenhoso:

— Gostaria de vê-lo tentar.

A coragem era uma qualidade admirável num homem. Em uma mulher, decidiu ele, era um atraso de vida.

— *Estou* tentando avisou-a.

Agora que ele perdera um pouco de sua altivez, Sheridan sentia-se muito melhor.

— Então, — explique incentivou-o. — Estou ouvindo.

— Não quer sentar-se?

— Talvez. Depende do que vai me dizer.

As sobrancelhas dele juntaram-se, os olhos estreitaram-se e soltaram um fogo azul, mas quando ele falou sua voz soava calma e pausada:

— Na outra noite você me pareceu consciente de que eu... que as coisas entre nós não eram... o que você espera de um noivo.

Sherry assentiu com um leve e majestoso aceno de cabeça que indicava superficial interesse.

— Há uma explicação para isso — continuou Stephen, desconcertado pela atitude dela. Deu-lhe então a única razão que lhe parecera lógica e aceitável entre as muitas que pensara.

— Brigamos na última vez que nos vimos. Enquanto você esteve doente, esqueci da briga, mas quando se recuperou, na outra noite, descobri que aquilo ainda continuava na minha cabeça. Foi por isso que me mostrei...

— Frio e distante? — ajudou-o ela, mais com surpresa e dor na voz do que com raiva.

— Exatamente — assentiu Stephen.

Ela sentou-se, e o conde descontraíu-se, aliviado por aquele duelo e as mentiras terem terminado. Mas seu alívio durou pouco.

— Por que brigamos? — voltou a inquirir Sheridan.

Ele devia saber que uma rebelde americana de cabelos ruivos, com uma disposição imprevisível, sem respeito algum por títulos nobres ou etiqueta no vestir, insistiria em prolongar o embate, em vez de aceitar seu pedido de desculpas e deixar o assunto esfriar, bem-educadamente.

— Brigamos por causa do seu gênio — respondeu, procurando manter-se calmo.

— Meu gênio? — Os olhos cinzentos mergulharam nos dele.

— O que há de errado com ele?

— Eu o acho muito... briguento.

— Ah, sei.

Stephen quase podia ouvi-la pensar que ele era muito mesquinho, uma vez que continuava alimentando uma briga apesar do acidente que ela sofrera. Ela olhou para as próprias mãos, unidas no colo, como se de repente não conseguisse mais encará-lo, e depois perguntou, em tom desapontado e hesitante:

—Quer dizer que sou uma megera?

Ao observar a cabeça baixa, os ombros descaídos em desânimo, Stephen sentiu o estranho impulso de ternura que aquela moça despertava nele nos momentos mais inesperados.

—Eu não quis dizer isso— respondeu, com evidente riso na voz.

—Percebi que meu gênio tem sido um tanto... incerto, nos últimos dias —admitiu Sherry, conformada.

O dr. Whitticomb dissera que achava a jovem deliciosa, e Stephen estava quase admitindo que ele tinha razão. Concordou:

—É compreensível, nessas circunstâncias.

Ela ergueu a cabeça, procurando os olhos dele:

—Quer me dizer exatamente por que brigamos?

Apanhado numa verdadeira armadilha, Stephen foi até a bandeja de bebidas e pegou a garrafa de xerez, procurando ansiosamente uma resposta que a satisfizesse e a acalmasse.

—Achei que você estava dando muita atenção a outro homem esclareceu, numa súbita inspiração. Fiquei enciumado.

O ciúme era um sentimento que ele jamais experimentara em sua vida, mas sabia que as mulheres gostavam muito de despertá-lo nos homens. Relanceou um olhar por cima do ombro e ficou contente ao ver que Charise Lancaster era igual às suas semelhantes sob esse ponto de vista: parecia divertida e lisonjeada. Escondendo o sorriso, serviu xerez num pequeno cálice redondo, e quando se voltou ela olhava outra *vez para* as mãos

—Xerez? ofereceu.

Em inglês, sherry, a mesma palavra usada para designar o apelido de Sheridan. (N. da T.)

Sheridan teve um repentino sobressalto e seus olhos brilharam, alegres, ao responder: j —Sim... —Ele estendeu-lhe um cálice, e ela continuou a olhá-lo, só que nos lindos olhos a alegria foi substituída pela confusão.

—Aceita um pouco de licor? —esclareceu ele.

—Não, muito obrigada.

—Pensei que você tivesse dito sim —comentou o conde,” colocando o cálice sobre a

mesinha. Ela sacudiu a cabeça:

—Pensei que você tivesse me chamado de... *Sherry!* —exclamou, saltando em pé, com o rosto radiante. Pensei que fosse eu. Quero dizer, sou eu. Quero dizer, parece que era assim que me chamavam... quero dizer...

—Entendo.

Stephen teve uma sensação de entusiasmo tão intensa quanto a dela. Permaneceram parados um diante do outro, com os braços caídos dos lados do corpo, sorrindo, compartilhando aquele momento de triunfo que parecia uni-los e enviar seus pensamentos na mesma direção. De repente, ele compreendeu por que Burleton ficara "louco de amor" por ela, como lhe dissera Hodgkin. E enquanto fitava aqueles sorridentes olhos azuis, Sherry compreendeu por que se sentia tão atraída por ele. Frases estranhas começaram a flutuar em sua memória, sugerindo o que deveria acontecer a seguir...

O barão segurou-lhe a mão e levou-a aos lábios, prometendo-lhe eterna devoção:

Você é meu primeiro e único amor...

O príncipe envolveu-a com os braços fortes e apertou-a contra o coração:

Se tivesse cem reinados, daria todos a você, meu grande amor. Eu não era nada até que você...

O conde encontrava-se tão maravilhado com sua beleza que perdeu o controle e beijou-lhe a face:

Perdoe-me, mas não pude me conter. Eu adoro você!

Havia um suave convite nos profundos olhos cinzentos, e, naquele momento de completo acordo, pareceu muito natural a Stephen aceitá-lo. Sua mão ergueu-se até o delicado mas voluntarioso queixo e o ergueu, tocando os lábios macios e cheios com os seus; no mesmo instante, sentiu-a prender a respiração e estremecer. Surpreso pela forte reação, ergueu a cabeça e ficou esperando alguns segundos que ela abrisse os olhos. Quando afinal os longos cílios estremeceram e as pálpebras se separaram, viu que ela parecia confusa e um tanto desapontada.

—Alguma coisa errada? —perguntou, cauteloso.

—Não, nada —afirmou ela polidamente, mas parecia que pensava justo o contrário.

Ele ficou a olhá-la em interrogativo silêncio, tática que em geral fazia as mulheres falar; teve que desistir: com sua "noiva" esse truque não funcionava.

—É que, parece, eu esperava alguma coisa diferente — explicou ela, apenas.

Dizendo a si mesmo que estava apenas tentando ajudá-la a recuperar a memória, ele perguntou:

—O que você esperava?

Sherry sacudiu a cabeça, com as finas sobrancelhas franzidas e os olhos fixos nos dele:

—Não sei.

As palavras hesitantes e o olhar confuso confirmaram o que o conde desconfiava: que o verdadeiro noivo dera rédeas livres à paixão. Enquanto fitava os convidativos olhos cinzentos, decidiu de repente que era praticamente *obrigado* a ajudá-la a lembrar-se de Burleton. A consciência dele gritava que seu motivo era outro, que estava sendo levado por uma determinação egoísta, mas Stephen a ignorou. Afinal de contas, prometera ao dr. Whitticomb que ia fazer tudo para que ela se sentisse querida e protegida.

—Talvez você estivesse esperando — disse com voz macia, passando um braço pela fina cintura e tocando a pequena orelha rosada com os lábios — algo mais ou menos assim...

A respiração quente em seu ouvido provocou arrepios na espinha de Sheridan, e ela voltou o rosto de modo que seus lábios encontrassem os dele. A intenção de Stephen era beijá-la como julgava que Burleton a beijara, mas quando a boca de Sherry se entreabriu e sua respiração se tornou ofegante, as determinações dele desapareceram por completo.

No momento em que o braço de Stephen lhe apertou a cintura e que os lábios dele se moveram insistentemente sobre os seus, Sherry soube que não estivera esperando *aquilo*... Não aquela sensação tempestuosa que a fez parar de respirar e agarrar-se a ele; nem a compulsão que a obrigou a abrir a boca para a língua ardente; nem o disparar louco de seu coração no momento em que a mão dele se introduziu sob seus cabelos e segurou-lhe a nuca, enquanto o corpo másculo parecia querer fundir-se no dela.

Stephen sentiu que ela se apoiava nele completamente sem forças, vítima da intensidade do beijo. Quando afinal conseguiu separar seus lábios dos dela, afastou um pouco a cabeça, viu o rostinho corado e surpreendeu-se pela própria reação ao beijo pouco mais do que virginal de uma jovem inexperiente, que parecia não ter a menor ideia de como se correspondia a um beijo como aquele. Viu as pálpebras nacaradas se abrirem e perscrutou os olhos deslumbrados, meio aborrecido com sua falta de controle, mas divertido com o

fato de uma quase menina inocente ter provocado isso.

Suas preferências iam para mulheres apaixonadas, experientes e sofisticadas, que sabiam dar e receber prazer. Era cômico o fato de ter ficado excitado por uma menina-mulher vestida com o penhoar de sua amante. Por outro lado, ela demonstrara ser uma aluna aplicada, naqueles ardentes minutos nos braços dele, e não houvera sinal de timidez virginal durante o beijo, nem mesmo agora, enquanto se fitavam.

Tudo considerado, decidiu ele, Charise Lancaster talvez fosse uma mulher experimentada, mas não do modo certo, por Burleton e possíveis predecessores. A ideia de que estava sendo ingênuo fez o nobre sorrir, depois erguer as sobrancelhas e perguntar, seco:

—Era esse algo mais que esperava?

—Não. —E um enérgico balançar de cabeça acompanhou a negativa, fazendo os cabelos flamejantes sacudirem-se sobre os delicados ombros. A voz dela tremia, mas seu olhar era firme ao confessar: —Sei que eu jamais esqueceria uma coisa como esta.

O divertimento de Stephen desapareceu, e ele sentiu um desconhecido e doloroso aperto no peito. Sem se dar conta do que fazia, ergueu a mão e acariciou o rosto macio:

—Fico imaginando —e a voz dele soou rouca —como é possível alguém ser tão doce quanto você.

Era mais um pensamento que ele não pretendia revelar e para o qual não esperava resposta, por isso surpreendeu-se quando ela disse, como quem confessa um segredo terrível:

—Não acho que eu seja doce, milorde. Talvez não tenha notado, mas acho que minha natureza é muito rebelde.

Foi difícil para Stephen conter a gargalhada que lhe borbulhou na garganta. Talvez ela tomasse o silêncio dele como anuência, porque acrescentou:

—Parece —e sua voz era um sussurro perturbado, enquanto baixava os olhos, com ar de culpa —que andei escondendo de você minha verdadeira natureza...

Como ele nada dissesse, Sheridan estudou as minúsculas preguinhas da camisa, de um tom branco-neve, com o rosto encostado nela, saboreando a gostosa sensação do braço musculoso ao redor de sua cintura. Mais uma vez teve a impressão de que havia algo errado

no que fazia. Concentrou-se nessa impressão, procurando forçá-la a tomar forma e revelar-se, mas nada aconteceu: não combinava com os inegáveis impulsos que tinha em relação ao seu prometido, em relação a tudo, aliás. Num momento odiava o que vestia, seu noivo, a perda de memória, desejando estar muito longe dali, dele e dessas coisas todas. Em outro, esse homem conseguia modificar seus sentimentos com um sorriso cálido, um olhar luminoso... ou um beijo. Com um simples sorriso ele conseguia fazê-la sentir-se vestida como uma princesa, dava-lhe a certeza de que era linda e que não havia perdido a memória. Não conseguia entender o motivo disso tudo, principalmente porque havia momentos em que *não queria* lembrar-se. E, Santo Deus, o jeito como ele a beijara! Seu corpo inteiro parecera derreter-se, queimar, e amara aquela sensação, que a fizera sentir-se perturbada, confusa e incerta. Num esforço para explicar isso tudo a ele e talvez pedir-lhe um conselho, Sheridan respirou fundo e falou, com o rosto quase oculto no peito de Stephen:

— Não sei que tipo de pessoa você pensa que eu sou, mas parece que tenho um... um gênio *terrível*. Acho que até se pode dizer que meu gênio é... é completamente imprevisível.

Perdidamente encantado pela candura de Sherry, Stephen segurou-lhe o queixo e ergueu-lhe o rosto, forçando-a a enfrentar seu olhar:

— Já percebi — afirmou ele, em voz baixa. Os olhos cinza tornaram-se atentos:

— E isso não o incomoda?

Havia muitas outras coisas que "incomodavam" Stephen nesse momento e nada tinham a ver com a disposição dela. Os seios macios encontravam-se pressionados contra seu peito, os cabelos sedosos roçavam-lhe a mão apoiada nas costas dela e os lábios cheios, bem-feitos, pareciam exigir que um homem os beijasse. O nome "Sherry" combinava perfeitamente com ela: era doce, cálida, perigosa e traidoramente inebriante. Não era noiva dele, *não* era amante dele: merecia seu respeito e proteção, não sua luxúria. Sua mente sabia disso, mas seu cérebro parecia paralisado pelo sorriso, pela voz dela, e o macio corpo dela despertava o seu de maneira dolorosa. Não sabia se ela percebia e não entendia o que significava seu sexo rígido, ou se o notara e, por algum motivo, não se importava. De qualquer modo, ele estava contente com o resultado e respondeu:

— Você me "incomoda" muito, sim.

— De que modo? — indagou ela, sentindo o coração disparar ao ver que ele lhe fitava os

lábios.

— Vou mostrar-lhe — murmurou o conde roucamente, e sua boca colou-se à dela com violenta ternura.

Ele a beijou lentamente, levando-a a participar dessa vez, e Sheridan sentiu o sutil convite. Uma das mãos de Stephen segurou-a de leve na nuca, enquanto a outra lhe descia pela espinha, em indefinível carícia. Seus lábios entreabertos moveram-se sobre os dela, solicitando que se abrissem, e Sheridan atendeu, desajeitada. Imitou os movimentos da boca de Stephen e sentiu que os lábios dele se entreabriam mais; passou a língua por eles, reconhecendo o firme contorno, enquanto a mão dele se contraía na base de sua espinha.

Ela ergueu-se nas pontas dos pés, deslizando as mãos pelo peito largo até os ombros fortes, arqueando o corpo de modo a ficar colada a ele... e de repente os braços dele a rodearam como se fossem de aço, e o beijo tornou-se selvagem, quase brutal, e exigente. A língua de Stephen acariciou a dela, depois explorou a boca, enviando sensações primitivas ao corpo trêmulo, fazendo-a agarrar-se a ele com mais força, correspondendo ao beijo sensual. As grandes mãos escorregaram pelos flancos de Sheridan, subiram, envolveram os pequenos e firmes seios, e começaram a acariciá-los...

Avisada por um instinto que não entendia e não se atrevia a desafiar, ela interrompeu o beijo e sacudiu a cabeça, num princípio de pânico, se bem que desejasse desesperadamente continuar a beijá-lo.

Relutante, Stephen soltou-a, deixando os braços descaírem dos lados do corpo. Com uma mistura de frustração e divertimento, olhou a exótica e jovem beleza que conseguira atordoar não apenas seus sentidos, como também sua mente. O rosto dela estava corado, os seios arfavam com a respiração ofegante, e nos olhos sombreados pelos cílios longos e escuros brilhavam confusão e desejo. Ela parecia não saber o que fazer.

— Acho que está na hora de fazermos alguma outra coisa — disse ele, tomando a decisão por ambos.

— O que quer fazer? — perguntou ela, perturbada.

— O que eu quero fazer — respondeu ele, insinuante — e o que *vamos fazer* são coisas completamente diferentes.

Decidiu então ensiná-la a jogar xadrez. Foi um erro. Ela ganhou duas vezes porque ele não conseguia prestar atenção no jogo.

CAPÍTULO 16

No dia seguinte, Stephen evitou cuidadosamente pensar nela, mas quando seu valete começou a preparar a roupa que iria vestir à noite, viu-se esperando com grande ansiedade o momento de estar com Sherry. Havia muito tempo não aguardava um jantar com tanto entusiasmo. Naquela manhã fora procurar a modista de Helene e escolhera roupas decentes para Sheridan, insistindo que um dos vestidos fosse entregue naquela tarde mesmo e os demais quando ficassem prontos, o mais depressa possível. Quando a modista, quase histérica, lhe lembrara que a temporada estava por começar e que todas as suas costureiras encontravam-se ocupadíssimas, trabalhando dia e noite, o conde lhe pedira, polidamente, secamente, que atendesse seu pedido o melhor que pudesse. Como as compras de Helene naquele ateliê de modas eram astronomicamente altas, ele tinha certeza que a modista iria dar um jeito de estar com tudo pronto logo, e que o faria pagar a exigência de maneira exorbitante.

Ainda bem cedo, três costureiras chegaram à mansão, e o conde se assegurou de que sua companheira de jantar estaria elegante e apropriadamente vestida nessa noite, com um modelo de alta classe. Sentia-se ansioso, também, para ver como ela ficava com um vestido fino e elegante.

Enquanto inclinava a cabeça para trás para que seu valete pudesse barbeá-lo embaixo do queixo, o lorde decidiu que fosse o que fosse que Charise Lancaster estivesse vestindo, seria sempre atraente e elegante, quer se encontrasse enrolada num lençol preso por um cordão de cortina ou envergando um finíssimo vestido de baile.

Ele não se desapontou a esse respeito, nem a respeito do serão que passaram juntos. Sheridan entrou no salão, o cabelo à ticiano descendo pelos ombros e emoldurando o rosto expressivo, parecendo uma ingênua ninfa em um vestido de lã finíssima, verde água, com decote quadrado junto ao longo e bem feito pescoço, corpete justo, que valorizava os seios firmes e redondos, e a cintura fina, antes de descer em pregas simples até o chão. Evitando com timidez o olhar francamente admirado de Stephen, ela cumprimentou com um leve aceno de cabeça os criados enfileirados diante do bufê; fez um elogio ao conde pelas elegantes floreiras de prata com rosas brancas e os candelabros de prata maciça trabalhada, com altas velas vermelhas, que enfeitavam e iluminavam a mesa, e então sentou-se com

majestade natural no lugar em frente ao dele. Só então ergueu os olhos para o lorde, e o sorriso que lhe deu era tão cálido, tão franco e cheio de inconscientes promessas que foi preciso Stephen pensar uns instantes para compreender que ela estava apenas agradecendo pelo vestido.

—O vestido está longe de ser extravagante, e nem por sonho se compara à mulher que o usa — foi o comentário gentil que ele fez.

E ao vê-la desviar os olhos, parecendo embaraçada com o cumprimento, lembrou a si mesmo, com firmeza, que ela não *pretendia* seduzi-lo com seu fascinante sorriso, nem com o contorno sensual dos quadris, nem com a doce maciez dos seios bem feitos, e que aqueles eram o momento, o lugar e a mulher impróprios para seus pensamentos eróticos a respeito de travesseiros de cetim sob os cabelos feitos de verdadeiros fios de cobre sedoso e os seios redondos sob suas mãos ansiosas e acariciantes. Em vista disso, voltou os pensamentos para temas seguros e perguntou a ela como tinha passado o dia.

—Li os jornais — respondeu Sheridan.

A luz das velas dançava nos cabelos ruivos, nos olhos sorridentes, enquanto ela passava a diverti-lo com um hilariante relato dos efusivos comentários de uma reportagem que lera nos jornais sobre os acontecimentos sociais durante a temporada londrina. A intenção original dela, explicou, era travar conhecimento, pelas reportagens e artigos, com os conhecidos dele e demais componentes da aristocracia inglesa antes de ser introduzida nela. A consciência de Stephen rebelou-se à sua obrigação de dizer-lhe que não ia conhecer nenhuma daquelas pessoas. Argumentou consigo mesmo que aquela tarefa a ocupara e parecia tê-la divertido tanto que em vez de dizer o que devia perguntou-lhe se tinha aprendido muito.

As respostas dela e as expressões de seu rosto cheio de vida o divertiram e o desafiaram durante o jantar. Quando Sherry falava sobre alguma das inúteis frivolidades e excessos sobre os quais lera, tinha um jeitinho especial de franzir o pequeno nariz em desaprovação ou de erguer os olhos em divertido pouco caso que o faziam rir com gosto. Às vezes, enquanto ele ainda ria, ela se tornava pensativa e fazia uma pergunta séria que o apanhava de surpresa. A memória danificada dela parecia ter brancos quando tentava compreender como e por que as pessoas do nível social dele e do dela, na América, aliás faziam certas coisas de um modo especial; era quando suas perguntas se tornavam tão profundas que o

obrigavam a reavaliar os costumes que até então achara naturais e corretos.

De acordo com o *Gazette* — *informou-o* Sherry, rindo, enquanto os criados colocavam em seu prato um succulento pedaço de pato, — o vestido com que a condessa de Evandale se apresentou na corte era embelezado por três mil pérolas. Você acha que o número de pérolas era esse mesmo?

— Tenho absoluta confiança na integridade jornalística do repórter social do *Gazette* — *brincou* Stephen.

— Se isso for verdade — comentou ela, com um sorriso esperto, tenho que imaginar que eram pérolas muito pequeninas ou que essa lady é uma mulher *muito forte*.

— Por quê?

— Porque se as pérolas eram grandes e ela não, e deve ter sido necessário um guindaste para erguê-la depois que ela se ajoelhou diante do rei.

Stephen ainda ria, imaginando a fria, magnífica e rotunda condessa sendo guinchada da frente do trono, enquanto Sheridan passava de repente do frívolo para o sério. Apoiando o queixo sobre os dedos entrelaçados de ambas as mãos, ela fitou-o do outro lado da grande mesa de jantar e perguntou:

— Em abril, quando todas as pessoas importantes se reúnem em Londres para a temporada, que dura até junho, o que fazem com as crianças?

— Elas ficam no campo, com suas babás, governantas e tutores.

— E acontece a mesma coisa no outono, durante a pequena temporada? — O conde assentiu; ela inclinou um pouquinho a cabeça e disse, com ar sério: — As crianças inglesas devem sentir muita solidão durante esses longos meses.

— Mas elas não ficam sozinhas — afirmou ele, paciente.

— Solidão nada tem a ver com ficar só, seja para crianças ou adultos.

Stephen sentiu-se tão desesperado para evitar um assunto que, temia, iria levar diretamente para uma impossível discussão sobre os filhos *deles* que não percebeu que sua voz gelava e que sua pergunta parecia um dardo lançado contra ela:

— Está falando por experiência própria?

— Eu... eu não sei — hesitou Sheridan.

—Temo que amanhã à noite você tenha que ficar...

—Sozinha?

Quando ele fez que sim, Sherry fixou os olhos, rápida, na delicada concha de massa recheada por delicioso patê que estava no prato à frente dela. Respirou fundo, como se reunisse coragem, e olhou-o diretamente:

—Você vai sair por causa de alguma coisa que eu disse? —Ele sentiu-se um bruto por levá-la a perguntar isso e respondeu, com ênfase:

—Tenho um compromisso assumido anteriormente e que não posso cancelar. —Então, como se a necessidade de se desculpar diante dela não fosse um absurdo, acrescentou: — Para que não fique triste, quero que saiba que meus pais sempre trouxeram meu irmão e eu para cá, quando vinham a Londres para a temporada. Meu irmão e a esposa dele, assim como alguns de seus amigos, também têm o hábito de trazer os filhos, babás e governantas e tutores quando vêm para cá.

—Que bom! — exclamou Sherry, com um sorriso tão luminoso que lembrava o sol. Fico feliz ao saber que há pais devotados na alta sociedade londrina.

—Na verdade, a maioria da alta sociedade —informou ele, a contragosto —acha *engraçado* esse exagero de devoção paterna.

— Eu acho que as opiniões alheias não devem influenciar nosso modo de pensar, não é? —disse ela, franzindo a testa.

Três sentimentos se debateram no íntimo de Stephen: divertimento, pena e mágoa. Quer ela percebesse ou não, Charise Lancaster o "entrevistava", avaliando seus méritos, não apenas como futuro marido, mas também como o futuro pai de seus filhos dois papéis que ele não se achava à altura de representar. E era uma boa coisa porque, em primeiro lugar, ele não parecia estar muito bem cotado, na estima de Charise e, em segundo, o desinteresse dela pela opinião dos outros certamente a baniria da alta aristocracia londrina em uma semana, caso algum dia ingressasse nela. Stephen jamais dera importância para o que os outros pensavam, mas ele era homem, e sua riqueza e nome ilustre davam-lhe o direito de fazer tudo o que bem quisesse impunemente. No entanto, as mesmas matronas aristocratas que estavam ansiosas por induzi-lo a casar-se com suas filhas e que para isso mostravam-se dispostas a passar por cima de seus vícios e excessos crucificariam Charise Lancaster à

menor infração social, até mesmo a uma que bem menos chocante daquela na qual incorria agora, jantando sozinha com ele.

— Você acha que devemos deixar que a opinião dos outros influa em nossas ações?

— Não. Definitivamente, — não afirmou ele, solene.

— Estou contente por ouvir isso.

— Era o que eu temia — retrucou o conde, sem poder evitar um sorriso.

O bom humor de ambos continuou durante todo o jantar, e mais tarde, na saleta do café. Quando chegou a hora de se dizerem boa-noite, ele compreendeu que não podia confiar em si mesmo para dar-lhe mais do que um leve e fraternal beijo no rosto.

CAPITULO 17

—Seja o que for que você fez, deu certo.

Era evidente a satisfação do dr. Hugh Whitticomb no dia seguinte, ao anoitecer, quando entrou na saleta onde Stephen esperava por Sheridan, antes do jantar.

—Então, ela está bem? — perguntou o conde.

Sentia-se contente e tranquilo pelo fato de sua apaixonada e receptiva "noiva" não ter assumido um sombrio ar de culpa virginal, após as liberdades que ele tomara na noite anterior, e confessado tudo a Whitticomb. Estivera muito ocupado o dia inteiro, primeiro com um de seus administradores, depois com o arquiteto que estava fazendo as plantas para a reforma de uma de suas propriedades, por isso nem sequer a vira. Mas os criados sempre o mantinham informado do andamento e do clima da casa, e um deles lhe dissera que a hóspede parecia estar bem de saúde e de bom humor. Assim, ele se preparara para uma excelente noite, primeiro jantando em companhia de Sherry e depois com Helene. Não se detivera em considerar qual das partes da noite lhe interessava mais.

—Ela está mais do que bem — garantiu o médico. Eu diria até que nossa paciente está florescendo. Aliás, pediu-me que lhe dissesse que descera dentro de um momento.

A agradável perspectiva da noite que Stephen tinha pela frente foi um tanto empanada pela presença, não solicitada e não desejada, do médico, que permanecia impassível, observando-o abertamente, com um interesse mais do que perturbador, uma vez que vinha de uma pessoa astuta como ele.

—Como conseguiu essa transformação quase milagrosa, milorde?

—Fiz o que você sugeriu. — O conde aproximou-se do consolo da lareira, onde deixara seu cálice de xerez. Procurei fazê-la sentir-se... hum... querida e segura.

—Será que pode ser mais específico? Meus colegas, que consultei sobre a amnésia de Miss Lancaster, gostariam de conhecer seu método de tratamento. É de espantosa eficiência!

Lorde Westmoreland apoiou um braço no consolo da lareira, fitou o médico com as sobrancelhas erguidas e disse secamente, como resposta:

—Não quero fazê-lo atrasar-se na visita ao próximo paciente. — A grosseria evidente

levou Hugh Whitticomb a concluir que o nobre queria passar o serão sozinho com a hóspede. Era isso, ou então simplesmente ele não queria testemunhas da farsa que era obrigado a desempenhar diante de sua devotada noiva. Querendo descobrir qual das duas possibilidades era a certa, o médico insistiu, com habilidoso tato social:

— Por sorte estou livre daqui por diante. Espero poder ficar para o jantar, assim testemunharei em primeira mão seus métodos com Miss Lancaster...

O olhar do lorde foi o mais tranquilo que ele pôde arranjar, mas sua voz soou carregada de ameaça:

— De jeito nenhum.

— Esperava que você dissesse algo parecido — disse o doutor sorrindo.

— No entanto, aceita um cálice de madeira? — ofereceu o conde, já com a expressão tão impassível quanto o tom em que fizera a pergunta.

— Sim, obrigado. Acho que aceito...

O dr. Whitticomb já não tinha certeza dos motivos pelos quais sua presença era tão indesejada. Lorde Westmoreland fez um gesto de cabeça para o criado, que estava próximo do aparador repleto de copos e garrafas de cristais; no momento seguinte o médico recebia seu cálice de vinho madeira.

Intrigado, Hugh perguntava-se o que o nobre faria com sua hóspede quando a aristocracia em peso chegasse a Londres, na semana seguinte, para a temporada. De súbito, notou que os olhos de Stephen se fixavam na porta da saleta e que ele se imobilizava junto da lareira. Seguiu a direção do olhar e viu Miss Lancaster entrando na saleta, com um encantador vestido amarelo, combinando com a larga fita que marcava a cintura fina e com a outra, que sustentava, unidos no alto da pequena e bem-feita cabeça, os pesados cachos que desciam em uma cascata de cobre. Ao ver o médico, ela dirigiu-se primeiro a ele, como mandavam boa educação que se fizesse com uma pessoa mais idosa.

— Dr. Whitticomb — exclamou Sherry com um sorriso luminoso e cativante, — não me disse que estaria aqui quando eu descesse!

Estendeu-lhe ambas as mãos, num gesto que para uma jovem *lady* inglesa seria cordial demais diante de um conhecimento tão recente. Hugh tomou-lhe as mãos e viu que gostava muito daquela espontaneidade carinhosa e sem afetação: para o diabo a etiqueta! Gostava

muito dela, realmente.

—Você está adorável! —exclamou, dando um passo para trás a fim de lhe admirar o vestido. —Parece um botão-de-ouro— acrescentou, — se bem que esse cumprimento não lhe parecesse lisonjeiro o bastante.

Sheridan estava tão nervosa por reencontrar o noivo depois do que houvera entre eles na noite anterior, que adiou o mais que pôde o momento de olhar para ele.

—Sou exatamente a mesma que era quando o senhor me viu há alguns momentos. Claro, naquela hora eu não estava vestida... —acrescentou Sherry. Quis que o chão a engolissem quando o conde soltou um riso abafado. —Eu quis dizer —tratou de corrigir imediatamente, olhando para o rosto sorridente e bonito de Lorde Westmoreland —que não estava vestida com *esta* roupa, ainda.

—Sei o que quis dizer —garantiu Stephen, admirando o rubor que cobria a pele de porcelana desde a linha do decote alto até a raiz dos cabelos.

—Nem sei como lhe agradecer pelos adoráveis vestidos. Enquanto falava, Sheridan tinha a sensação de que poderia se afogar nas profundezas daqueles olhos azuis. Devo confessar que criei alma nova quando os vi.

Stephen sorria, sem nenhum motivo a não ser o prazer que sentia vendo-a caminhar pela saleta com graça e sem a menor afetação comum às mulheres que sabiam estar usando os modelos mais caros e sofisticados.

—De fato? —ele disse, por fim. — E por que criou alma nova? —quis saber, enquanto notava que ela não lhe estendia as mãos como fizera para o médico.

—Era o que eu também estava querendo saber declarou o dr. Whitticomb.

Sheridan olhou para Lorde Westmoreland com expressão na qual se misturavam embaraço e relutância:

—Bem, é que tinha medo que eles fossem como um vestido que usei duas noites atrás —explicou, voltando-se para o médico. — Quero dizer, era um vestido lindo, mas... bem... muito... *audacioso*.

—Audacioso? — repetiu o dr. Hugh, com estranheza.

—E. Ele como que flutuava em cima de mim, e eu me sentia como se estivesse envolta

num *vêu* cor de lavanda em vez de estar com um vestido. Fiquei o tempo todo com medo que aquelas fitas prateadas se desamarrassem e eu me visse...

Calou-se ao ver que Whitticomb se voltava para o conde, olhando-o fixamente.

—Era cor de lavanda, então? —perguntou a ela, mas sem desviar os olhos do lorde. E de tecido muito fino?

—Sim, mas perfeitamente apropriado para ser usado na Inglaterra —afirmou Sheridan, depressa, percebendo a expressão de censura com que o médico fitava seu noivo.

—Quem lhe disse isso, minha querida? — indagou Hugh.

—A criada... Constance. —Determinada a não deixar que o médico pensasse mal de seu noivo, que parecia divertir-se com o olhar cortante do velho amigo, ela acrescentou, firme:

— Dr. Whitticomb, a criada me assegurou que era o vestido perfeito para uma ceia a dois. Foi bem assim que ela falou: "Para uma ceia a dois"!

Ela não sabia por quê, mas sua explicação fez com que o duelo de olhos entre os dois cavalheiros terminasse de repente, quando ambos a fitaram ao mesmo tempo:

—O quê? —perguntaram em uníssono.

Desejando não ter tocado naquele assunto, Sherry tomou fôlego e, com paciência, explicou aos dois homens estupefatos:

—Ela disse que aquele vestido cor de lavanda era adequado apenas para *uma ceia a dois*. Eu sabia que íamos jantar, não cear, mas como seríamos apenas dois, não tinha outra coisa para vestir e não pretendia usar o vestido para nenhum outro jantar ou ceia a dois, achei que... — Calou-se porque notou que o conde estava vermelho no esforço de conter o riso. Perguntou, ressabiada: — Eu disse alguma coisa *muito* divertida?

O dr. Whitticomb voltou-se para Stephen:

—O que ela quer dizer? Como estava vestida?

—*En deshabelle...* —respondeu o nobre. —A criada de quarto tentou avisá-la, pelo jeito...("Em *trajes íntimos*." *Em francês no texto. (N. da T.)*)

Assentindo para informar que entendera, Hugh Whitticomb não achou o caso engraçado:

—Eu devia ter desconfiado. Suspeitei quando ela falou em vestido *cor de lavanda*...

Será que você já providenciou criadas qualificadas para Miss Lancaster e resolveu o

problema dos vestidos, de maneira que um mal-entendido como esse não aconteça de novo?

O copo de Hugh já se esvaziara, e ele colocou-o na bandeja de prata apresentada pelo criado que se materializara a seu lado antes que ele percebesse que o anfitrião não respondera. Ao voltar-se, decidido a conseguir uma resposta, ficou ciente de que Stephen se esquecera não apenas de responder-lhe como também de sua presença. Em vez de se preocupar com o que Hugh dissera, ele sorria para Charise Lancaster e dizia, em tom de bem-humorada queixa:

— Você ainda não me deu boa-noite, minha cara. Estou começando a me sentir desprezado e triste...

— Ah, sim! Percebe-se que está mesmo!

Alegre, ela riu do evidente mas lisonjeiro exagero. Apoiado no consolo da lareira, com ar negligente, os brilhantes olhos azuis fixos nos dela e um sorriso devastador no rosto bonito, Lorde Westmoreland era a imagem viva da confiança e potência masculinas. No entanto, a galanteria brincalhona e o calor transmitido pelos olhos dele causavam uma estranha euforia nela, que admitiu, sem jeito:

— Eu pretendia cumprimentá-lo, mas esqueci como devo fazê-lo e ia lhe perguntar.

— Como assim? — estranhou ele.

— Quero dizer, devo fazer uma reverência? — perguntou Sherry, com um sorrisinho ansioso que ele achou cativante.

De algum modo aquela jovem conseguia encarar seus angustiantes problemas e obstáculos com um bom humor impressionante e uma coragem incrível. Na verdade, preferia que ela o cumprimentasse estendendo-lhe as mãos, como fizera com Hugh Whitticomb, ou, melhor ainda, que lhe oferecesse os lábios, que de súbito ele sentia uma vontade louca de beijar; mas como isso era impossível no momento, assentiu em resposta à pergunta dela dizendo casualmente:

— É o costume.

— Pensei mesmo que fosse. — Enquanto falava, ela fez uma graciosa reverência. — Assim está aceitável? — perguntou, e ao erguer-se colocou a mão sobre a que Stephen lhe estendera.

— Mais do que aceitável — sorriu ele. — Como passou o dia? — Com o canto dos olhos,

o dr. Whitticomb notou o calor no sorriso do conde, o jeito profundo como a olhava enquanto a jovem respondia à sua pergunta e o fato de ele se manter mais próximo dela do que era necessário ou apropriado. Se estava apenas representando um papel, o lorde era excelente ator! E se não estava representando...

O dr. Hugh decidiu testar a segunda possibilidade e atacou, em tom de brincadeira:

—Eu poderia me ver obrigado a ficar para o jantar, se fosse convidado...

Charise Lancaster voltou-se para olhá-lo, mas Stephen disse secamente, sem se mexer:

—De modo algum. Vá embora.

—Ninguém pode dizer que não reconheço uma insinuação quando me fazem uma! — exclamou o médico, encorajado.

Sentia-se tão feliz, inclusive com a surpreendente falta de hospitalidade de Stephen, que sentiu vontade de abraçar o mordomo que lhe deu o chapéu, a bengala e abriu-lhe a porta. Mas, em vez disso, disse-lhe em voz baixa e com uma piscadela de conspirador:

—Tome conta da mocinha para mim: esse vai ser nosso acordo secreto.

Já estava no meio da escadaria *que* dava para o parque ao redor da mansão quando percebeu que o mordomo não era Colfax, mas sim outro, bem mais velho do que ele.

Não fazia mal, nada poderia empanar a boa disposição que sentia.

Sua carruagem o esperava diante do portão, mas a noite estava tão linda que teve vontade de caminhar um pouco. Fez sinal ao cocheiro para que o acompanhasse. Durante anos ele e a família Westmoreland haviam assistido, consternados, ao verdadeiro desfile de mulheres-caçadoras na vida de Stephen, todas ansiosas por conquistar seus títulos, sua riqueza e fazer parte da família Westmoreland. Naquele tempo o conde era um cavalheiro encantador, confiante e aberto, de uma dedicação quase ingênua a todos os que o rodeavam. Com o tempo, tornara-se um homem duro e cínico.

Sofrera violento assédio de todas as patronesses e mães casamenteiras da Inglaterra; assédio esse devidamente disfarçado pela deferência e respeito que a aristocracia devia a uma família rica e poderosa como a dele. Tratava-se de um homem muito desejado não pelo que era, mas sim por quem era e por aquilo que *tinha*.

Quanto mais tempo ele resistia, maior desafio se tornava tanto para mulheres solteiras quanto para as casadas, até que ficava impossível o conde de Westmoreland entrar num salão de baile sem provocar um frêmito nervoso entre todas as mulheres presentes. Ele via

isso acontecer, entendia os motivos, e sua opinião sobre as mulheres piorava em proporção direta ao aumento da própria popularidade. Como resultado, sua consideração para com o sexo feminino tornara-se tão baixa que ele preferia publicamente a companhia de uma amante à de qualquer mulher respeitável de sua própria classe. Mesmo quando ia a Londres para a temporada, o que voltara a fazer há dois anos, desdenhava comparecer às mais importantes festas aristocráticas e passava as noites em clubes de jogo com amigos ou no teatro e na ópera, com Helene Devernay. Exibia-se de modo tão tranquilo com ela diante da ofendida aristocracia, que vinha provocando um escândalo profundamente desagradável para sua mãe e sua cunhada.

Até um ou dois anos antes ele tolerara as mulheres que o assediavam e as tratara com nada menos do que uma divertida condescendência, mas parecia que sua paciência havia chegado ao fim. Nos últimos dias, era bem capaz de agir com uma incivilidade que reduzia *ladies* a mortificadas lágrimas e ultrajava suas parentes, quando tomavam conhecimento da atitude dele.

E agora, nessa noite, sorria com os olhos fixos nos de Charise, e esses olhos transmitiam evidente carinho e calor. Não havia dúvida de que parte dessa atitude se devia ao fato de ele se sentir responsável pela situação difícil em que ela se encontrava. E era o responsável. Aquela moça precisava desesperadamente dele, mas na opinião do dr. Whitticomb ele precisava dela mais ainda. Necessitava de sinceridade e doçura em sua vida. Mais do que tudo, precisava de uma prova de que no mundo existiam mulheres solteiras que o queriam e precisavam dele, de sua pessoa, e não de seus títulos, sua riqueza e posição social.

Mesmo no vulnerável estado mental em que se encontrava, Charise Lancaster parecia não dar importância aos títulos dele, ao tamanho e elegância de sua casa. Não se sentia intimidada pelo conde, nem por suas posses, e não se demonstrava lisonjeada com a atenção dele. Nessa noite, ela cumprimentara Hugh com um irresistível carinho natural, depois divertira-se indistintamente com a galanteria de Stephen. Era uma jovem simples, franca e sincera, inconsciente de sua impressionante beleza; uma criatura suave e delicada o bastante para correr o risco de magoar-se profundamente com a negligência do conde.

Essa era uma espécie rara de mulher, que pensava nos outros antes de pensar em si mesma, e que perdoava ofensas com delicadeza e generosidade. Durante os primeiros dias

de sua recuperação, quando ainda se encontrava presa ao leito, invariavelmente ela pedia a Hugh que garantisse ao "conde" que iria recuperar a saúde e a memória, e que portanto era inútil que ele se atormentasse sem necessidade. Além disso, o médico ficara encantado com a amigável e límpida cordialidade com que ela tratava a todos, desde os criados até ele, inclusive ao seu "noivo".

Monica Fitzwaring era uma jovem finíssima, de excelente caráter e elevada linhagem familiar. Hugh Whitticomb gostava muito dela, mas não para ser esposa de Stephen. Era adorável, graciosa, serena como a haviam ensinado a ser, e justamente por essa disciplina imposta ela não tinha o desejo nem a capacidade de evocar profundas emoções no homem que se tornasse seu marido, principalmente se fosse Lorde Westmoreland. De todas as vezes em que Hugh vira Stephen com ela, nem uma só vez o lorde a fitara sequer com um milésimo do cáldo interesse que demonstrara por Charise havia poucos momentos. Monica Fitzwaring seria uma excelente e encantadora anfitriã ao lado do conde, mas nunca teria habilidade para tocar-lhe o coração.

Não fazia muito tempo, Stephen alarmara a família toda ao anunciar que não tinha intenção de se casar com Monica nem com qualquer outra moça simplesmente para ter um herdeiro. No entanto, Whitticomb achara essa decisão mais tranquilizadora do que alarmante. Ele não aprovava esses modernos casamentos por conveniência, que eram tão *de rigueur* entre os aristocratas

— pelo menos não os apreciava para pessoas das quais gostava, e tinha profunda amizade pelos Westmoreland. Queria para Stephen nada mais nada menos do que o tipo de casamento de Clayton Westmoreland, o pai dele, o tipo de casamento que ele próprio, Hugh, tivera enquanto sua Margaret vivera.

Sua Margaret...

Ainda agora, enquanto caminhava entre as luxuosas mansões da Upper Brook Street, sorria ao pensar nela. Charise Lancaster lembrava a sua Margaret, descobriu de súbito. Não na aparência, claro, mas na bondade e na determinação!

Tudo considerado, ele estava convencido de que o destino afinal dera a Stephen Westmoreland a bênção que ele merecia. Claro, o conde não queria aquela espécie de bênção, e Charise Lancaster não ia sentir-se "abençoada" quando descobrisse que tinha sido enganada por seu "noivo" e seu médico. No entanto, o destino tinha um aliado em Hugh

Whitticomb, que se julgava um homem de muita força quando era preciso ser forte.

Minha pequena Maggie pensou em voz alta, porque, apesar de sua esposa ter morrido havia dez anos, ainda a sentia perto de si e gostava de conversar com ela para mantê-la sempre a seu lado, acho que vamos conseguir fazer o melhor casamento em muitos anos! O que você acha?

Girando a bengala, inclinou a cabeça e escutou, depois começou a rir, porque pôde até ouvir a conhecida resposta:

Acho que você devia me chamar de Margaret, não de Maggie, Hugh Whitticomb!

— Ah, minha pequena Maggie — ele sussurrou, sorrindo porque *sempre* respondia a ela do mesmo modo,— você é minha Maggie desde o dia em que escorregou de cima daquele enorme cavalo e caiu nos meus braços!

Eu não escorreguei, eu desmontei. Um tanto desajeitadamente, é verdade...

— Maggie — murmurou Hugh,— eu queria tanto que você estivesse aqui!

Eu estou, querido.

CAPITULO 18

Stephen planejara passar a noite com Helene, no teatro e depois na cama dela, mas três horas depois de encontrá-la viu-se diante da porta de sua mansão, com a testa franzida porque ninguém atendia às batidas da aldrava. Acabou por usar a própria chave e, no *hall*, olhou ao redor em busca de um mordomo ou laçao, mas não havia viva alma, apesar de não ser muito tarde da noite. Deixando as luvas sobre o consolo, dirigiu-se para o salão principal. Como não surgisse nenhum mordomo para tirar seu capote, ele mesmo o tirou, jogando-o sobre uma cadeira. Em seguida, consultou o relógio de bolso, imaginando se teria parado.

Marcava dez e meia, e, quando se voltou para comparar a hora com a do relógio de pêndulo acima da lareira, viu que elas combinavam. Normalmente, não voltava tão cedo de uma noite com Helene ou em um de seus clubes. Sempre chegava de madrugada, e assim mesmo sempre havia um laçao no *hall* para recebê-lo.

Pensou nas horas em companhia de Helene e passou a mão na nuca, como se isso pudesse livrá-lo do descontentamento e do tédio, que não o haviam deixado o tempo todo. Sentado ao lado dela no camarote particular do teatro, mal prestara atenção no que acontecia no palco, e quando o fizera acabara descobrindo defeitos no desempenho dos atores, dos músicos, no cenário, ou sentindo repulsa pelo perfume que vinha do camarote vizinho. No estado de inquietação em que se encontrava, tudo o aborrecia ou irritava.

Assim que saíra de casa, dissipara-se o até então desconhecido prazer que sentira no começo da noite, ao jantar em companhia de Sherry, que o alegrara e divertira com espirituosas e inteligentes observações sobre coisas que lera nos jornais.

Ao fim do primeiro ato Helene percebeu o descontentamento dele e, sorrindo de modo insinuante por trás do leque, murmurou:

— O que acha de irmos embora e criarmos um "segundo ato" num ambiente mais agradável?

Stephen aceitou a sugestão no mesmo instante, mas, na cama, o desempenho dela lhe pareceu tão insatisfatório quanto tudo no teatro. Depois de tirarem as roupas, ele descobriu que não estava com disposição para as deliciosas preliminares eróticas das quais

normalmente gostava tanto; simplesmente queria possuí-la e livrar-se do desejo. Buscava um alívio físico, não um prazer sensual. No entanto, não conseguiu nenhum dos dois.

Helene percebeu o que se passava, é claro; enquanto ele jogava as cobertas de lado e levantava-se, ela se apoiou num cotovelo para observá-lo vestir-se.

— Onde estão seus pensamentos esta noite? — indagou, suave. Sentindo culpa e frustração, o lorde inclinou-se para dar um beijo, como pedido de desculpa, na testa franzida da amante e respondeu:

— A situação em que me encontro é complicada e vexatória demais para perturbá-la contando-lhe.

Era uma resposta evasiva e ambos sabiam disso, como também sabiam que uma amante normalmente não era para explicações ou recriminações. Mas Helene Devernay estava longe de ser uma amante "normal". Era uma das belezas mais cobiçadas e admiradas da aristocracia. Escolhia os amantes que mais lhe conviessem e tinha um amplo campo de escolha entre numerosos nobres riquíssimos, que esperavam ansiosos pela chance de oferecer-lhe "proteção" como a de lorde Westmoreland, em troca do exclusivo direito à cama e à companhia dela.

Ela sorriu diante da evasiva dele, deslizou a ponta de um dedo pelo V da camisa ainda desabotoada e disse com o ar mais inocente do mundo:

— Ouvi as costureiras de Madame LaSalle comentando que você esteve lá e encomendou vários vestidos, com grande urgência, para uma hóspede que tem em sua casa. — Qual é a... situação? — concluiu, com delicadeza.

Stephen endireitou o corpo, depois a olhou entre divertido, irritado e admirado com a apurada percepção da amante.

— É uma situação "vexatória" e "complicada" — repetiu, incisivo, sem acrescentar mais nada.

— Imagino que seja, mesmo — disse ela sorrindo, compreensiva.

Mas Stephen notou uma indisfarçável nota de tristeza na voz dela. Era evidente que Helene ficara preocupada com a presença de uma desconhecida na casa dele, e isso o intrigou. No seu círculo social, nem mesmo a presença de uma esposa impedia um homem de ter amantes. Na aristocracia, os casamentos em geral aconteciam entre dois estranhos que pretendiam permanecer exatamente estranhos depois que fizessem um herdeiro.

Nenhuma das partes era obrigada a abandonar seu estilo de vida para seguir o da outra parte, e eram comuns casos amorosos extraconjugais, tanto entre maridos quanto entre esposas.

Inclinando-se de novo, ele beijou a boca de Helene e deslizou uma das mãos pelas coxas nuas e macias.

— Você está se preocupando à toa tranquilizou-a. Ela é apenas uma mulher *só*, sem lar aqui na Inglaterra, que está em minha casa recuperando-se de um acidente, *à* espera da família que vem buscá-la.

Mas assim que saiu da casa que dera à amante, apesar de relutar, encarou o fato de que Charise Lancaster estava muito longe de ser uma pobre mulher desamparada. Na verdade, era corajosa, inteligente, espontânea, divertida, naturalmente sensual, e uma companheira inigualável. A surpreendente e irritante verdade era que ele gostara mais da companhia dela naquela noite do que de ir ao teatro e estar na cama com Helene. Sherry também gostava de sua companhia, de conversar e rir com ele, de estar entre seus braços...

Esses pensamentos haviam gerado a ideia de uma possibilidade que ele considerara enquanto a carruagem se dirigia para sua casa, na Upper Brook Street: Burleton nada tinha a oferecer a Charise Lancaster a não ser um pequeno título de nobreza e a respeitabilidade do casamento; ela e o pai pareciam contentar-se com isso. Horas depois da repentina morte do barão, Stephen tomara providências para o funeral e começara a inquirir sobre os negócios do jovem falecido a fim de verificar se precisava resolver alguma coisa que houvesse ficado em suspenso. Descobrira que Burleton se dedicava intensamente ao jogo. Naquela manhã mesmo, quando o escritório de Matthew Bennett lhe entregara um gordo relatório, soubera que o barão dilapidara a pequena fortuna que herdara do pai. Além de um monte de dívidas de jogo, que o conde pretendia saldar, o falecido nada deixara: nenhuma propriedade, jóias de família, nem uma carruagem sequer. Os excessos no jogo haviam consumido inclusive algum dinheiro que ele porventura tivesse recebido como dote ao contratar casamento com Charise Lancaster.

Em um ano ou dois de casada, Sherry estaria vivendo em distinta pobreza, como o barão de Burleton vivia na ocasião de sua morte, sem nenhum benefício trazido do casamento além de um título de nobreza equivalente ao menor dos títulos de Stephen. Westmoreland chegou à conclusão de que não tinha intenção de casar-se com a jovem americana, mas

poderia aliás, com enorme boa vontade oferecer-lhe o mundo se continuassem a gozar a companhia um do outro nas semanas seguintes e se ela estivesse disposta a aceitar um acordo nos termos dele...

Se ela estivesse disposta a aceitar um acordo...

De súbito, a baixeza do que estava planejando o chocou, fazendo-o sentir nojo de si mesmo. Charise Lancaster era uma virgem ingênua, não uma cortesã. E mesmo que tivesse passado e experiência para entender o que aquele tipo de relacionamento significava, era jovem demais para ele, que por sua vez era um homem vivido e desgastado demais para ela.

Felizmente, não era cínico, debochado ou *entediado* o bastante para oferecer-lhe um acordo que roubaria sua virtude e todas as chances de respeitabilidade. Era-lhe difícil acreditar que tivesse tão pouca moral, que fosse tão vil a ponto de, após ter matado o jovem noivo, em tão pouco tempo estivesse pensando em tomar como amante a noiva do homem que matara. Era revoltante, era uma loucura. Havia anos que se conformara por ter perdido seus ideais, mas até aquele momento não sabia que perdera também o juízo.

Sentindo-se um desprezível degenerado, Stephen resolveu que daquele momento em diante se tornaria o guardião de Sherry e que só pensaria nela nos termos mais impessoais. Desse modo, não apenas devia garantir que ela ficasse bem de saúde e em segurança, como evitar qualquer contato físico entre eles.

Ela podia não ver mal algum em pequenas liberdades porque pensava que eles eram noivos, mas ele sabia muito bem que não era assim e iria lembrar-se disso no futuro! *Uma* pessoa com perda de memória já era o bastante!

Desejava ardentemente que ela ficasse boa logo, e começava a sentir-se menos culpado por tê-la privado do noivo verdadeiro. Charise merecia alguém melhor do que o jovem barão de Burleton. Esse jamais seria homem o bastante para ela: era imaturo demais, irresponsável demais e pobre demais. Aquela moça precisava, e merecia, ser agasalhada por peles caras e viver em um luxo suntuoso.

No fundo da mente, o conde tinha consciência de que era dele a responsabilidade de encontrar alguém em condições para ela, mas não queria pensar nisso por enquanto, pois estragava seu humor, e pretendia salvar o restante da noite tornando-a agradável para ambos.

Tentando descobrir quando se desenvolvera nele esse fraco por virgens desvalidas e essa

estranha preferência por virgens desvalidas com cabelos cor de fogo, Stephen parou um instante no salão vazio, preparando-se para desempenhar o dever de guardião entretendo sua hóspede.

Só que a mansão estava silenciosa e deserta como um túmulo.

Enfiando as mãos nos bolsos, voltou-se lentamente, ainda esperando que Sherry, ou um criado, se materializasse num dos cantos do salão. Como nada disso aconteceu, voltou para o *hall*, disposto a ir deitar-se ou acordar sua eficiente criadagem, que se tornara inexplicavelmente relapsa naquela noite. Aproximava-se do cordão da campainha quando ouviu um fraco som de vozes vindo de algum lugar nos fundos da mansão. Em seguida fez-se absoluto silêncio de novo.

Intrigado, Stephen encaminhou-se na direção de onde o som viera, e o barulho de seus passos ecoou pelo piso ladeado de colunas que do *hall* dava para um corredor que levava aos fundos. Parou no final desse corredor com a cabeça levemente inclinada, ouvindo atento o silêncio. Sem dúvida Sherry devia ter se deitado horas antes, imaginou, aborrecido por ter trocado os braços acolhedores de sua ardorosa amante por aquela casa silenciosa e fria.

Já ia girando o corpo para voltar ao *hall* quando estacou ao ouvir a voz alegre de Sherry vinda da cozinha:

— Muito bem. Então, vamos tentar de novo, todos juntos... só que Mr. Hodgkin tem que vir aqui para perto de mim e cantar mais alto, para eu aprender a letra direito. Prontos? ... Então, já!

As vozes dos criados elevaram-se, em coro, cantando uma das bonitas canções de Natal que, desde a Idade Média, toda criança inglesa aprende. Stephen caminhou para a cozinha, e sua irritação foi crescendo ao pensar em Sherry ali com os preguiçosos criados, em vez de estar sendo atendida por eles na parte nobre da mansão. Ao chegar à ampla porta da imensa cozinha, parou, sem conseguir acreditar na cena que se desenrolava diante de seus olhos.

Cinquenta criados, em seus diferentes uniformes, de acordo com as funções, estavam dispostos em cinco perfeitas fileiras, com Sherry e o velho Hodgkin diante deles. Normalmente a criadagem se dispunha em rígida hierarquia há séculos, com o mordomo-chefe e a governante no lugar de honra. Mas era óbvio que a jovem americana os organizara sem dar a menor importância a qualquer regra ou decoro, provavelmente de

acordo com a habilidade de cantar de cada um. O pobre Colfax, mordomo chefe da mansão, encontrava-se relegado ao último lugar de uma das fileiras, entre uma criada de quarto e uma lavadeira, enquanto seu arqui-rival pela supremacia no comando dos criados Damson, o criado de quarto do conde conseguira o primeiro lugar em uma das fileiras. Damson, o cavalheiro dos cavalheiros, rigidamente superior, que raramente se dignava a falar com alguém que não fosse Stephen, tinha um braço passado pelos ombros de um laçao, e os dois entoavam suas harmonias com prazer, olhar extasiado fixo no teto, as cabeças quase unidas.

O quadro era tão irreal, muito além da imaginação de Stephen, que ele ficou imóvel durante vários minutos, ouvindo e olhando os laçaios, criados, cavaleiros, criados de quarto e mordomos, esquecidos de seus níveis e librés, cantando em democrática harmonia com criadas de quarto, arrumadeiras, lavadeiras, cozinheiras e ajudantes de cozinha com seus alvos aventais, obedecendo prazerosamente a um mordomo inferior de bastos cabelos brancos, que movimentava animadamente as mãos como se regesse uma orquestra sinfônica.

O lorde ficou tão empolgado com a cena à sua frente que só depois de vários minutos notou que Damson e o laçao, assim como muitos outros criados, tinham vozes muito bonitas. De súbito, percebeu que estava gostando mais da performance amadora em sua cozinha do que do espetáculo profissional que vira no teatro.

Enquanto procurava descobrir por que eles cantavam uma canção de Natal em plena primavera, Sherry juntou-se ao coro, e o som de sua voz pura, cristalina, superpôs-se suavemente às vozes dos tenores, barítonos e contraltos. Stephen nem notou que parara de respirar enquanto ouvia. Quando as notas eram graves, ela as cantava com tal naturalidade que o improvisado coro de vez em quando era interrompido por exclamações admiradas intercaladas no canto; quando a melodia atingia as notas mais agudas, ela as alcançava sem qualquer esforço, com tal potência e clareza, que cada canto da vasta cozinha parecia reverberar com a beleza de sua voz.

Quando a canção chegou ao seu apoteótico final, um garotinho de uns sete anos adiantou-se e mostrou a mão enfaixada para Sheridan, enquanto dizia, sorrindo:

— Minha mão ia doer menos, senhora, se eu pudesse ouvir mais uma linda canção.

No umbral da cozinha, Stephen endireitou os ombros e abriu a boca para dizer ao

menino que não a incomodasse, mas Damson começou a falar primeiro e o conde calou-se, achando que seu criado de quarto ia dizer o que ele pretendia. Em vez disso, Damson disse:

— Tenho certeza de estar falando por todos, *miss*, quando digo que a senhorita tornou esta noite extraordinária oferecendo-nos sua companhia e, perdoe meu atrevimento, sua *maravilhosa* voz!

Esse longo e floreado discurso arrancou um sorriso confuso e tímido de Sherry, que se inclinou para ajeitar a faixa na mão machucada do garotinho.

— O que Mr. Damson quis dizer traduziu o mordomo-chefe Colfax, lançando um olhar furibundo para o criado é que todos nós gostamos demais destas horas, *miss*, e que ficaríamos profundamente agradecidos se a senhorita fizesse a bondade de prolongá-las mais um pouquinho.

O garotinho olhou primeiro para Colfax, em seguida para Damson e, por fim, para Sherry, que estava de cabeça baixa e sobranceiras franzidas, pelo que via sob a bandagem.

— O que os dois quiseram dizer, *miss* — esclareceu ele, muito sério, — é: será que podemos cantar outra música, por favor?

— Ah — riu Sheridan, e Stephen viu que ela dava uma piscadela de conspiração para o mordomo-chefe e o criado de quarto. Endireitou o corpo e perguntou:— Então, era isso que vocês queriam dizer?

— Sem dúvida — confirmou o Damson, com um olhar depreciativo para Colfax.

— Bem, posso dizer o que é que *eu* quis dizer — declarou o mordomo-chefe.

— Então, podemos?— indagou o pequeno, ansioso.

— Podemos sim— afirmou ela, sentando-se na beirada da mesa e pondo o garoto no colo.— Mas, agora, quero ouvir vocês, para aprender outra de suas canções.— Olhou para Hodgkin, que, radiante, a fitava, esperando ordens. — Acho que poderia ser aquela primeira, Mr. Hodgkin, aquela que vocês cantaram para mim, que falava de ”uma noite de Natal branca de neve, com o calor de uma acha de lenha em brasa”...

O velho mordomo assentiu, emocionado, ergueu as mãos exigindo silêncio, agitou os braços, dramático, e os criados todos iniciaram ao mesmo tempo um exuberante cântico natalino. Stephen mal os via e ouvia. Tinha os olhos presos à imagem de Sherry, sorridente, com o pequenino no colo; de vez em quando ela murmurava algo ao ouvido dele, colocava a mão no rostinho radiante e o apertava contra o peito. O quadro que os dois formavam era

de uma ternura maternal tão eloquente, e emocionou o conde de tal maneira, que ele tratou de acabar com aquele encanto.

Dando um passo à frente, inexplicavelmente ansioso por se livrar da visão que tinha diante dos olhos e rompendo aquele clima aconchegante, perguntou:

— Já estamos no Natal?

Se estivesse com um revólver em cada mão, sua irrupção não faria um efeito mais galvanizante e aterrador sobre os alegres cantores improvisados. Cinquenta criados pararam de cantar e recuaram para o fundo da cozinha, tropeçando uns nos outros na pressa e aflição de se distanciar do patrão. Até mesmo o meninozinho saltou do colo de Sherry e escapou antes que ela conseguisse retê-lo. Só Colfax, Damson e Hodgkin fizeram uma retirada mais digna, e mesmo assim muito cautelosa, desaparecendo da cozinha.

— Eles morrem de medo de você, não?— perguntou Sherry, feliz por vê-lo de volta mais cedo do que esperava.

— Não o bastante para se conservarem em seus postos, é evidente — retorquiu Stephen, mas teve que rir ao ver a expressão de culpa no rosto lindo.

— Foi por minha causa — acusou-se Sherry.

— Imaginei que fosse.

— Como?— desafiou ela.

— Graças aos meus magníficos poderes de dedução!— disse ele, com uma reverência exagerada.— Jamais ouvi meus criados cantarem, e nunca encontrei minha casa tão deserta como hoje.

— Eu me sentia muito triste, sozinha, e resolvi explorar a mansão... — explicou Sherry. Quando cheguei aqui, Ernest, o meninozinho, havia acabado de queimar a mão numa chaleira com água fervendo.

— E você resolveu curá-lo organizando um coro de criados?

— Não. Fiz isso porque todos eles me pareceram sós e tristes como eu.

— Por acaso você estava se sentindo doente?

Stephen mostrava-se preocupado, observando-a atento. Charise parecia estar bem. Muito bem. Adorável, vibrante *e...* perturbada.

— Não. Eu estava...

— Sim? — pressionou o conde, ao ver que ela hesitava.

— Estava triste porque você saía.

A resposta cândida fez o coração dele apertar-se de surpresa e... de algo mais, um sentimento que ele não conseguiu identificar, e que nem quis tentar. E como, para todos os efeitos, ela era sua noiva, pareceu-lhe muito apropriado, e agradável, inclinar-se e beijar-lhe a face corada, apesar de há poucos minutos ter prometido a si mesmo que manteria um relacionamento puramente platônico com ela. E foi muito natural o beijo escorregar para os lábios, e suas mãos a segurarem pelos ombros, apertando-a contra si por um momento. O que não pareceu nada natural e seguro ao lorde foi o modo como seu próprio corpo reagiu instantaneamente, assim que ela se encostou nele e apoiou as mãos em seu peito. Menos natural ainda, e mais perigoso, foi o terno pensamento que lhe surgiu na mente: *Senti muito a sua falta esta noite!*

Stephen largou-a como se os ombros dela lhe queimassem as mãos e recuou, mas em seu rosto permaneceu a expressão de ternura que ele lutava por apagar. Estava tão preocupado com isso que concordou automaticamente quando ela sugeriu que esperasse, enquanto ia preparar algo para beberem.

Depois de arrumar xícaras, uma chocolateira e outras coisas numa bandeja, Sheridan aproximou-se e sentou-se do outro lado da mesa, diante dele. Apoiou o queixo nas mãos e ficou a olhá-lo com um suave sorriso, enquanto Stephen observava que as chamas da lareira punham reflexos de cobre nos cabelos dela e lhe davam certo rubor às faces.

— Deve cansar muito ser conde — comentou Sherry, de súbito.

— Como se tornou conde?

— Conde? — despertou ele.

Ela assentiu, então olhou a panela que pusera no fogo e ergueu-se rápido, enquanto dizia:

— Outra noite, depois do jantar, você me disse que tem um irmão mais velho que é duque, e comentou que recebeu seus títulos por falta de outro herdeiro.

— É verdade — confirmou Stephen, acompanhando os graciosos movimentos com que ela preparava fosse lá o que fosse.

— Meu irmão herdou o título ducal e vários outros de nosso pai. Os meus vieram de um tio. Segundo os termos de uma carta-patente e de um parágrafo especial acrescentado por uma das gerações de meus ancestrais, os condes de Langford podem designar para quem

devem ir seus títulos, caso não tenham herdeiros diretos.

Ela sorriu distraída, assentiu, e o nobre percebeu com surpresa que ela não estava interessada num assunto que em geral fascinava todas as mulheres que conhecia.

O chocolate está pronto. Sherry despejou o chocolate na chocolateira, acrescentou um prato com docinhos à bandeja e colocou-a sobre a mesa, entre os dois. Espero que você goste. Parece-me que sei fazer chocolate, mas não tenho certeza se está bom...

Sheridan demonstrava orgulho por lembrar-se de como se fazia chocolate, mas pareceu esquisito a Stephen que não lembrasse, também, que era uma tarefa relegada *aos* criados. Na verdade, ela era americana, e talvez na América as mulheres da alta classe se dedicassem mais à cozinha do que as inglesas.

— Espero que você goste— repetiu ela, parecendo em dúvida. — Podemos ir tomá-lo na saleta...

— Tenho certeza que vou gostar — garantiu ele, desonesto. A última vez em que bebera chocolate quente perdia-se no passado. Há muito tempo preferia um cálice de xerez ou uma dose de um bom conhaque, àquela hora da noite. De súbito, com medo que ela lesse seus pensamentos, declarou com ênfase:

— O cheiro está delicioso, e todas aquelas músicas sobre o Natal, lareiras e neve abriram meu apetite para um bom chocolate quente.

Stephen carregou a pesada bandeja de prata pelo *hall*, passou por três lacaios de queixo caído e dirigiu-se à saleta. Colfax encontrava-se em seu costumeiro posto junto à porta de entrada e deu um passo adiante, com a evidente intenção de tirar a bandeja das mãos do conde, mas este o deteve com um ácido comentário sobre o fato de que ele e Miss Lancaster já se haviam arranjado sem nenhuma ajuda e que não havia motivo para ninguém se incomodar, uma vez que a maior parte do trabalho já tinha sido feita.

Estavam no meio da saleta quando a aldrava da porta de entrada foi erguida e baixada com enfática regularidade. Lorde Westmoreland havia recomendado que possíveis visitas fossem informadas de que ele não estava e despachadas o mais rápido possível, mas um instante depois ele ouviu um coro de vozes animadas e gemeu, desconsolado.

— Tenho certeza que ele *está* em casa, Colfax — foram as claras palavras da mãe do conde.— Antes de irmos para Londres, recebemos uma carta de lorde Westmoreland anunciando sua intenção de ir para o campo. Mas, como não apareceu, resolvemos vir.

Muito bem, onde ele está escondido?

Sentindo a testa coberta de suor, Stephen voltou-se bem a tempo de ver a mãe, o irmão, a cunhada e um amigo entrarem na saleta: um verdadeiro exercitozinho disposto a uma acirrada batalha contra o que considerava um comportamento anti-social.

— Não gosto disso, querido! — anunciou sua mãe, marchando em sua direção para beijar-lhe o rosto. — Você está muito... — Seus olhos deram com Sheridan e a voz dela baixou:— sozinho.

— Sozinho demais!— apoiou Whitney Westmoreland, de costas para o interior da saleta, enquanto Colfax a livrava da capa. Clayton e eu pretendemos levá-lo aos bailes e reuniões mais importantes nas próximas seis semanas.

Passou um braço pelo do marido e ambos começaram a andar em direção ao conde, porém estacaram depois de dar três passos.

O conde lançou um olhar de desculpas a Sherry, que parecia completamente desorientada, à beira do pânico.

— Não se aflija— murmurou ele. — Todos vão gostar de você assim que a surpresa passar.

No espaço de alguns tensos segundos, Stephen considerou rapidamente todos os meios, plausíveis e implausíveis, de lidar com o que ameaçava ser um tremendo desastre; mas não podia pedir que Miss Lancaster se retirasse para se explicar: ela iria sentir-se humilhada e ficaria mais insegura. Não tinha saída a não ser improvisar e dar sequência à farsa diante de sua família; mais tarde explicaria tudo a eles, depois que sua "noiva" fosse se deitar.

Disposto a enfrentar a situação, lançou um olhar de advertência ao irmão, pedindo-lhe que cooperasse para não piorar a situação, mas Clayton, com ar admirado e divertido, prestava toda a atenção em Sheridan e na bandeja que o lorde segurava.

— Que cena doméstica, Stephen!— exclamou, irônico. Impaciente, o conde colocou a bandeja numa mesinha, olhou para a porta, onde Colfax aguardava ordens para servir bebidas, fez um aceno para que o mordomo as providenciasse de imediato, então voltou-se para o pequeno grupo e começou as apresentações:

— Mãe, apresento-lhe Miss Charise Lancaster.

— Sherry fitou a futura sogra, percebeu que estava sendo apresentada a uma duquesa viúva e entrou em pânico porque não sabia o que dizer. Lançou um olhar desesperado para

Stephen e perguntou, num murmúrio que soou claramente no pesado silêncio da espera:

— Uma reverência comum é o bastante?

— É...

Ao fazer a graciosa reverência, Sherry sentiu que seus joelhos amoleciam; lançou mão de uma coragem que não sabia ter, endireitou o corpo e, sustentando o olhar penetrante da senhora, disse cortesmente:

Stephen segurou-lhe de leve o cotovelo, em parte para dar-lhe apoio, em parte para fazê-la avançar, e sorriu-lhe de modo tranquilizador:

— Estou muito feliz em conhecê-la, madame, quero dizer, *Alteza*.

Voltando-se, esperou que Stephen a apresentasse à cunhada, uma linda mulher de cabelos negros a quem ele chamara de Whitney, cujos enormes olhos verdes fitavam-na com indisfarçado espanto. Mais uma duquesa!, pensou Sherry, aflita, mais velha do que ela, porém não muito. Devia ou não fazer uma reverência? Como se intuisse as dúvidas dela, Whitney estendeu a mão e disse, com um sorriso hesitante:

— Muito prazer em conhecê-la, Miss Lancaster.— Agradecida por aquela atitude, depois de apertar-lhe a mão Sheridan voltou-se para ser apresentada ao duque, um homem muito alto, de cabelos castanho-escuros, parecido com seu noivo na altura, no físico forte e nas feições.

— Alteza — murmurou, com uma reverência.

O quarto membro do grupo era um bonito homem de cerca de trinta anos, chamado Nicholas DuVille, que depositou um galante beijo no dorso da mão dela e disse estar "encantado" por conhecê-la, fitando-a de uma maneira que a fez sentir-se como se acabasse de receber um caloroso elogio.

Terminadas as apresentações, ela esperou que um dos parentes de Stephen lhe desse as boas-vindas à família ou, pelo menos, lhe desejasse felicidade. Mas ninguém parecia disposto a falar.

— Miss Lancaster esteve doente...

À explicação do conde os três pares de olhos fixaram-se nela, como se temessem vê-la perder os sentidos, aliás coisa que ela gostaria muito que lhe acontecesse no momento.

— Não se trata de uma doença, de fato — corrigiu Sherry.— Foi um ferimento, por causa de uma pancada na cabeça.

— Por que não nos sentamos? propôs Stephen, amaldiçoando o destino por ter armado aquela situação difícil, que prometia piorar.

Era evidente que Sherry não podia imaginar o que sua família pensava, mas ele podia. Tinham-no encontrado com uma mulher sozinha, sem acompanhante, o que significava que a moralidade dela devia ser questionada seriamente; quanto a ele, devia ser julgado por ter levado essa mulher para casa, principalmente em hora nada adequada para visitas. Além de tudo, se ela era amante dele, o conde cometera uma ofensa imperdoável apresentando-a aos familiares. Como não o imaginavam capaz de uma atitude tão grosseira, todos esperavam, pacientes, por uma espécie de explicação sobre quem era ela, onde sua acompanhante se encontrava ou onde ele estava com a cabeça...

Procurando ganhar tempo, Stephen levantou-se quando o mordomo se aproximou com uma bandeja de copos e garrafas.

— Ah, aí está Colfax!— exclamou, com expressão desesperada.— Mãe, o que deseja beber?

O tom de voz em que o conde falou fez com que a duquesa o fitasse, intrigada, mas ela percebeu que o filho desejava sua cooperação silenciosa e a deu. Com um bem-educado sorriso, fez que não com a cabeça, indicando a bandeja que o criado colocara sobre o aparador, e olhou para a que Stephen trouxera.

— É mesmo cheiro de chocolate que estou sentindo?— perguntou, animada. Sem esperar resposta, disse ao mordomo:— Creio que prefiro chocolate, Colfax.

— No seu lugar, eu tomaria um vinho do Porto— preocupou-se o conde.

— Não. Acho que quero chocolate mesmo — confirmou a mãe. Em seguida, demonstrou sua habilidade em pressionar com finura:— Notei que tem sotaque americano, Miss Lancaster... Há quanto tempo está na Inglaterra?

— Há pouco mais de duas semanas.

A voz de Sheridan mostrava-se tensa pela confusão e insegurança. Aquelas pessoas nada sabiam dela, apesar de estar noiva de um membro da família. Era uma situação esquisita. Muito esquisita.

— É a primeira vez que vem aqui?

— É...

Desamparada, Sherry olhou para Stephen, o peito se apertando de ansiedade e um

irracional mau pressentimento.

— E o que a trouxe aqui?

— Miss Lancaster veio para a Inglaterra porque é noiva de um inglês — disse Stephen em socorro dela, rezando para que o coração da mãe continuasse forte.

O corpo inteiro da duquesa pareceu descontraír-se, e sua expressão tornou-se amável:

— Que bom... — começou ela, e calou-se para olhar o mordomo, que servira vinho do Porto e o oferecia a ela, apesar de sua preferência por chocolate.— Colfax, pare de passar esse vinho por baixo do meu nariz. Prefiro chocolate quente.— Sorriu para Sherry, enquanto o mordomo distribuía vinho do Porto para os demais presentes. — De quem é noiva, Miss Lancaster? — indagou, curiosa, enquanto se inclinava para pegar a xícara de chocolate.

— Ela é minha noiva — esclareceu o conde.

O silêncio pareceu explodir na sala. Se a situação não fosse tão séria, Stephen teria rido das várias reações ao que declarara.

— Su... sua... noiva?— gaguejou a mãe, atordoad.

Sem dizer mais nada, colocou a xícara de chocolate sobre a mesinha e pegou um cálice de vinho da bandeja que Colfax deixara ao seu alcance. À direita de Stephen, o irmão olhava-o com fascinada descrença, e a cunhada tornara-se uma perfeita estátua, com o cálice de vinho esquecido na mão, que se congelara a meio caminho dos lábios, como se ela estivesse fazendo um brinde. Colfax dividia sua angustiada simpatia entre a mãe e a noiva do conde, enquanto Nicholas DuVille observava atentamente a manga de sua casaca, sem dúvida desejando estar muito longe dali.

Ignorando aquela situação complicada por alguns instantes, Stephen voltou-se para Sheridan, que olhava para as mãos unidas no colo, com a cabeça abaixada em mortificação diante da insultante falta de entusiasmo dos futuros parentes ao conhecê-la. Pegando-lhe uma das mãos, ele apertou-a, protetor, e deu-lhe a primeira explicação que lhe veio à mente:

— Você queria esperar conhecer minha família para só então contarmos que vamos nos casar mentiu,— com o que esperava ser um sorriso convincente. — É por isso que eles parecem tão surpreendidos.

— Parecemos surpreendidos porque *fomos* surpreendidos— disse a duquesa, seca,

olhando-o como se ele tivesse perdido o juízo.— Quando vocês se conheceram? *Onde* vocês se conheceram? Você não vai a...

Responderei a todas as suas perguntas daqui a alguns minutos interrompeu-a o conde, com uma voz contida que silenciou a mãe antes que ela dissesse que ele não ia à América há anos. Voltando-se de novo para Sherry, indagou, gentil:— Está pálida, minha querida. Não quer subir e deitar-se?

Ela queria muito escapar daquela sala, da pesada tensão que pairava no ar, mas havia algo muito estranho naquilo tudo, e sentiu medo de ausentar-se.

— Não decidi. Acho que prefiro ficar.

Fitando profundamente os magoados olhos cinzentos, Stephen pensou no que aquele momento teria sido para ela se ele não houvesse matado seu verdadeiro noivo. De fato, Burleton não era um partido de alta qualidade, mas gostavam um do outro, e certamente Sherry não seria submetida àquela humilhante falta de entusiasmo por parte da família dele, se é que ele a tinha.

— Bem, se prefere ficar...— tentou brincar — eu vou dormir, enquanto *você* fica aqui e explica para a minha família que sou um... um tolo sentimental... que você faz o que quer comigo e me convenceu de que não devíamos comunicar-lhes nosso noivado *antes* que tivessem oportunidade de conhecê-la pessoalmente.

Sherry sentiu-se como se ele tivesse tirado um enorme peso de seus ombros.

— Oh... — murmurou com um sorriso embaraçado, enquanto olhava para os demais ocupantes da sala. — Foi isso o que aconteceu, então?

— *Você não sabe?*— indagou a duquesa diretamente, no que Stephen julgou ser a única falta de compostura da vida de sua mãe.

— Não, *milady*... É que eu perdi a memória— respondeu Sherry, com tanta doçura e coragem que o conde sentiu o peito doer de admiração.— Sei que é uma grande inconveniência, mas pelo menos posso garantir que não se trata de nenhuma doença mental hereditária. É simplesmente consequência de um acidente bobo que aconteceu no porto, ao lado do navio que...

A voz dela falhou, e Stephen evitou outra embaraçosa bateria de perguntas levantando-se, decidido a fazê-la subir.

— Você está cansada e Hugh Whitticomb vai cortar minha cabeça se não estiver bem-

disposta e saudável amanhã cedo, quando ele chegar — disse, gentil. — Deixe-me levá-la para o seu quarto, diga boa-noite a todos.

— Boa noite a todos — obedeceu Sheridan, com um sorriso hesitante. — Tenho certeza que vocês sabem que Lorde Westmoreland é terrivelmente protetor.

Ao retirar-se, ela pôde perceber que, enquanto os demais a fitavam como se a achassem esquisita, Nicholas DuVille olhava-a com um suave sorriso, como se a considerasse mais interessante do que estranha. Sherry procurou guardar na memória aquele sorriso encorajador, enquanto fechava a porta de seu quarto e se sentava na beira da cama, com a mente girando de dúvidas assustadoras e perguntas sem respostas.

CAPÍTULO 20

Quando Stephen voltou para a saleta, alguns minutos mais tarde, quatro pares de olhos acompanharam seu progresso através da sala, mas todos esperaram até que estivesse sentado para fazer suas perguntas. No entanto, assim que ele se acomodou na poltrona, as duas mulheres falaram ao mesmo tempo.

Sua mãe indagou:

— Que acidente?

A cunhada quis saber:

— Que navio?

Stephen olhou para o irmão a fim de saber qual era sua primeira pergunta, mas Clayton apenas o fitou com as sobrancelhas erguidas e comentou, pensativo:

— Não consigo entender de onde você tirou que é um "tolo sentimental", nem como ela chegou à conclusão que você é "terrivelmente protetor".

Nicholas DuVille teve o bom gosto de ficar calado, mas o conde percebeu nitidamente que o francês estava se divertindo muito com a situação. Pensou, irritado, em providenciar uma carruagem para levá-lo embora, mas DuVille era um velho amigo de Whitney e, o que era mais importante, a presença dele impediria que a digníssima mãe de Stephen tivesse um de seus aborrecidos ataques histéricos.

Satisfeito ao ver que o pequeno grupo estava mais do que preparado para ouvir a verdade, Stephen descansou a cabeça no encosto da poltrona, fitou o teto e começou, com voz calma e clara:

A cena que vocês acabam de testemunhar entre Charise Lancaster e mim é uma grande farsa. Tudo começou com um acidente de carruagem, há pouco mais de duas semanas... Um acidente pelo qual sou responsável e que iniciou uma cadeia de acontecimentos que vou lhes contar. A moça que conheceram agora é tão vítima desses acontecimentos quanto seu falecido noivo, um jovem barão chamado Arthur Burleton.

Num sofá do outro lado da mesinha, diante do conde, Whitney comentou, consternada:

— Arthur Burleton é... era um desclassificado.

— Pode ter sido— assentiu o conde, com um suspiro,— mas eles gostavam um do outro e iam casar-se. Como irão verificar depois que eu contar tudo, Charise Lancaster, que

vocês imaginam ser uma moça sem juízo ou uma caçadora de títulos e fortunas que me levou a pedi-la em casamento, é apenas uma inocente e lamentável vítima da minha negligência e desonestidade...

Quando Stephen terminou de contar tudo o que acontecera e de responder às perguntas de todos, um longo silêncio caiu sobre os ocupantes da sala, como se cada qual estivesse mergulhado nos próprios pensamentos. Erguendo seu cálice, o conde tomou um longo gole, como se o vinho pudesse apagar de algum modo a amargura e o arrependimento que sentia.

Seu irmão foi o primeiro a falar:

— Se Burleton estava bêbado o bastante para enfiar-se embaixo das patas dos cavalos, numa via pública onde a visão era prejudicada pela neblina, com certeza foi apenas ele o responsável pela própria morte.

— A responsabilidade foi minha — retrucou Stephen, recusando a tentativa que Clayton fazia para absolvê-lo. — Eu dirigia uma parelha de cavalos fogosos e devia ser capaz de mantê-los sob controle.

— Foi seguindo essa lógica que você concluiu que também é responsável pelo rompimento da rede e pela queda da carga que atingiu Charise Lancaster?

— Claro que sim — confirmou Stephen, sombrio. — Ela não estaria no local em que o caixote caiu, nem eu teria permitido que se dirigisse àquele ponto perigoso, se não estivéssemos ambos preocupados com a morte de Burleton. Se não fosse minha falta de cuidado nessas duas ocasiões, Charise Lancaster não teria perdido a memória, seria hoje a esposa de um barão inglês e teria diante de si a vida que escolheu.

— Uma vez que já fez o próprio julgamento e chegou à conclusão de que é culpado — argumentou Clayton, esquecendo-se da presença de DuVille, — decidiu também qual será sua pena?

Todos os presentes sabiam que Clayton se sentia nervoso e assustado com a amarga auto-recriminação que vibrava na voz do irmão, mas foi Nicholas DuVille que dissipou a atmosfera carregada, interferindo de modo bem-humorado:

— Com a interessada intenção de evitar um sangrento duelo entre vocês dois de madrugada, o que me obrigaria a levantar em inconveniente e pouco civilizado horário para agir como testemunha, posso respeitosamente sugerir que voltem suas férteis mentes para conseguir possíveis soluções para os problemas, em vez de discutir por causa deles?

— Nicholas tem toda a *razão* — *murmurou* a duquesa mãe para seu cálice vazio, com expressão sombria e preocupada. Erguendo os olhos, acrescentou:— Sei que não é justo envolvê-lo em nossas questões familiares, DuVille, mas é óbvio que entre nós o senhor é o único que pode pensar com mais clareza, por ser o menos envolvido.

— Obrigado, Alteza. Nesse caso, posso expor o que penso do assunto? — Uma vez que as duas damas assentiram, enfáticas, e nenhum dos cavalheiros pôs objeções, Nicki disse:— Se entendi tudo corretamente, parece que Miss Lancaster era noiva de um incapaz sem um centavo, pelo qual nutria ternos sentimentos, mas que nada tinha a oferecer-lhe, a não ser um pequeno título de nobreza. Estou certo até aqui?

Stephen assentiu, sem demonstrar sentimento algum.

— E— prosseguiu Nicki — por causa de dois acidentes pelos quais milorde se sente responsável, agora Miss Lancaster não tem noivo, nem memória. Correto?

— Correto— concordou o conde.

— Segundo entendi, o médico da família Westmoreland acredita que a memória dela deverá voltar a qualquer momento. Isso também é correto?

O lorde anuiu e Nicki continuou:

— Portanto, a única perda que ela realmente sofreu, e pela qual milorde tem certos motivos para sentir-se responsável, foi a do noivo, que tinha um pequeno título e grandes maus hábitos.— Nesse caso o francês ergueu o cálice num arremedo de brinde ao próprio raciocínio,— parece-me que milorde pode saldar sua dívida com essa jovem simplesmente arranjando um noivo que ocupe o lugar de Burleton. Se o noivo que o senhor escolher for, além de tudo, um homem decente, capaz de oferecer a ela um alto nível de vida, não apenas estará isento de culpa, como também a terá salvo de uma vida de sofrimento e degradação. Fitou Whitney e Stephen, e perguntou:— Então, como me saí?

— Eu diria que se saiu muito bem — sorriu o conde. — Tive uma ideia similar à sua. Só que acrescentou, franzindo as sobrancelhas— é mais fácil ter a ideia do que executá-la.

— Mas podemos levá-la adiante, desde que ponhamos o cérebro para funcionar!— exclamou Whitney, ansiosa por uma solução qualquer, desde que dissipasse a sensação de culpa do cunhado e lhe desse uma boa saída. — Tudo que temos a fazer é apresentá-la aos cavalheiros respeitáveis que estarão aqui durante a temporada.

A jovem duquesa olhou para a sogra em busca de apoio e recebeu um sorriso forçado

que encobria profundos temores.

— Acontece que há alguns probleminhas associados a esse plano...

A voz de Stephen soou seca, mas não conseguiu diminuir o entusiasmo da cunhada. Aliás, aquele plano parecia mais plausível agora do que nos dias anteriores, pois contava com as mulheres de sua família dispostas a ajudar. Sugeriu, então:

— Por que não pensamos no plano cada um por si e voltamos a conversar para discutir os vários aspectos amanhã, ali pela uma hora da tarde? — Todos assentiram, e então ele os preveniu:— Pelo bem de Sherry, é muito importante que levantemos todos os possíveis problemas e os solucionemos de antemão. Lembremse disso, quando pensarem sobre o assunto. Vou mandar um recado para Hugh Whitticomb vir também à reunião, para que tenhamos certeza de não pôr em perigo a recuperação dela, de maneira alguma.

Quando todos se ergueram para recolher-se, ele olhou para a mãe e a cunhada:

— A menos que eu esteja redondamente enganado, e sei que não é o caso, Sherry deve estar acordada e se torturando com perguntas sobre as reações de todos nós esta noite; perguntas às quais ela não pode responder...

Ele nem precisou continuar: Whitney e a duquesa mãe encaminharam-se apressadas para a porta, ansiosas por eliminar a infelicidade que haviam causado à noiva temporária de Lorde Westmoreland.

CAPITULO 21

De pé junto a uma das enormes janelas, olhando para a noite tão escura quanto sua memória, Sheridan estremeceu ao ouvir as delicadas batidas à porta do quarto e convidou quem batia a entrar.

— Viemos pedir que nos perdoe— disse a mãe de Stephen, caminhando em direção a ela. — Não entendemos nada sobre o noivado, o acidente e tudo o mais até que Stephen nos explicasse.

— Ainda bem que a encontramos acordada! — exclamou a bonita cunhada do conde. Ao fitar Sherry, seus olhos verdes tinham uma estranha expressão que parecia piedade. — Acho que não conseguiria dormir, depois do modo que agi com você.

Momentaneamente esquecida das regras da etiqueta social, que ensinavam a responder adequadamente ao pedido de desculpas de uma duquesa, Sheridan nem pensou em protocolo e fez o que pôde para acalmar a preocupação das duas aristocratas:

— Por favor, não se preocupem com isso pediu, com meiga sinceridade. Não sei o que deu em mim para querer que nosso noivado ficasse em segredo. Quando estou sozinha, fico pensando que sou um tanto... excêntrica.

— Acho Whitney Westmoreland— esforçou-se por sorrir, mas parecia muito triste — que é muito corajosa, Miss Lancaster.— Então, como se caísse em si, segurou as mãos de Sherry e seu sorriso tornou-se luminoso.— Ah! Bem-vinda à família, Charise: eu sempre quis ter uma irmã!

Algo sob aquela forçada e desesperada alegria na voz dela fez uma campainha de alarme soar no cérebro de Sheridan; suas mãos tremeram, e, ela as retirou das mãos da futura cunhada

— Obrigada... — Essa palavra soou tão inadequada quanto o silêncio que se seguiu, e ela tentou explicar, com um riso nervoso:— Não faço a *menor* ideia se algum dia quis ter uma irmã, mas tenho certeza que, se isso aconteceu, eu gostaria que ela fosse linda e adorável como você.

— Que coisa mais linda está dizendo! — admirou-se a duquesa-mãe.

Sua voz soara embargada, então ela envolveu a hóspede num abraço carinhoso e protetor. Depois ordenou-lhe que fosse direto para a cama, como se falasse com uma

criança.

Saíram, prometendo que se veriam logo cedo, na manhã seguinte, e Sherry ficou olhando, aturdida, a porta se fechar atrás das duas damas. As parentes de seu futuro marido eram tão imprevisíveis quanto ele: num momento mostravam-se frias, distantes, inatingíveis, e no outro, carinhosas, meigas e boas. Deitou-se, com a testa franzida, procurando uma explicação para tão repentina diferença no modo de agir.

Baseada em vários comentários que lera no *Posí* e no *Times* na semana anterior, constatou que os britânicos viam os americanos de várias maneiras, nenhuma delas muito lisonjeira: desde engraçados colonos mal-nascidos até incultos bárbaros. Sem dúvida as duquesas deviam imaginar o que teria levado Lorde Westmoreland a decidir casar-se com uma americana, o que explicaria a reação negativa que haviam tido ao conhecê-la. Era evidente que ele lhes dissera algo que as acalmara, mas o quê? Exausta devido às intermináveis perguntas que desfilavam por sua cabeça sempre que estava acordada, Sherry afastou o cabelo da testa e deitou-se de costas, fitando o dossel de sua enorme cama.

A duquesa de Claymore virou-se de lado, apoiou-se num cotovelo e observou as feições contraídas do marido, à luz da única vela acesa à cabeceira da cama deles, mas seus pensamentos agitados eram sobre a "noiva" de Stephen.

Clayton— murmurou, passando as pontas dos dedos de leve no braço dele.— Você está acordado?

Os olhos do duque continuaram fechados, mas seus lábios esboçaram um sorriso enquanto ela traçava um desenho em seu ombro, de leve, com a unha do indicador.

— Quer que eu esteja? — perguntou, malicioso.

— Acho que sim.

— Acha? Avise-me quando tiver certeza — murmurou ele.

— Você não notou algo esquisito no comportamento de Stephen esta noite? Quero dizer... o jeito como ele tratou Miss Lancaster, o noivado deles e tudo mais?

Os olhos dele se abriram apenas para lançar-lhe um rápido olhar, enquanto ele respondia:

— Como poderia não ser "esquisito" o comportamento de um homem que está temporariamente noivo de uma mulher que não conhece, que não ama, com quem não quer se casar... e sei lá mais o quê?

Whitney riu da reação do marido, depois mergulhou de novo em pensamentos e, por fim, disse:

— O que eu quero dizer é que notei nele uma suavidade que não via há anos.— Como Clayton nada dissesse, ela prosseguiu:

— Quer me dizer uma coisa? Acha Miss Lancaster bastante atraente?

— Posso lhe dizer qualquer coisa que a leve a me deixar fazer amor com você, ou então é melhor dormir...

Ela inclinou-se e beijou-lhe de leve a boca, mas, quando o marido começou a voltar-se, colocou a mão no peito dele e disse, com uma risada:

— Será que você *pode* me dizer se Miss Lancaster é tão atraente assim... de maneira não convencional?

— Se eu responder que sim, você me deixa beijá-la? — brincou ele, segurando-lhe o queixo e erguendo-lhe o rosto para um beijo.

Quando ele terminou, Whitney suspirou profundamente, mas determinou-se a dizer o que pensava antes de ser dominada pelo encanto sensual com que o marido sempre a envolvia.

— Acha que Stephen pode sentir um afeto... especial por ela?— sussurrou, junto aos lábios dele.

— Acho — provocou ele, deslizando a mão da nuca da esposa para um dos seios firmes — que você está querendo acreditar nessa possibilidade. Na minha opinião, DuVille parece mais inclinado a gostar dela do que Stephen, e eu bem que gostaria *se* isso acontecesse.

— E por que você gostaria?

— Porque — disse ele, apoiando-se em um cotovelo e forçando-a a deitar-se de costas se — DuVille tivesse sua própria mulher, deixaria de namorar a *minha*.

— Nicki não me "namora"! Ele... — Whitney esqueceu o que ia dizer quando a boca do marido interrompeu suas palavras e pensamentos.

CAPÍTULO 22

Erguendo-se nas pontas dos pés, Sherry pegou um livro sobre a América numa das estantes da biblioteca, dirigiu-se a uma das polidas mesas de mogno, sentou-se e abriu-o. Na tentativa de encontrar algo que despertasse sua memória, foi virando as páginas e procurando informações que por acaso reconhecesse. Havia vários e intrincados desenhos de baías com barcos e navios, largas ruas de cidades percorridas por carruagens, mas nada lhe parecia nem mesmo remotamente familiar. Uma vez que os assuntos do livro se encontravam dispostos em ordem alfabética, e como lhe parecia lógico que as figuras tivessem mais probabilidade de lhe despertar alguma lembrança do que o texto, voltou ao começo e pôs-se a virar lentamente as páginas até deter-se em um desenho. Estava na letra "A", no tópico de informações sobre agricultura, e a ilustração era de uma vasta e verdejante plantação de trigo que se estendia por planícies e encostas de suaves colinas. Estava virando a página quando um quadro se esboçou em sua mente: a rápida visão de um campo em que os arbustos tinham como que manchas brancas. A imagem desapareceu num átimo, mas sua mão tremia quando virou a página e passou para a ilustração seguinte. A mina de carvão representada nela nada lhe despertou, e assim foi por muitos desenhos adiante, até que chegou à figura de um homem moreno, de rosto enrugado, nariz proeminente e longo cabelo negro, agitado pelo vento, "índio americano", dizia a legenda da ilustração, e Sherry sentiu que o sangue corria mais rápido em suas veias enquanto olhava aquela expressão dura. Um rosto familiar... de onde, mesmo? Fechou os olhos com força, tentando focar as imagens que se agitavam em sua mente, surgindo e sumindo. Campos... carroções... e um velho que não tinha um dente. Um homem feio, que sorria para ela.

— Sherry?

Ela conteve um grito de susto ao se voltar na cadeira e deparar com o belo homem cuja voz normalmente a acalmava e excitava.

— O que foi?— disse Stephen, e havia alarme no seu tom, pois notara o sobressalto de Sherry e algo indefinível em seu rosto, que se tornara pálido.

— Nada, milorde— mentiu ela, com uma risadinha nervosa.— Você me assustou. Franzindo a testa, ele colocou as mãos nos ombros dela e olhou com atenção o rostinho

alterado:

— Foi só isso? O que está lendo?

— Um livro sobre a América.

O toque das mãos grandes e fortes em seus ombros tranquilizou-a. Às vezes tinha a impressão de que o conde realmente se importava com ela... Outra visão flutuou em sua mente, menos nítida do que as primeiras, mas tão calma e tão doce! Ajoelhado diante dela, com um ramo de flores nas mãos, um bonito homem que bem poderia ser Lorde Westmoreland dizia:

Eu não era nada até que você apareceu em minha vida... Nada, até que você me deu seu amor... Nada, até que você... até que você...

— Não seria bom eu chamar Whitticomb?— perguntou Stephen, preocupado e sacudindo-a de leve.

Emergindo do sonho de olhos abertos, ela riu, negando com a cabeça:

— Não, claro que não. Eu apenas estava me lembrando de uma coisa ou, quem sabe, imaginando que aconteceu.

— O que era? — quis saber ele, diminuindo a força com que lhe apertava os ombros, mas sem desviar os olhos dos dela.

— Prefiro não dizer— disse Sherry, enrubescendo.

— O que era?— insistiu o lorde.

— Você vai rir de mim...

— Vamos ver — decidiu ele, determinado. Entrecerrando as pálpebras, com um suspiro desanimado, ela levantou-se e ficou com o quadril encostado na mesa onde o livro se encontrava aberto:

— Preferia que você não insistisse.

— Mas insisto — declarou Stephen, recusando-se a se deixar enternecer pelo meigo sorriso que entreabria os macios e rosados lábios. Talvez seja uma lembrança verdadeira e não produto de imaginação.

— Só você pode saber se é ou não verdade...

Sheridan de repente pareceu ficar muito interessada na cutícula de seu delicado polegar. Olhando-o de lado, entre os espessos e longos cílios, perguntou:

— Por acaso, quando você me pediu em casamento, mencionou que não era nada até

que eu apareci?

— Como?

— Pelo jeito como se revolta só de pensar nessa possibilidade— comentou Sherry, sem rancor,— devo imaginar que também não se pôs de joelhos quando me pediu em casamento.

— Deve.

A resposta de Stephen soou seca; estava tão ofendido com a imagem de si mesmo assumindo uma posição ridícula que se esqueceu de que jamais a pedira em casamento.

O desapontamento de Sherry diante das três primeiras respostas aumentou o desconforto dela em fazer mais perguntas:

— E o que me diz de flores? Por acaso, ofereceu-me um buquê ao dizer-me ”Eu não era nada até que você me deu seu amor, Sherry. Nada, até que você apareceu em minha miserável vida”...

Só então Stephen percebeu como ela estava sem jeito e segurou-lhe o queixo:

— Menina — disse, com suavidade, lembrando-se de que não devia intimidá-la, — vim convidá-la para me acompanhar até meu escritório. Toda a família vai se reunir lá, daqui a alguns momentos, para uma ”conferência”.

— Que tipo de conferência?— indagou Sheridan, fechando o livro para recolocá-lo em seu lugar.

— Uma conferência sobre você... sobre o melhor meio de apresentá-la à sociedade.

Stephen respondeu distraidamente, observando-a erguer-se nas pontas dos pés e procurando não pensar na atração poderosa que ela exercia sobre ele, apesar de nada haver de sofisticado naquele simples vestido cor de pêssego de gola alta, tipo mandarim, e corpinho justo que realçava as suaves curvas de seu corpo.

Depois de uma noite de sono repousante, ele acordara sentindo-se otimista pela primeira vez sobre o estado de Sherry desde que a vira cair no cais, sem sentidos. Com a ajuda de sua família, que estava disposta a cooperar e dar-lhe assistência, a ideia de encontrar um marido adequado durante a temporada parecia não apenas uma solução ideal, como também possível. De fato, ficara tão entusiasmado com a perspectiva que logo cedo mandara um bilhete para todos, pedindo-lhes que fizessem duas listas: uma dos homens disponíveis e adequados; outra das coisas necessárias para apresentá-la da melhor maneira à sociedade.

Agora que tinha uma linha de ação específica, Stephen se determinara a administrar esse caso do mesmo modo como administrava seus negócios, sempre com sucesso. Como seu irmão e outros poucos aristocratas, ele preferia dirigir pessoalmente seus bens pessoais, suas finanças, e adquirira a bem merecida reputação de fazê-lo com brilho e eficiente audácia. Ao contrário de muitos cavalheiros que se afogavam mais e mais em dívidas porque viam os negócios como trabalho da "classe de mercadores" ou coisa pior, o conde aumentava constantemente suas já imensas posses. Fazia isso porque sempre gostara do desafio de testar seus pontos de vista, julgamentos, decisões e, mais ainda, da sensação de triunfo que tinha ao dar o passo certo no momento exato para conseguir os melhores resultados.

Pretendia lidar com Sherry Lancaster como se ela fosse um de seus "bens", do qual pretendia dispor. O fato de se tratar de uma mulher, não de uma propriedade, um artefato ou um armazém repleto de especiarias preciosas não alterava sua estratégia a não ser no ponto em que o "comprador" teria que ser um homem rico, bondoso e responsável. A única dificuldade naquela delicada transação era conseguir que a "mercadoria" concordasse.

Ele considerara esses fatos pela manhã, enquanto tomava banho. Quando Damson tirara de um dos imensos armários uma elegantíssima casaca marrom e a submetera à aprovação do conde, ele já chegara à melhor e única solução. Em vez de acrescentar mais uma mentira às que já tinha dito a Sherry, iria dizer-lhe parte da verdade, mas *só* depois que conhecesse a família dela.

Depois de guardar o livro, Sherry guardou também outros que separara com a intenção de vê-los em seguida, assim como a pena e papéis que pegara numa das mesas. Voltou-se, e o conde ofereceu-lhe o braço. O gesto era tão galante e tão cálida a expressão dos olhos azuis que ela sentiu profunda alegria e orgulho. Com a casaca marrom, calças justas bege e botas marrons, de cano alto, Stephen Westmoreland era a encarnação do homem de seus sonhos: alto, forte, atraente.

Enquanto desciam a escada ela observou mais uma vez seu perfil bem-talhado, admirando a força e orgulho presentes em cada traço do rosto moreno e bonito, porém másculo. Com aquele sorriso atrevido, quase íntimo, e os olhos profundos e penetrantes, com certeza ele vinha machucando corações femininos na Europa inteira, há anos! Sem dúvida beijara uma infinidade de mulheres, pois sabia fazê-lo muito bem, e quando a

beijara não demonstrara a menor hesitação. Certamente centenas de mulheres o achavam irresistível, como ela... No entanto, por algum motivo incompreensível, ele a escolhera entre todas. Isso lhe parecia tão inconcebível que Sherry chegava a sentir-se desconfortável. Então, para não se deixar dominar pela dúvida e pela incerteza, ela procurou voltar à conversa que estavam tendo na biblioteca.

Quando se aproximavam da porta aberta do escritório dele, disse, com um sorriso alegre e em tom de brincadeira:

— Uma vez que não me lembro absolutamente de como me pediu em casamento, você poderia pelo menos ter *fingido* que fez um pedido formal, romântico... de joelhos e tudo. Considerando minha condição de fraqueza, era a atitude mais gentil a tomar.

— Não sou um homem dado a gentilezas — replicou Stephen, com um sorriso insolente.

— Então, espero que pelo menos eu tenha tido o bom senso de fazê-lo esperar bastante até aceitar seu pouco galante pedido — retorquiu Sherry, séria, parando à porta. Hesitou, riu com certa tristeza da inabilidade de lembrar-se e perguntou:— Eu o fiz esperar, milorde?

Enfeitiçado por esse lado dela que não conhecia, coquete e malicioso, automaticamente Stephen entrou no jogo:

— Claro que não, Miss Lancaster. Se quer saber a verdade, ajoelhou-se a meus pés e chorou de gratidão pela minha esplêndida oferta.

— Não seja arrogante e desonesto! — exclamou ela, fingindo-se horrorizada. — Eu não fiz uma coisa dessas!

Como se procurasse confirmação, Sheridan olhou para Colfax, que estava em posição de sentido, mantendo uma parte da enorme porta dupla aberta e fazendo o possível para não demonstrar que ouvia e se divertia ouvindo aquele duelo de palavras. O seu noivo parecia altamente satisfeito consigo mesmo, tinha uma expressão tão afável e complacente que ela teve a horrível sensação de que ele dissera a verdade.

— Eu não fiz isso, não é? — perguntou, em voz baixa e temerosa.

Foi impossível Stephen conter uma gargalhada diante do olhar aflito e da expressão angustiada dela. Rindo, sacudiu a cabeça:

— Não — disse, para tranquilizá-la.

O conde não percebia que estava flertando abertamente com Sherry no umbral de seu

escritório, demonstrando uma alegria que não sentia há anos para os surpresos empregados, sua família e os dois amigos, que haviam chegado enquanto ele estava com ela na biblioteca.

— Depois que você cumprimentar a todos, quero que vá dar um passeio no parque, assim conhecerá os arredores e tomará um pouco de ar, enquanto discutimos as providências que...

Stephen calou-se de repente, quando um movimento dentro do escritório lhe chamou a atenção. Voltou-se e descobriu que ele e Sheridan eram o foco de atenção do grupinho de pessoas que os esperavam e que, estranhamente, não haviam feito nada para alertá-lo de que estavam ali.

Censurando-os, no íntimo, pela atitude indiscreta, ele entrou com Sherry no escritório e esperou que ela os cumprimentasse com a mesma cálida e simples cordialidade que demonstrava a todos, desde criados até seu médico. Ansioso por entrar no assunto que era motivo da reunião, o conde interrompeu Hugh Whitticomb, que iniciara um entusiasmado relatório sobre a coragem e os poderes de recuperação de Miss Lancaster.

— Já que estão todos aqui, por que não começam a conversar sobre o melhor modo de apresentar Sherry à sociedade, enquanto eu a levo até a carruagem?— E, para Sheridan:— Espero no *hall* enquanto você vai pegar um agasalho, depois iremos até a carruagem e combinarei com meu cocheiro um bonito passeio.

Sherry sentiu a mão firme de Stephen em seu cotovelo, dirigindo-a para longe das pessoas com quem ela gostaria de ficar, mas ela fez como ele lhe pedia e deu-lhes até-logo.

Assim que saíram, o dr. Whitticomb fez um sinal para Colfax fechar a porta, depois voltou-se para a família do conde e notou que todos estavam com ar distraído e pensativo. A cena de flerte entre Charisse Lancaster e Stephen confirmara o que ele vinha desconfiando; era evidente que os demais também tinham notado a mudança que se operara em Stephen.

O médico hesitou, vacilou, depois decidiu verificar se eles estavam pensando o mesmo que ele. Com ar casual, voltou-se para a duquesa mãe:

— Jovem adorável, não?

— Adorável — assentiu a mãe de Stephen, sem hesitar, — e Stephen mostra-se muito protetor para com ela... Jamais o vi tratar uma mulher dessa maneira. — Sorriu, pensativa.

— Ela parece gostar muito dele. Não sei para que procurar um marido para ela. Quem sabe, com o tempo, ele...

— É exatamente o que penso interrompeu-a Hugh, com tanto ardor, que a duquesa fitou-o espantada. Satisfeito ao ver que teria o apoio da dama, ele voltou-se para Whitney: — E o que pensa, Alteza?

A jovem duquesa sorriu, um sorriso cálido que aqueceu o coração do médico e que prometia colaboração:

— Acho Sherry um encanto e creio que Stephen também acha, — mas duvido que ele o admita.

Dominando o absurdo impulso de piscar para Lady Westmoreland, Hugh voltou-se para Nicholas DuVille. Até aquele momento, Hugh Whitticomb fora o único estranho que os Westmoreland consideravam como da família. DuVille não era membro, nem amigo da família. Na verdade, fora rival de Clayton na pretensão à mão de Whitney, que o considerava um querido amigo, mas Hugh duvidava que o duque partilhasse essa ideia. Por isso, não entendia por que ele fora convidado a participar de um assunto tão particular como aquele.

— Encantadora— disse o francês, com um sorriso tranquilo.

— E única, desconfio. Baseado no que testemunhei, acredito que Stephen não é imune à atração dela.

Contente por mais uma adesão, o médico voltou-se para Clayton Westmoreland, o único membro do grupo que poderia impedir qualquer tipo de interferência se não concordasse.

— Alteza? — perguntou.

O duque fitou-o longamente, depois disse uma única palavra, clara e decididamente:

— Não.

— Não?

— Seja o que for que está pensando, esqueça. Stephen não iria tolerar nossa interferência em sua vida pessoal. Ignorando o movimento da esposa, que queria falar, Clayton prosseguiu:

— Além disso, a situação em que ele se encontra com Miss Lancaster já é complicada o bastante, por si só.

— Mas você *gosta* dela, não? — perguntou Whitney, frustrada.

— Baseado no pouco que a conheço — especificou o duque, — gosto muito, e por isso mesmo penso nela. Seria bom todos nós lembrarmos que quando essa moça recuperar a memória vai saber que Stephen foi o responsável pela morte do noivo dela e que vem mentindo desde então... Talvez aí ela não goste tanto assim dele. Na verdade, Miss Lancaster não terá por que pensar bem de nenhum de nós, quando recuperar a memória.

— De fato, ela poderá ficar confusa *e* revoltada quando souber que jamais tinha visto Stephen até encontrá-lo no cais concordou o dr. Whitticomb. No entanto, mesmo antes de sua vida estar fora de perigo ela demonstrou muita preocupação com ele. Vivía me pedindo que não o deixasse preocupado com seu estado de saúde. Creio que essa atitude demonstra um alto grau de consideração e calor humano, por isso creio que ela poderá compreender rapidamente porque lhe mentimos e irá nos desculpar.

— Como eu já disse — voltou o duque, firme, — Stephen não vai gostar se interferirmos em sua vida pessoal. Se algum de nós sente a necessidade de fazê-lo desistir de procurar um marido para Miss Lancaster ou de influenciá-lo a respeito dela de algum modo, acho que deve agir abertamente. Hoje. O resto pertence a ele, a Miss Lancaster e ao destino.

Surpreendido pelo fato de sua mulher não protestar, o duque voltou-se para brincar com ela a respeito daquilo e viu que Whitney olhava para DuVille erguendo as sobrancelhas, enquanto o francês parecia estar se divertindo muito com alguma coisa. Clayton tentava imaginar o que significaria aquela troca de olhares entre os dois quando Stephen entrou no escritório.

CAPITULO 23

— Não corremos perigo de que Sherry ouça o que temos a dizer — anunciou Stephen, enquanto fechava as portas do escritório.— Desculpem tê-los feito esperar, mas vocês vieram mais cedo do que eu esperava.

Dirigiu-se para a escrivania, sentou-se e passou os olhos por todos, que se encontravam sentados em semicírculo, diante dele. Sem introduções, foi direto ao ponto:

— Em vez de tratarmos da parte mais fácil, que é apresentar Miss Charise Lancaster à sociedade — seu tom era cordial, mas de quem trata de negócios, — vamos ao assunto dos possíveis maridos. Fizeram listas de cavalheiros adequados?

Fez-se um silêncio enquanto as duas mulheres mexiam em suas pequenas bolsas e o dr. Whitticomb tirava de um bolso a lista que preparara naquela manhã. A duquesa-mãe inclinou-se e entregou um papel ao conde, enquanto observava:

— Sem dote, Miss Lancaster estará em enorme desvantagem, apesar de ser uma criatura adorável. Se o pai dela não tiver posses...

— Vou providenciar um generoso dote para ela— cortou Stephen, enquanto desdobrava o papel. Olhou a lista e reagiu, surpreso e divertido:— Lorde Gilbert Reeves? — Fitou a mãe.— Sir Frances Baker? Sir John Teasdale? Mãe, Reeves e Baker devem ser cinquenta anos mais velhos do que Sherry... e o neto de Teasdale fez a universidade comigo. Esses homens são velhos demais.

— Bem, *eu* sou velha!— retrucou ela, na defensiva. — Você disse que fizéssemos uma lista de conhecidos que achássemos adequados para casar-se com Miss Lancaster, e eu fiz.

— Entendo... — Stephen forçou-se a ficar sério.— Mas, enquanto vejo as outras listas, não quer pensar em homens mais jovens, de boa reputação, mesmo que não sejam seus amigos?

A duquesa-mãe assentiu, e ele passou para a lista da cunhada. Sua testa enrugou-se:

— John Marchmann? Ele é um esportista compulsivo. Se Sherry quiser ver o marido, se se casar com ele, terá que procurá-lo na beira dos rios escoceses e irá passar o resto da vida em campos de caça.

Whitney fitou-o, procurando demonstrar inocente confusão:

— Mas ele é muito bonito, alegre e divertido.

— Marchmann?— duvidou o conde.— É apavorado com mulheres! Fica vermelho diante de qualquer moça e tem quase quarenta anos!

— Assim mesmo, é um homem bondoso e bonito.— Stephen assentiu, com ar distraído, enquanto lia o nome seguinte e comentava a seguir:

— O marquês de Salle não serve: é muito mulherengo e dado aos prazeres da bebida e do jogo.

— Talvez— concedeu a jovem duquesa, graciosa,— mas tem encanto, dinheiro e é excelente partido.

— Crowley e Wiltshire são imaturos e vivem se metendo em encrencas... — comentou o lorde, continuando a examinar a lista.— Crowley não é muito brilhante quanto à inteligência e Wiltshire é um completo idiota. Os dois duelaram há alguns anos, e Crowley atirou no próprio pé. — Whitney começou a rir enquanto ele acrescentava, desgostoso:— Um ano depois eles decidiram resolver outra contenda no campo de honra, e Wiltshire acertou numa árvore.— Com um olhar de reprovação à cunhada, que continuava a rir, repreendeu-a: — Não tem graça. A bala da pistola de Crowley ricocheteou e feriu Jason Fielding, que correra para detê-los. Se Jason não tivesse sido ferido num braço, com certeza Crowley não teria saído dali vivo. Se Sherry se casar com um deles não tardará em ficar viúva, acredite no que digo.

Examinou os dois nomes seguintes, ergueu a cabeça e encarou Whitney:

— Warren é um almofadinha afeminado! Serangley mata qualquer um de tédio! Não acredito que você possa achar esses homens possíveis noivos para alguém, principalmente para uma moça sensível e inteligente.

Nos minutos seguintes Stephen foi recusando todos os nomes da lista por uma variedade de motivos válidos para ele. No entanto, começou a ter a desagradável sensação de que os demais começavam a se divertir com suas recusas.

O último nome indicado por Whitney o fez franzir as sobrancelhas, muito sério:

— Roddy Carstairs!— exclamou, com desgosto.— Eu jamais deixaria Sherry ao alcance desse egoísta baixinho, enfeitado demais, que tem a língua mais afiada do que uma navalha. Ele não se casou porque acha que mulher nenhuma o merece.

— Roddy não é "baixinho"— discordou Whitney, com firmeza,— apesar de não ser muito alto. Além disso, é um bom amigo meu.— Mordendo os lábios para conter um

sorriso, ela acrescentou:— Você está sendo exigente demais, Stephen.

— Estou sendo prático!— Pôs a lista da cunhada de lado, pegou a de Whitticomb, deu uma espiada e largou-a sobre a mesa. — Pelo jeito, você e minha mãe têm muitos amigos comuns. Com um suspiro desanimado, levantou-se, foi para diante da escrivaninha, apoiou-se nela, cruzou os braços no peito e fitou o irmão, entre frustrado e esperançoso: — Vejo que não trouxe uma lista, mas acredito que conheça alguém que possa casar-se com Miss Lancaster.

— Para ser franco— havia um toque de ironia divertida na voz do duque, — estive pensando enquanto ouvi você eliminando os possíveis candidatos...

— E?

— E descobri que conheço alguém, sim. Ele não tem *todas* as qualidades que você exige, mas tenho certeza que é o homem ideal para ela.

— Graças a Deus! Quem é ele?

— Você.

A palavra pairou no ar até que Stephen respondeu, com estranha e irracional amargura:

— Eu *não* sou candidato!

— Excelente! — A exclamação alegre de Nicholas DuVille chamou a atenção de todos. Ele tirou um papel do bolso, enquanto Stephen descruzava os braços e inclinava-se para pegá-lo. — Como fui convocado para a reunião, achei que também devia trazer uma lista...

— Agradeço por ter se dado esse trabalho.

Enquanto falava, o conde imaginava por que deixara que o ciúme de seu irmão o impedisse de ver DuVille direito. O francês não era apenas bem-educado, de boa família, rico, como também tinha espírito e aparência agradável. Desdobrou o papel, leu, ergueu a cabeça e fitou Nicholas por instantes, com os olhos tão apertados que pareciam duas fendas.

— Você acha isto uma brincadeira?— indagou, por fim.

— Não pensei que você fosse encará-lo assim— respondeu o francês, suave.

Sem saber se DuVille falava sério, Stephen estudou-o com frieza, por momentos, notando que havia uma irritante arrogância naquele homem, no sorriso dele, no modo como estava sentado, com as luvas em uma das mãos. Percebendo então que ninguém sabia do que os dois falavam, Stephen decidiu esclarecer a situação e, ao mesmo tempo, desafiar o francês:

— Quer, seriamente, ser considerado pretendente de Charise Lancaster?

— Por que não?— retrucou Nicholas, divertindo-se claramente com o desconforto do conde. — Não sou muito velho, nem muito baixo, nunca acertei meu pé com um tiro... Não gosto de pescar, a caça não me atrai... Creio que tenho alguns vícios, mas ninguém pode dizer que bebo e jogo em excesso, que tenho língua ferina, que sou um almofadinha afeminado...

Mas *é um egoísta!*, pensou Stephen, com hostilidade. Visualizou o francês beijando Sherry apaixonadamente, o cabelo dela descendo sobre os braços dele, como fios de fogo, e a hostilidade se transformou em ódio. Todo o calor e inocência dela, aquele espírito alegre e rebelde, aquela coragem e meiguice pertencendo a DuVille, que iria...

Casar-se com ela.

A violenta fúria, de repente, deu lugar ao bom senso, e o conde compreendeu que o destino trouxera a solução ideal para seus problemas: DuVille era perfeito, tinha que reconhecer.

— Devo tomar seu silêncio como aprovação? — perguntou DuVille, como se soubesse que Stephen não tinha como recusá-lo.

Recuperando as boas maneiras, se bem que não uma cordial atitude em relação ao outro homem, o lorde assentiu e disse, com exagerada civilidade:

— Certamente. Tem minha bênção como...

Ele ia dizer "como tutor dela", mas lembrou-se de que isso não era verdade.

— Como noivo dela contra a vontade?— sugeriu Nicholas. — Como o homem que quer livrar-se da obrigação de casar-se com ela para continuar solteiro, sem o desagradável peso na consciência de ter matado o noivo dela, deixando-a solteira?

Whitney viu os maxilares do cunhado apertarem-se e reconheceu o brilho perigoso nos olhos azuis. Sabia que, enfurecido, Stephen seria capaz de acabar com Nicki, apesar de ele ser seu amigo e hóspede na casa dele. Seu temor confirmou-se ao vê-lo cruzar os braços de novo e medir Nicholas DuVille de alto a baixo, com olhar gelado. Ela apertou os lábios, imaginando se o cunhado engoliria a isca de Nicholas, respondendo que ele, Stephen, é que iria casar-se com Sherry. Em vez disso, o conde determinou, com um olhar insultante:

— Precisamos verificar suas qualidades e a falta delas, DuVille. Ao rejeitar um dos possíveis candidatos, creio que mencionei a palavra "libertino"...

— Não, não mencionou!— explodiu Whitney, com tal desespero que Stephen olhou-a, desarmado. Aproveitando aquele momento, ela insistiu:— Stephen, *por favor*, não desabafe sua frustração em Nicki. Ele só quer ajudar...

Ela olhou para Nicholas, que mais parecia ter sido contemplado com um assassinato do que com um casamento, depois para seu exasperante marido, que permanecia imóvel, sentado, como se estivesse se divertindo com o embate entre os dois homens. Atendendo ao apelo silencioso de Whitney, Clayton interferiu com bom humor, tentando dissipar a tensão:

— Francamente, Stephen, isso não é jeito de tratar seu genro...

— Meu o quê? — perguntou o lorde, com repulsa. O duque riu, zombeteiro:

— Desde que você vai providenciar o dote, e bem ”generoso”, está desempenhando o papel de pai. Como DuVille é um pretendente, portanto não ainda marido, meu conselho é que você o trate bem, pelo menos até *depois* do casamento.

O absurdo da situação ficou bem claro para os dois combatentes, que se descontraíram; porém Whitney só voltou a respirar direito quando Stephen estendeu a mão para Nicki, em sinal de conciliação:

— Bem-vindo à família — disse, com ironia.

— Obrigado. — Nicholas inclinou-se e apertou-lhe a mão.— De quanto é o dote que devo esperar? — brincou.

— Agora que resolvemos a parte mais difícil— Stephen voltou para trás da escrivaninha e sentou-se, — vamos tratar dos problemas da apresentação de Sherry à sociedade.

Whitney surpreendeu-o com uma objeção:

— Não é preciso: Charise já tem pretendente.

O conde lançou-lhe um olhar rápido, enquanto punha um papel sobre a mesa:

— Quero que ela tenha mais de um pretendente para escolher o que achar melhor, por isso vamos apresentá-la à sociedade. Espero que ela já esteja gostando de alguém no momento em que a memória voltar, assim sofrerá menos quando souber da morte de Burleton.

A objeção seguinte partiu de DuVille:

— É esperança demais, na minha opinião.

— Não neste caso — retorquiu lorde Westmoreland.— Miss Lancaster mal conhecia Burleton. Duvido que ele tenha se tornado o centro do universo dela no pouco tempo que ficou na América.

Ninguém podia ir contra essa lógica, e dali por diante a apresentação de Sheridan à sociedade tornou-se um debate sem fim. Stephen ouvia e ficava cada vez mais frustrado a cada obstáculo e objeção apresentados pelos demais, que iam desde as coisas possíveis até as mais absurdas que poderiam acontecer quando ela fosse apresentada à sociedade, na temporada.

CAPITULO 24

Ao fim de uma hora, quando a impaciência passou a fazer Stephen descartar as objeções ao seu plano, Hugh Whitticomb decidiu dar sua opinião profissional, como médico de Sheridan:

— Sinto muito, mas não posso permitir isso— declarou, seco.

— Por favor, poderia me esclarecer seus motivos?— ironizou o conde, uma vez que o médico agia como se suas palavras resolvessem tudo e nada mais houvesse a dizer.

— Pois não. Sua colocação de que a sociedade desculpará a falta de conhecimento de Miss Lancaster sobre nossos costumes porque é americana pode ser correta em parte. No entanto, ela é sensível o bastante para notar imediatamente que está falhando na etiqueta social, e será sua mais severa crítica. Isso adicionaria maior pressão ao estresse a que Sherry já está submetida, e não posso permitir que tal coisa aconteça. A temporada vai começar dentro de alguns dias, e é impossível ela aprender em tão pouco tempo tudo o que é necessário para a apresentação, por mais inteligente que seja.

— Mesmo que não houvesse esse obstáculo — acrescentou Whitney, — não conseguiríamos prepará-la para a temporada toda nesse tempo escasso. Seria preciso alguém com muita influência sobre Madame LaSalle, ou sobre outra modista aceitável, para fazer todos os vestidos de que Miss Lancaster vai precisar e ao mesmo tempo continuar atendendo sua clientela.

Ignorando esse problema no momento, Stephen voltou-se para o dr. Whitticomb:

— Não podemos mantê-la isolada do mundo. Isso não a ajudaria a encontrar pretendentes, e além de tudo começariam a falar, imaginando por que a escondemos. E, o mais importante, Sherry mesma começaria a pensar nesse assunto, e temo que poderia concluir que temos vergonha dela.

— Eu não tinha pensado nisso — admitiu Hugh, parecendo muito perturbado com essa possibilidade.

— Entremos num acordo... — propôs Stephen, imaginando por que cada qual parecia procurar problemas e não soluções.— Podemos limitar ao mínimo a participação de Miss Lancaster a compromissos sociais, e um de nós estará sempre ao seu lado, a fim de protegê-la de perguntas demais.

— Não vão poder protegê-la completamente— discordou Whitticomb. Vão contar a todos quem ela é e como perdeu a memória?

— Vamos dizer a verdade, sem entrar em detalhes. Diremos que sofreu um acidente e que podemos garantir, por ela, que é uma pessoa de excelente nascimento e caráter, mas que por enquanto não pode responder a perguntas.

— Você sabe como as pessoas podem ser cruéis! — advertiu o médico.— A falta de memória dela pode ser confundida com estupidez.

— Estupidez?— Stephen soltou uma risada áspera.— Quanto tempo faz que você foi a um baile de debutantes e tentou manter uma conversa inteligente com uma daquelas mocinhas? — Sem esperar resposta, continuou:— Lembro-me de que a última vez que o fiz a metade delas era incapaz de falar sobre qualquer coisa que não fosse a moda e o tempo. O restante não sabe fazer mais do que enrubescer e sorrir timidamente. Sherry é muito inteligente, e isso será percebido por qualquer pessoa esperta que chegue perto dela.

— Não acredito que alguém possa achá-la idiota — anuiu Whitney. — No máximo, poderão pensar que é meio misteriosa, principalmente os jovens cavalheiros.

— Então, está decidido.— O tom de Stephen avisava que qualquer objeção seria inútil. — Mãe, Whitney ajudará a senhora a tornar Charise apresentável. Vamos introduzi-la na sociedade sob nossa proteção, e acredito que é o máximo que podemos fazer por ela. Começaremos levando-a à ópera, onde será vista por todos, mas onde dificilmente poderão aproximar-se dela. Depois disso, um sarau e alguns chás. A aparência de Sherry é tão extraordinária que irá chamar a atenção, e quando notarem que não comparece aos bailes, um mistério a envolverá, como Whitney observou, e isso será uma vantagem para nós. Feliz por tudo estar resolvido, ele olhou ao redor e perguntou: Alguém quer discutir mais alguma coisa?

— Sim— respondeu a duquesa-mãe, enfática. — Miss Lancaster não pode ficar sob o mesmo teto que você nem por mais uma noite sequer. Se souberem que ela esteve aqui sozinha, nada do que dissermos poderá salvar-lhe a reputação, e um casamento decente se tornará impossível. Será um milagre se os criados já não tiverem espalhado mexericos!

— Os criados a adoram — explicou o conde,— e jamais diriam ou fariam coisa alguma que a magoasse.

— Acredito, mas podem ter falado com outros criados, mesmo sem intenção de

prejudicá-la. Se algum boato se espalhar pela cidade, dirão que ela é sua amante, e não podemos nos arriscar a esse tipo de falatório.

— Creio que ela poderia ficar comigo e com Clayton...

Whitney vira-se obrigada a fazer essa proposta, relutante, porque não queria separar Sherry de Stephen. Uma vez que começassem as atividades sociais, os dois não se veriam durante dias, e, quando se vissem, seria por momentos rápidos.

— Perfeito — concordou o conde de imediato, com irritante satisfação.— Ela vai ficar com vocês.

Hugh Whitticomb tirou os óculos de aros dourados e, enquanto limpava uma das lentes com um lenço imaculado, comentou:

— Não estou gostando desse plano.

Stephen fez um esforço hercúleo para dominar a impaciência e obrigar-se a tentar manter o médico sob controle:

— O que quer dizer?

— Quero dizer que ela não deve ser retirada de um local que já se tornou familiar e levada para uma casa estranha.— Quando as sobranceiras negras do lorde se ergueram e ele abriu a boca para falar, o dr. Whitticomb impediu-o, com a explicação:— Miss Lancaster acredita que é sua noiva e que você gosta muito dela. Você é a única pessoa que ficou a seu lado enquanto ela lutava com a morte e que a liga a este mundo desconhecido.

— Posso explicar-lhe o estigma social a que se arrisca se permanecer aqui retorquiu Stephen, brusco. — Ela tem que entender que não é apropriado.

— Charise não tem a menor ideia da importância de um comportamento apropriado, Stephen— contradisse o médico, suave. Se tivesse, não estaria com você, vestida apenas com aquele penhoar cor de lavanda, naquela noite em que vim vê-la.

— Stephen!— horrorizou-se a duquesa-mãe.

— Ela estava perfeitamente coberta— disse ele, sacudindo os ombros, — e não tinha outra coisa para vestir.

Nicholas DuVille entrou no debate:

— Ela não pode ficar aqui sem acompanhante. *Eu* não admito!

— *Você* não tem nada que admitir ou não! — exclamou Stephen.

— Acho que tenho. Não quero que a reputação de minha futura esposa seja manchada. E

também tenho uma família que deverá aceitá-la.

Inclinando a cadeira para trás, o conde tamborilou por momentos sobre o tampo da escrivaninha, enquanto fitava o francês com expressão desagradável. Ao falar, sua voz pareceu tão gelada quanto seu olhar:

— Ainda não aceitei seu pedido de casamento, DuVille.— As sobrancelhas de Nicholas ergueram-se, em desafio:

— Não? Quer explicar isso, por favor?

— Eu disse que quero que ela tenha vários pretendentes para escolher — disse Stephen em voz ameaçadora, e ficou imaginando por que seu irmão permitia que aquele patife arrogante permanecesse perto de sua esposa. — Portanto, você não é mais do que um possível pretendente à mão dela. Se teimar em se considerar mais do que isso, sugiro...

— Eu poderia ficar aqui com Miss Lancaster— interrompeu a duquesa-mãe, desesperada.

Relutantes, os dois homens abandonaram o duelo visual e olharam para Hugh Whitticomb, à procura de uma decisão. Em vez de falar logo, o médico esmerou-se na limpeza da outra lente dos óculos, enquanto considerava até que ponto a presença da duquesa poderia atrapalhar um possível romance. Majestosa e imponente mulher de quase sessenta anos, a duquesa era severa demais para permitir a atmosfera de intimidade que Hugh queria que houvesse entre Stephen e Sherry. Além disso, era evidente que ela intimidava a jovem americana, por mais que tentasse evitá-lo. Considerando rápido os melhores argumentos contra a solução da duquesa, ele disse:

— No interesse de sua saúde, Alteza, creio que não deve se sobrecarregar com as responsabilidades de uma acompanhante constante. Não quero ver uma recorrência dos problemas do ano passado...

— Mas você disse que não era sério, Hugh— protestou a dama.

— E quero que continue assim.

— Ele tem razão, mãe.— Aborrecido por perturbar a família com seus problemas, Stephen procurou aparentar tranquilidade.— Precisamos de alguém que fique com ela o tempo todo, uma acompanhante de caráter e reputação impecáveis, que sirva também como dama de companhia de *ladies*...

— Há Lucinda Throckmorton-Jones— sugeriu a duquesa, depois de pensar por alguns

momentos. Ninguém pode duvidar do caráter e da reputação de qualquer moça que ela acompanhe.

— Ah, meu Deus, não! — protestou Hugh, com tanta ênfase que todos o fitaram.— Aquele dragão com cara de machado pode ser a escolha ideal das melhores famílias, mas vai deixar Miss Lancaster mais doente! Essa mulher ficou grudada no meu cotovelo enquanto eu tratava do polegar queimado de uma de suas protegidas. Agiu como se tivesse certeza que eu fosse seduzir a menina!

— Bem, o que *você* sugere?— explodiu Stephen, perdendo a paciência de vez com o bom médico.

— Deixe isso comigo— respondeu Whitticomb, surpreendendo-o. Conheço a senhora certa, se a saúde dela estiver adequada para a tarefa. É muito só e está se apagando por não ter nada que fazer.

A duquesa fitou-o, interessada:

— De quem está falando?

Temendo que a astuta *lady* vetasse sua escolha, Hugh Whitticomb resolveu tomar a si toda a responsabilidade, e apresentar finalmente a acompanhante como um caso consumado.

— Deixe-me pensar mais um pouco antes de fazer a escolha. Deverei trazer a acompanhante amanhã. Outra noite sozinha sob o teto de Stephen não vai fazer mais mal a Sherry do que o que já foi feito.

Nesse momento, Colfax bateu à porta, anunciando que Miss Lancaster já chegara do passeio.

— Creio que está tudo resolvido, então — Stephen levantou-se, encerrando a reunião.

— Tudo, exceto dois pequenos detalhes— observou Clayton.— Como você pretende conseguir a cooperação de sua noiva para o esquema de arranjar outro marido para ela sem humilhá-la? E o que pretende fazer quando ela disser, em sociedade, que é sua noiva? Londres inteira vai rir dela!

Stephen abriu a boca para responder que Miss Lancaster não era sua noiva, mas fechou-a.

— Vou dar um jeito nisso entre hoje e amanhã disse, por fim.

— Tenha cuidado — avisou Hugh. — Ela não pode ser traumatizada.

Whitney ergueu-se, calçando as luvas:

— Acho que é melhor eu ir conversar pessoalmente com Madame LaSalle. Vai ser preciso um milagre para conseguir persuadi-la a largar tudo e fazer um guarda-roupa completo agora, com a temporada por começar.

— Vai ser preciso muito dinheiro, não um milagre — riu o marido dela. — Deixo você no ateliê de LaSalle, no caminho para o White's.

— O White's fica para outro lado, Claymore — observou Nicholas. — Se você me permite levar sua esposa à modista, talvez durante o trajeto ela possa me sugerir o melhor modo de conquistar a boa vontade de Miss Lancaster.

Sem motivo para objetar, Clayton assentiu; Whitney beijou o rosto do marido, aceitou o braço que Du Ville lhe oferecia e saíram. Os dois irmãos fitaram-se e fizeram uma careta.

— Quantas vezes — indagou Stephen, cínico — você já teve vontade de torcer o pescoço de DuVille?

— Muitas, mas não tantas quantas desconfio que você vai ter — retrucou Clayton, seco.

— O que acha, Nicki? — perguntou Whitney depois de olhar para trás e certificar-se de que o mordomo fechara a porta e não podia ouvir mais o que diziam.

Ele deu-lhe um sorriso enviesado, enquanto indicava sua carruagem:

— Acho que, neste momento, seu marido e seu cunhado estão arranjando uma desculpa para me matar!

Whitney riu enquanto o lacaio se apressava em abrir a portinhola e descer a escadinha, e então subiu na carruagem:

— Creio que Stephen é que está mais ansioso para isso!

— Constatação alarmante — riu o francês, — uma vez que ele tem gênio esquentado e reputação de ótimo atirador.

Whitney suspirou:

— Nicki, meu marido foi muito claro ao dizer que não devemos interferir. Pensei que você tivesse entendido quando tentei dizer-lhe, com os olhos, que deixasse de lado o plano de se oferecer como pretendente à mão de Miss Lancaster. Tem que retirar o pedido na primeira oportunidade. Clayton nunca me proíbe nada, e não quero desafiá-lo...

— Não está desafiando seu marido, *chérie*. Além disso, ele falou que a "família" não devia interferir. Não faço parte da sua família, para minha grande tristeza, aliás.

Nicholas riu, apesar da solenidade com que falara, e Whitney percebeu que ele estava apenas brincando.

— Nicki...

— Sim, meu amor?

— Não me chame assim.

— Sim, Alteza? — corrigiu ele.

— Lembra como eu era ridiculamente ingênua e desastrada quando você decidiu me ajudar no meu *début* para a sociedade dando-me uma atenção especial?

— Você nunca foi desastrada, *chérie*. Você era, apenas, deliciosamente inocente e natural.

— Charise Lancaster — prosseguiu a jovem duquesa — é tão inexperiente quanto eu era. Mais, até. Não a deixe confundir suas atenções com outro sentimento... Quero dizer, não a deixe apegar-se muito a você. Eu nunca me perdoaria se a fizéssemos sofrer mais.

Nicki esticou as longas pernas, ficou olhando um momento para as pontas dos pés, e então sorriu:

— Lembro-me de que na noite em que você debutou eu a preveni para não confundir um simples flerte com alguma coisa mais importante. Fiz isso para você não se magoar.

Lembra-se?

— Sim...

— E, no fim, eu é que fui recusado.

— Depois do que, você entregou seu "coração partido" a uma infinidade de mulheres de boa vontade!

DuVille não negou, apenas disse:

— Assim que vi Charise Lancaster pela primeira vez, pensei em você. Não sei explicar por quê, mas tenho certeza que ela não é uma moça comum; nem sei até onde vai a semelhança com você, mas pretendo descobrir.

— Quero que ela se case com Stephen, Nicki. Essa moça foi feita para ele. Tenho certeza que o dr. Whitticomb pensa como eu. Tudo o que você deve fazer é dar-lhe atenção suficiente para que meu cunhado sinta ciúme e...

— Creio que posso fazer isso com a maior facilidade— garantiu Nicholas, rindo.

— ... perceba como Sherry é linda, única, e não queira correr o risco de perdê-la para

outro.

— Se você vai obedecer à ordem de seu marido de não se envolver no caso, tem que me deixar agir a meu modo. Combinado?

— Combinado.

—

CAPITULO 25

Conduzida ao escritório do conde por um laçao, Sherry cumprimentou com alegria os criados que se encontravam no *hall* e parou diante do enorme espelho para verificar se seu cabelo estava em ordem; ajeitou a saia do vestido cor de lima e parou diante de Hodgkin, que, imóvel como uma estátua no umbral da porta dupla do escritório, observava os criados limparem os móveis e os candelabros de prata do *hall*.

— Bom dia, Hodgkin. Você está muito bem! Roupa nova?

— Sim, *miss*. Obrigado, *miss*.

O velho mordomo lutou sem sucesso para esconder o prazer que lhe causava ela ter notado como lhe ficavam bem a elegante calça e a casaca pretas, traje que seu cargo lhe dava direito a receber duas vezes por ano. Erguendo os ombros e estufando o peito, ele confidenciou:

— Chegou ontem, diretamente do alfaiate.

— E eu estou de vestido novo— confidenciou ela em troca. Stephen ouviu as vozes e olhou a tempo de vê-la segurar a ampla saia e dar uma graciosa volta para exhibir o vestido ao mordomo, perguntando: — Não é lindo?

A cena era tão natural e encantadora que ele sorriu e respondeu antes do criado:

— Muito lindo!

Hodgkin deu um pulo, de susto, e Sherry soltou a saia. Com aquele luminoso e lindo sorriso, tão dela, aproximou-se da escrivania, fazendo ondular suavemente os quadris. A maior parte das mulheres que Stephen conhecia tinham aprendido a caminhar e movimentar-se, por isso andavam e mexiam-se todas do mesmo jeito, como um time esportivo bem treinado. Sherry o fazia a seu modo, sem esforço algum, com uma graça incomparável, com natural feminilidade.

— Bom dia Espero não estar atrapalhando — disse ela, indicando a papelada sobre a escrivania — Recebi o recado de que queria falar comigo

— Você nunca atrapalha — garantiu-lhe Stephen — E, quero falar com você e dispensei meu secretário, para ficarmos a sós Sente-se, por favor.

Com um gesto, ele indicou ao mordomo que fechasse a porta, no que foi imediatamente obedecido. Sherry sentou-se, ajeitando a saia. O conde notou o cuidado que ela tomava com

o vestido, inclinando-se para verificar se não estava pisando na barra. Depois de constatar que tudo estava em ordem, ergueu para ele os lindos olhos inquisitivos e confiantes

Charise confiava nele implicitamente, pensou Stephen, que ia abusar de sua confiança manipulando-a. Como o silêncio se prolongasse até criar certo embaraço, ele percebeu que adiar aquele momento para poder jantar com ela tranquilo, na noite anterior. Só que não podia adiar mais e, no entanto, era o que tentava fazer.

Procurou algo para dizer, não encontrou, e quebrou o silêncio com a primeira frase que lhe veio à mente

— Sua manhã foi boa?

— Ainda é muito cedo para saber — respondeu ela, solene, mas o riso brilhava nos olhos cinzentos.— Tomamos o desjejum apenas há uma hora

— Foi só há uma hora? Tive a impressão de que fazia mais tempo. — Era a primeira vez que Stephen se sentia pouco à vontade e inexperiente, como um menino, diante de uma mulher.— Bem, o que fez desde então?— insistiu

— Estava na biblioteca, procurando alguma coisa para ler, quando o laçao foi me chamar.

— Não é possível que já tenha lido todas as revistas que lhe trouxe! Era uma pilha considerável

Ela mordeu os lábios e riu

— Por acaso, deu uma olhada nelas?

— Não, por quê?

— Creio que não iria achá-las muito interessantes .

Lorde Westmoreland não sabia nada sobre revistas femininas, a não ser que as mulheres as liam com absoluta confiança, mas, para manter a conversa, perguntou os nomes das revistas, demonstrando interesse.

— Há uma com um nome muito comprido. Se bem me lembro, chama-se *Museu Mensal das Damas ou Polido Repositório de Divertimento e Instrução: uma Reunião de Tudo o que Tende a Conservar a Beleza, Instruir a Mente e Exaltar o Caráter das Damas Britânicas*.

— Tudo isso numa revista apenas? — brincou Stephen. — Impressionante a pretensão!

— Foi o que pensei quando dei uma espiada nos artigos. Sabe do que um deles tratava?

— Pela sua expressão, tenho até medo de tentar adivinhar— respondeu ele, rindo.

— Era sobre ruge.

— O quê?

— O artigo ensinava a passar ruge nas faces. Era absolutamente *fútil*. Acha que um artigo desses se encaixa nas definições ”instrução da mente” ou ”exaltação do caráter”?

A pergunta foi feita com tal seriedade que o conde não conseguiu conter uma gostosa gargalhada.

— No entanto, havia artigos com um pouquinho mais de substância — acrescentou Sherry. — Por exemplo, em uma revista chamada *A Assembleia das Belas ou Revista das Belas e da Moda da Corte, dedicada especialmente às Ladies*, havia um verdadeiro tratado que analisava o modo correto de uma dama segurar e erguer a saia ao fazer uma reverência. Fiquei fascinada! Nunca pensei que fosse preferível utilizar apenas o polegar e o indicador de cada mão para segurar a saia, em vez de usar todos os dedos que Deus nos deu. Essa divina perfeição é o máximo a que uma mulher pode aspirar, sabe?

— Essa teoria é sua ou da revista? — Stephen estava cada vez se divertindo mais.

Ela olhou-o de lado, com expressão que era um milagre de alegre irreverência:

— O que você acha?

Ele achava que preferia a irreverência dela à perfeição, em todos os dias de sua vida, mas respondeu, apenas:

— Acho que devemos remover esse lixo do seu quarto imediatamente

— De modo algum opôs-se Sherry Não faça isso. Leio os artigos todas as noites, já deitada.

— É mesmo? — ele estranhou, vendo-a absolutamente séria

— É, sim. Uma página é o bastante, nunca vi sonífero tão eficiente.

O lorde não conseguia desviar os olhos do rostinho alegre, vendo-a afastar o cabelo da testa e jogar, com um gesto impaciente, a massa sedosa e ruiva para trás do ombro. Preferia o cabelo como estava antes, descendo por cima do seio direito. Aborrecido com o rumo tomado por seus pensamentos, disse abruptamente

— Uma vez que o ruge e as reverências estão descartadas, o que é que lhe interessa?

Você, pensou Sherry. Estou interessada em você. Estou interessada em saber por que você está sem jeito, neste momento. Estou interessada em saber por que ha momentos em

que me olha e sorri como se só eu tivesse importância para você. Estou interessada em saber por que ha momentos em que sinto que não quer me ver, mesmo quando estou a sua frente. Estou interessada em tudo o que se refere a você porque quero muito significar algo em sua vida. Estou interessada em história. Sua história. Minha história.

— História. Eu gosto de história respondeu ela, depois da breve pausa

— De que mais você gosta?

Como não tinha condições de buscar na memória, ela disse a primeira coisa que lhe veio a mente

— Acho que gosto muito de cavalos

— Por que acha isso?

— Ontem, quando seu cocheiro me levou a passear no parque, vi damas cavalgando e me senti feliz. Excitada. Acho que sei cavalgar

— Nesse caso, tenho que providenciar uma montaria adequada para você. Vou pedir a alguém que escolha uma égua bonita e mansa, em Tattersall

— Tattersall?

— É uma casa de leilão de cavalos.

— Eu não posso ir lá?

— Não, sem causar rebuliço... — Ele fez uma pausa, fitando-a, e sorriu. Não se admitem mulheres em Tatt.

— Ah, sim... Acho melhor você não gastar dinheiro com um cavalo. Afinal, nem mesmo tenho certeza se sei montar. Creio que é melhor primeiro experimentar em um dos seus cavalos, não? Posso pedir ao seu cocheiro que...

— Nem pense nisso! — cortou Stephen, seco.— Não tenho cavalo que sirva para você ou qualquer outra mulher montar, por melhor amazona que seja. Meus cavalos não são do tipo dos que passeiam a passo pelo parque.

— Nem foi isso que imaginei ontem: senti como se estivesse galopando, com o vento batendo em meu rosto.

— Nada de galopes — determinou o conde. E, ao ver a expressão rebelde nos olhos cinzentos, acrescentou: — Não quero carregá-la sem sentidos mais uma vez.

Por melhor que ela cavalgasse, Stephen não a achava com jeito de uma moça do campo: era esguia, delicada demais para conter um cavalo a galope. Procurou livrar-se da

lembrança do corpo inerte em seus braços e lembrou-se de outro tremendo acidente... o corpo inerte do jovem barão, que teria uma vida pela frente e uma noiva linda com quem ia se casar, se ele não o tivesse matado. A recordação tirou-lhe toda a vontade de adiar o motivo pelo qual a chamara ao escritório.

Inclinando a cadeira para trás, o lorde deu-lhe o que supunha ser um sorriso amável, entusiasmado, e começou a pôr em ação o plano para decidir o futuro dela:

— Estou feliz em poder comunicar-lhe que minha cunhada conseguiu convencer a mais famosa modista de Londres a abandonar seu ateliê, num momento em que está ocupadíssima, para vir aqui, com algumas costureiras, a fim de fazer um guarda-roupa que lhe permita participar das atividades da temporada. — Como Sherry não demonstrasse o entusiasmo que ele esperava e apenas franzisse a testa, perguntou:

— Ficou aborrecida?

— Não. Claro que não. Mas não preciso de outros vestidos. Ainda há dois que nem usei!

— Na verdade, Sherry tinha cinco vestidos de uso diário, e achava que aquilo era um guarda-roupa! Stephen concluiu que o pai dela devia ser um tanto miserável.

— É preciso acrescentar muita coisa a esses poucos vestidos— observou.

— Por quê?

— Porque a temporada londrina exige um vasto guarda-roupa— respondeu ele, vagamente. Também queria lhe dizer que o dr. Whitticomb trará uma conhecida dele aqui, esta tarde. Trata-se de uma senhora, ele me garantiu, competente e aceitável para ser sua acompanhante.

Uma risada insopitável subiu aos lábios de Sherry:

— Não preciso de dama de companhia disse, quando pôde.

— Eu SOU uma... — O estômago dela contraiu-se dolorosamente, as palavras morreram em sua garganta e o pensamento súbito desvaneceu-se.

— Você é o quê? — indagou Stephen, preocupado com a agitação dela.

— Eu... — Ela procurou as palavras, a explicação, mas nada surgia em seu cérebro, e sentiu uma leve dor de cabeça.— Eu... não sei.

Preocupado com a aflição que via no rosto de Sherry, o conde apressou-se a acalmá-la:

— Não tem importância. Fique tranquila: vai lembrar de tudo quando chegar o momento certo. Há outra coisa que quero lhe dizer...

Ao perceber que ele hesitava, ela ergueu o rosto e sorriu, para mostrar que estava bem:

— O que ia dizer? — incentivou-o.

— Que tomei uma decisão com a qual minha família concorda— respondeu ele, indicando que ela não tinha para quem apelar, caso não gostasse do ultimato. Quero que você participe da temporada e tenha a atenção de outros cavalheiros, antes de anunciarmos nosso noivado.

Sheridan teve a impressão de ter sido esbofeteada. Não queria a atenção de estranhos e não conseguia imaginar por que ele agia dessa maneira. Procurando evitar que sua voz tremesse, falou:

— Posso saber por quê?

— *Sim*, é claro. Casamento é um passo muito sério, que não deve ser dado com pressa...

— Stephen se amaldiçoou mentalmente: em vez de estar dourando a pílula, devia ser direto e convencê-la.— Como não tivemos tempo de nos conhecer bem antes que você viesse para cá, decidi que deve ter a oportunidade de entrar em contato com outros possíveis pretendentes, antes de me aceitar definitivamente como marido. Por isso, quero que nosso noivado continue um segredo nosso e de nossas famílias, por algum tempo.

Alguma coisa pareceu romper-se no íntimo de Sherry: ele *queria* que ela encontrasse outra pessoa. Estava tentando livrar-se dela, podia sentir isso. E por quê não? Ela era uma pessoa que não saberia sequer seu nome se não lhe tivessem dito, e nada tinha a ver com as mulheres lindas e alegres que vira no parque no dia anterior. Não podia comparar-se à cunhada ou à mãe dele, que tinham maneiras aristocráticas e eram seguras de si. Se elas haviam concordado com aquilo, com certeza não a queriam na família, portanto a cordialidade com que a tratavam era falsa.

Lágrimas de humilhação subiram-lhe aos olhos, queimando-os, e ela se pôs de pé, procurando controlar-se, lutando desesperadamente para ocultar o orgulho ferido. Não podia encará-lo e também não podia sair correndo do escritório, pois isso demonstraria o que sentia. Voltou-lhe então as costas e foi até a janela, onde permaneceu por alguns minutos, fingindo observar o movimento da rua.

— Creio que é uma ideia excelente, milorde — conseguiu dizer, sem enxergar nada do que acontecia lá fora por causa das lágrimas.

Percebeu que ele se levantava e se aproximava; engoliu em seco e respirou fundo, antes

de voltar a falar:

— Como você, eu tenho... algumas reservas sobre... sobre nosso relacionamento, desde que cheguei aqui.

Stephen teve a impressão de que a voz dela se quebrara, e sua consciência doeu:

— Sherry... — começou, colocando as mãos nos ombros dela.

— Por favor, tire as mãos... ela teve que parar e respirar fundo de novo de mim.

— Volte-se e ouça-me — ordenou o lorde.

Sheridan perdeu completamente o controle, e, apesar de fechar os olhos com força, lágrimas ardentes desceram-lhe pelas faces. Caso se virasse naquele momento, ele veria que estava chorando, e ela preferia morrer a passar por tal humilhação. Sem saída, inclinou a cabeça e fingiu-se distraída, enquanto percorria com as pontas dos dedos o desenho da vidraça.

— Estou tentando fazer o que é mais certo — explicou Stephen, lutando contra o impulso de apertá-la nos braços e pedir-lhe perdão.

— Claro. Sua família pode achar que não sirvo para você — conseguiu dizer, com voz quase normal.— E não tenho certeza se meu pai vai achá-lo adequado para mim.

Sheridan parecia tão tranquila que Stephen ia voltar para a escrivania; então, viu as lágrimas caírem sobre a mão enluvada e sua resistência se partiu. Segurou-a pelos ombros, obrigou-a a ficar de frente e abraçou-a:

— Por favor, não chore — murmurou, em meio ao cabelo perfumado.— Por favor, não faça assim! Estou tentando fazer o melhor para você.

— Então, afaste-se de mim!— retrucou ela, feroz, mas ainda chorando, aos soluços, com os ombros tremendo.

— Não posso... — Ele apoiou uma das mãos na cabeça dela e a fez encostar o rosto em seu peito, sentindo a umidade das lágrimas através da camisa.— Desculpe... — sussurrou, beijando-lhe a testa.— Eu sinto muito.

Ela era tão cálida, tão macia e suave entre seus braços, contra o seu corpo! Orgulhosa, fazia o impossível para parar de chorar, tanto que se tornara rígida, mas continuava sacudida por soluços silenciosos.

— Por favor — a voz dele soava áspera pela ansiedade — não quero magoar você... Acariciou-lhe o cabelo, as costas, tentando acalmá-la. — Não me deixe magoar você.

Sem perceber o que fazia, o lorde segurou o delicado queixo, ergueu-lhe o rosto e beijou-o, sentindo o gosto das lágrimas. Como única diferença da noite em que ela voltara a si, Sherry não derramara uma só lágrima ao saber que perdera a memória, nem pela dor do ferimento; mas nesse momento ela chorava em silêncio, e, de repente, Stephen perdeu a cabeça. Beijou os lábios trêmulos, sentindo a maciez salgada, e apertou-a contra si, procurando forçá-la, com a língua, a entreabrir a boca. Em vez de corresponder docemente, como fizera antes, ela tentou virar o rosto. Ele sentiu a rejeição como uma agressão física e redobrou os esforços para fazê-la aceitá-lo, beijando-a com uma fome exigente, enquanto a visualizava sorrindo para ele, há alguns minutos, depois cantando com os criados na cozinha e, em seguida, flertando com ele na manhã anterior: *Espero pelo menos ter tido o bom senso de fazê-lo esperar um bom tempo antes de aceitar seu pouco galante pedido*, brincara ela. E o rejeitava agora, para sempre. Algo no peito de Stephen pareceu gritar, lamentando a perda da ternura, paixão e meiguice dela. Passando as mãos pelos cabelos ruivos, ele a fez erguer o rosto e deparou com os olhos cinzentos magoados e hostis.

— Sherry— disse quase num sussurro, enquanto reaproximava os lábios dos dela, — beije-me.

Como não tinha forças para escapar, Sheridan suportou o beijo com fria imobilidade, mas ele não desistiu. Usando toda a experiência sexual que adquirira durante duas décadas de lida constante com o sexo oposto, era-lhe fácil derrubar as defesas de uma virgem inexperiente, de apenas vinte anos. Passando os braços pelas costas dela, apertou-a mais contra si e procurou seduzi-la com as mãos, com a boca e, por fim, com palavras:

— Já que vai precisar me comparar com outros pretendentes — murmurou, sem perceber que dizendo aquilo ia contra tudo o que achava que queria que acontecesse, — não acha que precisa de experiência para os termos de comparação?

— Foram as palavras dele, não as carícias de suas mãos ou de seus lábios que quebraram a resistência de Sherry. Um instinto feminino protetor avisava-a de que nunca mais deveria acreditar nele, que nunca mais deveria deixá-lo tocá-la ou beijá-la... mas seria só mais esta vez, a última vez que aquela boca ardente, faminta, possuía a dela...

Seus lábios entreabriram-se imperceptivelmente, e Stephen aclamou a vitória com a rapidez de um caçador, só que sua arma, agora, era a gentileza.

Por fim a realidade se impôs: o conde interrompeu o beijo e soltou-a. Sherry deu um

passo para trás: seu sorriso extasiante era alegre demais.

— Obrigada pela demonstração, milorde. Quando eu já tiver feito algumas comparações comunicarei o resultado.

O lorde mal a escutou, nem tentou retê-la quando ela girou nos calcanhares e saiu, deixando-o junto da janela. Ele encostou a testa escaldante no vidro, segurou-se com as duas mãos no parapeito e ficou olhando sem ver as cenas na rua, enquanto murmurava selvagememente, para si mesmo:

— Seu *filho da puta!*

Tomando o cuidado de sorrir para cada servo que encontrava, a fim de que não percebessem como se sentia, Sherry subiu a escada com os lábios ardendo, machucados pelos beijos selvagens que a tinham destruído e que nada significavam para ele.

— Queria ir para casa.

Essa frase tornou-se um cântico ao ritmo de cada degrau que subia, até que por fim chegou à privacidade de seu quarto. Encolheu-se como uma bola sobre a enorme cama, os joelhos encostados no peito, os braços ao redor deles, sentindo que se faria em mil pedaços se os soltasse. Enfiando o rosto no travesseiro para abafar os soluços, Sheridan chorou o futuro que não podia ter e o passado que não podia recuperar.

Quero ir para casa sussurrou chorando. Quero ir para casa. Papai soluçava perdidamente, por que está demorando tanto para vir me buscar?

CAPITULO 26

Um bonito cavalo malhado pastava perto; num impulso irrefreável, Sherry saltou para o lombo dele e cavalgou ao luar, com o riso alegre ecoando ao vento. O cavalo voava... voava...

— Você vai quebrar o pescoço, *nina!*— *gritou* o rapaz. Saiu em perseguição a ela, os cascos de sua montaria soavam cada vez mais perto, e ambos riam e voavam pelo campo...

— *Miss Lancaster!* *chamou* outra voz, desta vez feminina, muito ao longe.— Miss Lancaster!— Tocaram-lhe o ombro e sacudiram-na com delicadeza, até que ela voltou à realidade. — Desculpe acordá-la, *miss* — *justificou-se* a criada,— mas Sua Alteza está na sala de costura com a modista e as costureiras, esperando pela senhora.

A vontade de Sherry era proteger-se com as cobertas como se fossem um casulo, voltar para o sonho lindo, mas não podia dizer a uma duquesa e suas costureiras que fossem embora e a deixassem sonhar, mesmo sendo a noiva indesejada do filho dela. Relutante, levantou-se, lavou o rosto e seguiu a criada até uma sala enorme, ensolarada.

A duquesa que a esperava era a cunhada, não a mãe do conde.

Recusando-se a se tornar ainda mais infeliz revelando as próprias emoções, Sheridan cumprimentou-a polidamente, nem fria nem cálida.

Se Whitney Westmoreland percebeu alguma coisa diferente na atitude de Sherry, não o demonstrou, entusiasmada como se encontrava para pôr a futura concunhada na "última moda".

Enquanto a jovem duquesa ria, falando sobre bailes, viagens, cafés da manhã venezianos, e as costureiras se afanavam ao redor dela como mosquitos, Sheridan permaneceu de pé sobre uma plataforma pelo que lhe pareceu uma eternidade, sendo medida, alfinetada, empurrada, puxada e virada. Dessa vez ela não foi ingênua a ponto de acreditar que o sorriso afetuoso e os comentários encorajadores de Whitney eram sinceros. Simplesmente a duquesa queria livrar-se dela, fazer com que se tornasse noiva de qualquer um, e um deslumbrante guarda-roupa era o primeiro passo para atingir essa finalidade. Perfeitamente, só que Sherry tinha seus próprios planos. Ia voltar para casa, onde quer que fosse sua casa, e não via a hora em que a deixassem em paz. Pretendia convencer a duquesa de que era um absurdo fazer toda aquela roupa, mas quando, afinal, as costureiras a

deixaram descer da plataforma, não se retiraram. Em vez disso, começaram a abrir pacotes e a espalhar cortes de tecido por cima das mesas, móveis, cadeiras e no chão, até que a enorme sala tornou-se um mar de cores de todas as tonalidades imagináveis, desde o verde-esmeralda até o azul-safira, passando por amarelos, rosa-pálido e creme.

— O que acha? — perguntou-lhe Whitney.

Sherry olhou ao redor com desânimo, diante das suntuosas sedas, delicadas batistas, sensuais crepes, provocantes chifons e pudicos algodões. Alegres tecidos listados espalhavam-se entre sedas ricamente enfeitadas com finíssimos fios de ouro ou prata, batistas bordadas à mão com flores de todas as cores e tipos. E Whitney Westmoreland sorria, esperando que Sheridan expressasse sua satisfação e suas preferências. O que ela estava pensando?, perguntou-se Sherry, nervosa. Erguendo o queixo, olhou a mulher que lhe tinham dito chamar-se Madame LaSalle, que falava com sotaque francês, agia como um general e adivinhara a preferência dela em cores, se bem que não conseguisse imaginar como.

— Não trouxeram nada vermelho?— perguntou, seca.

— Vermelho!— ofegou a mulher, com os olhos quase saltando das órbitas. — Vermelho! Não, não, *mademoiselle*! Não com o seu cabelo.

— Gosto de vermelho — insistiu Sheridan, teimosa.

— Então o terá — assentiu Madame LaSalle, recuperando a diplomacia, mas não se dobrando de modo algum,— só que nos seus tapetes ou cortinas! Essa é uma cor que não deve usar em seu adorável corpo, *mademoiselle*. O céu a abençoou com maravilhosos cabelos da mais rara tonalidade vermelha, e seria errado, um verdadeiro pecado, usar qualquer cor que não faça sobressair esse dom especial.

O floreado discurso era tão absurdo que Sherry precisou fazer força para não rir, e notou que acontecia o mesmo com a jovem duquesa. Momentaneamente esquecida de que Whitney apenas fingia ser sua amiga, disse:

— Parece-me que a senhora quer dizer que o vermelho ficará horrível em mim.

— *Oui!* — assentiu Madame, com entusiasmo.

— E que nada no mundo a obrigaria a fazer um vestido vermelho para mim, por mais que eu insistisse— acrescentou Sherry.

A duquesa retribuiu o olhar risonho de Sherry e confirmou:

— Madame preferiria jogar-se no Tamisa!

— *Oui!*— disseram, em coro, as costureiras.

Por instantes, ecoaram na sala as risadas alegres de oito mulheres que se entendiam.

Nas horas seguintes, Sherry ficou meio de lado, enquanto a duquesa e Madame LaSalle falaram sem cessar dos estilos e tecidos certos a serem usados. Quando pensou que elas já tivessem resolvido tudo, as duas começaram a discutir sobre os enfeites e ponderaram longo tempo sobre rendas, laços, aplicações de cetim, etc. Quando percebeu que as costureiras iam ficar na mansão, trabalhando dia e noite naquela sala, Sheridan interferiu, com firmeza:

— Eu já tenho cinco vestidos, um para cada dia da semana, e...

Todas as conversas cessaram e todos os olhos cravaram-se nela, enquanto a duquesa explicava, com um cálido sorriso:

— Temo que você tenha que trocar de vestido cinco vezes por dia.

As sobrancelhas finas de Sherry franziram-se quando ela pensou na perda de tempo que isso seria, mas ela decidiu só voltar ao assunto quando estivesse a sós com Whitney. Diria a esta que não tinha a intenção de entrar para a família Westmoreland e que iria para seu quarto. Por isso, quando saíram da sala de costura, tomou essa direção, e a duquesa acompanhou-a.

— Realmente, não quero trocar de vestido cinco vezes por dia— começou Sherry. É inútil fazer toda essa roupa, não vai ser usada.

— Vai, sim— contradisse Whitney, com um sorriso confiante. — No entanto, gostaria de saber por que Sherry Lancaster se mostrava tão distante e reservada. Durante a temporada, uma *lady* bem-vestida precisa de vestidos para andar de carruagem, trajes para montar, vestidos para jantar, longos para a noite e vestidos para a manhã. E isso para as necessidades mínimas. A noiva de Stephen Westmoreland precisa ter vestidos para a ópera, vestidos para o teatro, vês...

— Não sou noiva dele e não tenho a menor vontade de ser — interrompeu-a Sheridan, implacável, quando parou com a mão na maçaneta da porta de seu quarto. — Tentei esclarecer o dia inteiro, de todos os modos que pude, que não preciso de tanta roupa. A menos que permita que meu pai pague por tudo, peço-lhe que cancele as encomendas. E agora, com licença, por favor...

— O que quer dizer? Não é noiva dele?— Alarmada, Whitney segurou-a por um braço.
— O que aconteceu? Uma lavadeira passou pelo corredor com uma pilha de roupas passadas e ela pediu: — Será que podemos entrar em seu quarto para conversar?

— Não quero ser rude, Alteza, mas nada temos a conversar.

Sheridan orgulhou-se por falar com tanta firmeza.

Mas surpreendeu-se ao ver que isso não impressionara a duquesa, que insistiu, com um sorriso:

— Discordo. — Quando a porta se abriu, ela entrou antes de Sherry. — Acho que temos muito a conversar.

Esperando uma repreensão por causa de sua atitude pouco cortês ou de sua ingratidão, Sheridan entrou no quarto e fechou a porta. Recusando-se a pedir desculpas, voltou-se para Lady Westmoreland e aguardou o que quer que fosse acontecer.

No espaço de segundos, Whitney considerou a negativa de Charise sobre o noivado, a ausência de seu jeito simples e afetuoso; tratava-se, evidentemente, de uma atitude de orgulhosa indiferença, como uma fachada para esconder uma mágoa profunda. Uma vez que Stephen era a única pessoa que poderia tê-la magoado de fato, isso significava que era ele a causa do problema.

Preparada para fazer qualquer coisa a fim de corrigir a besteira que o idiota do seu cunhado pudesse ter feito diante da única mulher que servia para ele, Whitney perguntou, cautelosa:

— O que aconteceu que a levou a dizer que não é noiva de Stephen e não quer ser?

— Por favor!— exclamou Sherry, com mais emoção do que queria demonstrar.— Não sei quem sou nem onde nasci, mas consigo perceber quando representam e mentem diante de mim. Sei que vou começar a gritar se tiver que aguentar isso por mais tempo. Não há motivo para você fingir que me quer como concunhada, portanto, por favor, não faça isso!

— Muito bem — disse a duquesa, sem rancor, vamos deixar de fingir, então.

— Muito obrigada.

— Você não pode ter ideia de quanto eu quero que seja minha concunhada!

— Perfeito— aplaudiu Sheridan, fria.— Creio que agora vai tentar me convencer de que Lorde Westmoreland é o noivo mais dedicado do mundo.

— Eu jamais poderia afirmar isso de cara limpa — admitiu a duquesa, sincera de ser

convincente.

— Como é? — aturdiu-se Sherry.

— Stephen Westmoreland tem profundas reservas em se casar, *principalmente* com você. E tem bons motivos para isso.

Os ombros de Sherry sacudiram-se, enquanto ela ria, sem poder se conter:

— Eu acho que vocês são todos malucos!

— E eu não posso censurá-la por pensar isso— suspirou Whitney. — Agora, se quiser sentar-se, vou lhe contar tudo o que puder sobre o conde de Langford. Mas, primeiro, quero saber o que Stephen lhe disse que a fez pensar que ele não quer se casar com você.

O oferecimento de informações sobre o homem que significava total mistério para ela era quase irresistível, mas Sherry não sabia por que lhe era feito e se devia aceitá-lo.

— Por que você está se envolvendo nisto? — perguntou.

— Porque gosto *muito* de você *e* porque quero que você goste de mim. Mas, acima de tudo, acredito que você é a mulher perfeita para Stephen, e tenho muito medo de uma série de circunstâncias que podem estragar o relacionamento entre vocês até um ponto irreversível. Agora, por favor, conte-me o que aconteceu e eu lhe contarei tudo o que puder.

Pela segunda vez Whitney Westmoreland evitava cuidadosamente prometer que diria *tudo*. Era uma frase capciosa, mas verdadeira.

Sheridan hesitou, procurando no rosto da jovem duquesa algum sinal de malícia, mas viu apenas sinceridade e aflição.

— Bem, suponho que contar não fará mal a ninguém, exceto ao meu orgulho...— comentou, com uma frágil tentativa de sorriso.

Procurando manter a voz sem emoções, contou à duquesa o que acontecera naquela manhã, no escritório do conde. Whitney ficou impressionada com a simplicidade e esperteza do método do cunhado para conseguir a cooperação de Sherry. Impressionou-se também com o modo como aquela inocente jovem que estava numa terra estranha, rodeada de estranhos, sem qualquer lembrança do passado percebera que havia algo oculto naquilo tudo que ocorria. Além disso, ela era inteligente e orgulhosa o bastante para não ter demonstrado o que sentia. Com certeza sua atitude fizera o conde de Langford mergulhar no mais negro desespero.

— Isso é tudo?— indagou, curiosa.

— Bem, nem tudo... — Sherry desviou os olhos, embaraçada.

— O que mais aconteceu?

— Depois de tentar me enganar com a história de querer me dar oportunidade de escolher um marido, fiquei tão zangada e confusa que... que perdi um pouco o controle emocional.

— No seu lugar, eu teria procurado um objeto bem pesado para bater nele!

— Infelizmente — disse Sheridan, com uma risadinha nervosa, — não havia nada ao meu alcance. Eu senti uma... uma vontade estúpida de chorar e fui até a janela, para tentar me recompor.

— E então? — instigou-a Whitney.

— Então, ele teve a audácia, a arrogância, a... o atrevimento de me beijar!

— Você permitiu?

— Não. Não de espontânea vontade. — Não era inteiramente verdade, e Sherry baixou os olhos, envergonhada. — Eu não queria, *no começo corrigiu*, mas sabe, ele é bom demais nisso e... — Ela caiu em si ao perceber o que aquilo significava. Sua expressão tornou-se feroz. — Ele é muito bom nisso, e *sabe que e!* Então, insistiu em me beijar, para que tudo corresse como ele quer. E tinha razão, porque aceitei o que propôs. Ah, como Stephen deve estar *orgulhoso* de si mesmo concluiu, com dolorosa ironia.

Whitney começou a rir:

— Duvido muito! Pelo menos, ele estava arrasado quando cheguei. Para um homem que queria desfazer um noivado e tinha conseguido, meu cunhado não estava nada alegre.

Um pouco consolada ao ouvir aquilo, Sheridan sorriu; depois o sorriso apagou-se e ela sacudiu a cabeça:

— Não entendo o que acontece. Creio que com a memória perdi também um pouco da percepção natural.

— Pois eu acho você incrivelmente perceptiva — contrapôs Whitney — e muito corajosa! Além disso, muito, mas muito meiga e bondosa.

Ao notar um brilho fugidio nos expressivos olhos cinzentos, a jovem *lady* teve uma vontade desesperada de contar toda a verdade a Charise Lancaster, começando pela morte de Burlington e a participação de Stephen nela. Como seu cunhado dissera, ela mal conhecera o noivo, e era evidente que gostava profundamente de Stephen.

Por outro lado, o dr. Whitticomb havia enfatizado o grande perigo que um choque significava para Charise, e Whitney temia que acontecesse justamente isso se lhe contasse essa verdade.

Preparando-se para contar-lhe tudo menos isso, e retribuindo o olhar sincero de Sherry, ela sorriu, triste, antes de começar:

— Vou lhe contar a história de um homem muito especial, que talvez no começo você não reconheça. Quando o conheci, há quatro anos, ele era muito admirado por seu másculo encanto e maneiras gentis. Os homens respeitavam sua habilidade no jogo e nos esportes; era tão bonito que as mulheres o olhavam sem pudor. A mãe dele e eu tratávamos de passar por cima do efeito que causava nas mulheres, não apenas em inocentes mocinhas na primeira temporada, como também em mulheres sofisticadas... Sei que ele achava a reação delas muito boba, mas era gentil e atencioso com todas. Então, aconteceram três coisas que o fizeram modificar-se drasticamente, e o curioso é que duas delas foram coisas boas. Primeiro, Stephen decidiu dedicar-se pessoalmente aos seus negócios e investimentos, que meu marido administrava com os nossos. Começou de imediato a assumir altos riscos, que meu marido jamais se atreveria a correr, muito menos com o dinheiro dos outros. Com o passar do tempo, Stephen foi assumindo riscos enormes, que, por sua vez, deram lucros monstruosos. Enquanto isso ia acontecendo, ocorreu outra coisa, que deve ter contribuído para transformar a gentileza dele em frio cinismo: herdou três títulos de um velho primo de seu pai, o conde de Langford. Normalmente, os títulos passam para o filho mais velho, a não ser em determinadas circunstâncias, e essa era uma delas. Alguns dos títulos da família Westmoreland datam de trezentos anos atrás, do tempo de Henrique VII. Entre eles estão três títulos garantidos pelo rei que, a pedido do primeiro duque de Claymore, contêm exceções sobre a linha normal de descendência. As exceções permitem ao titular que não tenha filhos designar seu herdeiro, desde que seja um descendente direto dos duques de Claymore.

Whitney fez uma pausa; Sherry parecia nem respirar, tão atenta estava.

Os títulos que Stephen herdou eram antigos e preciosos prosseguiu a jovem duquesa, mas as terras que os acompanhavam eram insignificantes. No entanto, e foi aí que tudo começou a ficar "errado", ele veio a dobrar e redobrar sua riqueza. Ele adora arquitetura, e foi esse o curso que fez na universidade. Comprou cinquenta mil dos mais lindos acres de

terra imagináveis e começou a planejar a casa que seria seu lar. Enquanto a casa era construída, comprou antigas propriedades em vários pontos da Inglaterra e passou a restaurá-las. Então, você tem a imagem: um homem quase rico, bonito, de uma das mais importantes famílias da Inglaterra, que de repente recebe três títulos de nobreza, consegue uma grande fortuna e compra quatro esplêndidas propriedades. É capaz de adivinhar o que aconteceu em seguida?

— Presumo que ele tenha ido morar em uma das casas novas. — Whitney teve que rir, divertida e emocionada pela pureza dos pensamentos de Sheridan, completamente isentos de malícia.

— Sim, foi o que ele fez— assentiu, um momento depois,— porém não é o que interessa.

— Não entendo.

— Aconteceu que centenas de famílias que desejavam nada menos do que um marido com títulos nobres para suas filhas, e filhas que desejavam nada menos que isso para si mesmas, incluíram Stephen Westmoreland em suas listas de maridos em potencial. Ele estava no *topo* das listas, aliás. A disponibilidade e a popularidade do conde explodiram tão rápida e completamente que foi uma coisa espantosa. Como nessa ocasião ele se achava perto dos trinta anos, imaginava-se que se casaria logo, e isso acrescentou boa dose de desespero e urgência à caçada. Famílias inteiras rodeavam-no quando ele entrava num salão, e as filhas eram introduzidas em seu caminho, sutilmente, é claro, não importava aonde ele fosse.

O olhar de Whitney perdeu-se em lembranças, depois ela voltou a falar:

A maior parte dos homens que têm títulos nasce com eles, como aconteceu com meu marido, e eles aprendem a aceitar e a ignorar essas desgastantes manobras; no entanto, Clayton me confessou que muitas vezes se sentiu acossado como uma lebre. No caso de Stephen, isso aconteceu da noite para o dia. Se não fosse assim, talvez ele tivesse se ajustado aos "ataques" com mais paciência ou, pelo menos, mais tolerância. E acho que isso teria acontecido se ele não tivesse se envolvido com Emily Kendall.

Sherry sentiu o estômago contrair-se à menção de uma mulher com quem ele se "envolvera". Não conseguiu controlar a curiosidade:

— O que aconteceu?— perguntou, ao ver que a jovem duquesa hesitava.

— Antes de contar, você tem que me dar sua palavra de que nunca dirá nada disso a ninguém.

Sheridan assentiu.

Whitney levantou-se, foi até uma das janelas, voltou-se e encostou-se nela, com expressão sombria:

— Stephen conheceu Emily Kendall dois anos antes de herdar os títulos. Era a mulher mais linda que já vi, uma das mais espirituosas, divertidas e... arrogante. Bem, eu a achava arrogante. O fato é que metade dos solteiros da Inglaterra eram loucos por ela, e Stephen estava entre eles, se bem que fosse esperto o bastante para não deixá-la perceber. Emily tinha uma habilidade impressionante para fazer os homens se ajoelharem a seus pés, mas Stephen não se dobrava, e acho que isso a atraiu: o desafio. Tudo o que sei é que num momento de loucura meu cunhado pediu-a em casamento, e ela ficou chocadíssima.

— Por quê? — Os olhos cinzentos estavam maiores ainda. — Por ficar sabendo que ele a amava?

— Pelo atrevimento dele em pedi-la.

— O quê?

— Conforme me contou meu marido, que ouviu tudo do próprio Stephen, a primeira reação de Emily foi de choque, depois de angústia por ele a ter colocado em uma situação insustentável. Ela era... quero dizer, é filha de um duque, e a família sequer sonharia em casá-la com um mero cavalheiro. Aliás, ela contou a Stephen que já estava de casamento marcado com William Lathrop, o marquês de Glengarmon, um idoso nobre cujas propriedades do pai, mais idoso ainda, faziam fronteira com as propriedades do pai de Emily. Ninguém ainda sabia do noivado porque acabara de ser ajustado, explicou ela, e rompeu em lágrimas, contando que concordara em casar-se com Lorde Lathrop, pois nunca imaginara que ele iria pedi-la em casamento, e que sua vida estava terminada. Stephen ficou furioso, dizendo que ela ia ser "desperdiçada" com um patético velho, que tinha que fazer alguma coisa a respeito daquilo, mas ela explicou-lhe que não havia jeito de fazer seu pai mudar de opinião; assim mesmo ele queria falar com o duque, apesar de saber que o dever de uma filha é casar-se com o homem que sua família escolher.

Ela calou-se e lançou um olhar envergonhado para Sheridan, antes de continuar:

— Não acho necessário acrescentar que *concordei* com meu pai quando ele se deu o

direito de escolher marido para mim. Bem, o fato é que, quando Stephen insistiu em falar com o pai dela, Emily lhe disse que o pai bateria nela se soubesse que se queixara para ele de seu destino, que lhe dissera não gostar de Lorde Lathrop.

— Então, eles se separaram?— aventurou-se Sherry, quando Whitney *se* calou, hesitante.

— Tomara que o tivessem feito! Em vez de terminarem tudo, Emily convenceu-o de que o único jeito que tinha de aceitar seu destino, agora que sabia que ele a amava, era eles continuarem o... a amizade... depois que ela se casasse.

As sobranceiras de Sherry franziram-se: era duro saber quanto Stephen amara outra mulher. A duquesa pensou que ela estivesse reprovando o fato e apressou-se a defender o indefensável, em parte por lealdade a Stephen, em parte porque não queria que Charise o condenasse. No entanto, momentos depois viu-se pisando um terreno perigoso, na tentativa de informar ocultando parte do acontecido:

— Bem, isso é bastante comum, não provoca escândalo. Na aristocracia, há algumas poucas mulheres que desejam a... *atenção... e a... companhia* de um homem atraente do seu círculo de conhecidos e... Acontece que duas pessoas podem... *relacionar-se* de várias maneiras.— Whitney quase não conseguia respirar. — Tudo com absoluta discrição, é claro.

— Você quer dizer que eles continuaram a amizade? — simplificou Sherry.

— E, creio que se pode dizer isso.

Ao verificar que Miss Lancaster nem sequer desconfiava de que Stephen havia sido muito mais do que "amigo" de Emily durante o casamento dela, Whitney surpreendeu-se, mas em seguida reconheceu que devia ter esperado por isso. As moças inglesas bem-educadas não têm uma ideia clara do que os casais fazem no quarto, apesar de em geral ouvirem confidências das irmãs mais velhas e de outras mulheres casadas. Com a idade de Sherry, todas desconfiam de que acontecem mais coisas do que amigáveis apertos de mão, porém não sabem o quê.

— E o que acontece quando a verdade é descoberta? — quis saber Sheridan.

— Tendo se determinado a dizer a verdade, — Whitney respondeu:

— Na maioria das vezes o marido fica zangado, principalmente se o fato tiver despertado comentários.

— E, se ele ficar zangado, pode obrigar a mulher a ter companhia só de mulheres?

— Pode— assentiu a jovem duquesa, — mas às vezes há um acerto de contas entre os homens.

— Que tipo de acerto de contas?

— O tipo que acontece ao amanhecer, a vinte passos um do outro...

— Um duelo?

Sherry achou que era uma reação violenta demais para o que havia sido, na pior das hipóteses, uma amizade profunda entre pessoas de sexos opostos.

— Um duelo— confirmou Whitney.

— E Lorde Westmoreland concordou em continuar sendo— Sheridan descartou a palavra "pretendente", pois era ridícula se a moça se casara— amigo íntimo — improvisou, achando mais correto de Emily Kendall, — depois que ela se casou?

— Sim. Por um ano, até que o marido descobriu.

Com medo de fazer a pergunta, Sherry respirou fundo, antes de falar:

— E Lathrop exigiu um duelo?

— Sim.

Uma vez que Lorde Westmoreland ainda estava vivo, ela supôs que Lorde Lathrop morrera.

— Ele o matou... — disse, num fio de voz.

— Não. Não o matou, — apesar de poder matá-lo, e creio que o teria feito, se pudesse. Amava Emily com desespero, era cegamente leal a ela. Desprezava Lorde Lathrop. Odiava-o por ter sido o primeiro homem a ter Emily, por ser um velho abjeto que roubara a juventude e a vida dela, por ser velho demais para dar-lhe filhos. Na madrugada do duelo, Stephen disse isso tudo ao idoso lorde, só que com mais eloquência, eu acho.

— E o que aconteceu?

— O velho marquês quase morreu, mas de choque e não de tiro. Parece que Emily e o pai dela é que o haviam convencido a casar-se. A linda e ambiciosa Emily queria ser duquesa, o que aconteceria quando o velhíssimo pai de Lathrop morresse e ele herdasse o título. Stephen acreditou em Lorde Lathrop: disse que homem nenhum saberia fingir uma reação tão chocada diante daquelas acusações. Além disso, o velho marquês não tinha motivos para mentir.

— Assim mesmo aconteceu o duelo?

— Sim e não. Stephen desistiu do duelo, o que significa pedir desculpas. Assim agindo, deu ao homem mais velho a satisfação que ele merecia. O pai de Emily mandou-a para a Espanha por uma semana, mas ela ficou lá por um ano, ou seja, até depois que Lorde Lathrop morreu. Voltou uma "nova mulher"... Mais linda do que antes, mais serena e menos arrogante.

Whitney pretendia parar a história por aí e explicar seu ponto de vista a respeito daquilo, mas a pergunta de Sheridan obrigou-a a prosseguir.

— Eles se viram outra vez?

— Sim, e a essa altura Stephen já herdara os títulos. Estranhamente... ou quem sabe não tão estranhamente assim, considerando-se de quem se tratava, foi o pai de Emily quem procurou Stephen. Disse-lhe que Emily o amava, que sempre o amara. E acredito que amava, sim, do jeito egoísta dela... Ele pediu a Stephen que falasse com sua filha, e, ao vê-lo concordar, deve ter-se retirado achando que tudo ia dar certo e que ela se tornaria condessa de Langdorf. Emily procurou Stephen na semana seguinte e confessou tudo, desde seu egoísmo até a mentira ao casar-se com Lathrop. Implorou que ele a perdoasse e lhe desse a oportunidade de provar que o amava realmente, de mostrar como mudara. Ele respondeu que iria pensar. No dia seguinte, o pai de Emily foi à mansão de Stephen, numa "visita social casual", e falou em contrato de casamento. Stephen disse, vagamente, que ia fazer **um** rascunho, e Kendall retirou-se achando-o o mais magnânimo homem da face da Terra.

— Stephen ia casar-se com ela, depois do que Emily fez?— decepcionou-se Sherry—. Não posso acreditar nisso. Ele devia estar fora de si! — Só depois de falar ela notou que estava com ciúme e indignada.— E aí, o que aconteceu? — perguntou, procurando acalmar-se.

— Emily e o pai voltaram a vê-lo, mas o papel que Stephen lhes entregou não era um contrato de casamento.

— O que era?

— Uma lista com a sugestão de uma série de segundos maridos para ela. Cada um dos homens tinha título, e idade entre sessenta e noventa e dois anos. Não era apenas um insulto intencional a ambos, era algo muito mais contundente, porque Emily esperava um contrato

de casamento.

Depois de ficar em silêncio por alguns instantes, Sherry perguntou:

— Ele não é assim tão magnânimo, não? Além disso, pelo que você contou, parece que não é muito comum as senhoras casadas agirem do modo como Emily agiu.

— Stephen não podia perdoá-la pelo fato de Emily ter decidido casar-se com Lathrop; por querer casar-se com ele depois que recebeu os títulos. Não podia perdoá-la por ter-lhe mentido. Mas, acima de tudo, não podia perdoá-la por tê-lo levado a quase matar seu marido num duelo.

Depois que Sheridan assentiu, pensativa, Whitney voltou a falar:

— Se pensar no que lhe contei, creio que vai entender por que ele desconfia do próprio julgamento sobre as mulheres e desconfia dos motivos delas. Talvez você até chegue à conclusão de que não é assim tão cruel a determinação de Stephen de que você conheça outros homens antes de resolver ficar com ele para sempre. Não estou dizendo que ele tenha razão — acrescentou Whitney, quando sua consciência protestou contra o que tinha dito. — Não sei se está certo ou não, mas o que eu penso não importa. Só estou pedindo, quero dizer, sugerindo, que você ouça seu coração e decida baseada nas informações que agora tem sobre ele. E há mais uma coisa que irá ajudá-la a decidir, acho.

— O que é?

— Nem meu marido nem eu vimos Stephen olhar para uma mulher do jeito como ele olha para você, nunca o vimos agir com tanta gentileza, carinho e bom humor...

Tendo feito e dito tudo o que achava que poderia ajudar, a jovem duquesa foi até o sofá para pegar suas coisas. Sherry ergueu-se:

— É muito bondosa, Alteza — disse, com sinceridade.

— Por favor, chame-me apenas de Whitney — pediu a duquesa, enquanto pegava sua bolsinha. Com um sorriso, acrescentou:— E não me julgue *bondosa*, porque tenho um motivo muito egoísta para querer que você entre na família.

— Um motivo egoísta?

Voltando-se de frente para Sherry, a duquesa disse, com meiguice:

— Acho que você é a minha melhor chance de ter uma irmã, e provavelmente a única chance de ter uma irmã que vou adorar!

Num mundo onde tudo e todos pareciam estranhos e suspeitos, aquelas palavras e o

emocionado sorriso que as acompanhou tocaram Sherry profundamente. Enquanto sorriam uma para a outra, ela aproximou-se para apertar a mão da duquesa e a duquesa foi ao seu encontro; o aperto de mão social prolongou-se mais do que o devido e, nenhuma das duas saberia dizer como, transformou-se num apertado abraço. Sherry não tinha ideia de quem fizera o primeiro movimento, nem se importava em saber. Ambas passaram por cima disso, rindo da quase mágica que unira duas virtuais estranhas, que deveriam continuar se tratando como "Miss Lancaster" e "Alteza" mesmo depois de um ano de conhecimento. E não lamentavam ter chegado àquele ponto. O laço se estabelecera, fora reconhecido e aceito. A duquesa permaneceu parada, com um sorriso suave nos lábios; depois, sacudiu a cabeça, como se estivesse intrigada e contente:

— Gosto muito de você — declarou simplesmente, e no momento seguinte não estava mais no quarto.

Assim que se fechou, a porta tornou a abrir-se, e Whitney enfiou apenas a cabeça por ela, ainda sorrindo:

— Aliás — murmurou, — a mãe de Stephen também gosta de você. Vamos nos ver no jantar.

— Ah, será maravilhoso.

— A jovem *lady* assentiu e esclareceu, com um olhar expressivo:

— Vou lá embaixo convencer Stephen de que a ideia é dele.— E dessa vez foi embora.

Sherry aproximou-se da janela, que dava para a Upper Brook Street. Cruzando os braços, ficou olhando distraidamente os homens bem-vestidos, as mulheres elegantíssimas, passando em carruagens ou andando pela calçada, saboreando o perfumado entardecer.

Pensou em tudo o que ouvira, examinou a história várias vezes, e o conde assumiu novas dimensões a seus olhos. Podia imaginar como ele se sentia por ser querido pelo que tinha e não pelo que era. O fato de ele não gostar desse tipo de atenção, desse tipo de bajulação e de farsa provava que não era um homem afetado e vaidoso.

O fato de não ter recusado a amizade da mulher que amava, mesmo depois de ela estar perdida para ele, era uma prova irrefutável de que era firme e leal. E o fato de arriscar sua vida num duelo... demonstrava que era corajoso.

Em troca, Emily Lathrop o usara, o traíra e o decepcionara. Em vista disso, não era de admirar que ele quisesse ter certeza de não estar cometendo outro erro ao escolher sua

esposa.

Com os braços cruzados no peito, esfregando-os como se sentisse frio, Sheridan observou uma carruagem percorrer desabaladamente a rua, assustando os pedestres, enquanto pensava na vingança que ele conseguira da mulher que amara.

Ele não era afetado nem vaidoso.

Mas também não era magnânimo.

Retirou-se da janela e foi até a mesa, onde começou a folhear distraidamente as páginas do jornal da manhã, procurando distrair-se de uma outra verdade: não tivera nesse dia, nem em qualquer outro, uma indicação sequer de que Stephen gostava dela.

Gostava de beijá-la, mas em algum lugar de sua escura memória havia a certeza de que isso não significava amor, necessariamente. Gostava da companhia dela, às vezes. Gostava de rir com ela, sempre. Disso tinha certeza.

Queria muito que sua memória voltasse, porque todas as respostas de que precisava estavam lá.

Inquieta, abaixou-se e pegou um pedacinho de papel que caíra no tapete, enquanto tentava decidir que atitude tomar. O orgulho ordenava que se mantivesse acima da determinação que o conde lhe comunicara. O instinto dizia-lhe que não devia dar a ele outra oportunidade de magoá-la.

Iria agir do modo mais natural possível, decidiu, mas seria reservada o bastante para ele perceber que preferia que mantivesse distância.

E precisava arranjar um jeito de parar de se lembrar das mãos dele percorrendo-lhe as costas, ao longo da espinha, os ombros, quando a beijara... ou de como os dedos dele se enfiavam em seu cabelo, enquanto mantinha a boca tão presa à dele como se jamais a fosse soltar. Não podia pensar na fome que sentia por aqueles beijos, no jeito como os braços dele a rodeavam... E, coisa difícil, precisava esquecer como ele sorria... aquele sorriso deslumbrante e indolente, que iluminava o rosto moreno e fazia o coração dela parar... tinha que tirar da cabeça o modo como os olhos, de um profundo azul-escuro, enrugavam-se nos cantos quando ele sorria...

Aborrecida consigo mesma por estar fazendo exatamente o que dizia que não deveria fazer, Sherry sentou-se à mesa e tentou concentrar a atenção no jornal.

ELE HAVIA AMADO EMILY LATHROP.

Frustrada, fechou os olhos com força, como se assim pudesse expulsá-lo da mente. Mas não pôde. Stephen amara Emily Lathrop até a destruição, e, se bem que soubesse que era loucura, saber disso doía terrivelmente, porque o amava.

CAPITULO 27

Sheridan ainda estava aturdida com a descoberta de que amava Stephen quando lhe avisaram que o dr. Whitticomb já chegara com sua futura acompanhante.

Desejando mais tempo para pensar no que soubera nesse dia e deprimida com a ideia de ficar sob o olhar de uma vigilante inglesa, ela entrou na sala onde o médico se encontrava, de pé, ao lado de uma senhora acomodada no sofá. Em vez da matrona inglesa de cara azeda que imaginara, ela lembrava mais uma boneca de porcelana, com faces rosadas e cabelos prateados recolhidos sob uma touca branca pregueada.

No momento, estava cochilando, com o queixo apoiado no peito.

— Esta é miss Charity Thornton— disse o dr. Whitticomb, baixinho, quando Sherry parou diante dele, tia solteira do duque de Stanhope.

Engolindo a risada provocada pela ideia absurda de ter aquele ser pequenino, adormecido, a tomar conta dela, Sherry comentou, num bem-educado sussurro:

— Vai ser ótimo tê-la aqui para cuidar de mim.

— Ela ficou entusiasmada com a possibilidade.

— Imagino...— brincou Sherry, observando o subir e descer do peito da senhora, que lembrava o de uma pomba gorduchinha.— Dá para notar que está *muito* animada.

A esquerda, fora do campo visual de Sheridan, encostado a uma mesa de mogno lavrada, Stephen assistia ao encontro, e sorriu ao ouvi-la.

— A irmã mais nova dela, Hortense, queria acompanhá-la— confidenciou Hugh, sempre em voz baixa,— mas as duas discutem o tempo todo sobre tudo, inclusive sobre suas idades, e eu não quis que perturbassem seu sossego.

— Que idade tem a irmã dela?

— Sessenta e cinco anos.

— Sei... — Mordendo os lábios para engolir o riso, Sherry murmurou:— Será que podemos acordá-la?

Stephen Westmoreland entrou na conversa, em tom de voz natural:

— Acho melhor— brincou, — ou a enterraremos sentada. — Sherry estremeceu ao ver que ele estava ali, e Miss Charity saltou como se tivessem disparado um canhão junto do seu ouvido.

— Santo Deus, Hugh! — exclamou, com ar severo. — Por que não me acordou? — Viu Sheridan e estendeu a mão, sorrindo. — Estou muito feliz por ser sua acompanhante, minha querida. O dr. Whitticomb disse-me que está se recuperando de um ferimento e que precisa de uma dama de companhia com reputação impecável enquanto permanecer aqui com Langford. — Os olhos dela se apertaram, demonstrando esforço. — Mas não consigo me lembrar que tipo de ferimento é...

— Na cabeça ajudou-a Sherry.

— Ah, sim. É isso. — Os olhos azuis demoraram-se um pouco na cabeça da jovem. Parece que já sarou.

Hugh Whitticomb interferiu:

— O ferimento sarou, como eu lhe disse, mas deixou uma sequela: Miss Lancaster perdeu a memória.

— Minha pobre menina! — O rosto rosado entristeceu. — Você sabe quem é?,

— Sei.

— Você sabe quem eu sou?

— Sei, senhora.

— Quem eu sou?

Perigosamente perto de romper numa sonora gargalhada, Sherry desviou os olhos, tentando recuperar a compostura, e deu com o sorriso do conde, que lhe piscou amigavelmente. Decidindo que era melhor ignorar a demonstração de amizade até que tivesse tempo de examinar melhor os próprios sentimentos, ela voltou os olhos para a acompanhante e respondeu ajuizadamente à pergunta que, supunha, fazia parte de um teste.

— A senhora é Miss Charity Thornton, tia do duque de Stanhope.

— Era isso que eu estava pensando! — exclamou a dama, com alívio.

— A... acho que vou pedir o ch... chá! — pretextou Sherry, enquanto saía quase correndo, com a mão na boca para segurar o riso, mas sacudindo os ombros sem controle.

Olhando-a sair, Miss Charity disse, com tristeza:

— É uma moça tão linda, mas com essa gagueira vamos ter trabalho para arranjar-lhe um bom marido.

Hugh deu-lhe pancadinhas tranquilizadoras num ombro:

— Tenho certeza que você é a única que pode consegui-lo, Charity.

— Vou ensiná-la a se comportar em sociedade — dizia Charity quando Sherry voltou.

Agora que estava totalmente acordada, a simpática dama parecia bem mais alerta e lúcida. Bateu no assento do sofá a seu lado, num claro convite para a jovem sentar-se ali. E quando ela o fez, prometeu-lhe:

— Vamos passar momentos adoráveis! Iremos a festas, reuniões, bailes... Iremos fazer compras na Bond Street, passear no Hyde Park e em Pall Mall. Ah, sim! Você *tem* que ir ao baile do Almack Assembly Rooms. Conhece o Almack?

— Não, senhora, temo que não — respondeu Sherry, imaginando se sua acompanhante teria disposição para uma vida tão agitada.

— Você vai se apaixonar por ele — garantiu Charity, unindo as mãos em êxtase quase religioso. — É o "Sétimo Céu do Mundo da Moda", e seus bailes são mais importantes do que uma apresentação à corte. Os bailes acontecem nas quartas-feiras à noite e são tão exclusivos que, se uma das patronesses lhe der um convite, você será automaticamente convidada para todas as festas e bailes da aristocracia. O conde a levará ao primeiro baile, o que fará todas as mulheres sentirem inveja de você e a tornará objeto de especial interesse de todos os homens que estiverem presentes. O Almack é o lugar certo para fazer seu primeiro aparecimento em sociedade, e... Ela interrompeu-se e fitou o conde, preocupada: Langford, tem como fazê-la convidar para ir ao Almack?

— Receio jamais ter dado a mínima atenção ao Almack — respondeu ele, voltando-lhe as costas para que não visse em seu rosto a repulsa que sentia pelo luxuoso clube.

— Vou conversar com sua mãe a respeito disso, então. Ela precisará usar de sua influência, e acredito que tenha bom relacionamento com as patronesses. — Com os olhos azul-claros observou reprovadoramente o conde, sua calça e a casaca cor de vinho, de corte elegante, e disse alarmada: — Você não será admitido no Almack se não estiver vestido de maneira apropriada, Langford.

— Vou avisar meu criado de quarto das medonhas consequências sociais que sofrerei se ele não me vestir apropriadamente — prometeu o conde, com cinismo.

— Diga-lhe que você tem que usar uma casaca preta, formal, de abas longas — esclareceu a dama, duvidando da competência do excelente Damson.

— Direi, com todas as letras.

— E um colete branco, também formal, é claro.

— É claro.

— E camisa branca, com gravata.

— Naturalmente — assentiu o lorde, com seriedade, inclinando a cabeça num leve cumprimento.

Satisfeita por ter esclarecido bem aquele importante ponto, Miss Charity voltou-se para Sheridan e confidenciou:

— Uma vez, as patronesses impediram a entrada do duque de Wellington, quando *ele* apareceu no Almack com essas calças horrorosas que os homens usam hoje em dia, em vez da calça formal, justa, fechada pouco abaixo dos joelhos. — Passando de um tema para outro, perguntou:— Você sabe dançar?

— Eu... — Sherry hesitou, balançando a cabeça. — Não tenho certeza.

— Então, temos que contratar um professor de dança agora mesmo. Você precisa aprender o minueto, a quadrilha, o cotilhão e a valsa. Mas não pode dançar a valsa em lugar algum enquanto as patronesses do Almack não lhe derem licença.— Com voz terrível, Charity avisou:— Se fizer isso, será muito pior do que se Langford não estivesse apropriadamente vestido, porque ele apenas não seria admitido e talvez ninguém ficasse sabendo. Mas você seria considerada leviana e cairia em desgraça. Langford deve levá-la à pista para a primeira dança, depois poderá dançar apenas mais uma vez com você. Não mais do que isso. Até mesmo duas danças podem ser perigosas e desviar de você alguma atenção *especial*. E isso é a última coisa que queremos que aconteça! Langford — chamou a senhora, arrancando-o da contemplação absorta do perfil de Sherry,— está ouvindo tudo?

— Cada palavra — assegurou ele. — No entanto, acredito que Nicholas DuVille quer ter a honra de escoltar Miss Lancaster ao Almack e de dançar com ela a primeira dança. — Inclinando-se imperceptivelmente para observar a reação de Sheridan ao que dissera e ao que ia dizer, acrescentou: — Tenho um compromisso para quarta-feira e, por isso, vou me contentar com a reserva de uma dança mais tarde, no carnê de baile de Miss Lancaster.

A expressão de Sherry não se alterou. Ela estava olhando as próprias mãos no colo e assim continuou, dando a impressão de estar mortificada com aquelas manobras para atrair pretendentes.

— As portas do Almack fecham-se às onze horas exatas, e nem mesmo milorde pode ser admitido depois disso — avisou Miss Charity. Enquanto Stephen admirava a capacidade

dela de lembrar-se de umas coisas e esquecer-se de outras, a dama hesitou:— DuVille?
Não é aquele rapaz que cortejou a sua cunhada?

— Creio que — evadiu-se o conde, cuidadoso — agora ele está cortejando Miss Lancaster.

— Excelente! Depois de você, ele é o melhor partido da Inglaterra!

— DuVille ficará orgulhoso ao ouvir isso!

Stephen cumprimentou a si mesmo pela inspirada estratégia de forçar Nicholas DuVille a acompanhar Sherry ao Almack horas antes de ele próprio ir para lá. Sentia-se deliciosamente vingado só em imaginar o suave francês acuado, como uma lebre assustada, pelas ávidas debutantes e suas ferozes mães, que avaliariam Nicki como uma mercadoria, calculando suas posses financeiras e imaginando se ele teria um título a oferecer. Stephen não punha os pés naquele verdadeiro Mercado de Casamentos há mais *de* uma década, porém lembrava-se bem: podia-se jogar numa sala especial, mas as apostas eram tão baixas que não tinham a menor graça, e a comida oferecida era tão insossa quanto o jogo: chá fraco, limonada quente, bolos sem gosto, orchata, pão com manteiga. Depois que DuVille tivesse dançado duas vezes com Sherry, a noite seria um sofrimento para ele.

A ideia de Stephen era levar Sheridan à ópera na noite seguinte: ela gostava de música, sabia disso por causa da noite em que a vira organizar o coro dos criados, portanto adoraria assistir a *Don Giovanni*.

Braços cruzados ao peito, ficou observando Charity Thornton ensinar Sherry. Assim que vira a dama entrar com Whitticomb, imaginara se o médico perdera o juízo. Mas, enquanto ouvia a conversa animada, ia se convencendo de que Hugh tinha feito uma excelente escolha, que iria agradar a todo mundo, inclusive a ele, Stephen. Quando a dama não estava cochilando ou imóvel, tentando lembrar-se de algo que lhe escapara, era agradável companhia. No mínimo, divertia Sherry, em vez de intimidá-la ou assustá-la. De repente, o lorde reparou que Charity falava do cabelo de Sherry.

— ... e ser ruivo não é tudo, entende? Quando minha excelente criada tiver cortado seu cabelo no estilo certo, ele ficará ainda mais lindo.

— Não vai cortar! — ordenou Stephen, antes de poder conter-se ou, pelo menos, suavizar o tom da ordem.

As outras três pessoas presentes fitaram-no, espantadas.

— Mas, Langford — protestou Miss Charity,— hoje em dia as moças usam cabelos curtos!

Stephen sabia que não devia se meter naquilo, sabia que não era de sua alçada interferir no julgamento puramente feminino de cabelos e penteados, mas não suportava a visão do cabelo maravilhoso de Sherry cortado, espalhado no chão.

— Não corte o cabelo dela — repetiu, num comando gelado, indiscutível.

Inexplicavelmente, esse tom fez Whitticomb sorrir. Fez Charity encolher-se.

Fez Sheridan pensar, momentaneamente, em cortar seu cabelo quase pela raiz.

CAPITULO28

Whitney sorriu ao ver a nova criada de Sherry dar os toques finais no cabelo ruivo. Lá embaixo, Nicholas DuVille esperava para levar Charise Lancaster e Charity Thornton ao Almack, para o primeiro aparecimento oficial da jovem na sociedade londrina. Stephen juntar-se-ia a eles mais tarde, e os quatro iriam para o baile de Rutherford, onde Whitney, Clayton e a duquesa-mãe empenhariam sua proteção e influência para assegurar que nada desse errado no baile mais importante da abertura da temporada.

— Stephen tinha absoluta razão quando implorou que não cortassem seu cabelo — observou a jovem duquesa.

— Ele não implorou — corrigiu Sherry. — Ele *proibiu* que fosse cortado.

— Tenho que concordar com ele — opinou a mãe do conde. — Seria um crime cortar cabelo tão lindo.

Sherry sorriu, sem jeito, impossibilitada de discutir o caso, em parte por educação, porém mais porque se tornara muito ligada a Whitney Westmoreland e à duquesa-mãe nos últimos três dias, depois que Lorde Westmoreland lhe dissera para considerar outros pretendentes. As duas haviam se mantido ao lado dela quase constantemente, acompanhando-a a compras, assistindo às provas dos vestidos, às aulas de dança, contando-lhe casos divertidos sobre algumas das pessoas que ia conhecer. Jantavam todas as noites com o conde e seu irmão.

No dia anterior, Whitney levara consigo o filho de três anos, Noel. Achavam-se no salão de baile, onde Sherry tinha aula com um professor de dança tão empertigado e sério que mais parecia um general. A duquesa-mãe e Whitney, com o pequeno Noel no colo, observavam Sheridan tentar aprender passos de dança que, pelo jeito, ela nunca soubera. Como as secas ordens do professor comesçassem a embaraçá-la, Whitney erguera-se e se oferecera para dançar com ele, a fim de que Sherry pudesse ver como eram os passos. Feliz, ela trocara de lugar com a jovem duquesa e sentara-se com Noel no colo. Pouco tempo depois, a duquesa mãe decidira mostrar à nora e a Sherry como se dançava no tempo *dela*, e não demorou muito as três morriam de rir diante da indignação do sisudo professor, quando começaram a dançar umas com as outras.

Naquela noite, ao jantar, elas tinham feito aos cavalheiros hilariantes descrições da aula de dança e do professor. Sheridan temera esse jantar com seu relutante noivo, mas a presença da duquesa-mãe, de Whitney e do duque haviam servido como apoio e distração. Na verdade, ela achava que era com esse propósito que eles jantavam lá. Caso se tratasse de um plano, era muito eficiente, porque ao fim da primeira noite Sherry passara a sentir-se à vontade na presença do conde e o tratava com cortesia, nada mais nada menos do que isso. Houve momentos em que teve a gratificante sensação de que ele se irritava por ter criado aquela situação; momentos esses em que ria com o irmão de Stephen e em que percebia que ele fazia cara feia, como se não estivesse gostando de alguma coisa. Houve momentos em que teve a impressão de que Clayton Westmoreland percebia a irritação do irmão e divertia-se com ela, mas Sherry não podia entender por quê. Por sua vez, achava o duque de Claymore o homem mais bondoso, simpático e encantador que já conhecera, e disse-o ao conde na manhã seguinte, quando ele a surpreendera enquanto tomava o café da manhã.

Na esperança de evitá-lo, ela decidira descer para o café mais cedo e surpreendera-se ao vê-lo entrar na pequena sala de desjejum com a maior naturalidade, como se sempre tomasse o café da manhã lá e não na luxuosa sala de jantar. E surpreendera-se mais ainda quando, ao elogiar o humor e o bom caráter de seu irmão, o ouviu retrucar, com sarcasmo:

— Estou feliz em ver que encontrou seu ideal de homem perfeito.

Então, erguera-se, deixando o café por terminar, e com a desculpa de trabalho a fazer deixara-a sozinha na sala, aturdida com seu modo de agir. Na noite anterior, depois do jantar, ele fora ao teatro; na noite antes dessa, ele também saíra, e Hodgkin contara que nas duas noites o conde voltara de madrugada.

Whitney e a duquesa-mãe haviam chegado logo depois, encontrando-a ainda à mesa, imaginando se não seria a falta de sono que deixara Stephen de mau humor. Depois que contou o acontecido às duas mulheres, elas se entreolharam e exclamaram ao mesmo tempo:

— Ele está com ciúme!

Essa possibilidade, se bem que parecesse improvável, deixou-a intrigada. Tanto que Nicholas DuVille foi buscá-la à tarde para um breve passeio no parque e à noite, antes do jantar, ela comentou que ele era um companheiro agradável e bem-disposto, obtendo a mesma reação do conde, só que com palavras diferentes:

— Você é muito fácil de se contentar!— exclamou, com desprezo.

Como Whitney e a duquesa-mãe lhe haviam pedido que lhes contasse tudo o que Stephen dizia e fazia, Sherry narrou o acontecido na manhã seguinte, e de novo elas garantiram que ele tinha ciúme.

Sheridan não sabia se estava contente ou não com isso. Sabia, com certeza, que tinha medo de acreditar que significasse algo para ele, mas uma parte dela não conseguia deixar de ter esperança que sim.

Sabia também que Stephen iria ao Almack nessa noite a fim de chamar a atenção para ela, porque Charity Thornton tinha certeza de que isso garantiria a popularidade de sua protegida. Na verdade, Sheridan não estava interessada em popularidade: interessava-se apenas por não envergonhar a ele, à família dele ou a si mesma. À medida que o dia passava, ia ficando cada vez mais nervosa, mas Whitney apareceu ao anoitecer, para fazer-lhe companhia enquanto se vestia para o baile uma atividade tão prolongada que algum tempo depois ela não via o momento de estar pronta e ir embora.

Uma costureira encontrava-se de pé, ao lado, segurando o espetacular vestido que acabava de ficar pronto, e Sherry olhou o relógio.

— Estou fazendo Monsieur DuVille esperar! — constatou, nervosa.

— Tenho certeza que Nicholas imaginava ter que esperar — acalmou-a Whitney.

Mas não era com Nicholas que Sheridan se preocupava. Lorde Westmoreland também estava lá embaixo, e ela queria ver o efeito que todo aquele preparo faria nele, quando a visse pronta.

— Pronto... Não, não olhe ainda— disse Whitney, quando Sherry ia voltar-se para o espelho a fim de ver o penteado.— Espere até estar com o vestido, assim terá a ideia completa. — Sorrindo, nostálgica, acrescentou: — Eu estava em Paris com minha tia e meu tio quando fiz meu *début* na sociedade. Nunca tinha me visto com um vestido de verdade até o instante em que titia deixou que me voltasse e me olhasse no espelho.

— É mesmo?

Sherry imaginou até que ponto isso seria verdade, uma vez que, pelo que vira e lera, as moças inglesas ricas viviam como princesas desde pequeninas.

Whitney viu nos olhos cinzentos a pergunta que Sheridan era bem-educada demais para fazer e riu:

— Eu era desajeitada, pouco feminina...

Era impossível imaginar que aquela encantadora e perfeita mulher sentada na beira da cama tivesse sido desajeitada ou pouco feminina um momento sequer na vida, e Sherry lhe disse isso.

— Pouco tempo antes dessa noite em Paris — confessou Whitney, corando, — meus dois maiores sonhos eram aprender a usar estilingue e fazer um determinado rapazinho se apaixonar por mim. Foi por isso — confidenciou com um sorriso — que me mandaram para a França. Ninguém sabia o que mais eu poderia inventar para cair em desgraça.

O comentário divertido de Sherry foi abafado quando a costureira fez o vestido descer-lhe sobre a cabeça. Nesse momento, a duquesa-mãe entrou no quarto:

— Não tive paciência de esperar até nos encontrarmos no Rutherford para ver como você ficou — explicou, sentando-se e observando a cerimônia de vestir.

— Monsieur DuVille não está aborrecido com minha demora? — perguntou Sheridan, erguendo os braços e virando-se, obediente, para que as ajudantes fechassem os minúsculos colchetes ao longo de suas costas.

— De modo algum! Ele está tomando um cálice de xerez com Stephen e... Oh! — exclamou a *lady* quando ela se voltou.

— Por favor, não me diga que algo está errado! — assustou-se Sherry.

Como a mãe de Stephen não se encontrava em condições de falar, ela voltou-se para Whitney, que se erguia lentamente, com um sorriso maravilhado nos lábios.

— Alguém diga alguma coisa, por favor! — pediu Sherry, angustiada.

— Mostre a Miss Lancaster como ela ficou — disse Whitney à criada, imaginando a reação de Stephen quando ele testemunhasse aquela transformação. — Não, espere... Primeiro, calce as luvas e pegue o leque, Sherry. Você tem direito ao espetáculo completo, não acha?

Ela não sabia se achava ou não. Com uma inexplicável mistura de ansiedade e mau pressentimento, calçou as longas luvas cor de marfim, que passavam um pouco dos cotovelos, pegou o leque de marfim e ouro que a criada lhe oferecia, e então voltou-se lentamente e olhou para o espelho de tamanho natural que duas criadas seguravam.

Seus lábios entreabriram-se de prazer e pasmo diante da mulher maravilhosa que a fitava.

— Estou... tão bonita! — exclamou, incrédula. A duquesa-mãe sacudiu a cabeça, admirada:

— Isso é dizer pouco.

— Pouquíssimo! — concordou Whitney.

A jovem duquesa estava tão ansiosa por ver a reação de Stephen que precisou se dominar para não ceder à tentação de pegar Charise Lancaster pela mão e levá-la escadaria abaixo, até o salão onde sabia que ele estava esperando com Nicholas e Miss Charity.

No começo Stephen *se* divertira por ter manobrado para forçar Nicholas DuVille a passar boa parte da noite no Almack, sob a vigilância de Charity Thornton, ainda por cima. Mas, ao ver aproximar-se o momento de os dois saírem, já não estava tão animado com a própria proeza. Sentado na sala de estar, ouvindo Miss Thornton e DuVille conversar, enquanto esperavam que Sherry descesse, notou que a solteirona ouvia atentamente cada palavra que o francês dizia e o aprovava a cada sílaba. Era uma atitude nada apropriada para uma acompanhante, e incompreensível, considerando a lendária fama de mulherengo de Nicholas DuVille.

— Ela está descendo, por fim! — exclamou Charity Thornton, excitada, apontando para o *hall* e levantando-se com mais entusiasmo e energia do que demonstrara durante a semana inteira.

— Vamos ter uma noite maravilhosa! Vamos, Monsieur DuVille exortou, pegando seu xale e a bolsinha.

Stephen seguiu-os ao *hall de* entrada, onde DuVille estacara, olhando para a escada, como se estivesse congelado, a não ser pelo sorriso de aprovação que lhe iluminava o rosto. O conde acompanhou a direção do olhar, e o que viu encheu-o de um orgulho ardente. Descendo a escada, envolta num vestido de seda cor de marfim, aproximava-se a mesma mulher que jantara com ele de penhoar e descalça. Como ela já se mostrara linda daquele modo informal, ele imaginara que ficaria muito bem, vestida de acordo com as regras da elegância, mas não estava preparado para o que via. O cabelo de fogo havia sido puxado para trás e para o alto da cabeça, onde estava preso por finos fios de pérolas, descendo depois até abaixo dos ombros, em ondas suaves e cachos. Ele perdeu a respiração.

Ela percebeu isso, notou Stephen, porque afinal olhava para ele, depois de quatro dias

olhando através dele, como se fosse invisível. Foi um olhar muito rápido, para ver-lhe a reação, mas olhou-o.

— Senhora — disse o conde,— eu devia ter contratado um exército para protegê-la esta noite.

Até aquele momento Sheridan quase conseguira esquecer que o propósito daquela custosa estratégia era proporcionar-lhe pretendentes, mas o evidente prazer que ele demonstrava ao constatar que ela seria capaz de chamar a atenção de outros homens causou-lhe uma dor agonizante. Mais ainda por ser o momento em que ela se achava bonita e esperava que ele também a achasse, essa dor a feriu tão forte e tão fundo que, de repente, Sheridan se tornou insensível. Oferecendo a mão para o beijo dele, disse com calma porém férrea determinação:

— Vou me esforçar para *ter certeza* de que você deveria ter feito *exatamente* isso.

As bastas sobancelhas do conde ergueram-se em expressão de desagrado ao ouvir aquilo.

— Não "se esforce" demais — recomendou, com frieza, é assim que as reputações se formam.

—

CAPITULO 30

— O que foi, Damson?

Stephen olhou o criado pelo espelho, enquanto ele dava a série de elaborados nós em sua gravata branca, então inclinou-se para a frente e passou a mão pelo rosto, a fim de verificar se a barba estava bem-feita.

— Mr. Hodgkin acha que milorde deve ver esta carta antes de sair, caso seja importante.

Damson colocou o envelope sobre a cama e voltou a atenção para o delicado trabalho de vestir Lorde Westmoreland de acordo com as rígidas regras do Almack. Retirou uma casaca preta, formal, de abas longas, de um dos guarda-roupas, e atravessou o quarto alisando inexistentes rugas. Com a casaca erguida, aguardou que Stephen a vestisse, depois ajeitou os ombros, a frente, e deu a volta para observar o excelente resultado de seus cuidados e de sua atenção.

— Hodgkin sabe quem mandou a carta? — perguntou o conde, ajeitando os punhos da camisa e prendendo a gravata com um alfinete de safira.

— Foi o ex-administrador de Lorde Burleton quem a mandou, milorde. É uma carta dirigida ao barão Burleton.

Stephen assentiu, sem grande interesse. Ele acertara as contas do falecido barão com seu administrador e lhe pedira que mandasse para ele toda correspondência que chegasse para Burleton. A maior parte das cartas eram cobranças de contas não pagas. Como privara o jovem nobre da vida, impedindo-o de honrar seus compromissos, o conde achara-se na obrigação de saldar todas as dívidas existentes.

— Entregue ao meu secretário — disse, apressado para sair. Prometera encontrar-se com o irmão no The Strathmore para jogarem cartas, e estava atrasado. Depois de uma ou duas horas de jogo, planejava ir ao Almack, tirar Sherry do "Mercado de Casamentos" na primeira oportunidade e levá-la para o baile de Lorde Rutherford, que seria muito mais agradável para ambos. DuVille, decidira com maldosa satisfação, teria que se contentar em escoltar Charity Thornton.

— Sugerir a Mr. Hodgkin que a entregasse ao secretário, milorde — explicou Damson, retirando cuidadosamente invisíveis mas ofensivos pelinhos que tinham se atrevido a cair sobre a imaculada pessoa do lorde. — Mas ele insistiu muito em que milorde devia ver a

carta, pois ela pode trazer notícias importantes. Veio da América.

Imaginando que seria uma conta feita por Burleton quando estivera na América, Stephen abriu a carta enquanto descia a escada.

Parou no *hall*.

— McReedy já está na porta, com a carruagem — informou Colfax, estendendo-lhe as luvas, mas Stephen não o escutou, nem o viu.

Toda a sua atenção achava-se concentrada na carta, que fora enviada a Lorde Burleton pelo pai de Charise Lancaster.

O mordomo-chefe notou a preocupação do conde, sua expressão sombria, e receou que o conteúdo da carta alterasse os planos do lorde para aquela noite.

Miss Lancaster certamente estava deslumbrante quando saiu para o Almack... e muito animada, pelo que pude notar e se me permite dizê-lo, — milorde observou polidamente.

Era verdade, mas no fundo, ao falar com afeto e cuidado sobre a jovem americana, Colfax queria lembrar Lorde Westmoreland de que a presença dele era muito importante para o *debut* dela na sociedade.

Stephen dobrou a carta, guardou-a no envelope e olhou para o mordomo sem vê-lo, com os pensamentos muito distantes dali. Saiu sem dizer uma palavra e aproximou-se rapidamente da carruagem com seus longos passos.

— Temo que sejam notícias desagradáveis, Hodgkin — disse Colfax ao segundo-mordomo, que entrava apressado no *hall*

— Muito desagradáveis, com certeza... — Hesitou, achando que feria sua dignidade conjecturar, mas a preocupação com a adorável moça americana era maior do que a importância que dava à sua dignidade.— A carta era dirigida a Lorde Burleton... e talvez devesse ser lida apenas por ele. É possível que se refira a Miss Lancaster.

Situado em St. James's Square, atrás de um dossel verde formado por árvores seculares que ia desde a porta de entrada até a rua, The Strathmore era um clube que reunia um grupo relativamente pequeno, mas muito seletivo, da nobreza que preferia jogar em ambiente mais luxuoso e sossegado do que o dos salões de jogo barulhentos do White, assim como degustar pratos melhores do que as carnes cozidas e tortas sem gosto que eram servidas no Brook e no White.

Diferentemente do Brook, do White e do Watier, The Strathmore pertencia aos seus cento e cinquenta sócios-fundadores. O clube fora passando de geração em geração e era rigidamente limitado aos descendentes dos fundadores originais. Existia não para visar lucros, mas para oferecer um inexpugnável e confortável abrigo, onde os sócios podiam arriscar fortunas em uma só mão de um jogo de baralho, conversar em voz normal sem o temor de ser ouvidos por pessoas indesejáveis e jantar pratos inigualáveis, preparados por seus *chefs* italiano e francês. De cada membro esperava-se completa discrição, garantida, portanto, para todos. Comentários sobre perdas e ganhos fabulosos nas mesas de jogo do White e do Brook espalhavam-se por Londres inteira como fogo num rastilho de pólvora. Mas não saía uma só palavra a respeito do Strathmore, onde esses ganhos e perdas eram comparativamente astronômicos. No entanto, nos limites do clube os comentários passavam de membro a membro, de sala a sala, com espantosa alacridade e considerável alegria masculina.

Não se admitiam convidados, nem mesmo acompanhados por sócios, o que irritou profundamente o Belo Brummell quando tentou entrar no clube, na época em que reinava absoluto em todos os demais clubes masculinos elegantes de Londres.

O próprio Prinny, o Príncipe Regente, fora recusado como membro por não ser descendente *de* um sócio-fundador, o que provocara a ira do Belo Brummell, mas também uma reação de inesperado senso comum e percepção: fundou seu próprio clube, instalando nele dois *chefs* reais, e o denominou Watier, nome de um dos *chefs*. Mas foi impossível ao Príncipe Regente conseguir a mesma aura de impoluta dignidade, exclusividade e absoluta elegância naturais aos salões do Strathmore.

Com um distante aceno de cabeça ao gerente, que o cumprimentou com uma reverência à porta de entrada, Stephen percorreu as grandes salas com painéis de carvalho, dando pouca atenção aos sócios que, acomodados nas confortáveis poltronas estofadas em couro

verde-escuro, conversavam ou jogavam nas pequenas mesas de jogo. A terceira sala em que entrou estava quase deserta, o que lhe servia perfeitamente. Sentou-se numa das quatro poltronas a uma mesinha desocupada e, olhando fixamente para a lareira apagada, pensou no grave conteúdo da carta. Via-se diante da decisão mais importante de sua vida.

Quanto mais pensava no problema que a carta criara, mais evidente se tornava a solução... e melhor ele se sentia. No espaço de uma hora, a disposição de Stephen passou de severa a pensativa, filosófica e finalmente alegre. Mesmo sem a existência daquela missiva, ele achava que com certeza acabaria fazendo o que ia fazer. A diferença era que seu conteúdo virtualmente o obrigava a fazê-lo, o que significava que ele podia agir segundo seus desejos sem infringir as exigências da honra e da decência. Arrependera-se logo por ter dito a Sherry que queria que ela avaliasse outros pretendentes. Mal podia conter o ciúme quando ela dava atenção a DuVille, e não tinha ideia da fúria que sentiria quando os pretendentes comesçassem a bater à sua porta. Sem dúvida chegaria o dia em que um deles reuniria coragem para pedir-lhe a mão dela, e com certeza o atrevido iria ver-se estatelado no meio da rua, sem saber como chegara ali.

Toda vez que estava com Sherry sentia dificuldade em desviar os olhos dela, e, se estivessem sós, era incapaz de impedir-se de tocá-la. Sherry também o queria. Ele sabia disso desde o começo, e ela não mudara, por mais que se esforçasse para demonstrar que o considerava meramente um conhecido e que nada tinham em comum. Derretera-se em seus braços nas vezes em que haviam se beijado. Tinha certeza: Sherry gostava dele.

As palavras divertidas do irmão fizeram-no erguer a cabeça:

— Com o risco de me meter no que parece ser uma complicada discussão consigo mesmo, será que posso saber o que está acontecendo, ou vamos jogar baralho?

Um cálice a meio permanecia perdido sobre a mesinha, e, ao olhar em redor, Stephen reparou que a sala tinha mais sócios do que quando chegara.

Enquanto Clayton, de sobranceiras erguidas, esperava a resposta, o conde inclinou a cadeira para trás e considerou mais uma vez a decisão que tomara, e a vontade de começar a agir de imediato. Uma vez que era o que queria fazer, na pressa levava em conta apenas as vantagens, ignorando as desvantagens.

— Prefiro conversar — respondeu, por fim. — Não estou com disposição para jogar.

— Isso eu já tinha percebido. Wakefield e Hawthorne também, mas assim mesmo nos

convidaram para juntar-nos a eles.

— Não vi que eles estavam aqui — admitiu Stephen, olhando por cima dum ombro à procura dos amigos, que ofendera sem querer. — Onde eles estão, agora?

— Foram consolar a sensibilidade ofendida na mesa de faraó. (Espécie *de jogo de baralho, muito antigo*. (N. da T.) — Apesar do ar casual, Clayton sabia que Stephen se preocupava com algo muito importante. Paciente, esperou alguns segundos pela explicação, e então disse: — Tem alguma ideia do assunto sobre o qual quer conversar ou prefere que eu escolha?

Em resposta, Stephen tirou do bolso a carta enviada pelo administrador do pai de Charise.

— Esse é o assunto que me interessa no momento — explicou, entregando-a juntamente com o extrato bancário que a acompanhava.

Clayton desdobrou a carta e leu-a.

”Prezada Miss Lancaster,

Enviei esta carta ao seu marido para que ele pudesse prepará-la para as notícias que ela contém.

É com profundo pesar que comunico a morte de seu pai, meu grande amigo. Permaneci com ele até o fim, e quero que saiba que ele expressou arrependimento por ter cometido falhas na sua educação, principalmente por tê-la mimado demais e dado tudo que a senhora quis.

Ele queria que a senhora cursasse as melhores escolas e fizesse um casamento brilhante. Consegui as duas coisas, mas ao fazê-lo, e ao providenciar seu elevado dote, praticamente gastou tudo o que tinha e hipotecou o que restava. O extrato bancário que envio anexo representa o total de suas posses.

Sei que a senhora e seu pai discordavam em muitas coisas, Miss Lancaster, mas tenho a mais profunda esperança e também ele tinha de que algum dia dê valor aos esforços de seu pai e aproveite ao máximo as oportunidades que ele lhe proporcionou. Como a senhora, Cyrus tinha muita determinação e gênio forte. Talvez tenha sido justamente essa semelhança o que os impediu de se entenderem bem.

Espero que a distância a faça sofrer menos com a notícia da morte de seu pai. É possível

que a senhora venha a sentir tristeza e remorso, um dia, quando perceber que é tarde demais para dizer e fazer coisas que teriam evitado tanto atrito entre vocês dois.

No desejo de evitar-lhe maiores sofrimentos, seu pai pediu-me que lhe dissesse que, embora nunca o tenha demonstrado, ele a amou, e que tinha certeza de, apesar de a senhora nunca o ter demonstrado, também ser amado.”

Ao terminar, Clayton devolveu a carta, e sua expressão sombria refletia a mesma tristeza, a mesma preocupação que Stephen sentia por Sherry. Achava-se também intrigado como ele diante daquelas palavras.

— Uma pena para o pai dela... — comentou, penalizado. — Miss Lancaster está numa fase de má sorte, se bem que por um lado foi bom ela não estar lá. — Hesitou um momento, então acrescentou: — O que acha do que o administrador escreveu? A moça que ele descreve na carta não se parece com a moça que eu conheço.

— Também acho, exceto no que se refere à determinação e gênio forte — completou Stephen, com um sorriso. — A não ser que o pai dela e o administrador sejam o tipo de homens dominadores, desses que consideram o menor traço de personalidade em uma mulher como intolerável desafio.

— Foi a essa conclusão que cheguei — assentiu o duque, — também pela experiência que tive com meu sogro.

— Lancaster deve ter sido um grande pão-duro, se achava que o horroroso vestido marrom que ela usava no navio significava ”dar-lhe tudo”.

Enquanto falava, Stephen esticou as longas pernas, cruzou-as nos tornozelos e se acomodou melhor na poltrona. Enfiando as mãos nos bolsos, fez com a cabeça sinal para um criado, que se aproximou de imediato, indagando o que o lorde queria.

— Champanhe — respondeu ele.

Diante das más notícias e dos problemas que significavam para Sherry, Clayton achou a atitude indolente e o pedido fútil do irmão muito estranhos. Esperou alguma indicação de quando e como ele pretendia contar as novidades ruins a ela, mas o conde parecia completamente satisfeito, observando o criado servir champanhe em dois copos de cristal e colocá-los sobre a mesa.

— O que pretende fazer agora? — perguntou Clayton, sem conseguir esperar mais.

— Um brinde — respondeu Stephen.

— Para ser mais claro — a impaciência Clayton cresceu diante da atitude absurda do irmão, — quando pretende contar a ela sobre a carta?

— Depois que nos casarmos.

— Desculpe, não entendi... — atrapalhou-se Clayton.

Em vez de repetir a resposta, o conde ergueu as sobrancelhas, fitou o irmão com ar divertido e ergueu o próprio copo num brinde:

— A nossa felicidade — disse, seco.

Enquanto Stephen esvaziava seu copo, Clayton recuperou a compostura, disfarçou a satisfação que sentia ao ver o rumo que os acontecimentos tomavam e acomodou-se melhor em sua poltrona. Pegou seu champanhe, mas, em vez de bebê-lo, ficou girando o copo entre os dedos, fitando o irmão como quem se diverte.

— Está achando que vou cometer um erro?— perguntou Stephen, afinal.

— De modo algum. Só estava pensando. Não percebeu que Sherry desenvolveu, digamos, uma "certa aversão" por você?

— Bem, eu diria que seria a última a me ajudar, se me visse em má situação...— concordou Stephen.

— Não acha que isso é um obstáculo suficiente para ela recusar seu generoso pedido de casamento?

— Pode ser — assentiu o conde, com uma risadinha.

— Nesse caso, como pretende persuadi-la a concordar?

— Primeiro — mentiu Stephen com a cara mais limpa do mundo,— vou fazê-la ver como foi injusta interpretando minhas intenções de modo errado e duvidando da minha integridade. Depois, vou dizer-lhe que, se estiver disposta a pedir meu perdão, estarei disposto a dá-lo.

Falava de modo tão convincente que o irmão não pôde disfarçar um olhar de sarcástico desgosto, ao perguntar:

— E o que acha que vai acontecer, então?

— Vou passar os dias e noites seguintes nos agradáveis limites da minha casa.

— Com ela, suponho — ironizou Clayton.

— Não. Com compressas nos olhos!

A gostosa risada de Clayton foi interrompida pela chegada de Jordan Townsend, o

duque de Hawthorne, e Jason Fielding, marquês de Wakefield. Uma vez que Stephen nada mais tinha a discutir com o irmão, convidou-os para ficar, e os quatro amigos entregaram-se à séria ocupação de jogar.

Concentrar-se era muito difícil, no entanto, porque os pensamentos de Stephen voavam para Sherry e o futuro imediato de ambos. Apesar do modo brincalhão que dissera que ia usar para pedi-la em casamento, não tinha ideia de como o faria. Nem isso lhe parecia importante. Tudo que importava era que iam ficar juntos. Ela ia ser dele, e sem a pesada culpa que o fizera ter escrúpulos em se casar com a noiva do jovem Burleton. A morte do pai de Sherry tornava imperativo que alguém cuidasse dela, alguém de quem também ela pudesse cuidar, quando soubesse o que acontecera.

O casamento deles iria se realizar de qualquer jeito, era nisso que Stephen acreditava. Em algum lugar de sua mente ele soubera disso desde o momento em que a vira com um roupão amarrado com o cordão da cortina e o cabelo coberto por uma toalha azul, lembrando-lhe uma Nossa Senhora descalça. Uma Nossa Senhora com um problema terrível:

Meu cabelo... é vermelho!

Não, corrigiu-se ele. Já sentira algo por ela antes disso... desde aquela primeira manhã em que acordara ao lado dela e Sherry lhe pedira que descrevesse seu rosto. Fitara aqueles olhos cinzentos deslumbrantes e vira neles uma incrível coragem e uma comovente meiguice. Começara aí e fora ficando mais forte, a cada coisa que ela dizia e fazia. Amava o jeito irreverente, a inteligência, o simples carinho que dava a todo mundo. Amava o modo como a sentia em seus braços e o gosto de sua boca. Amava seu espírito independente, seu ardor e sua doçura. Amava, principalmente, a honestidade dela.

Depois de uma vida rodeado por mulheres que escondiam a avareza sob convidativos sorrisos e a ambição sob olhares lânguidos, que fingiam paixão por um homem quando só eram capazes de sentir paixão pela riqueza dele, Stephen Westmoreland afinal encontrara uma mulher que o queria apenas pelo que ele era.

E isso o tornava tão feliz que não sabia o que comprar para ela primeiro. Jóias, decidiu, antes de parar de pensar para fazer sua aposta no jogo. Carruagens, cavalos, peles, mas primeiro jóias... Fabulosas jóias que combinassem com seu rosto e fizessem destacar seu luminoso cabelo. Vestidos adornados com...

— Pérolas!, — decidiu com um sorriso íntimo, ao lembrar-se do curioso comentário dela a respeito do vestido da condessa de Evandale. Um vestido enfeitado com três mil e *uma* pérolas. Sherry não demonstrava interesse por roupas, mas esse vestido iria mexer com o senso de humor dela, por ser um presente dele.

Por ser um presente dele...

Tinha essa certeza porque sabia que Sherry também o amava.

No momento em que mal encostara seus lábios nos dela e a sentira estremecer, colando instintivamente o corpo ao seu, soubera que ela o queria. Sherry era inexperiente demais para esconder seus sentimentos, inocente demais para pensar em fazê-lo.

Ela o queria e ele a queria. Em poucos dias ele a levaria para a cama pela primeira vez e lhe ensinaria as delícias de dar e receber...

Jason Fielding disse seu nome, e Stephen ergueu os olhos, percebendo que os três esperavam sua aposta. Pegou fichas para colocar junto com as que estavam no meio da mesa, quando Jason o impediu, avisando:

— Você já ganhou essas. Não quer recolhê-las, para tentar ganhar outra pilha do nosso rico dinheiro?

— Seja o que for que tenha na cabeça neste momento, Stephen — Jordan Townsend olhava-o com curiosidade, deve ser muito interessante...

— Agora há pouco você parecia estar olhando através de nós— comentou Jason Fielding, começando a dar as cartas, com o pensamento longe daqui.

— Não tão longe assim— brincou Clayton, — mas em algo mais do que muito interessante, garanto!

Enquanto o duque terminava de falar, William Baskerville, um solteiro de meia-idade, aproximou-se da mesa, com um jornal dobrado na mão, e ficou olhando o jogo.

Como sua corte a Sherry seria o mexerico principal da manhã seguinte e seu noivado, o mexerico principal do fim da semana, Stephen não via motivo para esconder o que tinha em mente.

— Para dizer a verdade... começou, e foi aí que passou os olhos pelo relógio na parede. Já se haviam passado três horas.

— Estou atrasado! — exclamou, surpreendendo os outros ao abrir suas cartas na mesa. Levantou-se. — Se não entrar no Almack até as onze, não entro mais: eles fecham as

malditas portas.

Três pasmos pares de olhos permaneceram fixos em suas costas, enquanto ele saía rapidamente do clube, ansioso para ir a um lugar aonde homem nenhum, sofisticado ou maduro, teria pressa de chegar. Era muito estranho imaginar Stephen Westmoreland pondo os pés espontaneamente naquele lugar repleto de mocinhas que enrubesciam à toa, recém-saídas da escola e ávidas para agarrar um marido importante. Baskerville foi o primeiro a falar:

— Cruzes!— exclamou, voltando-se para os outros com os olhos cheios de horror.—

Langford disse que ia ao *Almack*?

O marquês de Wakefield desviou o olhar siderado da porta e fixou-o nos amigos:

— Foi o que ouvi.

O duque de Hawthorne assentiu, e sua voz soou seca:

— Eu não só o ouvi dizer Almack, como também notei que estava ansioso por chegar lá.

— Terá sorte se sair vivo... — brincou Jason Fielding.

— E ainda solteiro — acrescentou Jordan Townsend, rindo.

— Pobre coitado!— lamentou Baskerville, com voz cavernosa. Sacudindo a cabeça, foi em busca de conhecidos nas mesas de jogo, espalhando a divertida informação de que o conde de Langford saíra do clube correndo para chegar ao "Mercado de Casamentos" antes que as portas se fechassem.

A opinião consensual entre os jogadores, que rolavam dados em mesas longas de laterais altas, era de que Stephen estava atendendo ao desejo de um parente, expresso no leito de morte, de aparecer no Almack para dar apoio a uma donzela aparentada com a pessoa que morreria.

Nas mesas de faraó, forradas de feltro verde, onde os cavalheiros faziam apostas sobre que carta o crupiê ia tirar da caixa, a opinião geral era de que o infeliz conde de Langford perdera uma aposta e que o castigo era passar uma noite no Almack.

Os cavalheiros que jogavam roleta, apostando no número em que a bolinha iria ficar no momento em que a imensa roda parasse de girar, achavam que Baskerville perdera a audição.

Os jogadores de uíste, concentrados nas cartas que seguravam, estavam mais inclinados a achar que Baskerville perdera o juízo.

Mas, fosse qual fosse a opinião particular de cada um, a reação era a mesma em todos: hilaridade. Em todas as salas do Strathmore, a refinada atmosfera era continuamente rompida por pesadas gargalhadas, risadas divertidas ou risos irônicos, quando de sócio para sócio, de mesa para mesa, circulava a notícia de que Stephen Westmoreland, duque de Langford, fora para o Almack naquela noite.

CAPÍTULO 32

Eram onze horas e cinco minutos quando Stephen passou entre dois tristíssimos jovens que voltavam para suas carruagens, depois que Lady Letitia Vickery os impediu de entrar no clube porque haviam chegado dois minutos após as onze. A patronesse fechava as portas quando o conde lhe disse em voz baixa, de advertência:

— Letty, não se atreva a bater essa porta na minha cara. — Zangada com a desrespeitosa intimidade no modo de falar, ela tentou enxergar, na escuridão, para além da entrada iluminada do Almack.

— Seja quem for — respondeu, sem conseguir ver nada e fechando a porta, é tarde demais para entrar.

Stephen usou o pé para impedi-la:

— Creio que você deve reconsiderar.

O rosto desdenhoso de Lady Letitia apareceu na fresta iluminada:

— Não fazemos exceções, cavalheiro, e... — Então, ela viu quem era, e um olhar de espantada incredulidade desfez por instantes a altiva expressão. — Langford, é *você*?

— Claro que sou, agora abra a porta — ordenou o conde, em voz baixa.

— Não pode mais entrar.

— Letty ele estava perdendo a paciência,— não me faça lembrar do tempo em que você me convidava para entrar em lugares menos apropriados do que este... com seu pobre marido quase ao alcance da nossa voz.

Ela abriu a porta, mas colocou-se diante dele. O lorde considerava se deveria segurá-la pelos ombros e colocá-la de lado para entrar, quando a dama implorou, num murmúrio:

— Stephen, pelo amor de Deus, seja razoável! Não posso deixá-lo entrar. As outras patronesses vão cortar minha cabeça, se o fizer.

— Nada. Elas irão beijá-la por ter feito uma exceção para mim— retrucou ele, seco.— Pense apenas nos comentários, amanhã, quando souberem que *eu* estive nesta aborrecida reunião de virtuosas inocentes pela primeira vez depois de quinze anos.

Ela hesitou, pesando essa verdade contra o risco que corria diante das demais patronesses até que pudesse explicar seus motivos.

— Todos os homens disponíveis de Londres irão querer convites para vir ver o que

atraiu *você* aqui... — murmurou, pensativa.

— Exato. A voz dele soava irônica.— Haverá tantos homens disponíveis no Almack que você terá de conseguir uma quantidade extra de limonada quente e pão com manteiga.

Lady Letitia ficou tão deliciada com a possibilidade de obter os créditos dos esplêndidos casamentos acertados durante sua temporada como patronesse que passou por cima do comentário desdenhoso sobre os refrescos, os salgadinhos e os frequentadores do Almack.

— Está bem. Pode entrar.

A noite não estava sendo o desastre que Sherry temera. Ela dançara bastante e fora muito bem recebida. Na verdade, com poucas exceções desconfortáveis, a reunião era agradável, mas sentira-se tensa e ansiosa até poucos minutos antes, quando o relógio do salão finalmente marcou onze horas. No momento em que a possibilidade da presença do conde *de* Langford foi eliminada, ela passou a sentir-se incrivelmente desapontada, mas recusou-se a submeter-se à raiva e à dor da rejeição. Notara que ele não tinha entusiasmo algum para ir ao Almack, e era insensatez esperar que o fizesse por causa dela. Uma atitude dessas implicaria alguma espécie de apego que ela acabou por aceitar que simplesmente não existia. Whitney e a duquesa-mãe estavam enganadas. Determinada a não deixar que qualquer pensamento sobre ele lhe ocupasse a cabeça sequer por um momento mais nessa noite, tratou de prestar atenção na conversa das jovenzinhas e suas mães, que se encontravam sentadas num círculo com ela, falando entre si, mas incluindo-a educadamente na conversa.

A maior parte das debutantes eram mais jovens do que ela e muito simpáticas, se bem que fosse não muito fácil conversar com elas. Eram incrivelmente bem-informadas sobre os ganhos, as perspectivas e linhagem de cada solteiro presente, e bastava que Sherry olhasse mais de uma vez para um determinado cavalheiro e alguma das mocinhas as mães delas ou acompanhantes faziam um relatório completo a respeito dele. O volume de informações confundia Miss Charity e ora embaraçava ora divertia Sherry.

A duquesa de Clermont, uma orgulhosa *lady* que apresentava a neta à sociedade londrina nessa noite, uma jovem americana chamada Dorothy Seaton, indicou com a cabeça um bonito rapaz que pedia a Sherry a honra de uma segunda dança e avisou-a:

— Se eu fosse você, não demonstraria ao jovem Makepeace mais do que polida boa educação. Ele é só um baronete, e sua renda é de apenas cinco mil libras.

Nicholas DuVille, que passava a maior parte do tempo nas salas de jogo, aproximava-se de Sherry nesse momento e ouviu o comentário. Inclinando-se, observou, divertido:

— Você parece muito embaraçada, *chérie*. É espantoso, na verdade, que um país que se orgulha de suas maneiras refinadas não tenha o menor pudor em discutir essas coisas!

Os músicos, que haviam parado alguns instantes para tomar um refresco, voltavam aos seus instrumentos, e a música espalhou-se pelo salão de baile.

Miss Charity parece exausta reparou Sherry, erguendo a voz para ser ouvida acima do crescente volume da música e das conversas.

A idosa dama ouviu seu nome e olhou-a rápido:

— Não estou cansada, minha menina. Estou muito magoada por Langford não ter vindo, como prometeu, e pretendo passar-lhe uma repreensão por tratar você com tanta desconsideração!

Nesse momento as cabeças se viraram uma a uma para o mesmo lugar, e as conversas toram se apagando até se reduzirem a frenéticos sussurros, mas Sheridan não tinha ideia do que acontecia.

— Não é preciso que faça isso — respondeu, tranquila. Estou perfeitamente bem *sem* ele.

Mas Miss Charity não pensava assim:

— Não me lembro de ter ficado tão aborrecida assim nos últimos trinta anos. Se eu *pudesse* recordar tudo o que aconteceu nesse tempo, *tenho certeza* de que me lembraria de um aborrecimento como este!

Ao lado delas, a duquesa de Clermont parou de ouvir o irado monólogo de Charity Thornton e ergueu os olhos, percorrendo o salão.

— Não posso acreditar no que vejo!— exclamou, com voz trêmula.

Como as vozes tinham voltado a *se* altear, mais agudas e nervosas do que antes, a duquesa quase teve que gritar para ser ouvida, ao ordenar à neta:

— Dorothy, ajeite o cabelo e o vestido. Você *nunca* mais vai ter esta chance!

A ordem aflita chamou a atenção de Sherry para Dorothy, que tratou de ajeitar-se, como fazia metade das debutantes no campo de visão dela. As que não alisavam o cabelo endireitavam as saias. As debutantes que não estavam na pista de dança com seus pares e haviam resolvido ir até a saleta de repouso voltavam, apressadas.

— O que está acontecendo? — perguntou Sheridan a Nicholas, que bloqueava sua visão.

Ele passou o olhar por cima de cabecinhas loiras, castanhas e negras, verificou os rostinhos corados, os olhares aflitos, e, sem se preocupar em olhar para o foco da agitação, respondeu:

— Se não caiu um raio no meio do salão de baile, só pode ser uma coisa: Langford chegou.

— Não pode ser duvidou Sheridan. As portas se fecham às onze horas.

— Assim mesmo, eu apostaria uma fortuna que é ele a causa dessa agitação toda. Os instintos caçadores das mulheres estão todos despertados, o que significa que uma presa importante está à vista. Quer que eu dê uma volta, para verificar?

Ela assentiu:

— Mas procure não dar na vista.

Sherry via-se fazendo a última coisa que acreditaria ser capaz de fazer se Stephen chegasse: enviara Nicholas para espionar e retirava-se apressadamente para a saleta de repouso. Não para se enfeitar ou verificar a própria aparência. Claro que não. Apenas para recuperar a calma. E, já que ia estar lá, arrumar-se um pouquinho...

Enquanto esperava na fila para entrar na saleta de repouso, descobriu que seu noivo era o tema de todas as conversas, e não pôde deixar de sentir-se embaraçada com o que ouvia.

— Minha irmã mais velha vai desmaiar quando souber que Langford esteve aqui esta noite e ela não veio! — dizia uma das jovens às amigas. No outono passado, ele lhe deu atenção no baile de Lady Millicent, depois ignorou-a por completo. Desde então, minha irmã gosta dele.

As amigas pareceram chocadas, e uma comentou:

— Mas no outono passado ele estava para ficar noivo de Monica Fitzwaring!

— Não acredito nisso! — interferiu outra mocinha. — Ouvi minhas irmãs dizerem, e elas têm certeza que isso é verdade, que ele estava tendo e ocultou os lábios com a mão, de modo que Sherry mal pôde escutar um *tórrido* caso com certa *lady* casada, no outono passado.

— Vocês já viram a *chérie amie* dele? — perguntou uma outra, e todas voltaram-se para ela. Minha tia o viu no teatro com ela, duas noites atrás.

— *Chérie amie*, O que é isso? — A pergunta saiu antes que Sheridan pudesse contê-la.

Entendera apenas que ele fora com uma mulher ao teatro depois de jantar com ela e a família.

As debutantes, que lhe tinham sido apresentadas quando ela chegara, ficaram felizes em informar a nova integrante do grupo de debutantes. E, como americana, com certeza ela apreciaria a habilidade com que já lidavam com mexericos.

— *Chérie amie* é uma cortesã, a mulher que satisfaz as baixas paixões masculinas, Helene Devernay é a cortesã mais linda de todas.

— Ouvi meus irmãos dizerem outra noite que Helene Devernay é a criatura mais deliciosa da Terra. Ela adora a cor de lavanda, vocês sabem... e Langford lhe deu uma carruagem prateada com estofamento de veludo dessa cor.

Lavanda. Aquele vestido esquisito, cor de lavanda, que o dr. WWhitticomb não queria que ela usasse! Aquele vestido pertencia à mulher com quem Stephen partilhava suas "baixas paixões". Sherry qualificava o beijo como manifestação de paixão. Não tinha ideia do que era ou como era uma "paixão baixa", mas achava que devia ser intensa, muito pessoal e um tanto escandalosa. E ele partilhara isso tudo com outra mulher *poucas horas* depois de ter jantado com a noiva que não queria.

Com a certeza de que Lorde Westmoreland se encontrava em algum lugar do salão, Miss Charity mostrava-se mais zangada com ele do que estava antes de Sherry ir à saleta de repouso.

— Pretendo comunicar a conduta de Langford à mãe dele; é a primeira coisa que farei amanhã cedo! Ela vai arrancar-lhe a pele pelo que está fazendo.

A voz tranquila e divertida de Stephen fez Sheridan estremecer ao soar atrás delas, dirigindo-se a Miss Thornton:

— Por que minha mãe irá zangar-se comigo, madame?

— Por ter chegado atrasado, rapaz irresponsável! — respondeu ela, mas toda animosidade havia desaparecido diante do sorriso arrasador que o conde lhe dirigia. — Por ter ficado muito tempo conversando com as patronesses! E por ser bonito demais para seu próprio bem! Agora terminou a senhora, perdoando-o completamente, beije minha mão como se deve e leve Sherry para a pista de dança.

Até aquele momento Nicholas se mantivera diante dela, protegendo-a, mas após aquelas palavras foi obrigado a pôr-se de lado. A raiva de Sherry, que crescera ao ouvir Miss

Charity render-se com tanta facilidade, redobrou quando ela foi obrigada a voltar-se, relutante, deparando com os olhos azuis, que a fitavam divertidos, e com aquele sorriso, capaz de derreter uma geleira. Consciente de que todas as pessoas presentes no salão olhava para eles, ela estendeu-lhe a mão, contra a vontade, porque assim mandava a etiqueta.

— Miss Lancaster — disse o lorde, dando um leve beijo na mão dela e continuando a retê-la, apesar dos esforços que Sherry fazia para retirá-la, — posso ter o prazer da próxima dança?

— Largue a minha mão! — A voz dela soou trêmula de ódio. — Todo mundo está nos olhando!

Stephen observou os lindos olhos cintilantes de ira e maravilhou-se por não ter percebido que ela ficava ainda mais bonita quando se zangava. Se soubesse que a falta de pontualidade fazia Sherry irritar-se tanto, teria chegado atrasado a todas as refeições.

— Largue a minha mão!

Sorrindo, feliz porque era evidente que ela se zangara por causa da quase ausência dele, Stephen brincou:

— Vai me obrigar a arrastá-la até a pista de dança?

Boa parte da satisfação dele apagou-se quando ela conseguiu soltar a mão e disse:

— Vou!

Momentaneamente confuso, ele deu um passo para o lado, quando um jovem cavalheiro se colocou entre ele e Sheridan, dizendo:

— Creio que a próxima dança é minha, se não se importa, milorde.

Sem saída, o conde assentiu e ficou olhando enquanto Sherry apoiava de leve a mão no braço do cavalheiro e o acompanhava à pista de dança. Ao seu lado, DuVille observou, rindo:

— Acho que você conseguiu um osso duro de roer, Langford!

— Tem razão... — concordou ele, afável, encostando-se na coluna perto deles. Sentia-se tão feliz que até podia ser caridoso com DuVille, para variar. Suponho que por aqui não haja nenhuma bebida alcoólica comentou, olhando Sherry e seu par, que dançavam.

— Nem uma gota.

Para grande desapontamento de todos no salão, nem Lorde Westmoreland nem Nicholas DuVille pareciam inclinados a tirar alguém para dançar a não ser a moça americana. Ao ver

que Sherry permanecia na pista para dançar a segunda vez com o mesmo cavalheiro, Stephen franziu as sobrancelhas:

— Ninguém a preveniu de que é um erro demonstrar parcialidade dançando duas vezes com o mesmo par?

— Parece que você está começando a ficar com ciúme — reparou Nicholas, observando-o com os cantos dos olhos.

Stephen ignorou-o e notou os famintos, expectantes, esperançosos olhos de mulheres ao redor deles, fitando-os como se fossem pratos de banquete oferecidos a um grupo de elegantes e bem vestidas canibais. Quando a música terminou, perguntou a DuVille:

— Por acaso sabe se a próxima dança dela está comprometida?

— Todas as danças dela estão comprometidas.

O par de Sherry foi devolvê-la à vigilante Miss Thornton, e um exército de cavalheiros atravessou o salão a fim de pegar seus pares para a valsa que ia ser tocada. Ao lado dele, DuVille desencostou-se do pilar:

— Creio que esta dança é minha disse, e começou a andar.

— Infelizmente, não é — determinou Stephen, e se você tentar dançar com ela acrescentou, com voz que fez o francês parar, — vou contar-lhe que minha cunhada o convenceu a representar o papel de pretendente.

Sem olhar para trás, o conde desencostou-se do pilar e foi apresentar-se como cavalheiro para a valsa.

— Esta dança é de Nicki — informou-o Sherry com altivez, usando deliberadamente o apelido de DuVille para demonstrar que era íntima dele.

— Ele passou o privilégio para mim.

Algo implacável no modo como ele falava fez Sheridan decidir que era conveniente concordar, para não provocar uma cena.

— Ah, então está bem.

— Está tendo uma noite agradável? — perguntou Stephen. A música começou, e ele teve o desprazer de senti-la rígida entre seus braços, sem nada da graciosidade que observara quando ela dançara com os outros dois cavalheiros.

— *Estava* tendo uma noite agradável, que acabou graças a você.

O conde abaixou a cabeça e deparou com a expressão ressentida da moça. A carta que

tinha no bolso também contribuiu Para ele lhe desculpar a atitude agressiva.

— Sherry — começou, com calma determinação. Ela percebeu uma estranha doçura na voz dele, mas recusou-se a olhá-lo:

— Sim?

— Peço desculpas por tudo o que disse, ou fiz, que magoou você.

Lembrar-se de quanto ele a magoara e saber que podia continuar magoando era mais do que o orgulho dela podia suportar. O temperamento forte de Sheridan se impôs:

— Não precisa se desculpar — respondeu, procurando parecer aborrecida e desdenhosa com o assunto. — Tenho a impressão de que receberei várias ofertas de casamento até o fim da semana, e sinto-me muito feliz por você ter-me dado esta oportunidade de conhecer outros cavalheiros. — Até esta noite acrescentou, e sua voz começava a vibrar com a raiva que sentia — eu estava convencida de que todos os ingleses eram arbitrários, de humor instável, vaidosos e arrogantes, mas agora sei que não, que apenas *você é* assim.

— Infelizmente para você e para eles — respondeu Stephen, escondendo a surpresa por uma ira tão grande só por um simples atraso,— já está comprometida comigo, minha cara.

Sherry deixara-se levar pelo entusiasmo de desafiá-lo, e o que ele disse não a deteve.

— Os cavalheiros que conheci esta noite não são apenas mais simpáticos, como também são *muito* mais desejáveis do que você!

— É mesmo? — Ele deu um sorriso indolente.— Por quê?

— Para começar, são mais moços— respondeu Sherry, com vontade de esbofetear aquele rosto cínico.— Você é velho demais para mim. Descobri isso esta noite.

— Descobriu mesmo? — Os olhos azuis se detiveram nos lábios dela.— Então, creio que precisa ser lembrada dos tempos em que me achou muito desejável.

Sheridan desviou o rosto:

— Pare de me olhar desse jeito! Não é apropriado, e vão comentar. Todos estão nos olhando.

Ela tentou recuar o corpo para separar-se mais dele, porém as mãos de aço a impediram, enfurecendo-a mais.

Em tom suave, mais apropriado a um comentário casual sobre o tempo, o lorde disse:

— Tem ideia do que aconteceria se eu fizesse o que tenho vontade de fazer: — se a colocasse num ombro e a levasse embora daqui ou se a beijasse agora, no meio do salão?

Para começar, você se tornaria indigna até mesmo de um olhar dos cavalheiros presentes neste baile. E isso pouco me importaria, sendo eu o homem arbitrário, vaidoso e arrogante que sou.

— Você não se atreveria!— explodiu ela.

Os olhos cinzentos lançavam chamas, enquanto ao redor deles os pares perdiam o passo na ansiedade de escutar o que parecia ser uma violenta altercação entre o conde de Langford e a misteriosa americana. Stephen observou o rosto corado, rebelde, e um relutante sorriso entreabriu-lhe os lábios:

— Tem *razão*, minha querida— disse suave,— eu não me atreveria.

— Como se *atreve* a me chamar de sua querida depois do que fez comigo?

Momentaneamente esquecido de que Sherry poderia não conseguir lidar com aquele tipo de esgrima sexual tão comum no meio aristocrático, Stephen fitou de maneira sugestiva os seios redondos e sensuais, que o decote quadrado do vestido deixava entrever um pouquinho.

— Não imagina o que eu me atreveria a fazer com você — avisou-a, com um sugestivo sorriso.— Já disse que seu vestido é lindo?

— Pode guardar os cumprimentos para si mesmo e levá-los para o inferno! — sussurrou ela, furiosa, soltando-se de seus braços e largando-o no meio do salão.

— Cruzes!— exclamou Makepeace para sua dama.— Viu isso? Miss Lancaster deixou Langford no meio do salão.

— Ela deve ser louca!— afligiu-se a moça.

— Não concordo — contrapôs o jovem baronete.— Miss Lancaster não me tratou mal. Foi meiga e atenciosa comigo.

Assim que a valsa terminou, ele correu para junto dos amigos para contar que a deslumbrante americana de cabelo ruivo preferia suas atenções às do conde de Langford.

Esse fato espantoso fora notado por um grande número de cavalheiros presentes ao baile, muitos dos quais não gostaram do aparecimento do conde em um campo que julgavam deles e se deliciaram ao ver que pelo menos uma mulher ali demonstrava um bom gosto superior e muito juízo ao preferir Makepeace a Westmoreland.

Em minutos, a estatura de Makepeace cresceu até altura jamais sonhada por ele, e a adorável americana, que claramente o preferira ao cobiçado conde de Langford, tornou-se

uma heroína.

Furioso com ela pela ultrajante demonstração de mau gênio, Stephen manteve-se de lado enquanto um verdadeiro exército de solteiros procurava aproximar-se de sua noiva.

Amontoaram-se à frente de Sherry, solicitando danças, cortejando-a tão acintosamente, que ela lançou um olhar pedindo socorro... a Nicholas DuVille, não a ele.

Nicki pôs seu copo de limonada sobre um aparador e tentou aproximar-se dela, mas não conseguiu. Tão cerradas eram as fileiras diante de Sheridan, que ela só teve uma saída: retirar-se para a saleta de repouso. Sem escolha, Nicholas voltou ao seu lugar e tornou a encostar-se no pilar, com os braços cruzados, sem notar que Stephen já estava lá, a seu lado, na mesma posição. Ficaram lado a lado, dois sombrios e civilizados cavalheiros, em elegantíssimos trajes de noite, com a mesma expressão de bem-educado aborrecimento.

— Ao rejeitá-lo — observou Nicki, — ela se tornou a heroína de todos os cavalheiros presentes.

Stephen, que tinha chegado à mesma conclusão, notou que pelo menos DuVille parecia tão frustrado quanto ele.

— Amanhã — continuou o francês — minha futura noiva será declarada unanimemente, em toda Londres, original, incomparável, uma Joana d'Arc. Você acaba de atrasar minha possibilidade de noivado por semanas!

— Por isso, não, meu caro! — Indicando com a cabeça as debutantes e suas mães alinhadas do outro lado do salão, Westmoreland acrescentou: — Por que não aceita as atenções de uma dessas esperançosas donzelas? Tenho certeza que, se propuser casamento a uma delas agora, ficará noivo amanhã, com as bênçãos e licença especial da família.

Nicholas seguiu-lhe automaticamente o olhar; por instantes os dois homens puseram suas hostilidades de lado e partilharam as observações do interessante espetáculo da caça.

— Você não tem a sensação *de* que elas o vêem como um tentador manjar numa bandeja? — perguntou DuVille, acenando polidamente com a cabeça para uma dama que agitava seu leque convidativamente para ele.

— Elas me parecem mais componentes de um exército de extermínio!

Stephen falara olhando desencorajadoramente para Lady Ripley, que cochichava de modo frenético ao ouvido da filha, lançando olhares gulosos para ele. Inclinou a cabeça num cumprimento quase imperceptível à bonita filha da aflita dama, que parecia ser uma

das pouquíssimas moças presentes a não darem a menor atenção a eles dois.

— Pelo menos a jovem Ripley tem bom senso e bastante orgulho para nos ignorar comentou.

— Então, deixe-me apresentá-lo a ela, assim você não perderá seu tempo esta noite ofereceu-se Nicholas. Quanto a mim, dedicarei meu tempo a uma deliciosa ruiva que parece estar começando a perceber que eu existo.

— DuVille! — A gelada voz de aço de Stephen contrastou com a expressão de suave cortesia que exibia para a fascinada plateia que os observava.

— Langford?

— *Não se meta!*

Nicholas DuVille observou o conde com um olhar enviesado, mantendo também o ar de quem está conversando sobre amenidades.

— Será que você está mudando de ideia?— provocou, com leve sorriso.— Será que não quer mais livrar-se de sua obrigação para com Miss Lancaster?

— Será que você não está querendo encontrar-se comigo de madrugada, em algum lugar aprazível e sossegado?— rebateu o lorde.

— Não especialmente, se bem que essa ideia comece a me interessar — respondeu Duville, desencostando-se do pilar e dirigindo-se para uma sala de jogo.

Sheridan percebeu a mudança de seu *status* entre as companheiras assim que entrou na repleta saleta de repouso. As conversas pararam no mesmo instante e sorrisos curiosos foram dirigidos para ela, mas ninguém falou até que uma moça alta, ossuda, de sorriso simpático, decidiu romper o silêncio:

— Foi muito divertido vê-la deixar o conde de Langford no meio do salão, como nunca ninguém fez, Miss Lancaster. Tenho certeza que ele jamais foi recusado desse modo!

— E eu tenho certeza de que o será mais dúzias de vezes. — Sherry tentava parecer indiferente, quando na verdade estava triste e embaraçada.

— Centenas corrigiu a mocinha, alegre. Ah, mas ele é tão lindo e tão másculo, não acha?

— Não — mentiu Sherry.— Prefiro homens sinceros.

— Existem homens sinceros na América?

— Apesar de não ter nenhuma ideia a esse respeito, — ela respondeu.— Os americanos

são *todos* sinceros.

— Ouvi dizer que você perdeu a memória recentemente, num acidente. É verdade?— perguntou outra mocinha, com um misto de simpatia e curiosidade.

Sherry respondeu com o sorriso evasivo que Miss Charity afirmara que a faria parecer mais misteriosa do que doente e com a frase sugerida por Whitney:

— É temporário. — Como as moças parecessem estar esperando mais alguma coisa, improvisou tranquilamente: — Enquanto isso, é gostoso não ter nada no mundo com que se preocupar.

Ao voltar para o salão, Sherry tinha aprendido muita coisa a respeito de Stephen Westmoreland e detestava cada detalhe dos conhecimentos recentemente adquiridos, assim como as conclusões que tirara a partir deles. Apesar do que Whitney pensava, o conde de Langford era um libertino, devasso, farrista e notório namorador. Seus casos amorosos eram numerosos e sua libertinagem era aceita do modo mais aberto possível pela aristocracia, que parecia adorá-lo, e todos absolutamente todos pareciam achar que uma oferta de casamento por parte dele só não era mais importante que a coroa da Inglaterra! Pior, muito pior que isso: estando noivo dela, mesmo que fosse por algum tempo, ele mantinha uma amante. E não era uma amante qualquer, mas sim uma representante daquele mundo impuro, considerada a mais linda de todas.

Sentindo-se insignificante, consternada e ultrajada, Sherry voltou ao salão e usou sua inata habilidade para flertar. Sorriu alegremente para os cavalheiros que, ainda amontoados diante de Miss Charity, esperavam seu retorno, e durante as duas horas seguintes prometeu reservar pelo menos doze danças para os cavalheiros que estavam convidados para o baile de Rutherford, ainda nessa noite. Seu noivo, no entanto, parecia não reparar em seus flertes e triunfos; mantinha-se de pé junto da mesma coluna, com expressão agradável e impassível.

De fato, ele parecia tão distante que Sheridan não sentiu nenhuma apreensão quando o conde afinal se aproximou para avisar que estava na hora de ir para o Rutherford, e não demonstrou desagrado enquanto esperavam, com Miss Charity e Nicholas DuVille, que trouxessem suas carruagens. Até mesmo sorriu com suavidade quando Charity Thornton comentou, extasiada:

Sherry fez tanto sucesso, Langford! Não posso esperar para contar à sua mãe e à sua

cunhada como tudo correu maravilhosamente bem!

Nicholas as havia levado ao Almack em seu moderno landau com a capota arriada, mas os olhos de Sherry arregalaram-se ao ver a luxuosa carruagem do conde parar diante deles. Puxada por seis lindos cavalos cinzentos, idênticos, com arreios de prata, era toda laqueada de preto, com o brasão Langford nas portas. Ela já encontrara o cocheiro e os lacaios na cozinha da mansão do conde, mas nessa noite eles estavam muito formais nas suas librés: calças justas de pelica branca, colete listrado verde-garrafa e branco, e casacas verde-garrafa de botões e alamares dourados. Com as lustrosas botas negras de cano alto, camisas brancas, gravatas gelo e luvas brancas, pareciam tão refinados quanto os cavalheiros do Almack, e Sherry lhes disse isso.

O cumprimento natural e ingênuo fez os criados sorrirem, felizes, e Miss Charity arregalar os olhos de espanto; como a expressão do lorde não se alterasse, Sherry sentiu-se pouco à vontade, tanto que, ao pensar em ir sozinha com ele até Rutherford, estremeceu.

— Prefiro ir com Miss Charity e Monsieur DuVille — disse com firmeza, começando a ir para o landau.

Para seu gelado horror, a mão de Stephen segurou-a por um cotovelo e a dirigiu para a porta aberta de sua carruagem.

— Entre! — disse ele com voz terrível.— Entre, antes de dar um espetáculo maior do que já deu esta noite.

Ele entrou na carruagem depois dela e ordenou ao lacaios que recolhia a escadinha:

— Diga ao cocheiro que nos leve pelo caminho mais longo, passando pelo parque.

Sentada diante dele, Sheridan encostou-se no macio estofamento cinza e prata, sem pensar, e esperou num silêncio tenso a explosão de fúria que estava certa que viria. Stephen olhava para fora pela janelinha, de maxilares cerrados, e ela desejou que desabafasse logo, mas quando afinal ele lhe dirigiu um olhar gelado e falou com voz selvagem, baixa, ela descobriu que preferia o silêncio tenso de antes.

— Se você me puser de novo numa situação ridícula, vou deitá-la sobre meus joelhos, na frente de todo mundo, e lhe dar a surra que merece. Está claro?

Sherry engoliu em seco e sua voz tremeu:

— Está.

Pensou que a coisa fosse terminar por ali, mas pelo jeito havia apenas começado.

— O que pretendia, flertando desavergonhadamente com cada idiota que a tirou para dançar?— perguntou ele com voz profunda, presa na garganta.— E aonde queria chegar, ao me largar no meio do salão e depois ficar pendurada no braço de DuVille, fascinada por tudo o que ele dizia?

A reprimenda por tê-lo deixado no meio do salão era merecida, mas a observação sobre seu comportamento com o sexo oposto era tão injusta, tão hipócrita e tão irritante que ela ferveu de raiva:

O que se podia esperar, a não ser atitudes lamentáveis, de uma mulher *burra* o bastante para ficar noiva de um homem como você?— retrucou, e teve a satisfação de ver a surpresa substituir por instantes a zanga no rosto dele. Esta noite ouvi comentários de arrepiar sobre você, suas conquistas, sua *chérie amie* e seus namoros com mulheres casadas. Como se atreve a *me* criticar por falta de decoro quando você é o maior libertino da Inglaterra?

Ela estava tão chocada com a dolorosa humilhação que os mexericos ouvidos naquela noite haviam provocado, que não reparou no músculo que começou a latejar junto ao maxilar do conde.

— Não admira que tenha ido procurar uma noiva na América — continuou, furiosa. — Estou surpresa pelo fato de sua fama de promíscuo não ter chegado lá, seu... seu irresponsável! Você teve a coragem de me propor casamento quando todo mundo no Almack esperava que pedisse a mão de Monica Fitzwaring e de meia dúzia de outras moças. Sem dúvida você desiludiu todas as infelizes mulheres nas quais pôs os olhos e que acreditaram na sua afeição por elas. Eu não me surpreenderia se descobrisse que fez com elas o mesmo que fez comigo: ficar noivo "em segredo" e depois dizer-lhes que procurassem outros pretendentes! — Bem encerrou Sherry, em ofegante triunfo, — não me considero mais sua noiva. Ouviu, milorde? Estou rompendo nosso noivado neste momento. Portanto, posso flertar com quem quiser, quando quiser, e não envergonharei seu nome, pois não terá nada a ver com isso. *Está claro?*— *perguntou*, imitando o jeito como ele fizera a mesma pergunta.

Calou-se e esperou a reação dele, satisfeita mas ainda zangada. No entanto ele não disse uma palavra. Para maior desaponto de Sheridan, ergueu as sobrancelhas, fitou-a com enigmáticos olhos azuis e expressão impassível, por intermináveis e inquietantes minutos,

então inclinou-se para a frente e estendeu a mão para ela.

Nervosa, Sherry recuou, com impressão que ele ia agredi-la, mas em seguida percebeu que lhe oferecia a mão. Um aperto de mão para selar o fim do noivado deles, concluiu. Humilhada ao ver que Stephen nem sequer tentava demovê-la da decisão, o orgulho forçou-a a sustentar-lhe o olhar e dar a mão a ele.

Os longos dedos apoderaram-se da pequena mão. De repente o toque leve tornou-se um aperto doloroso, e ele a puxou brutalmente para si. Ela soltou um grito abafado ao se ver jogada no assento ao lado dele, os ombros apoiados na porta, os faiscantes olhos azuis a poucos centímetros dos seus.

— Estou muito tentado a levantar sua saia e colocar um pouco de bom senso nessa cabecinha por meio de umas boas palmadas no traseiro.— Ele falava em voz macia, mas aterrorizante.— Portanto, ouça com atenção e poupe essa dolorosa atitude para nós dois. Minha noiva — *ênfaticamente* — vai se comportar com o devido decoro, e minha esposa — *prosseguiu* com arrogância — jamais irá desacreditar meu nome ou o dela.

— Seja essa moça quem for — rebelou-se Sherry, ocultando o terror atrás de uma ironia que conseguira nem ela sabia como, — tem toda a minha piedade e compreensão! Eu...

— Sua rebelde atrevida! — exclamou Stephen, com uma fúria selvagem.

De imediato, beijou-a rudemente, como se quisesse castigá-la, imobilizando-lhe a cabeça com mão de ferro, impedindo-a de escapar. Sherry debateu-se com todas as forças, até que conseguiu desviar o rosto.

— Não faça isso! — implorou, com a voz repassada de terror.— Por favor, não faça isso... Por favor!

Levado pela angústia que percebeu nela, o conde recuou a cabeça e só então reparou no quanto Sheridan estava pálida e que sua mão cobria um dos seios ofegantes. Ficou surpreso com a própria perda de controle. Os olhos cinzentos estavam enormes de medo, e o coração dela batia disparado sob sua mão. Ele simplesmente pretendia dobrá-la à sua vontade e fazê-la voltar à razão, nunca pensara em humilhá-la ou apavorá-la. Não queria fazer nada, jamais, que quebrasse o admirável espírito de independência de Sherry. Mesmo naquele momento, em que ela estava completamente à mercê dele, ainda havia traços de tempestuosa rebeldia nos grandes olhos sombreados pelos longos cílios, no queixinho voluntarioso; havia nela um corajoso desafio que ganhava força a cada instante em que ele

a mantinha aprisionada.

Ela era magnífica em sua coragem, descobriu, admirando os cachos flamejantes que lhe emolduravam o rosto. Impertinente, orgulhosa, doce, corajosa, inteligente... Ela era tudo isso. E ia ser dele. Essa adorável e impetuosa moça de cabelo à ticiano que estava em seus braços ia ser a mãe de seus filhos, presidir à sua mesa e, sem dúvida, opor sua vontade à dele, porém jamais o aborreceria... na cama ou fora dela. Ele sabia disso pela experiência adquirida durante duas décadas de lida constante com o sexo oposto. O fato de ela não saber quem era, ou quem ele era, assim como a possibilidade de ela se revoltar contra ele quando recuperasse a memória, eram coisas que não o preocupavam muito.

Desde o momento em que ela pusera a mão na dele, acalmara-se e adormecera, no dia em que voltara a si, um laço estranho os unia, e nada do que Sherry dissera e fizera nessa noite o convencera de que ela quisesse romper esse laço ou que não o desejasse com a mesma intensidade com que ele a desejava. Simplesmente, ela estava reagindo à tempestade de mexericos que ouvira a respeito dele, porque não podia saber que naquilo tudo havia menos do que um grão *de* poeira de verdade, quando muito.

Tudo isso passou pela cabeça de Lorde Westmoreland em uma fração de segundo, mas foi tempo suficiente para sua noiva perceber que a raiva dele estava sob controle. Ela ajustou seu tom de voz exatamente numa combinação de pedido e de ordem:

— Solte-me — disse, com tranquilidade.

Stephen acrescentou "profundamente receptiva" às qualidades que já enumerara, mas sacudiu a cabeça. Com o olhar preso ao dela, falou com uma calma implacável:

— Acontece que precisamos chegar a um entendimento antes que você saia desta carruagem.

— O que há para ser entendido? — desafiou ela.

— Isto...

Ele enfiou os dedos de uma das mãos nos bastos cabelos e ergueu o pequeno queixo com a outra, enquanto seus lábios se aproximavam outra vez dos dela.

Sherry viu o desejo brilhar naqueles olhos, que se tinham tornado de um azul ainda mais escuro, e respirou fundo, tentando libertar a cabeça. Como não conseguisse escapar, preparou-se para outro beijo primitivo, violento, mas isso não aconteceu. Ele tocou-lhe a boca com extrema suavidade, o que a surpreendeu, e começou a derrubar suas cuidadosas

defesas. Os lábios de Stephen roçaram levemente os seus, provocando-a de um modo preguiçoso, acariciante, enquanto a mão dele diminuía a pressão que lhe fazia na cabeça e descia até a nuca, alisando-a sensualmente. O beijo parecia nunca mais ter fim, como se ele tivesse todo o tempo do mundo para explorar e saborear cada contorno de sua boca. Sherry sentiu a pulsação se acelerar, enquanto sua resistência se derretia como neve ao sol. O homem que a beijava tornara-se, de súbito, o dedicado noivo que dormira numa poltrona junto de sua cama o tempo todo em que estivera doente, o noivo que brincava com ela, fazendo-a rir, e que a beijava até fazê-la perder a noção de tudo o mais. Só que agora havia uma diferença nele que o tornava mais perigoso: sua boca quente e firme era insistente, e havia um toque de posse no jeito como a beijava. Fosse qual fosse a diferença, o coração traidor de Sheridan a achava irresistível. Aninhada nos braços fortes, com os lábios dele acariciando os seus e os dedos tocando-lhe a nuca, até mesmo aquele beijo suave se tornava sedutor. A ponta da língua dele percorreu o desenho dos seus lábios, exortando-os a se abrirem, e Sherry tentou resistir com a última gota de força de vontade. Em vez de forçá-la, ele distanciou um pouquinho a boca e mudou de tática, distribuindo pequenos e ardentes beijos desde a curva do pescoço com o ombro até a têmpora, depois no canto do olho. A grande mão dominadora pressionou-lhe de leve a nuca, aprisionando-a mais como um apoio, enquanto a língua lhe tocava o lobo da orelha e, depois, explorava lentamente cada curva, provocando arrepios no corpo inteiro de Sheridan. Como se soubesse que a vitória estava em suas mãos, ele tocou com os lábios a face macia e foi descendo até lhe tocar o canto da boca, implorante e convidativo. Ela se tornou indefesa e, num gesto de rendição, ofereceu a boca aos beijos dele. Seus lábios se entreabriram à leve pressão, e sua língua fez uma tímida e breve visita ao interior da boca de Stephen, com uma inexperiência profundamente erótica.

Stephen sentiu os braços de Sherry passarem-lhe pelos ombros, enquanto ela colava o corpo ao seu. Cantou vitória e acariciou-lhe a boca com a sua, brincando, atormentando-a, enquanto ela correspondia instintivamente. O fogo com que ela alimentara a agitada rebeldia agora ardia, quente e brilhante, de paixão, e o conde viu-se imerso num beijo selvagem, sensual, que se apoderou dos seus sentidos. Uma de suas mãos deslizou para os seios macios, tocando-os, acariciando-os, enquanto Sherry se submetia a ele em doce abandono, confiante, oferecendo-lhe a boca. Stephen disse a si mesmo que deveria parar,

mas em vez disso beijou-a mais profundamente, fazendo-a gemer baixinho, e quando ela tentou retribuir, tocando-lhe os lábios com a língua inexperiente, ele perdeu a respiração. Enfiou os dedos no cabelo dela e o cordão de pérolas rebentou, fazendo-as cair como uma suave chuva sobre a mão e o peito dele. Beijou-a até que ambos perderam a noção de tudo, a não ser do beijo e da mão ansiosa acariciando o seio macio. Ele teve que fazer força para lembrar que estavam numa carruagem, num local público, a caminho de um baile, para obrigá-la a parar. Mas cedeu ao desejo de novo, os seios dela eram tão quentes, macios! Abaixou o decote do vestido para libertá-los. Quando ela percebeu o que ele fizera, entrou em pânico, tentou segurar-lhe as mãos pelos pulsos, mas com um gemido ele a ignorou e abaixou o rosto até os seios.

33

Fraca diante da turbulência das próprias emoções, Sheridan deslizou as mãos pelo peito dele e sentiu-lhe o coração batendo forte e apressado, o que significava que Stephen também fora afetado pelos beijos. Essa certeza, combinada com as gentis carícias das mãos dele em suas costas, fez dissipar-se a sensação de ter sido vencida. Havia algo diferente nele essa noite, algo indefinivelmente mais terno. E mais autoritário. Ela não podia sequer imaginar a razão, mas tinha certeza de ter descoberto o motivo de uma coisa. Recuando um pouco a cabeça perguntou, a voz rouca:

— O que acabamos de fazer é... é o verdadeiro motivo pelo qual concordei em me casar com você, não?

Ela mostrava-se tão abatida, tão aflita e assustada com a paixão que os unia, que Stephen sorriu, mergulhando o rosto no perfumado cabelo:

— É o motivo pelo qual você *vai* casar-se comigo — corrigiu, com segurança.

— Não combinamos um com o outro...

— Não? — sussurrou ele, passando a mão pela cintura esguia e apertando-a contra si.

— Não. Não combinamos. Há muita coisa em você que eu não aprovo.

Stephen conteve o riso:

— Você tem até sábado para enumerar todos os meus defeitos.

— Por que sábado?

— Porque, se quiser se tornar uma esposa implicante, terá que esperar até depois do casamento.

Ele sentiu que o corpo de Sherry se enrijecia em seus braços, enquanto os olhos cinzentos procuravam os dele. O olhar dela ainda era langoroso pelo desejo, mas a rebeldia colocara *um* brilho frio neles:

— Não posso me casar com você no sábado.

— Então, no domingo — propôs ele, pensando erroneamente que a objeção ao dia fosse uma preocupação muito feminina com roupas.

— Nem no domingo — avisou ela. Mas o desespero em sua voz dizia que lhe faltava convicção. — Quero que minha memória volte, antes de dar um passo tão definitivo.

A determinação de Stephen era justamente pelo motivo oposto:

— Creio que não poderemos esperar tanto tempo.

— Por que não?

— Deixe-me mostrar-lhe...

Tomou-lhe os lábios num ardente beijo. Ao terminar, recuou a cabeça e fitou-a com uma das sobrancelhas erguida, sugerindo que ela dissesse o que achara da demonstração.

— Sei, é isso, então... — admitiu Sherry, e ele teve que fazer força para não rir da expressão de desamparo. — Mas também não é motivo para apressar a cerimônia.

— Domingo — confirmou ele, impassível.

Ela sacudiu a cabeça, demonstrando uma impressionante força de vontade, se bem que era possível notar que sua resistência começava a amolecer.

— Ainda não sou obrigada a atender aos seus desejos, milorde, por isso sugiro que não fale nesse tom comigo. É impositivo demais e, não sei por quê, me irrita muito. Insisto em ter uma chance de escolha e... O que está fazendo?

Sheridan quase saltou quando ele enfiou uma das mãos em seu decote, envolveu o seio e acariciou o bico, fazendo-o enrijecer-se e tornar-se um pequenino botão.

— Dou-lhe a chance de escolher — declarou Stephen. — Você tem toda a liberdade para admitir que me quer e concordar em me deixar torná-la uma respeitável senhora no domingo, ou pode recusar e...

Deixou a frase inacabada, com intenção de alarmá-la.

— E se eu recusar? — A respiração dela estava suspensa.

— Voltaremos neste momento para casa, em vez de irmos para o baile de Rutherford, e lá vou continuar o que parei há um minuto, até provar a você o que deve fazer ou até você

admitir que deve fazê-lo. De qualquer modo, o resultado vai ser nosso casamento no domingo.

Sob o aveludado tom de barítono, havia uma determinação férrea, uma confiança arrogante de que ele poderia fazer acontecer o que bem quisesse, de que poderia fazê-la sentir-se mais desamparada e surpreendida. Sherry sabia que o conde era bem capaz disso e queria que ela o admitisse; sabia que podia beijá-la e fazê-la perder a cabeça em poucos minutos.

— Ontem você não estava com pressa de casar, de honrar nosso compromisso de noivado — observou ela, altiva.— O que o fez mudar de ideia tão de repente?

Seu pai morreu e você não tem ninguém no mundo, a não ser eu, pensou Stephen, porém sabia que havia outro motivo mais importante para ele do que esse, se bem que não inteiramente verdadeiro.

— Ontem eu ainda não havia descoberto que queremos um ao outro com tanto desespero.

— Sim. Mas esta noite, mais cedo, eu tinha certeza que *não* queria você de modo algum. Espere! Tenho uma sugestão.

Stephen sorriu ao ver o rosto bonito iluminar-se, apesar de saber que não ia apreciar nem admitir nenhuma alteração nos seus planos. Quinhentos anos de pura nobreza corriam em suas veias, e, com a arrogância natural de seus ilustres antepassados, Stephen David Elliott Westmoreland tinha resolvido que sua determinação é que iria prevalecer. O mais importante de tudo era que ela o queria e que ele a queria. Além disso, o único motivo da pressa é que desejava que Sherry pudesse avaliar durante algum tempo o que era ser sua esposa, antes de saber que seu pai morreria.

— Podemos continuar mais algum tempo assim, e se você não se tornar desagradável, se nós continuarmos a gostar de nos beijar, *então* poderemos nos casar.

— Sugestão tentadora — mentiu Stephen, bem-educado;— mas acontece que pretendo fazer muito mais do que apenas beijar você, e me sinto... desconfortavelmente ansioso... para satisfazer a nós dois nesse ponto.

A resposta dela a essa observação provou que Sheridan esquecera mais do que seu nome e do nome de seu noivo. Ou era isso ou, como muitas das moças inglesas bem nascidas, ninguém lhe dissera o que acontecia na noite de casamento. Com as finas e bem desenhadas

sobrancelhas erguidas sobre os interrogadores olhos cinzentos, ela confirmou isso:

— Não sei o que você quer dizer, nem exatamente o que pretende, mas não é de admirar que se sinta desconfortável: estou praticamente sentada no seu colo!

— Vamos conversar sobre minhas intenções e motivos mais tarde — prometeu ele, com a voz enrouquecida pelo prazer de tê-la quase sentada em seu colo.

— Quando iremos conversar sobre isso? — insistiu ela, teimosa, quando já estava de novo acomodada no assento diante do dele.

— Domingo à noite.

Sem argumentos para continuar discutindo com ele nem forças para enfrentar o desafio daqueles olhos azuis, Sherry afastou a cortina da janela e olhou para fora. Duas coisas a intrigaram ao mesmo tempo: primeiro, estavam parados diante de um casarão com lacaio alinhados um em cada degrau da escadaria, segurando tochas acesas a fim de iluminar o caminho para convidados luxuosamente vestidos, que se moviam para o interior da mansão como um verdadeiro rio; alguns deles de vez em quando olhavam, por cima dum ombro, para a carruagem de Lorde Westmoreland. Segundo, no reflexo de seu rosto no vidro da janela, viu que o penteado se desfizera, graças às mãos ansiosas de seu noivo.

— Meu cabelo! — murmurou, levando as mãos à cabeça, percebendo logo que o bonito cabelo ruivo lhe descia pelos ombros.

Particularmente Stephen achava aquela desordem encantadora, mas, no momento em que ela lhe chamou a atenção para o cabelo, o pensamento dele encarregou-se de imaginá-lo descendo sobre os seios nus.

— Não posso ir ao baile — assim afligiu-se Sheridan. — Vão pensar que...

Calou-se, num embaraçado silêncio, e os lábios de Stephen se entreabriram, sorrindo:

— Vão pensar o quê? — pressionou, observando as faces coradas e os lábios vermelhos, sabendo muito bem o que todos iriam supor.

— Que sou descuidada — respondeu ela, estremecendo e retirando os grampos, deixando que aquela massa de cabelo descesse, completamente solta.

Pegou um pente e começou a pentear-se, cada vez mais consciente do olhar cálido dele, acompanhando todos os seus movimentos e fazendo-a ficar mais confusa.

— Por favor — pediu desamparada, — pare de me olhar desse jeito.

— Olhá-la vem sendo meu passatempo preferido desde o dia em que você me pediu que

descrevesse seu rosto— respondeu ele, solene, fitando-lhe os olhos.

O veludo da voz de Stephen e sua resposta cheia de carinho foram mais sedutores para ela do que um beijo. Sheridan sentiu desvanecer-se a resistência a se casar com ele, mas seu orgulho e seu coração exigiam que ela significasse para ele mais do que julgava significar.

— Antes de pensar seriamente em casamento no domingo — começou a dizer, hesitante, — creio que você precisa saber que tenho uma terrível aversão por uma coisa com a qual as *ladies* inglesas parecem não se importar... e que, na verdade, eu mesma não sabia que me importava, até esta noite.

Perplexo, Stephen indagou:

— Que aversão é essa?

— À cor de lavanda.

— Compreendo... — assentiu Stephen, surpreso pela temeridade e pela coragem dela.

— Por favor, considere isso cuidadosamente antes de resolver se vamos continuar noivos.

— Vou considerar — prometeu ele.

O conde ainda não fizera a concessão, como ela esperava, mas também não se zangara e, o principal, levava-a a sério. Sherry resolveu satisfazer-se com aquilo, por enquanto, e procurou ajeitar o melhor possível o cabelo em desordem. Consciente de ser o foco do olhar admirado e desejoso dele, disse com um sorriso embaraçado:

— Não vou conseguir, se você continuar me olhando assim!

—

Relutante, Stephen desviou o olhar do rosto de Sheridan, contudo ninguém mais parou de olhar para ela depois que a viu andando ao longo do balcão ao lado dele e descendo a escadaria para o salão de baile de Rutherford, alguns minutos mais tarde. Sua cabeça mantinha-se erguida, os lábios mostravam-se quase vermelhos por causa dos beijos dele e a pele translúcida parecia ter luz própria. Em contraste com a imagem serena que lhe emprestava o elegante vestido cor de marfim, o cabelo ruivo descia solto pelos ombros e costas, numa cascata selvagem de ondas e cachos.

Para Sherry o caminho pareceu longuíssimo, entre convidados que detinham o conde no balcão, nos degraus e enfim no salão, para falar com ele, o que não a teria incomodado se a maior parte das observações não a fizessem sentir-se desconfortável.

— Fiquei sabendo, Langford — disse um cavalheiro, sorrindo, no balcão, logo depois que o mordomo anunciou seus nomes, — que você anda muito interessado nos *debuts* do Almack...

O conde dirigiu-lhe um olhar de cômico horror, mas as piadas mal tinham começado. Um instante depois, outro senhor deteve um criado que oferecia a Sheridan e Stephen uma bandeja com taças de champanhe.

— Não, não, não! — exclamou ele, para o perplexo criado, puxando-lhe o braço de modo a tirar a bandeja do alcance do conde. — Lorde Westmoreland anda tomando *limonada* ultimamente. Ah, de preferência bem doce e morna — instruiu o cavalheiro, — igual à que servem no Almack.

O conde de Langford inclinou-se e disse algo que fez o cavalheiro rir, e brincadeiras dessa mesma natureza os acompanharam enquanto desciam lentamente a imponente escadaria.

— Langford, é verdade? — brincou um senhor de meia-idade, quando afinal chegaram ao salão de baile. — É verdade que uma menina de cabelo cor de fogo o largou em pleno salão, no Almack? Stephen assentiu, disse que era verdade, e com a cabeça indicou que Sherry, a seu lado, era a "menina de cabelo de fogo que fizera isso. Em um grande grupo de pessoas, um cavalheiro pediu para ser apresentado e, depois que os apresentaram, riu abertamente para ela.

— Minha querida jovem, é um privilégio conhecê-la — declarou, depositando um galante beijo na mão dela. — Até esta noite não pensei que houvesse mulher no mundo imune ao encanto desse demônio.

Momentos depois, um senhor idoso, que andava com dificuldade, apoiado numa bengala, disse com uma gargalhada gostosa.

— Ouvi dizer que seu jeito de dançar não está agradando, Langford. Se me procurar, amanhã, posso dar-lhe uma aula.

Entusiasmado com o próprio humor, gargalhou ainda mais, batendo a bengala no chão

O conde suportou tudo com divertida indulgência, deixou de responder à maioria das provocações, mas Sheridan tinha dificuldade em fingir que não ligava. Estava horrorizada por verificar que sabiam tudo o que se passava, e pela rapidez com que os mexericos se propagavam. Todos, absolutamente todos, pareciam saber os movimentos que Lorde Westmoreland fizera nas últimas horas, e isso provocava-lhe a visão angustiante de toda aquela gente espiando pela janelinha da carruagem, protegendo com as mãos os olhos da luz de fora, vendo o que eles faziam lá dentro.

Pensar no que eles poderiam ter visto fazia o rosto dela arder. Isso chamou a atenção de Miss Charity, que estava de pé, com Whitney e Clayton, num grupo de amigos dos Westmoreland.

— Meu Deus! — exclamou, encantada — Você está usando cores lindas, minha querida morango com *chantilly*! É o que me lembra neste momento O passeio de carruagem com o conde lhe fez muito bem! Você estava tão pálida quando saiu do Almack!

Sheridan, mais vermelha ainda, começou a abanar-se vigorosamente com o leque, porque outros conhecidos dos Westmoreland, que queriam ser apresentados a ela, rodeavam-nos e tinham ouvido tudo. Seu noivo também ouvira, pois fitou-a com um sorriso insinuante e perguntou, baixinho:

— O passeio lhe fez bem, querida?

Em vez de mortificá-la, o sorriso dele a fez rir:

— Seu bruxo! — murmurou em resposta, sacudindo a cabeça em sinal de advertência.

Infelizmente, esse movimento chamou a atenção de Charity Thornton para algo que ela ainda não tinha notado:

— Seu cabelo estava preso quando saímos do Almack! — exclamou, preocupada. — Os grampos escaparam, querida? Preciso chamar a atenção da criada, quando voltarmos para casa, a fim de que ela faça melhor os penteados!

Sherry teve a impressão de que todo mundo ao redor parara de conversar para ouvir o revelador comentário; justamente a dama que deveria proteger sua reputação é que a estava demolindo.

E muitas pessoas haviam mesmo parado de conversar, como o duque de Claymore, que deu a Sherry um secreto, íntimo, sorriso, tão parecido com o do irmão que ela não se sentiu intimidada e revirou os olhos, demonstrando seu desespero a ele, que riu dessa impertinência e em seguida apresentou-a aos dois casais mais próximos deles — o duque e a duquesa de Hawthorne, o marquês e a marquesa de Wakefield. Ambos os casais cumprimentaram-na com uma cálida cordialidade que a fez gostar deles no mesmo instante.

— Suponho que você seja a atração que fez Stephen ir ao Almack — comentou o duque de Hawthorne.

A esposa dele sorriu para Sheridan e acrescentou:

— Estávamos ansiosos para conhecê-la. Agora que a conhecemos — prosseguiu, olhando para os Wakefield e incluindo-os no elogioso comentário, — compreendemos por que ele saiu correndo do Strathmore quando viu que as portas do Almack estavam para se fechar. Distraída da conversa, Miss Charity concentrava-se na meia dúzia de rapazes do Almack que atravessavam com determinação o salão de baile repleto. Stephen também os olhava. Langford, saia daqui disse a dama, voltando-se para o conde. Esses jovens cavalheiros vieram por causa de Sherry, e você vai espantá-los se continuar com essa... essa expressão *nada receptiva*!

— É verdade Stephen — brincou Whitney, passando um braço pelo dele, e seu sorriso dizia que Clayton lhe contara sobre o casamento iminente. — Será que não pode parecer mais acolhedor para receber os melhores solteiros de Londres interessados em Sherry?

— Não — respondeu ele, seco, e eliminou o problema por algum tempo dando o braço a Sheridan e levando-a para apresentá-la ao anfitrião.

Marcus Rutherford era um homem alto, imponente, tinha um sorriso simpático, e a tranquilidade relaxada e a imperturbável confiança que vêm de uma existência privilegiada e de uma ilustre linhagem que poucos podem ter. Sherry gostou dele no mesmo instante e

quase lamentou a obrigação de voltar-se e atender os cavalheiros do Almack que esperavam, alinhados, para falar com ela e pedir-lhe contradições.

— Parece que você vai ter que enfrentar muita competição, Stephen, e não é de admirar — comentou Rutherford, enquanto Makepeace levava Sheridan para a pista de dança, sob o olhar encantado e aprovador de Miss Thornton.

— E pela primeira vez — riu Clayton, olhando para a expressão satisfeita de Miss Charity, que observava a pista de dança — o objeto das suas atenções tem uma acompanhante que *não* gosta de ter você por perto!

Enquanto Stephen ouvia isso, uma ideia surgiu-lhe na mente; uma ideia que desfaria todo o mal que o comentário da acompanhante poderia ter feito à reputação de Sherry.

— Ouvi dizer que Nicholas DuVille acha essa dama extraordinária — observou lorde Rutherford, levando uma taça de champanhe aos lábios. — Tanto que ele também foi ao Almack. O comentário é que vocês dois ficaram lado a lado, escorando a mesma coluna, porque não podiam chegar perto da jovem dama por causa dos muitos admiradores. Deve ter sido um grande acontecimento — continuou o anfitrião, sacudindo os ombros *de* rir, — você e DuVille no Almack, na mesma noite! Dois lobos num abrigo de ovelhas... Aliás, onde está Nicki? — perguntou o lorde, olhando aquele mar de seiscentas cabeças.

— Cuidando de seu coração partido, espero — respondeu o conde, pondo a ideia em ação.

— DuVille? — Rutherford riu mais ainda. — Não consigo imaginar vocês dois no Almack. Mas por que ele estaria com o coração partido?

Com um insolente erguer de sobrancelhas e um riso divertido, Stephen respondeu:

— Porque o objeto de sua afeição — concordou em se casar com outro.

— Verdade? — Os olhos do velho lorde fixaram-se, fascinados e com novo respeito, em Makepeace, que dançava com Sheridan. — Você não pode estar se referindo a Makepeace: essa beleza não pode ser desperdiçada com um menino!

— Ela não vai se casar com Makepeace...

— Não? Então, com quem? — o anfitrião estava curioso.

— Comigo.

A expressão do rosto de Rutherford passou do choque ao deleite e depois à cômica ansiedade. Indicando com a taça o salão de baile, indagou:

— Você me permite anunciar seu casamento esta noite? Adoraria ver a cara deles quando ouvissem a novidade!

— Bem... creio que sim.

— Excelente! — animou-se Rutherford. E lançou um olhar de censura a Whitney Westmoreland, ao acrescentar: — Se não se lembra, Alteza, tentei anunciar o seu noivado, mas a senhora enfiou na cabeça, naquela noite, que ia mantê-lo em segredo!

O aparentemente inocente comentário fez o marido e o cunhado de Whitney fitá-la, divertidos, ao lembrarem que ela se casara com o duque de repente, provocando verdadeiro terremoto em Londres.

— Parem com isso, vocês dois — Whitney riu, sem jeito. — Nunca vão me deixar esquecer isso?

— Não — disse o marido, rindo.

Sherry estava ao lado de Stephen pela primeira vez depois de uma hora, participando de agradável conversa com os amigos, quando Lorde Rutherford abandonou o grupo sem alarde. Ela o viu abrir caminho entre a multidão para chegar ao tablado da orquestra, mas não deu maior atenção ao fato até que a música subiu num crescendo imperativo, depois cessou bruscamente, como se faz costumeiramente para chamar a atenção. As conversas e risos cessaram, e todos os convidados voltaram-se para o tablado, procurando a causa da interrupção da música.

— Damas e cavalheiros — começou o amigo de Stephen, com voz surpreendentemente sonora e forte, — tenho a grande honra de anunciar um importante noivado esta noite, antes que seja anunciado formalmente pelos jornais...

Sherry olhou ao redor, como fizeram os demais convidados, imaginando qual seria o casal de noivos, e, atenta em descobri-lo, não reparou na ternura divertida espelhada no sorriso de Lorde Westmoreland, ao observá-la olhar para a multidão na tentativa de adivinhar quem era o casal de noivos.

— Sei que este noivado vai trazer a paz para muitos dos solteiros presentes neste salão, que ficarão felizes com o fato de esse cavalheiro ter, afinal, decidido seu futuro. Ah! Sei também que despertei a curiosidade de todos vocês!

Lorde Rutherford riu, saboreando o fato de ver centenas de rostos curiosos voltados para ele. Depois de breve pausa, prosseguiu:

— Em vista disso, creio que prefiro prolongar o suspense por mais algum tempo e, em vez de lhes dizer os nomes dos noivos, vou pedir a eles que me dêem a honra de selar seu compromisso de futuro casal abrindo oficialmente o nosso baile.

Rutherford desceu do tablado, acompanhado por murmúrios e risadinhas nervosas, mas ninguém olhava para ele. Quando a orquestra começou a tocar uma valsa e a música se espalhou pelo salão, todos os presentes olharam uns para os outros, desconfiados.

— Que modo maravilhoso de anunciar um noivado!— comentou Sheridan com sua futura concunhada, que sorriu, divertida.

— Estou feliz por você aprovar — disse Stephen, pegando-a pela mão e levando-a para a pista de dança.

Sherry achou que ele a levava para lá a fim de que pudessem ver melhor os noivos. Mas quando já estavam na pista, e a orquestra repetia os acordes iniciais de três tempos da valsa, Stephen colocou-se diante dela, bloqueando-lhe a visão.

— Miss Lancaster — disse ele calmamente, e sua voz profunda chamou a atenção dela.

— Sim?— respondeu, deixando de olhar ao redor e sorrindo ao deparar com a expressão emocionada nos olhos azuis.

— Posso ter a honra desta dança?

Não houve tempo para pensar nem reagir, porque o braço de Stephen já enlaçava a sua sutil cintura, puxando-a para ele, e em seguida giravam na pista ao ritmo da valsa. No momento em que a multidão os viu dançando, risos, palmas e vivas explodiram, produzindo um estrondo ensurdecedor.

No teto, os lustres de cristal cintilavam à luz de centenas de velas, enquanto as paredes, forradas de espelhos, refletiam o casal sozinho, valsando: um cavalheiro alto, de cabelos castanho-escuros, cujo braço enlaçava possessivamente uma jovem ruiva, de vestido cor de marfim. Sherry viu o reflexo deles no espelho, sentiu a magia romântica daquele lindo momento e ergueu os olhos para o conde. Em algum lugar, nas profundezas daquele sorridente olhar azul, fixo nela, viu outro tipo de magia romântica, cheia de vida... algo profundo e silencioso. Ele a mantinha cativa, prometia-lhe algo... pedindo... convidando...

Eu o amo, pensou Sheridan.

O braço dele apertou-a mais, como se ele a tivesse ouvido e gostado do que ouvira. Só então Sherry percebeu que tinha falado alto.

No balcão, no alto, ao redor do salão de baile, a duquesa Alicia de Claymore olhava para o casal lá embaixo e sorria, feliz, pensando nos netinhos lindos que eles lhe dariam. Desejou que o adorado marido estivesse a seu lado, olhando o filho deles com a mulher com quem ia partilhar sua vida. Robert teria aprovado Sherry, tinha certeza. Inconscientemente, passou o polegar pelo anel de noivado que havia tanto tempo, quase quatro décadas antes, Robert enfiara em seu dedo. Emocionada, Alicia admirava o filho valsando com a noiva e teve a sensação de que Robert se encontrava de *pé* a seu lado.

— *Olhe para eles, amor*— murmurou para o marido, em seu coração.— *Ele é todo você, Robert, e ela lembra a jovem que eu era nos bons tempos.*

Alicia podia até sentir a mão de Robert em sua cintura e a voz alegre dele em seu ouvido:

— *Neste caso, querida, Stephen vai ter uma mulher maravilhosa.* Um sorriso orgulhoso desenhou-se nos lábios da duquesa-mãe ao pensar em sua própria contribuição para aquele momento. Seus olhos brilharam quando lembrou os nomes que colocara na lista de prováveis pretendentes que Stephen lhe pedira que fizesse e a reação que ele tivera contra seus candidatos. Eles todos eram tão *velhos* que o conde nem sequer sabia que eram também doentes, pois nunca os via.

Eu consegui isso, pensou.

Ao lado dela, Hugh Whitticomb observava a mesma cena e pensava nas noites, tantos anos antes, em que Alicia e sua Maggie tinham ficado com Robert e ele no salão de baile até de madrugada. Enquanto observava Sherry e Stephen dançarem, sorriu, encantado consigo mesmo pelo modo inteligente como manipulara a situação.

Na verdade, haveria mau tempo quando Charise Lancaster recuperasse a memória, mas ela amava Stephen Westmoreland e ele a amava. Hugh tinha certeza disso.

— *Eu consegui, minha pequena Maggie*— disse ele, em seu coração.

E a resposta dela soou em sua mente:

— *Sim, você conseguiu, querido. Agora, tire Alicia para dançar. Este é um momento especial.*

— Alicia — começou ele, em dúvida,— quer dançar?

Ela voltou-se com um sorriso radiante e colocou a mão no braço que ele lhe oferecia.

— Obrigada, Hugh! Que ideia maravilhosa! Há anos que não dançamos.

Observando tudo num canto do salão, Miss Charity Thornton, batendo o leque no colo, acompanhava o ritmo mágico da valsa com um brilho feliz nos olhos azul-claros, enquanto via o conde de Langford em sua primeira aparição oficial como futuro marido de Charise Lancaster. Quando outros pares afinal começaram a valsar, Nicholas DuVille segredou-lhe ao ouvido, fazendo-a voltar-se, surpresa:

— Miss Thornton — disse ele, com um sorriso insinuante, — quer me dar a honra desta contradança?

Atordoada pelo prazer de vê-lo lembrar-se dela nesse momento tão especial, a dama assentiu, enquanto calçava as luvas de cetim, e sentiu-se mocinha outra vez, ao ser levada para a pista de dança por um dos homens mais lindos de Londres.

— Pobre Makepeace — confidenciou, com penalizada simpatia, — ele parece ter ficado devastado com a notícia.

— Espero que a *senhora* não esteja devastada — comentou Nicki, preocupado. Como ela se mostrasse confusa, esclareceu: — Tive a impressão de que a senhora estava torcendo por mim...

Charity se sentia deliciosamente aturdida com os giros pelo salão, embora ele diminuísse seus largos passos para que se ajustassem aos dela.

— Nicholas — murmurou ela, com olhar maroto, — posso lhe confessar um segredo?

— Certamente, se a senhora quiser.

— Estou velha e muitas vezes cochilo quando não deveria dormir, e às vezes sou tremendamente desastrada com o que digo...

— Eu não tinha notado — afirmou DuVille, galante.

— Mas, querido jovem — continuou ela, com ar severo, ignorando a mentira gentil, — não estou *tão caduca* assim que tivesse acreditado, por mais de uma hora, que você estava interessado na nossa adorável Sherry.

— Nicholas quase errou o passo ao ouvir aquilo e perguntou, cauteloso:

— Não acreditou mesmo?

— Claro que não. E as coisas funcionaram exatamente como planejei.

— Como a senhora planejou? — repetiu DuVille, como um bobo.

Sentia-se atrapalhado, aturdido, e via-se obrigado a revisar sua opinião sobre aquela dama, ao mesmo tempo em que tinha vontade de rir de si mesmo. Corou diante da própria

ingenuidade.

— Sim, o que planejei — disse ela, erguendo o queixo, orgulhosa — Não gosto de trapacear — fez um aceno de cabeça em direção de Stephen e Sherry,— mas desta vez trapaceei

Desconfiando que fosse verdade o que acabava de ouvir, Nicholas DuVille estudou disfarçadamente o rosto corado da dama.

— Como fez o que pensa que fez? — perguntou, hesitante.

— Uma cutucadinha aqui, um empurrãozinho ali, meu querido jovem Mas, na verdade, tive um pouco de medo de deixar Sherry sozinha com Langford esta noite. Ele estava furioso, com ciúme de Makepeace.— Os ombros frágeis de Miss Charity estremeceram, e ela riu. — Foi a coisa mais *divertida* que vi nos últimos trinta anos! Pelo menos, acho que foi. Vou sentir falta de tanta excitação. Senti-me tão útil quando Hugh Whitticomb me pediu para ser acompanhante dela. Claro, percebi logo que ele esperava que eu não fizesse um bom trabalho, senão teria escolhido outra pessoa.

Ela estranhou o longo silêncio, fitou Nicholas e viu que ele a observava com atenção

— Você disse alguma coisa, meu rapaz— perguntou, com os olhos cintilando.

— Acho que sim

— O que foi?

— Por favor, aceite minhas humildes desculpas.

— Por ter me subestimado? Nicholas assentiu, e ela acrescentou, rindo com gosto. — Todo mundo me subestima, sabe?

—

CAPITULO 35

— Sinto-me como um convidado em minha própria casa...

Havia ironia na voz de Stephen ao fazer esse comentário para o irmão, enquanto esperavam que as damas se juntassem a eles na sala de estar, a fim de irem para a ópera. Desde que anunciara o noivado, no baile de Rutherford, na noite anterior, ele e Sherry não tinham mais ficado sozinhos, e o conde achava um absurdo que essa mudança de situação significasse o fim de qualquer possibilidade de momentos íntimos com a noiva.

Por sugestão de sua mãe, ele se mudara para a casa de Clayton e a duquesa Alicia fora para a casa dele, onde pretendia ficar com a futura nora durante os três dias que faltavam para o casamento, a fim de eliminar qualquer possibilidade de falatórios, uma vez que Sherry se tornara o foco da atenção máxima da sociedade londrina.

Stephen concordara com a sugestão só porque acreditara que o dr. Whitticomb iria opor-se à modificação, assegurando à duquesa que era suficiente a presença de Miss Charity Thornton ao lado do casal de noivos.

Em vez disso, o imprevisível médico concordara com a mãe do conde em que a reputação de Charise Lancaster corria maior risco agora que a sociedade sabia que o conde de Langford estava pessoalmente interessado nela.

Nessa noite, seu irmão e sua cunhada seriam as velas, acompanhando Sherry e ele à ópera, enquanto sua mãe cumpria suas próprias obrigações sociais, mas a duquesa Alicia garantiria que estaria em casa quando eles chegassem.

— Se quiser, você pode levar Sherry para a nossa casa — ofereceu Clayton, animado ao perceber o desapontamento de Stephen e a ansiedade dele em estar sozinho com a noiva e ficar lá, também.

— Seria um arranjo absurdo! O fato é que não vou fazer a besteira de levá-la para a cama, por mais que eu queira, quando faltam apenas três dias para o nosso casamento e...

Calou-se ao ouvir vozes femininas se aproximando, e os dois se puseram em pé. Stephen ajeitou a elegante casaca negra e saiu andando, quase se chocando com o irmão, que parara de súbito ao ver as duas damas chegarem à porta, conversando e rindo.

— Veja isso... — disse Clayton, baixinho. Stephen já vira e sabia o que o irmão ia dizer, mesmo antes que ele acrescentasse:— Que quadro as duas dariam!

As suaves risadas musicais das damas fizeram os cavalheiros sorrirem, olhando para a duquesa de Claymore e a futura condessa de Langford, que, depois de pôr os chapéus, vestiam as capas que Colfax e Hodgkin seguravam para elas. Os mordomos mantinham-se eretos, olhando firmes para a frente, como se nada estivesse acontecendo. Mas Hodgkin não era bom como Colfax para esconder o que pensava, e seu olhar teimava em voltar-se para Sherry, enquanto um sorriso de encantamento se esboçava em seus lábios.

Whitney chegara à casa do cunhado com um lindíssimo vestido azul-safira, e Sherry lhe dissera que ia usar um vestido verde, enquanto olhava a safira que Stephen lhe dera naquela tarde, como anel de noivado, dizendo-lhe "azul-safira é minha cor preferida"...

Era evidente que as duas tinham trocado ideias e vestidos lá em cima, porque Sherry estava com o vestido azul-safira e Whitney, com o vestido verde de Sherry.

Quando começaram a aproximar-se, os dois irmãos ouviram Whitney afirmar, maliciosa:

— Clayton nunca irá reparar na troca, pode escrever o que eu digo!

— E eu duvido que Lorde Westmoreland tenha dado atenção ao meu comentário de que seu vestido combinava mais com meu anel do que o vestido que eu ia pôr — riu Sherry. Ele estava preocupado demais em... — Ela engoliu o "me beijar", e Stephen teve que se esforçar para não rir ao ouvir aquilo.

— Vamos, então? — disse ao irmão.

— Sem dúvida — concordou Clayton, e, sem combinarem, Stephen foi ao encontro de Whitney, enquanto seu irmão dava o braço a Sheridan, fazendo-a rir ao comentar em voz baixa: — Posso dizer-lhe que fica maravilhosa *de* verde, meu amor?

Whitney calçava as luvas quando mãos masculinas lhe tocaram os ombros, e a voz de Stephen murmurou junto ao seu ouvido direito:

— Sherry — sussurrou ele, e sob suas mãos os ombros delicados traíram o riso, enquanto ela mantinha a cabeça abaixada para ocultar o rosto, — combinei com meu irmão uma maneira de ficarmos a sós quando voltarmos da ópera. Ele distrairá Whitney e...

Quando conseguiu parar de rir, ela voltou-se e repreendeu-o, fingindo-se indignada:

— Stephen Westmoreland, *não se atreva!*

Em frente ao número 14 da Upper Brook Street, muitas carruagens passavam com toda a pompa, e suas lanternas brilhavam como borboletas de fogo. Quando a carruagem do duque

e da duquesa de Dranby passou diante da mansão, Sua Alteza olhou, admirando a fachada paladiana, e suspirou:

— Dranby, com quem iremos casar Juliette, agora que Langford foi pego? Onde vamos encontrar outro homem com seu bom gosto, refinamento e...

Calou-se ao ver a porta abrir-se e quatro pessoas sorridentes surgirem. A delicada figura vestida de azul-turquesa correu escada abaixo, e o conde saiu em perseguição da noiva:

— Sherry!— chamou ele. — Eu sabia que não era você!

A americana respondeu alguma coisa, rindo, enquanto entrava na carruagem do duque de Claymore, que se encontrava parada atrás da carruagem do conde. O duque e a duquesa apressaram-se, mas ao chegarem embaixo Lorde Westmoreland já pegara a noiva pela cintura e a colocava dentro da sua carruagem.

— Dranby voltou a falar a duquesa, acabamos de assistir ao mais delicioso mexerico do ano! Espere até os outros saberem o que vimos!

— Se quiser um conselho, é melhor que você não conte... — avisou o duque, recostando-se em seu assento.

— Por quê?

— Ninguém irá acreditar.

—

Um verdadeiro rio de veículos achava-se parado na Bow Street, aguardando a vez de parar diante da iluminada fachada do Covent Garden, a fim de deixar os ilustres ocupantes.

Parece um templo grego! — admirou Sherry, olhando pela janelinha da carruagem.— Como aquele quadro, na sua biblioteca.

O entusiasmo dela era tão contagiante que Stephen se inclinou e também olhou a fachada da Royal Opera House.

— Foi inspirado no Templo de Minerva, em Atenas. — Erguendo cuidadosamente a ampla saia com uma das mãos, Sherry estendeu a outra ao noivo, desceu da carruagem e parou para contemplar o Covent Garden, antes que entrassem.

— É maravilhoso!— exclamou, fascinada.

Ignorou os olhares divertidos que os observavam e que os acompanharam enquanto entravam e atravessavam o imenso vestibulo, seguindo para a imponente escadaria, passando entre as colunas jônicas e as bonitas lanternas gregas. Estava em moda, na elegante Londres, demonstrar-se entediado e indiferente o tempo todo, mas Sherry não ligava para os modismos. Com o rosto iluminado pelo fascínio, parou no saguão que dava para os camarotes e observou os graciosos pilares e recessos em arco que continham quadros com cenas de Shakespeare.

Inclinado a deixá-la apreciar os quadros, porém sabendo que estavam bloqueando a passagem dos outros, Stephen segurou-a por um cotovelo e disse, com suavidade:

— Vamos nos atrasar para a ópera, se você ficar aqui todo o tempo que tiver vontade...

— Ah, desculpe! Mas não entendo como as pessoas podem passar diante dos quadros e não admirá-los.

O camarote do conde de Langford tinha visão excelente, e quando entraram ele notou que Sherry observava os camarotes idênticos, à frente do deles, do outro lado da imensa sala, cada qual com seu lustre, suas flores e estrelas de ouro pintadas no frontão.

— Espero que você goste de ópera — disse o conde, sentando-se ao lado dela e cumprimentando, com acenos de cabeça, amigos e conhecidos que se encontravam no camarote à direita.

Sherry ergueu os olhos para ele, sentindo-se tão feliz que teve medo que aquilo tudo não

fosse real:

— Acho que gosto — respondeu, hesitante.— Quer dizer, sinto-me ansiosa e contente, o que deve ser um bom sinal.

Os olhos azuis de Stephen sorriam ao encontrar os dela, mas, enquanto falava, Sheridan viu-os ficarem sérios e descerem até seus lábios, demorando-se neles, percorrendo-os.

Aquilo era um beijo, compreendeu ela. Era um beijo, e Stephen percebeu que Sherry sabia disso, que sentia o beijo. Sem que ela percebesse o que fazia, sua mão moveu-se e procurou a dele, como no dia em que ela recuperara a consciência.

Era um movimento tímido, que poderia ter passado despercebido, principalmente porque o lorde não a olhava, ocupado em cumprimentar amigos que tinham parado à entrada do camarote. No entanto, enquanto Sherry voltava a cabeça para cumprimentá-los também, a mão dele foi ao encontro da dela. Um arrepio percorreu a espinha de Sherry quando o polegar dele lhe tocou a palma da mão e deslizou por ela. Era outro beijo, compreendeu, perdendo o fôlego. Dessa vez um beijo lento, longo, profundo.

Com o coração aos saltos, ela abaixou o olhar para a mão dele, grande, bem-feita, parcialmente coberta pelo leque aberto em seu colo, enquanto sentia o corpo derreter-se ao toque de Stephen.

Lá embaixo, na plateia, e acima, na galeria, os espectadores menos ricos agitavam-se, barulhentos e curiosos, observando abertamente os ocupantes dos camarotes; Sherry procurava parecer tranquila e casual, enquanto o simples toque na palma macia de sua mão continuava a perturbá-la.

Quando o movimento do dedo dele parou e seu coração voltou ao normal, ela achou que era uma loucura ser tão suscetível ao que com certeza era um gesto natural por parte dele. Meio por curiosidade, meio por travessura, resolveu fazer uma experiência. Stephen conversava com o irmão; ela deslizou o polegar pelas juntas dos dedos dele, concentrando-se mais nisso do que na conversa. Pôde verificar que o efeito era notável. Ele abriu a mão, e por instantes Sheridan pensou que fosse retirá-la. Como a deixasse em seu colo, mas virando a palma para cima, ela percorreu cada dedo dele com os seus, desde a ponta até o centro da palma, enquanto Stephen continuava conversando com Clayton. Uma vez que ele parecia nada perceber e muito menos se opor, a seguir Sherry percorreu cada linha da palma da mão dele com a ponta da unha de seu indicador. *Eu te amo*, pensou emocionada,

dizendo-lhe isso com a ponta do dedo. *Por favor, me ame também.* Às vezes, quando Stephen a beijava ou lhe sorria, tinha quase certeza de que ele a amava, mas queria ouvi-lo dizer isso, precisava ouvi-lo dizer.

Eu te amo, repetiu ela, percorrendo com a ponta dos dedos a palma da mão dele.

Dando a impressão de estar atento apenas à conversa, Stephen relanceou os olhos pela cabeça baixa de Sherry. Achava-se num lugar público, sentindo um violento despertar sexual apenas porque estava de mãos dadas com uma virgem inexperiente. Seu coração batia com violência, enquanto ele procurava minimizar o fato, negando-se a usufruir o prazer iminente, sem no entanto pensar sequer em fazê-la parar. Em vez disso, abriu mais a mão, entregando-a toda à deliciosa tortura.

Não conseguia acreditar no que Sherry fazia com ele, e sentia mais prazer ainda por saber que ela *queria* tocá-lo com doces carícias.

No luminoso e sofisticado mundo em que Stephen vivia, os papéis eram claramente definidos: as esposas eram para dar herdeiros; os maridos eram uma necessidade social e financeira; as amantes eram para dar e receber paixão; nesse mundo formavam-se casais em que os maridos nada tinham em comum com as esposas e mantinham casos com as esposas dos outros. Ele poderia citar talvez vinte casais, entre as centenas que conhecia, que tinham entre si algo mais do que morna afeição. E poderia citar centenas que nada tinham entre si. As esposas não gostavam das carícias dos maridos e jamais pensariam sequer em despertar os maridos com carícias. E era *exatamente* isso o que sua noiva estava fazendo.

Sob as pálpebras descidas, ele observou-lhe o perfil, enquanto ela parecia escrever algo com a unha na sensível palma de sua mão. Na terceira vez que Sheridan repetiu o gesto, ele lutou para escapar da onda de ardente desejo que a carícia despertava e procurou prestar atenção no que ela fazia. Com a ponta da unha, Sherry desenhava um círculo incompleto em sua palma, depois duas linhas perpendiculares entre si, unidas embaixo pelas extremidades:

C L

As iniciais dela.

Stephen respirou fundo, enquanto na imaginação a puxava para o canto escuro do camarote e cobria os lábios dela com os seus...

Beijava mentalmente os seios de Sheridan quando uma agitação lá embaixo anunciou o início da ópera, e ele não conseguiu definir se sentia alívio ou tristeza por saber que ela ia

se distrair.

Sherry distraiu-se. Inclinou-se para a frente, expectante, olhando a pesada cortina de veludo vermelho-escuro abrir-se sob o arco de elegantes figuras pintadas de mulheres segurando trompas e coroas de louro. Então a orquestra começou a tocar, e ela esqueceu-se do mundo.

Stephen segurou-lhe a mão durante o trajeto de volta para casa, achando-se meio ridículo diante da satisfação quase infantil que sentia com aquele toque.

— Gostou do espetáculo? — quis saber, enquanto a acompanhava para a porta de sua mansão, sob a luz que a imensa lua cheia derramava sobre a Terra.

— Adorei! — afirmou ela, com os olhos ainda cintilantes de entusiasmo. — Acho que a *reconheci*. Não as palavras, mas a melodia.

Essa boa novidade foi acompanhada por outra: quando Colfax ajudava Sherry a tirar a capa, informou que a duquesa-mãe já se retirara para seus aposentos, a fim de descansar.

— Muito obrigado, Colfax. Sugiro que você faça o mesmo — disse o conde, lembrando-se de imediato de sua fantasia na ópera.

O mordomo apagou as tochas da entrada e retirou-se do *hall*. Stephen voltou-se para Sherry, que começou a dar-lhe boa-noite:

— Obrigada pela noite maravilhosa, milorde...

— Meu nome é Stephen — cortou ele, repreendendo a si mesmo por ainda não ter pedido a ela que o chamasse assim.

Sheridan assentiu, saboreando a nova intimidade.

— Obrigada, Stephen...

Não pôde continuar, porque ele a segurou por um cotovelo e guiou-a através do *hall* para uma saleta iluminada apenas pelo luar, fechou a porta e voltou-se para ela.

Estando ele entre a porta e ela, Sherry fitou-lhe o rosto iluminado pela luz da lua, procurando imaginar o que Stephen pretendia fazer no escuro.

— O que... — começou.

— Isto — respondeu o conde.

Segurou-a pelos braços, encostou-a na porta, colocou as mãos espalmadas dos lados da cabeça de Sheridan e aproximou o corpo, enquanto abaixava a cabeça.

Antes que Sherry pudesse reagir, a boca dele aprisionou a sua, roubando-lhe a

respiração; o corpo musculoso, rijo, pressionou o seu, movimentando os quadris lentamente, provocando uma reação atordoante em seus sentidos. Com um gemido rouco, ela passou os braços pelo pescoço forte de Stephen e retribuiu o beijo, adorando a invasão da língua ardente, ofegando quando ele aprofundou o beijo, deixando que seu corpo acompanhasse os movimentos dos quadris dele.

Com o *Post* da manhã na mão, o recém-casado Thomas Morrison entrou na pequena mas acolhedora sala de jantar e olhou meio ressabiado para a esposa, que brincava com o café da manhã em vez de tomá-lo, olhando pela janela, distraída, a movimentada rua londrina.

— Charise, o que anda preocupando você ultimamente?

Charise nem se deu ao trabalho de erguer os olhos para o rosto que achara tão bonito no navio e que agora, na pequena sala de jantar da pequena casa em que moravam, a irritava, fazendo-a sentir-se furiosa com ele e consigo mesma, a ponto de nem sequer responder. No barco ele lhe parecera muito atraente e romântico na elegante farda, mas tudo mudou depois que se casaram. Quando Thomas quis que ela fizesse aquela coisa repugnante na cama e Charise lhe disse que detestava aquilo, o marido zangou-se com ela pela primeira vez. Em seguida, no entanto, compreendeu que precisava ter calma com a inexperiência dela, e a breve lua-de-mel em Devon tornou-se menos desagradável. Mas quando levou Charise para Londres e ela viu a casa dele, tornou-se retraída e mal-humorada. Thomas mentira, fizera-a acreditar que tinha uma bela casa, que ganhava bem, mas para seus padrões o nível dele era quase de pobreza, e ela desprezava essa vida e o marido.

Caso tivesse se casado com Burleton, seria uma baronesa, poderia ir às fabulosas lojas que vira na Bond Street e em Piccadilly. Agora mesmo, naquele minuto, estaria usando um vestido de manhã lindamente rendado e visitando uma amiga aristocrata, que certamente moraria naquelas mansões ao longo da Brook Street e do Pall Mall. Em vez disso, gastara todo seu dinheiro em apenas um vestido, dera um passeio no Green Park, onde a sociedade passeava à tarde, e acabara sendo ignorada como *se* nem sequer existisse! Não avaliara a importância de um título de nobreza, até ir ao parque e verificar o tipo de sociedade fechada e esnobe que existia por lá.

Além disso, quando seu detestável marido lhe perguntara o preço do vestido e ela dissera, ele ficou com cara de quem ia chorar! Em vez de admirar a adorável figura dela e seu profundo bom gosto, só pensava no dinheiro gasto.

Ela é que tinha motivos para chorar, pensou furiosa, olhando-o com ressentimento, enquanto ele lia o jornal. Em Richmond, na América, Charise era uma daquelas pessoas

invejadas e imitadas. Agora não era nada, menos que nada, e consumia-se de inveja cada dia que ia ao parque e via a aristocracia passando por ela e a ignorando.

O problema de Thomas Morrison era que ele não compreendia que ela era especial. Todos em Richmond sabiam disso, até mesmo o pai dela, mas o alto, bonito e estúpido homem com quem se casara não entendia. Tentou explicar a ele, que a insultara dizendo que, se ela era especial, seu modo de se comportar não demonstrava isso. Furiosa, Charise informou-lhe que "as pessoas tratam os outros do modo como são tratadas"! Essa consideração foi tão inteligente como se tivesse sido feita por Miss Bromleigh, e, claro, ele não soube responder.

O que ela poderia esperar de um homem tão sem refinamento e gosto que nem sequer sabia a diferença entre uma acompanhante paga e uma herdeira?

No começo, ele dera mais atenção a Miss Bromleigh do que a ela, e não era de admirar: Sheridan Bromleigh não conhecia seu lugar! Lia romances sobre governantas que se casavam com lordes, e quando Charise caçooou dessa ideia imbecil ela afirmou acreditar que títulos nobres e riqueza não importavam se duas pessoas se amassem *de verdade*.

De fato, pensou Charise amargamente, enquanto cortava uma fatia de presunto, não se encontraria nessa lamentável confusão se não fosse Sheridan Bromleigh. Ela jamais teria pensado em roubar a atenção que Morrison dava à sua acompanhante se os dois não parecessem tão interessados um no outro; jamais teria fugido com ele se não quisesse mostrar para todos no navio, principalmente para Miss Bromleigh, que Charise Lancaster podia ter o homem que quisesse. Estava levando uma vida miserável por causa da feiticeira de cabelos vermelhos que enfiara toda aquela bobagem romântica em sua cabeça, sobre amor e casamentos de contos de fadas, nos quais o dinheiro não importava.

— Charise...

Ela não falava com o marido havia dois dias, mas algo no tom dele a fez erguer os olhos, e, quando viu sua expressão incrédula, quase lhe perguntou o que estava lendo que o surpreendera tanto.

— No navio em que você veio tinha outra moça chamada Charise Lancaster? — perguntou ele. — Quero dizer, o seu não é um nome assim tão comum, não?

Charise fuzilou o marido com o olhar. Pergunta idiota. Homem idiota. Não havia nada comum nela, nem mesmo seu prenome.

— De acordo com este jornal — continuou ele, com voz alterada, olhando a esposa, — Charise Lancaster, que chegou a Londres há três semanas a bordo do *Morning Star*, acaba de ficar noiva do conde de Langford.

— É mentira sua! — gritou Charise, com escárnio, arrancando o jornal das mãos dele para ler a notícia. — Não havia outra Charise Lancaster no navio.

— Leia você mesma — disse ele, à toa, porque ela já se apossara do jornal e lia.

Um momento depois ela jogou o jornal na mesa, com o rosto contorcido pela fúria:

— Alguém está enganando o conde, dizendo que sou eu. Trata-se de uma manobra maldosa, vil...

— Aonde você vai? — preocupou-se Thomas.

— Falar com meu "novo noivo"!

—

Cantarolando baixinho, Sheridan pegou o vestido que ia usar em seu casamento, dali a uma hora, e estendeu-o em cima da cama. Ainda era muito cedo para pôr o maravilhoso vestido azul, e os ponteiros do relógio, no consolo da lareira, pareciam movimentar-se mais devagar do que nunca.

Uma vez que teria sido impossível convidar alguns amigos e omitir outros, haviam decidido que apenas a família iria ao casamento, o que evitaria ferir as suscetibilidades de amigos que não fossem convidados e faria do acontecimento uma ocasião calma e familiar, como Sherry preferia. Isso daria chance, também, para esperarem algumas semanas antes de comunicar o casamento, o que o faria parecer menos súbito.

De acordo com a duquesa Alicia, que gentilmente pedira a Sherry, na noite anterior, que a chamasse de mãe, casamentos apressados despertavam uma tempestade de mexericos e conjecturas sobre os motivos da pressa. Miss Charity tinha sido convidada porque ninguém tivera coragem de excluí-la, e ela deveria chegar a qualquer momento. O dr. Whitticomb era o único outro convidado que não fazia parte da família, mas mandara um recado dizendo que um paciente precisava dele com urgência naquela manhã e que passaria mais tarde, para tomar uma taça de champanhe.

De acordo com o planejado, o duque de Claymore estaria lá dentro de uma hora com a mãe e Whitney; Stephen chegaria meia hora depois, exatamente às onze horas, quando o casamento seria realizado. Sheridan ficara sabendo que os casamentos ingleses aconteciam, tradicionalmente, entre as oito horas e o meio dia, para que os noivos tivessem uma noite inteira para pensar, e depois, a luz do dia para iluminar o importante passo que estavam para dar. O padre deveria ter avaliado a importância de fazer o casamento do conde Langford, pois chegara uma hora antes para ter certeza de não se atrasar: precaução que Colfax achava um tanto divertida, como demonstrou a Sherry ao comunicar-lhe a chegada do religioso. Vestido formalmente para a ocasião, assim como todos os criados que ela vira naquela manhã, o mordomo-chefe também lhe informara que os criados desejavam cantar para ela, naquela ocasião tão importante, uma das canções tradicionais que haviam ensaiado na cozinha, e pediam licença para fazê-lo. Emocionada com a homenagem, ela imediatamente permitiu.

Pelo que pudera observar até então, Sherry achava que apenas o mordomo e ela conseguiam manter-se calmos. Sua criada de quarto estava tão nervosa que fizera a maior confusão com o banho e o penteado da noiva, derrubando grampos a cada momento e largando toalhas em todo canto, até que ela lhe pedira que se retirasse, porque desejava passar a última hora antes do casamento em tranquila solidão.

Aproximando-se da penteadeira, olhou o colar de diamantes e safiras, dentro do grande estojo de veludo negro, que Stephen lhe mandara naquela manhã. Sorrindo, tocou o colar, e a tripla fileira de diamantes e safiras pareceu brilhar alegremente para ela, participando *de* sua felicidade. A preciosa peça era rica demais para o vestido simples que ela escolhera, mas pretendia usá-la para não magoar o noivo.

Stephen... Ia ser seu marido, e os pensamentos dela voaram inevitavelmente para os momentos que passara com ele na sala às escuras, depois da ópera. Ele a beijara até ela perder a noção de tudo, com o corpo musculoso e rijo contra o dela, enquanto ondas de sensações envolventes percorriam-na inteira, a cada pressão do ventre dele contra o seu, a cada carícia de sua língua, a cada toque possessivo das mãos dele em seus seios. Num dado momento Stephen recuou um pouquinho, com a respiração pesada, enquanto ela se mantinha abraçada a ele em delicioso abandono.

— Você tem ideia a voz dele soara rouca de paixão de quanto é ardente, de como é única?

Sem saber como responder a isso, ela procurou na memória vazia o porquê da culpa que sentia por deixá-lo beijá-la *e* acariciá-la. Não encontrando nada, colocou as mãos na nuca dele e escondeu o rosto no peito largo. Com um meio sorriso, meio gemido, Stephen soltou as mãos dela e recuou.

— Chega. A não ser que você queira que a lua-de-mel venha antes do casamento, minha jovem, terá que se contentar com alguns poucos e castos beijos...

Ela devia ter parecido desapontada porque, rindo com suavidade, ele a puxou de novo para si e a beijou.

As deliciosas recordações de Sheridan foram dissipadas por batidas na porta. Ordenou que entrassem.

— Desculpe-me, *milady* — disse Hodgkin, com o rosto estreito perplexo e pálido, como se estivesse sofrendo, — há uma moça... — Ele hesitou em usar a palavra "*lady*" devido à

linguagem que a dama usara.— Há uma mulher lá embaixo dizendo que precisa vê-la.

Sherry fitava-o pelo espelho da penteadeira:

— Quem é?

O velho mordomo juntou as mãos para impedi-las de tremer:

— Ela diz que é a senhora.

— Como? estranhou Sheridan.

— Ela diz que é Miss Charise Lancaster.

— Que coisa...— o coração de Sherry disparou sem motivo aparente, e sua voz quebrou-se ao completar esquisita!

Parecendo implorar que ela dissesse que a outra mulher era uma louca ou uma impostora, Hodgkin acrescentou:

— Ela é... Ela conhece muitos fatos que parecem provar o que diz. Eu... eu sei que as coisas que diz são verdades, *milady*, porque fui mordomo do barão Burleton.

— *Burleton... Burleton... Burleton... Burleton.* O nome parecia girar no cérebro dela.

— Ela... ela queria falar com o conde, mas a senhora tem sido tão bondosa comigo... com todos nós... e eu espero que as coisas não sejam o que parecem... Quero dizer, que não seja a senhora que está cometendo uma falsidade... que a senhora não tenha enganado o conde, mas que seja ela quem está mentindo. Naturalmente, vou ter que dizer a milorde que aquela mulher quer falar-lhe, assim que ele chegar, mas acho que, se a senhora falasse com ela primeiro e a acalmasse.

O aflito mordomo retirou-se, fechando a porta. Sherry apoiou-se na penteadeira para não cair, pois sua cabeça girava ao pensar em uma mulher lá embaixo afirmando ser ela.

Fechou os olhos com força, procurando concentrar-se.

Burleton BURLETON BURLETON

Imagens e vozes começaram a suceder-se em sua mente, cada vez mais depressa, girando com tamanha velocidade que uma aparecia antes mesmo de a outra desaparecer

Um navio, uma cabina, uma criada com medo

E se o noivo de Miss Charise pensar que a matamos, que a vendemos ou alguma outra coisa malvada? Seria a palavra do barão contra a nossa, e como não somos nada a lei estará do lado dele. Aqui é a Inglaterra, não a América

Tochas, estivadores, um homem alto, de pé junto da passarela do barco

Miss Lancaster houve um acidente. Lorde Burleton morreu ontem.

Campos de algodão, de trigo, um carroção com mercadorias, uma menininha de cabelos vermelhos.

Meu pai me chama cenoura por causa do meu cabelo, mas meu nome é Sheridan. É uma rosa, uma flor chamada sheridan, e minha mãe me deu esse nome por causa dela

Um cavalo malhado, inquieto, um rosto índio, de traços marcados, o cheiro do verão
Homem branco não bom como índio para nomes. Você não flor. Você, fogo. Chamas.

Fogueira brilhante

Fogueira num acampamento, luar, um bonito mexicano de olhos sorridentes e com um violão, a música pulsando na noite.

Cante comigo, angel

Uma casa pequenina, muito limpa e bem-arrumada, uma meniminha indignada, uma mulher zangada.

Patrick Brornleigh, você deveria ser chicoteado pelo modo como criou essa menina. Ela não sabe ler, não sabe escrever, seus modos são deploráveis, e o cabelo dela é um escândalo. Ela me contou, com a maior naturalidade, que "gosta" de alguém chamado Rafael Benavente e que *algum dia talvez lhe peça que se case com ela. Sua filha pretende pedir em casamento um mexicano vagabundo que rouba no jogo de baralho! E ainda não mencionei o amigo preferido dela: um índio que dorme com cachorros! Se você tem um pouquinho de consciência e algum amor por ela, vai deixá-la aqui comigo.*

... Dois homens solenes, parados junto ao portãozinho de madeira, outro de pé à porta da casa, com o rosto tenso.

Você vai ficar com tia Cornelia, querida. Antes que você perceba que fui embora, já estarei de volta... um ano, dois no máximo.

... Uma menina desesperada, agarrando-se nele.

Não, papai, não me deixe aqui! Não me deixe aqui, por favor! Por favor! Eu prometo usar vestidos e prender o meu cabelo escandaloso, mas não me deixe aqui. Quero ir com você, com Rafe e Cão Que Dorme! Meu mundo são vocês, não importa o que ela diga! Papai, papai, espere...

... Um rosto duro de mulher, cabelo grisalho, uma criança que tinha de chamá-la de "tia

Cornelia”.

Não pense que me intimida com seu modo de olhar, menina. Enfrentei esse olhar durante muitos anos, na Inglaterra, e sou imune a ele. Na Inglaterra, onde você é neta do Squire Faraday, esse jeito orgulhoso lhe seria muito útil, mas estamos na América. Aqui, eu ensino boas maneiras às filhas de gente que antigamente eu olharia como inferior, e me sinto feliz porque tenho trabalho.

... Vozes de meninas. ”Bom dia, Miss Bromleigh.” Miniaturas de jovens *ladies*, de meias e laçarotes brancos, praticando as reverências que Sheridan ensinava.

As palmas de suas mãos molhavam a penteadeira, de tanto que suavam, e os joelhos haviam ficado completamente moles. Atrás dela, a porta abriu-se, e entrou uma moça loira, com a voz faiscante de ódio:

— Você é uma suja impostora!

Desligando-se das visões esvoaçantes, Sherry abriu os olhos, sacudiu a cabeça e olhou para o espelho da penteadeira. Ao lado de seu rosto havia outro, um ROSTO FAMILIAR.

— Ah, meu Deus!

Um gemido escapou-lhe dos lábios pálidos e seus braços começaram a tremer, obrigando-a a inclinar-se mais para a frente a fim de não desabar no chão. Depois de instantes, conseguiu reunir forças e, muito devagar, retirou as mãos do tampo da penteadeira e, mais devagar ainda, voltou-se, com o terror latejando em todo o seu corpo, expulsando a fraqueza e a letargia. Ela inteira vibrava de pânico ao encarar Charise Lancaster, e sentiu cada uma das enraivecidas palavras dela como pancadas dolorosas em sua cabeça:

— Seu *demônio*, sua *prostituta* desprezível, nojenta! Olhe este luxo! Olhe para você! Um ódio selvagem cintilava nos olhos dela ao percorrer o luxuoso quarto verde e ouro. — Você tomou o meu lugar!

— Não! reagiu Sheridan, a voz irreconhecível, frenética e áspera. — Não, não de propósito! Santo Deus, eu não...

— Vai ser preciso mais do que uma prece para livrá-la da prisão — cuspiu a ex-aluna dela, com o rosto contorcido de raiva.

— Você tomou o MEU LUGAR... Você me induziu a casar com Morrison, com aquelas suas histórias românticas, e depois TOMOU O MEU LUGAR! Pretende CASAR-SE COM

UM CONDE!

— Não, por favor, me ouça. Houve um acidente, eu perdi a memória e...

Charise Lancaster enfureceu-se mais ainda:

— Perdeu a memória!— exclamou, irônica.— Bem, então como sabe quem *eu* sou? —

Virou as costas para sair do quarto.

— Vou procurar as autoridades, e vamos ver o que elas pensam de sua perda de memória, sua impostora vil e...

Sem perceber o que fazia, Sherry correu e segurou Charise pelos ombros, tentando fazer-se ouvir antes que ela fizesse o irreparável, tropeçando nas palavras:

— Charise, por favor, escute. Fui ferida na cabeça... um acidente... *e* não sabia mais quem eu era. Por favor, espere... ouça-me... Você não sabe, não entende que seria um escândalo para eles!

— Quero ver você na cadeia antes do anoitecer! — gritou Charise, livrando-se das mãos de Sherry. Quero que todos saibam o idiota que é o seu precioso conde!

Tudo escureceu diante dos olhos de Sheridan. Sobre o negro, desenharam-se linhas brancas. Manchetes gritantes. Escândalo. Cadeia.

Aqui é a Inglaterra, onde você não é ninguém, a lei está do lado deles.

— Eu vou embora!— gritou ela, numa súplica enlouquecida *e* confusa, enquanto começava a recuar para a porta. — Nunca mais vou voltar. Não quero criar problemas para eles. Não procure a polícia. O escândalo os mataria. Veja... eu estou indo embora!

Com este último grito, Sheridan voltou-se e correu. Voou escada abaixo, quase derrubando um lacaio. Um nó doloroso formou-se em sua garganta ao pensar que dali a menos de uma hora Stephen atravessaria aquele *hall* pensando que ia se casar, mas descobriria que a noiva o havia abandonado. Com o coração aos saltos, correu até a biblioteca, escreveu um bilhete e confiou-o ao apavorado Hodgkin. Depois, foi para a porta, abriu-a, saiu correndo rua abaixo e virou a esquina.

Correu até que não aguentou mais, então encostou-se na parede de uma casa, enquanto ouvia a voz de seu passado recente, uma voz amada que explicava coisas que jamais haviam acontecido com uma mulher que ele não conheceria:

Brigamos, na última vez que estivemos juntos na América. Não pensei em nossa briga enquanto você esteve doente, mas quando começou a recuperar-se, na outra noite,

descobri que não a tinha esquecido.

Por que nós brigamos?

Eu achei que você estava dando atenção demais a outro homem. Fiquei com ciúme.

Aturdida com mais esse choque, Sheridan olhou cegamente para uma carruagem que passava, enquanto se punha a andar lentamente. Ele não ficara com ciúme. Ele se zangara no momento em que ela lhe perguntara se eles se amavam muito.

Por que, sabia agora, jamais se haviam amado.

A mente de Sherry ficou como que amortecida, inerte, pela confusão e o choque.

Stephen sorriu para Colfax ao entrar no *hall*, vestido formalmente para o casamento:

— O padre já chegou?

— Sim, milorde. Ele está no salão azul — respondeu o mordomo, com expressão estranhamente amarga para a festiva ocasião.

— Meu irmão está com ele?

— Não, milorde. Sua Alteza está na sala de estar.— Sabendo que a tradição o proibia de ver a noiva antes da cerimônia, o conde indagou:

— Posso entrar lá?

— Perfeitamente.

O lorde atravessou o *hall* com largas passadas e entrou na sala de estar. Clayton encontrava-se em pé no fundo da sala, olhando para a lareira vazia.

— Acho que cheguei um pouco cedo — começou Stephen.— Mamãe e Whitney vêm vindo. Você esteve com Sherry? Será que ela precisa de algum...

O duque voltou-se com deliberada lentidão, e sua expressão mostrava-se tão alterada que Stephen se calou.

— O que há de errado?— perguntou, por fim.

— Ela foi embora, Stephen.

Incapaz de reagir, o conde ficou olhando para o irmão, paralisado.

— Deixou isto...— Clayton estendeu-lhe um papel dobrado e prosseguiu:— Há uma moça, esperando para falar com você. Ela diz que é a verdadeira Charise Lancaster.

Clayton disse a última frase num tom de aceitação, não de revolta ou descrença.

Ao desdobrar o papel, Stephen notou de imediato que se tratava de um bilhete escrito às pressas, e cada inacreditável palavra parecia gravar-se a fogo em sua mente, machucando-lhe a alma:

Como logo saberá pela verdadeira Charise Lancaster, não sou quem você pensava. Nem quem eu pensava que fosse. Por favor, acredite nisto. Até o momento em que Charise Lancaster entrou no meu quarto, nesta manhã, eu não me lembrava de nada a respeito de mim mesma, a não ser o que me foi dito depois do acidente. Agora que eu sei quem sou e o que sou, compreendo que o nosso casamento é impossível. Sei também que, quando

Charise terminar de lhe dar a opinião dela sobre o que acha que eu queria fazer, essa opinião irá parecer-lhe mais confiável do que as verdades que digo neste bilhete.

Vou sofrer muito mais do que você imagina. Não sei como poderei continuar viva, sabendo que em algum lugar deste mundo você estará vivendo sua vida, talvez me julgando uma farsante ambiciosa. Não... Você não pode acreditar nisso. Sei que não pode.

O bilhete estava assinado simplesmente:

Sheridan Bromleigh

Sheridan Bromleigh.

Sheridan. No momento mais doloroso de sua vida, com o bilhete dela nas mãos e as inesquecíveis palavras ecoando no cérebro, Stephen não conseguia desviar os olhos do verdadeiro nome dela... Um nome forte, lindo. Único.

E pensou que Sheridan lhe caía muito melhor do que Charise.

— A mulher que está esperando — disse Clayton— afirma que você foi enganado. Deliberadamente.

A folha de papel tornou-se uma bola, amarrotada pela mão nervosa de Stephen, que a jogou em cima de uma mesa:

— Onde ela está? — indagou, cortante.

— Esperando no seu escritório.

Com expressão tão agressiva quanto seus pensamentos, o conde saiu da sala de estar disposto a provar que essa Charise Lancaster era uma mentirosa, uma fraude, ou que estava errada ao afirmar que Sherry o enganara deliberadamente.

Mas havia um fato doloroso e irrefutável que ele não podia ignorar, nem reprovar: Sheridan fugira dele em vez de enfrentá-lo e explicar-se. E isso, sem dúvida, era indício de culpa...

Enquanto caminhava rapidamente para seu escritório, Stephen dizia a si mesmo que Sherry voltaria em uma ou duas horas. Ela fugira porque ficara transtornada... histérica. Whitticomb dissera que a perda de memória provocava uma espécie de histeria. Talvez a histeria também se manifestasse com a volta da memória.

Com visões dela vagueando pelas ruas de Londres, sozinha e confusa, ele entrou no escritório. Com apenas um rápido aceno de cabeça para a loira que esperava por ele, sentou-se à sua escrivaninha, determinado a comprovar que Sherry não o enganara, deliberadamente ou não.

— Sente-se— ordenou, seco, — e vamos ver o que a senhora tem a dizer.

— Ah, eu tenho muita coisa para dizer!— sibilou a mulher.

O lorde sentiu-se momentaneamente desconcertado com a ironia do fato de Charise Lancaster ser exatamente como ele imaginara, quando fora para o porto ao seu encontro.

Charise percebeu a determinação que ele tinha de não acreditar no que dissesse, e, ao pensar que aquele homem lindo, nobre e riquíssimo poderia ter sido dela, sua fúria e disposição aumentaram. Impressionada com o ar glacial dele, tentava decidir qual seria o melhor modo de começar, quando o conde disse, com agressividade:

— A senhora fez baixas acusações a alguém que não está aqui para se defender. Agora, trate de falar.

— Ah, vejo que o senhor não acredita em mim — alarmou-se ela, sentindo mais raiva.

— Bem, eu também não acreditei quando vi a notícia do noivado no jornal. Ela enganou o senhor, como engana todo mundo!

— Ela teve amnésia... perda de memória.

— Bem, então com certeza a recuperou quando eu apareci... Como o senhor explica isso?

Ele não saberia explicar, mas não queria demonstrar sua reação ao que ela dissera e ao que continuou a dizer:

— Sheridan Bromleigh é uma impostora falsa e ambiciosa. Sempre foi! No navio, disse-me que pretendia casar-se com alguém como o senhor, e parece que quase ia conseguindo, não é? Primeiro, tentou conquistar meu marido, depois focalizou suas manobras no senhor!

— Enquanto ela não voltar, enquanto não estiver aqui para desmenti-la frente a frente, vou considerar sua atitude como a de uma mulher invejosa.

— Invejosa!— explodiu Charise, pondo-se de pé.— Como se atreve a dizer que tenho inveja daquela feiticeira de cabelo vermelho? Para sua informação, milorde, ela fugiu porque se viu *desmascarada*. Nunca vai voltar, entendeu? Ela acabou me confessando que mentiu para o senhor!

Stephen sentia o peito apertar-se dolorosamente a cada palavra da furiosa loira. Essa mulher dizia a verdade, isso estava claro no rosto alterado; era verdade o ódio que sentia por Sheridan Bromleigh e o desprezo que sentia por ele.

— Quando viajávamos da América para cá, ela convenceu-me a não me casar com Burleton e a fugir com Mr. Morrison! Agora que penso nisso, estou surpresa com o fato de aquela bruxa não ter ficado noiva do meu noivo!

Apesar de suas dolorosas emoções, Lorde Westmoreland lembrou-se que a moça sentada diante dele, com lágrimas de ódio nos olhos e os punhos cerrados por agressiva frustração, iria ter duas péssimas notícias. Com seu jeito decidido, nem pensou em adiar ou ocultá-las. Magoado porque seus esforços para poupar sofrimento a Sherry tinham feito com que acabasse por perdê-la, firmou a voz e disse, seco:

— Burleton morreu.

— Morreu? — Charise sentiu um real desespero, porque tinha esperança que Burleton se casasse com ela, depois que conseguisse livrar-se de Thomas Morrison. — Como? indagou num sussurro chocado, abrindo a bolsinha para pegar um lenço e secar as lágrimas. Stephen contou, viu o rosto dela praticamente se desfazer e teve certeza de que Charise não fingia: estava completamente destruída.

— E agora, como vou enfrentar meu pai? Já não sabia como enfrentá-lo desde que Miss Bromleigh me induziu a fugir com Morrison... Fiquei com tanto medo que nem escrevi para ele. Vou voltar para casa!— decidiu Charise, já pensando na desculpa que daria para fazer o pai aceitá-la de volta, comprar seu divórcio ou a anulação de seu casamento.— É isso que devo fazer!

— Miss Lancaster — começou Stephen, achando muito esquisito, até mesmo feio, chamar essa mulher pelo nome que julgava de Sherry, — tenho uma carta do administrador de seu pai. Foi me entregue pelo administrador do barão Burleton. Abriu uma das gavetas

de sua escrivania, pegou a carta e entregou-a, com certa relutância. Temo que sejam más notícias...

As mãos de Charise passaram a tremer violentamente enquanto lia a carta e, mais ainda, quando olhou o extrato do banco anexo.

— Este é todo o dinheiro que tenho no mundo? — A voz dela tremia também.

A situação financeira dela não era problema nem responsabilidade de Stephen, uma vez que Charise abandonara o noivo e se casara com outro a caminho da Inglaterra, mas era importante para ele mantê-la em silêncio.

— Eu gostaria de lhe oferecer uma soma substancial para... podemos *dizer*, ajudá-la... em troca de seu silêncio sobre tudo o que aconteceu.

— Substancial, quanto?— perguntou ela, interessada. Stephen a odiou nesse momento. Odiou a ideia de pagar para fazer com que ela calasse os fatos que provocariam um grande escândalo na Inglaterra inteira se fossem revelados. Odiou a si mesmo por sentir crescer a dúvida sobre a intenção de Sherry de voltar em poucas horas, como esperara. O bilhete dela não era um adeus, era um pedido... um pedido desesperado vindo de uma adorável, transtornada jovem, que temia que ele não a ouvisse, não acreditasse nela. Fugira a fim de dar tempo para que a raiva dele passasse, caso acreditasse em Charise Lancaster.

Ela voltaria, confusa, arrasada e indignada; ela voltaria e o enfrentaria. Ela merecia respostas e explicações para o fato de ele ter tomado o lugar que supunha ser de Burleton. Ela voltaria por isso. Tinha orgulho, personalidade e coragem o bastante para enfrentá-lo. Tinha muita personalidade.

O conde ficou repetindo isso para si mesmo, enquanto olhava Charise ir embora com a enorme soma que lhe pagara, depois voltou-se, foi até uma das janelas e ficou olhando a rua, esperando que sua noiva voltasse... para explicar. Viu Charise Lancaster pegar uma carruagem de aluguel. Pouco depois, Clayton entrou no escritório e perguntou, suave:

— O que você vai fazer?

— Esperar.

Essa foi uma das poucas vezes na vida que Clayton Westmoreland se sentiu incapaz e hesitante, ao perguntar:

— Quer que eu dispense o padre?

— Não — Stephen foi categórico. — Vamos esperar.

Vestindo uma elegantíssima casaca cor de vinho, o criado de quarto de Nicholas DuVille lançou um olhar aprovador à camisa e à gravata do patrão, que tinham a brancura da neve.

— Como já lhe disse mil vezes, *sir* — *comentou*, enquanto Nicholas terminava de abotoar o colete de veludo vinho, inglês nenhum tem seu jeito especial de dar nó na gravata.

O francês olhou-o com ar divertido:

— E como lhe respondi outras mil vezes, Vermonde, isso acontece porque sou mais francês do que inglês, e você adora diminuir os ingleses porque...

Interrompeu-se enquanto o criado ia atender quem batia à porta do quarto.

— O que foi? perguntou, ao ver que seu altivo criado de quarto tornava a abrir a porta para deixar que um simples laçao pisasse em seus domínios.

Vim dizer que uma jovem *lady* o procura, milorde. Ela parece muito abalada e o espera no salão azul. Disse que milorde a conhece como Miss Lancaster... O mordomo tentou mandá-la embora, ao ver que chegara numa carruagem de aluguel e que não a conhecia, mas ela insistiu muito e parece que não está nada bem porque...

A voz do laçao morreu diante do olhar aflito do patrão, que se dirigiu rápido para a porta, deixando-o a falar sozinho.

— Sherry?

O alarme de Nicholas cresceu quando ela ergueu o rosto e ele pôde ver como estava devastado, de tristeza e lágrimas. As lágrimas continuavam descendo pelas faces, tão pálidas que os olhos cinzentos pareciam escuros por contraste. Ela se achava sentada na beira de uma poltrona, como se estivesse com medo de algo, pronta para fugir.

— O que aconteceu?

— Eu... Minha... minha memória voltou — Sherry respirava aos trancos, como se estivesse sufocando. — Eu... eu sou uma farsa... Todo mundo é... é uma farsa! Charise estava noiva de *Burleton*. Por que Stephen fingiu que... Não, quem fingia era eu...

— Não fale agora — ordenou DuVille, e foi até o aparador, onde estavam garrafas e copos de cristal. Serviu uma dose de conhaque e levou para ela. — Beba isto. Tudo

acrescentou, quando a viu tomar um gole, estremecer e recusar a bebida. — Vai acalmá-la logo.

O nobre francês pensava que ela ficara transtornada ao descobrir que nunca fora noiva de Lorde Westmoreland.

Sherry fitou-o como se achasse a preocupação dele por ela uma loucura, depois obedeceu como um autômato, tomando a bebida, entre soluços e tosse.

— Não tente falar por alguns minutos — recomendou ele, quando ela abriu a boca para recomeçar.

Ela obedeceu, sentindo a bebida queimá-la por dentro, enquanto olhava para as próprias mãos, esquecidas no colo. O choque de recuperar a memória, de descobrir quem era e quem tinha sido, de ver Charise, de ouvir cruéis acusações sobre o que estava fazendo a tinha levado a fugir da mansão do conde como uma louca. Vagueara por quase uma hora, tentando pensar num modo convincente de provar a Stephen que o amava, que jamais mentiria para ele, por mais que Charise estivesse convencida de que o fizera, quando outra revelação a chocara, desequilibrando-a de vez: Stephen Westmoreland jamais fora noivo de Charise Lancaster. O nome do noivo dela era Burleton! Todo mundo estava vivendo uma estranha farsa!

Depois disso, as revelações e os choques tinham vindo uns após os outros, e ela sentara-se num parque, com a mente confusa, a cabeça girando. Queria respostas de alguém que não tivesse motivo algum para mentir-lhe, e o conhaque dava-lhe a impressão de poder lidar com qualquer explicação que recebesse.

— Vou buscar Langford... — começou Nicholas, ao ver que um pouco de cor voltara ao rosto de Sherry.

— Não! Não! Não faça isso!

Vendo que sua reação beirava a histeria, DuVille sentou-se na poltrona em frente à dela e garantiu:

— Muito bem, não me mexo daqui a não ser que você me permita.

— Preciso explicar... — disse Sherry, tentando parecer calma e lúcida em vão. Assim, mudou de ideia e decidiu que o modo melhor de conseguir respostas honestas ao que parecia a maior decepção do mundo era fazer perguntas antes de dar explicações.

— Não, *você* precisa me explicar — corrigiu, com cuidado.

Ela media as palavras, e Nicholas compreendeu que não o procurara para se lamentar, por mais que estivesse se sentindo enganada. Quando ela voltou a falar, confirmou isso e ao mesmo tempo pegou-o em uma armadilha.

— Vim aqui porque você é a única pessoa que posso ter certeza que nada tem a ver com... com a inacreditável farsa desempenhada pela família Westmoreland.

— Não acha melhor falar a esse respeito com seu noivo?

— Meu noivo! — Ela riu amargamente, sacudindo a cabeça.

— Arthur Burleton estava noivo de Charise Lancaster, e não Stephen Westmoreland! Se ele tornar a mentir para mim, eu...

— Tome mais um pouco de conhaque — interrompeu Nicholas, inclinando-se para a frente.

— Não preciso de conhaque! — reagiu Sheridan. — Preciso de respostas, será que não entende isso?

— Em seguida, lembrando-se de que não conseguiria resposta alguma se não se mostrasse mais racional, Sheridan tratou de dominar as próprias emoções e voltou a falar, mantendo a voz calma:

— Eu vim procurá-lo porque, ao lembrar de tudo o que aconteceu, não vi nenhum indício de participação sua, ativa, nesta... nesta farsa monstruosa. Você nunca se referia ao conde como meu noivo, ao contrário do que todos faziam. Por favor, me ajude. Diga-me a verdade. Toda a verdade. Se não o fizer, tenho medo de ficar louca.

Nicholas DuVille tinha se surpreendido quando Westmoreland anunciara o noivado no baile de Rutherford, três dias antes, mas, quando Whitney lhe contara que o pai de Charise havia morrido, ele também concordara que, se estivesse casada há algum tempo antes de receber a notícia, ela sofreria menos. O dr. Whitticomb tinha avisado a todos, inúmeras vezes, que não lhe dissessem nada que a perturbasse, mas agora Nicholas tinha certeza de que ela precisava saber a verdade. Toda a verdade.

Satisfeito pelo fato de o médico não estar ali para se opor à sua decisão, assumiu a missão de responder pelas ações de todos os demais, porque era evidente que Charise Lancaster confiava nele, apenas nele.

— Por favor, me ajude pediu ela, em contido desespero. Tenho coisas a lhe explicar quando você terminar... Coisas difíceis, tristes, embaraçosas, mas não quero esconder a

verdade. Eu *detesto* dissimulação.

Sherry viu-o recostar-se na poltrona, como quem espera uma conversa tempestuosa, mas o olhar de Nicholas não evitou o seu, quando ele falou:

— Vou ser inteiramente franco, se você tem certeza que está bem o suficiente para saber a verdade.

— Estou muito bem — garantiu ela, ansiosa.

— Por onde quer que eu comece?

— Comece — disse ela, com outro sorriso amargo — pelo começo. Comece me dizendo por que ele me deixou acreditar até agora que *era* Lorde Burleton. A última coisa de que me lembro, antes de acordar na casa do conde, com a cabeça enfaixada, é que ele se encontrou comigo no porto e disse que Burleton tinha morrido.

DuVille notou que ela se mostrava solene mas não desesperada, ao falar na morte do noivo. Era evidente, portanto, que Westmoreland acertara ao deduzir que ela não conhecera o barão o bastante para ter uma afeição muito profunda por ele.

— O barão Burleton morreu em um acidente de carruagem na noite anterior ao dia de sua chegada à Inglaterra disse, com voz gentil mas determinada.

— Sinto muito saber da morte dele— afirmou ela, num tom que reforçava a conclusão de Nicholas de que ela merecia saber a verdade a fim de lidar com suas confusões e decepções. Mas *não* entendo como o conde se envolveu no fato.

— Langford dirigia a carruagem que causou a morte dele explicou o francês.— Viu-a estremecer, mas, como ela permanecesse calma, prosseguiu: — Havia neblina, estava para amanhecer. Burleton tinha bebido demais e enfiou-se na frente dos cavalos, mas o conde se culpou pela morte, e acredito que eu reagiria do mesmo modo, no lugar dele. Dirigia uma parelha de cavalos fogosos, numa rua da cidade, e se não fosse isso talvez o jovem barão ainda estivesse vivo. Não sei...

Ela apenas assentiu, e DuVille voltou a falar:

— O fato é que, quando Langford fez indagações, pela manhã, soube que a noiva de Burleton ia chegar da América no dia seguinte, que o morto não tinha família nem amigos aos quais pudesse confiar a tarefa de ir recebê-la e contar-lhe a má notícia. Na verdade, se o mordomo de Burleton não soubesse que você estava chegando à Inglaterra, ninguém teria ido ao porto buscá-la. Creio que você se lembra do resto... Stephen foi ao seu encontro

para dar-lhe a notícia e oferecer-lhe toda a ajuda de que você precisasse. Provavelmente estava tão preocupado com isso que não viu a rede do guindaste romper-se e o caixote cair na sua direção, batendo em sua cabeça.

Olhando-a com atenção, Nicholas ergueu-se, serviu-se de conhaque e voltou. Ela parecia muito calma. Ele não pôde deixar de admirar-se e voltou a falar:

— Langford levou-a para a casa dele e chamou o médico da família. Você ficou inconsciente por vários dias, e Whitticomb tinha pouca fé numa chance de sobrevivência. Quando afinal você voltou a si, ele verificou que a pancada em sua cabeça a fizera perder a memória, e ordenou que ninguém dissesse ou fizesse coisa alguma que a perturbasse. Você parecia pensar que Langford era seu noivo, então ele... e todos nós... deixamos que continuasse pensando assim. Isto é tudo o que sei, a não ser acrescentou, por lealdade ao Lorde Westmoreland — mais uma coisa: Langford se culpava por não ter evitado que você fosse ferida e por achar que, se não lhe tivesse dado a notícia da morte de seu noivo tão bruscamente, você não ficaria perturbada a ponto de não perceber o perigo. Acho também que ele sentiu culpa e remorso por ter causado a morte do seu noivo.

No auge da humilhação, Sheridan tirou a óbvia e dolorosa conclusão:

— Então, sentiu-se *obrigado* a me proporcionar outro noivo e sacrificou-se voluntariamente. Foi isso, não?

Nicholas hesitou, depois assentiu:

— Foi.

Sherry abaixou a cabeça e lutou com desespero para não chorar por sua tolice, ingenuidade, e por ter se permitido amar um homem que nada sentia por ela a não ser responsabilidade. Não admirava ele jamais ter dito que a amava! Não admirava que ele tivesse resolvido arranjar outro pretendente que ficasse noivo dela!

— Ele ia se casar comigo apenas por culpa e responsabilidade.

— Não sei se ultimamente as razões eram apenas essas duas — comentou DuVille, cauteloso. — Desconfio que ele sente algo por você.

— Claro que sente — concordou Sherry, com ironia, em sua humilhação. — Chama-se *piedade*!

— Vou levá-la de volta à casa de Langford.

— Não vou voltar! — gritou ela.

— Miss Lancaster...

A voz de Nicholas tornara-se dura, autoritária, como acontecia quando ele queria que o escutassem. Mas calou-se quando a jovem soltou uma gargalhada nervosa:

— *Não sou* Charise Lancaster!

Nicholas se amaldiçoou por acreditar que ela estava bem e ter contado tudo, transtornando-a até aquele ponto.

— *Não sou Charise Lancaster*— repetiu ela, e de repente o riso se transformou em pranto. — Eu era a acompanhante paga de Charise Lancaster nessa viagem.— Cruzou os braços no estômago, como se doesse, e balançou o corpo, soluçando.— Eu sou uma professora, uma governanta, e ele ia se casar comigo! Como os amigos dele iriam se divertir quando descobrissem isso! O conde casando-se por piedade com uma acompanhante paga que nunca tinha posto os olhos no barão Burleton.

A revelação era tão incrível que DuVille precisou fazer força para acreditar nela.

— Meu Deus... murmurou.

— Eu pensei que fosse Charise Lancaster. — As lágrimas desciam pelo rosto pálido, e os soluços sacudiam os ombros delicados. — Pensei que fosse, juro!

Abalado, Nicholas resolveu abraçá-la para dar-lhe algum conforto, mas estava sem voz para dizer alguma coisa.

— Eu pensei que fosse ela, até que Charise entrou no meu quarto, hoje. Pensei que fosse ela, juro!

— Acredito em você — garantiu o francês, bastante surpreso por acreditar.

— Ela não quis ir embora... queria falar com ele pessoalmente. Ele... ele ia chegar pronto para nos casarmos. Um ca... casamento secreto... E eu não tenho para onde ir... Não tenho roupas... dinheiro...

Tentando introduzir alguma coisa boa em tudo aquilo, DuVille comentou:

— Pelo menos, não foi seu pai que morreu.

Devagar, ela ergueu a cabeça, com os olhos perdidos, sem foco:

— O quê?

— Langford recebeu uma carta, há uns três dias, dirigida a Charise Lancaster, aos cuidados de Burleton, e o administrador dele achou que devia passá-la para o conde, que assumira todas as dívidas e compromissos do barão. A carta era do administrador do pai

dela, informando que o pai morrera duas semanas depois que seu navio saíra para a Inglaterra.

Sheridan respirou fundo e passou as mãos no rosto, tentando enxugar as lágrimas:

— Ele era um homem duro mas bondoso... — Mimou Charise incrivelmente. Outra chocante possibilidade fez Sherry sentir-se enjoada. — Há uns três dias... Então, foi na noite do baile do Almack e de Rutherford?

— Creio que sim.

Ela sentiu-se ainda mais humilhada, e as lágrimas voltaram a descer-lhe pelas faces.

— Não é de admirar que ele tenha desistido de me arranjar outro noivo e resolvido que nos casaríamos logo...

Enquanto falava, Sheridan lembrou-se do jeito como acariciara a mão dele na ópera e imaginou como devia ter sido difícil para Stephen ficar ali, suportar aquilo, fingir que queria beijá-la e...

— Eu queria tanto estar morta! — sussurrou, entre soluços.

— Pare de falar desse jeito — pediu Nicholas. — Você fica aqui esta noite. Amanhã vamos procurar Langford e explicar tudo.

— Posso explicar numa carta — rebelou-se ela. — Não quero voltar lá. Não quero, e se você for buscá-lo eu enlouqueço. Sei que vou enlouquecer! Nunca mais voltarei lá.

Ela falava como se estivesse mesmo decidida, e Nicholas não podia censurá-la.

Sherry não saberia dizer quanto tempo ficou chorando no peito dele, nem quando parou, mas, quando se fez silêncio, uma abençoada insensibilidade a envolveu.

— Não posso ficar aqui — murmurou, com a voz enrouquecida por uma verdadeira tempestade de emoções.

— Mas, como você disse, não tem para onde ir.

Ela soltou-se dos braços de Nicholas e ergueu-se, cambaleando um pouco.

— Eu não devia ter vindo aqui, e não devo me admirar se me denunciarem à polícia...

Pensar que o conde de Langford poderia fazer uma coisa dessas despertou uma raiva profunda em DuVille, e ele não pôde deixar de pensar nessa possibilidade e em suas terríveis consequências.

— Você está segura aqui, pelo menos por esta noite. De manhã conversaremos para ver de que modo poderei ajudá-la.

A sensação de alívio que a invadiu ao ver que Nicholas estava mesmo decidido a ajudá-la quase fez Sherry perder o controle.

— Eu... eu queria arranjar algum trabalho... mas não tenho referências... e não posso permanecer em Londres. Eu não...

— Amanhã resolveremos tudo isso, *chérie*. Agora quero que você descanse. Mandarei que levem o jantar no quarto.

— Ninguém que conheça Stephen ou a família dele irá me dar emprego. E ele... todos em Londres parecem conhecê-lo.

— Amanhã — repetiu ele, com firmeza.

Fraca demais para se opor, Sheridan assentiu. Subia a escada, acompanhada por uma criada que ele chamara, quando pareceu lembrar-se de algo. Parou e voltou-se:

— Monsieur DuVille...

— Peço-lhe que me chame apenas *de Nicki*, *mademoiselle* — brincou ele.

— Acompanhantes pagas não se dirigem aos seus "superiores" pelo nome, menos ainda pelo apelido...

Ela parecia no fim das forças, então DuVille resolveu não discutir sobre isso e perguntou-lhe o que ia dizer.

— Não diga a ninguém onde estou... — pediu ela. — Prometa-me que não vai dizer!

Nicholas hesitou, avaliando as alternativas e suas consequências. Afinal, disse:

— Dou-lhe minha palavra.

Olhou-a subir a escada, abatida e de cabeça baixa. Ela jamais parecera uma criada, até então. Sentiu vontade de agredir Stephen Westmoreland. No entanto, ele agira como um cavalheiro com ela, até então. Mais até do que um cavalheiro teve que admitir, apesar de relutante.

— **Quer** mais alguma coisa, milorde, antes que eu me retire?

Stephen desviou os olhos do copo de conhaque que segurava e fitou o velho mordomo, de pé no umbral da porta de seu quarto.

— Não — respondeu apenas.

Mantivera sua família e o padre lá até três horas antes, na teimosa esperança de que Sheridan Bromleigh voltasse para enfrentá-lo. Se ela era inocente, se realmente perdera a memória, não apenas iria querer explicar e provar sua inocência, como também exigiria explicações dele, para saber por que fingira que eram noivos. Uma vez que ela parecia não querer essas explicações, só podia haver um motivo: *sempre* soubera a verdade.

Agora, no entanto, não havia meio de evitar a verdade, e nem todo conhaque do mundo acalmaria a raiva que começava a arder como um inferno dentro dele. Era evidente que Sheridan Bromleigh jamais perdera a memória. Quando voltou a si, ela simplesmente percebeu a oportunidade de levar uma boa vida por algum tempo, e ele melhorara a chance mil vezes oferecendo-se para casar com ela. Como Sheridan devia ter rido quando ele fingiu ser Burleton e ela fingiu ser a jovem que acompanhava a noiva do barão!

Com toda a sua experiência e sofisticação, pensou ele, com todo o conhecimento que tinha das mulheres, caíra como um pato numa artimanha feminina tão antiga quanto o mundo: a indefesa e desamparada donzela! DUAS VEZES! Primeiro com Emily, e agora com Sheridan Bromleigh.

Com seu talento, Sheridan bem podia estar no palco. Era a esse mundo que ela pertencia, ao lado das ambiciosas artistas que representavam, cantavam e diziam suas falas decoradas. Tomou outro gole de bebida, lembrando-se de um dos melhores desempenhos dela: aquele primeiro tinha sido mesmo impressionante; fora na manhã em que, dormindo ao lado da cama dela, ele acordara com seu choro.

Não sei como soluçara ela, fazendo o coração dele se apertar. *Sei que parece bobagem, mas, como você já está acordado, não pode dizer como eu sou?*

E houve aquela outra manhã em que ela quis chamar sua atenção para seu maravilhoso cabelo, para o caso de ele ainda não ter ouvido seu canto de sereia, pensou Stephen, maldoso.

Meu cabelo não é castanho. Veja... é ruivo!

Como um tolo, ele ficara paralisado com a beleza do cabelo dela, mentalmente comparando-a a uma Nossa Senhora ruiva.

Ele é tão vermelho! lamentara-se ela, conseguindo parecer infeliz com o cabelo, que ficava muito bem nela.

Depois, a encantadora confusão que demonstrara:

Soube por Constance, a criada de quarto, que você é um conde e que devo tratá-lo de "milorde". Uma das poucas coisas que sei é que não se deve sentar em presença do rei, a não ser que ele nos convide a fazê-lo.

Mas a cena que preferia, decidiu Stephen com amargo cinismo, era a primeira que ela representara depois de deixar a cama de doente, quando lhe perguntou:

E minha família, como é?

Depois que ele lhe explicara que seu pai era viúvo e ela era filha única, fitara-o com os enormes e lindos olhos cinzentos, que pareciam tão inocentes:

Nós nos amávamos muito?

Ela escorregara apenas uma vez, pelo que se lembrava. Ele lhe dizia que precisaria de uma acompanhante se fosse continuar em sua casa, e Sheridan Bromleigh rira:

Não preciso de acompanhante. Eu sou...

Um pequeno e único deslize, que no entanto constituía uma prova. Explicava por que ela se sentia tão bem entre os criados: era um deles, ou quase.

Meu Deus, ela é uma oportunista esperta e habilidosa!, pensou Stephen, cerrando os dentes. Provavelmente a esperança dela era que ele lhe oferecesse proteção e lhe desse uma casa para morar e ele, iludido, lhe oferecera seu nome!

Apesar dos protestos na noite em que tinham saído juntos do Almack, a feiticeira de cabelos vermelhos concordara em se casar com ele em menos de uma hora, e o *fizera* crer que *ele é* que a convencera a isso.

Tirou a camisa e jogou-a no chão. Lembrou-se de que as roupas que vestia eram as que deveriam ter sido usadas em seu casamento, e pegou-a do chão, colocando-a, dobrada, sobre uma cadeira. Tirou as outras peças, dobrou-as também e juntou-as à camisa. Damson entrou no quarto quando ele terminava de vestir um robe. Ia pegando as roupas para guardá-las, mas Stephen ordenou, seco:

— Queime-as. Jogue-as fora, e pode ir se deitar. Amanhã cedo, providencie para que sumam com tudo o que ela usou.

O criado de quarto saiu, e Westmoreland encontrava-se junto da lareira, servindo o que restava da garrafa de conhaque em seu copo, quando bateram à porta.

— Quem diabo é agora? — perguntou.

O ex-mordomo de Burleton entrou; estava abatido, com olhar triste e atormentado:

— Eu... Eu não quero me intrometer numa situação que não me compete, milorde... Mas também... também acho que não devo ocultar uma informação que talvez o senhor queira.

Stephen fez o que pôde para livrar-se da espécie *de* rancor que sentiu de repente pelo hesitante criado, que lhe lembrava tanto Sheridan Bromleigh.

— Você pretende falar ou vai ficar parado aí a noite inteira? — perguntou, áspero.

— O velho mordomo estremeceu diante do tom cortante:

— O dr. Whitticomb me encarregou de vigiar Miss Lan... a jovem *lady*.

— E? — era difícil para o lorde conter a fúria.

— Então, quando ela saiu daqui hoje, naquele... naquele estado, me senti obrigado a mandar que um laçao a seguisse. Ela... ela foi para a casa de Monsieur DuVille. É lá que ela está...

Diante do brilho assassino que surgiu nos olhos do conde, Hodgkin, assustado, tratou de sair imediatamente do quarto, fechando a porta.

— DuVille! Ela fora procurar DuVille.

— *Putinha!* — *exclamou*, sem conseguir se conter.

Não pretendia ir atrás dela. Aquela mulher morrera para ele, e não ligava a mínima para saber onde ela estava, na cama de quem dormia. Era incrível o refinado senso de sobrevivência daquela moça e a capacidade de escolher os melhores alvos. Com malicioso sorriso, imaginou que história da Carochinha ela teria contado a Nicholas DuVille, que também tinha aquele agudo senso de sobrevivência e que jamais se deixaria enganar por ela como ele se deixara.

Sem dúvida DuVille iria instalar Sheridan Bromleigh em uma discreta e bonita casa, se ela soubesse pedir-lhe com graça e lhe agradasse na cama.

A feiticeira de cabelos vermelhos nascera para cortesã *e o* seria, se é que já não o era.

Junto a uma das janelas do quarto de hóspedes da casa de Nicholas DuVille, Sherry olhava a noite, com a testa febril encostada no vidro, os olhos ardendo pelas lágrimas que não conseguia conter. Nas seis horas que haviam se passado desde que Nicholas insistira para que ficasse lá, sua mente fora clareando, e com essa claridade viera o conhecimento do que quase tivera e perdera. Não sabia como iria aguentar isso.

Por fim, voltando-se cansadamente, deixou-se cair na cama, exausta de lutar contra as lembranças. Fechou os olhos, implorando para que o sono viesse libertá-la, mas não cessava de ver o sorriso dele, a ternura dos olhos azuis ao fitá-la no baile de Rutherford.

Miss Lancaster... posso ter a honra desta contradição?

Os soluços redobram, ela fechou os olhos com força, mas rememorava sem querer os beijos que ele lhe dera na carruagem.

É por causa disto que vamos nos casar...

A voz dele soara emocionada e rouca. Tinha quase certeza de que ele não fingia quando a beijara. Não podia estar fingindo.

Ela precisava acreditar, tinha que acreditar que tudo fora verdade. Se não acreditasse nisso, não sabia o que seria dela.

A lembrança desse e de outros momentos em que o conde a beijara eram seu único tesouro, porque não pertenciam a "Charise Lancaster". Pertenciam apenas a ela. Deitou-se de bruços, e acabou por adormecer e sonhar com braços fortes enlaçando-a e beijos exigentes que lhe tiravam a respiração... com mãos acariciantes que a torturavam suave e deliciosamente, que a faziam esquecer que era errado deixar que ele a tocasse de maneira tão íntima. Sonhou com coisas que nunca iria conhecer, na realidade.

Num penhoar simples mas elegante, Whitney entrou no quarto e observou o rostinho angelical do filho adormecido. Fitava-o, imersa em pensamentos, quando a porta se abriu e seu marido entrou, junto com um facho da luz das velas dos candelabros do corredor. O rosto dele mostrava-se triste e preocupado.

Não consigo dormir— murmurou ela, inclinando-se e ajeitando as cobertas do pequeno Noel, que tinha o rostinho quadrado como o do pai e seus cabelos castanho-escuros.

Por trás dela, Clayton enlaçou-a pela cintura, oferecendo-lhe um silencioso conforto.

— Há quanto tempo não lhe agradeço por ter me dado um filho? — indagou por fim, sussurrando junto ao ouvido dela, olhando amoroso para o pequeno de três anos.

— Desde a noite passada — respondeu ela, erguendo o rosto para ele e tentando sorrir.

O duque não se deixou enganar pelo sorriso magoado, do mesmo modo que ela não se deixava enganar com a atitude aparentemente impassível dele sobre o que acontecera naquele dia.

— Sinto-me horrível! — confidenciou, amarga.

— Eu sei que sim — assentiu ele.

Nunca vou esquecer o olhar de Stephen quando, à noite, compreendeu que ela não ia voltar.

— Nem eu — suspirou Clayton.

— Ele reteve o padre até as dez horas. Como ela pôde fazer isso? Como *pôde*?

— Nenhum de nós a conhecia realmente...

— Stephen era louco por ela, via-se isso no modo como a olhava e quando tentava não olhar para ela.

— Também reparei — concordou ele.

Com a garganta dolorosamente apertada, Whitney lembrou:

— Se não fosse Stephen, você teria se casado com Vanessa, eu teria me casado com qualquer outro homem e Noel não existiria...

Clayton inclinou-se, afastou o cabelo dela dos ombros e beijou-lhe a têmpora, enquanto Whitney continuava, com voz dolorida:

— Eu sempre quis retribuir o que ele fez por mim, mas tudo o que pude fazer foi desejar, e como *desejei!*, que ele encontrasse alguém que o tornasse feliz como nós somos.

— Vamos nos deitar, querida — murmurou o lorde, chegando junto da cama do filho e afagando-lhe o cabelo. — Stephen é um homem, um adulto — acrescentou, enquanto a levava para o quarto deles. — Ele vai esquecê-la porque quer esquecer.

— Você achou que me esqueceria com tanta facilidade quando... — ela hesitou, evitando cuidadosamente mencionar a noite terrível que quase destruía todas as chances de casamento entre eles — quando brigamos?

— Não.

Depois que já estavam deitados, com a esposa aninhada em seus braços, ele acrescentou:

— Mas eu conhecia você bem melhor do que Stephen conhece Ch... Sheridan Bromleigh.

Whitney assentiu, roçando a face macia no braço do marido, e ele apertou-a mais contra si, como se o acontecimento que quase os separara para sempre ainda o assustasse.

— O tempo não quer dizer nada, neste caso — comentou ela com os olhos abertos, no escuro.— Você lembra quanto tempo depois de nos conhecermos, aqui na Inglaterra, descobriu que me amava?

Clayton sorriu ao lembrar-se:

— Foi na noite em que me contou que costumava substituir por pimenta o rapé da caixinha de seu professor de piano...

— Se a memória não me engana, eu lhe contei isso uma ou duas semanas depois que cheguei da França e nos conhecemos.

— Foi mais ou menos isso.

— Clayton...

— O quê? — murmurou ele.

— Não acredito que Stephen vá esquecer tão facilmente como você pensa. Ele pode ter quantas mulheres quiser, mas ela é a única mulher que ele realmente quis... a não ser Emily. Lembre-se de como ficou amargo e cínico depois do que aconteceu com ela!

— É só Stephen mexer o dedinho e dúzias de mulheres desejáveis responderão ao chamado. Desta vez ele vai demorar um pouco a se recuperar, porque seu orgulho e seu coração foram mais magoados do que com Emily — predisse o duque, com amargura. — Por enquanto, ele está chocado demais, e vai permanecer assim algum tempo.

Ela ergueu o rosto para fitá-lo:

— Foi assim com você?

— Foi — assentiu Clayton.

— Atitude tipicamente masculina... — comentou ela.

O duque escondeu o riso provocado pelo tom sábio que Whitney empregou, e beijou-a de leve na boca:

— Está se sentindo superior, madame? — interrogou-a, divertido.

— Muito — retrucou ela, maliciosa.

— Nesse caso — disse ele, rolando o corpo para ficar de costas e levando-a consigo, — acho que é melhor você ficar por cima, desta vez.

Algum tempo depois, sonolento e saciado, Clayton ajeitou-se mais confortavelmente,

abraçado a ela, e fechou os olhos.

— Clayton?

Algo na voz da esposa forçou-o a abri-los de novo.

— Não sei se você notou, mas Miss Charity Thornton chorava sentidamente quando chegamos à conclusão que Sheridan Bromleigh não voltaria... Como o marido nada dissesse, mas continuasse a olhá-la, acrescentou: — Você não percebeu?

— Percebi — respondeu ele, cauteloso, — mas por que você pergunta?

— Bem, ela me disse, de um modo tão triste que cortou meu coração, que se sentira útil depois de muitos anos, por ter sido chamada para ser acompanhante de Sherry... de Sheridan. Contou que agora se sente uma inútil fracassada por não ter tentado arranjar outro marido para Miss Bromleigh, a não ser Stephen.

— Eu a ouvi dizer isso, e Stephen também... — Uma suspeita vibrava na voz inquieta do duque. — No entanto, creio que ela estava querendo dizer que sentia muito por não ter sido capaz de arranjar algum outro infeliz e desavisado homem para Miss Bromleigh, em vez de seu querido Langford.

— Bem, é quase a mesma coisa...

— Isso se você considerar que idiotice é a mesma coisa que bom senso. Mas por que — acrescentou ele, antes — que ela respondesse estamos falando nisso agora?

— Porque eu... eu a convidei para ficar aqui em casa por algum tempo. — Whitney teve a impressão de que o marido parara de respirar. — Achei que ela poderia ajudar a cuidar de Noel.

— Acredito que seria mais lógico Noel cuidar dela! — Incerta se o tom irônico ocultava aprovação ou reprovação,

Whitney explicou:

— É claro que a ama de Noel é quem vai cuidar de verdade. — De quem? De Noel ou de Charity Thornton?

Com uma risadinha nervosa, Whitney perguntou:

— Você está zangado?

— Não. Estou... surpreso.

— Com o quê?

— Com seu senso de oportunidade. Há uma hora, antes que fizéssemos amor, eu teria

reagido violentamente contra ter Miss Thornton em nossa casa. Agora, estou fraco demais para reagir, meus olhos estão se fechando...

— Bem, devo confessar que pensei que seria assim— admitiu ela, com ar culpado, depois de um breve silêncio.

— Eu sabia que pensou.

Ele parecia reprová-la, e Whitney mordeu os lábios, depois ergueu os olhos e estudou com atenção o rosto do marido, que quis saber:

— O que está” procurando, amor?

— Acho que procuro... perdão?— tentou ela, desmentindo com os olhos brilhantes o que dizia, enquanto Clayton lutava por se manter sério.— Uma atitude masculina de benevolência para com a desastrada esposa? Uma certa nobreza de espírito que se manifeste como tolerância para com os pobres seres inferiores? Talvez um pouco de senso de humor?

— Tudo isso?— Clayton fez cara de quem se sente perdido e desamparado. — Todas essas qualidades teriam que pertencer ao homem cuja mulher convidou a mais idosa donzela para morar com eles?

Ela mordeu os lábios para não rir e assentiu com a cabeça.

— Nesse caso anunciou o duque, fechando os olhos e sorrindo, pode se considerar uma felizarda, pois se casou com o único homem que tem essas qualidades.

Duas semanas depois, quando Whitney supervisionava a colocação de cortinas cor de ouro velho na sua sala do café da manhã, Stephen entrou e declarou, sem preâmbulo algum:

Vim lhe pedir um favor.

Intrigada com aquela chegada repentina e o seu tom determinado, ela pediu às costureiras que continuassem sozinhas e foi com o cunhado para a sala de estar. Desde que o casamento fora desfeito, ela o vira várias vezes, mas sempre à noite, e sempre com uma mulher diferente pelo braço. Diziam que ele fora visto no teatro com Helene Devernay. A reveladora luz do dia, ficou evidente para a jovem duquesa que o tempo não o acalmara. Os traços do rosto dele mostravam-se como que talhados em granito, sua atitude era distante e seca, e minúsculas rugas de cansaço marcavam-lhe a pele ao redor dos profundos olhos azuis e nos cantos da boca bem-feita. Dava a impressão de que ele não dormia há uma semana, e que não parara de beber enquanto se mantinha acordado.

— Farei qualquer coisa que você me peça, sabe disso — respondeu Whitney, com o coração doendo por ele.

— Será que pode dar emprego a um velho... um segundo mordomo? Não quero ter esse homem toda hora diante dos meus olhos.

— Claro — assentiu ela. Cautelosamente acrescentou:— Posso saber por que não quer mais ver esse velho mordomo?

— Ele trabalhava para Burleton, e não quero topiar a todo instante com coisas ou pessoas que me façam lembrar dela.

Clayton ergueu os olhos dos papéis que lia quando a esposa entrou em seu escritório, com o rosto alterado. Alarmado, ele levantou-se e foi ao seu encontro:

— O que aconteceu?

— Stephen esteve aqui — contou ela, com voz trêmula. — Ele *parece* estar muito mal, *está* mesmo muito mal. Não quer mais o ex-mordomo de Burleton em sua casa porque ele o faz lembrar-se dela. Não é só o orgulho dele que está sofrendo por Sheridan ter ido embora. Ele a amava! — A voz de Whitney era veemente, e seus lindos olhos verdes estavam cheios de lágrimas contidas.

— Eu sei que amava!

— Acabou-se havia um triste finalismo na voz do duque.

— Ela foi embora e tudo acabou. Stephen vai acabar se conformando.

— Não do jeito como as coisas vão!

— Ele aparece cada noite com uma mulher — argumentou lorde Claymore.— Posso lhe assegurar que Stephen pode ser taxado de tudo, menos de solitário ou recluso.

— Ele se fechou completamente, até mesmo para mim — queixou-se ela. — Sinto isso, e vou lhe dizer outra coisa: quanto mais penso, mais me convenço que Sheridan Bromleigh não estava fingindo nada, muito menos seus sentimentos, para com Stephen.

— Ela é uma impostora ambiciosa e muito eficiente. Vai ser preciso um milagre para me convencer do contrário — respondeu o duque, seco, e voltou para sua escrivaninha.

Hodgkin ficou olhando o patrão em angustiado silêncio, até que conseguiu balbuciar:

— Eu... eu estou despedido, milorde? Foi alguma coisa que fiz ou que não fiz, ou será que...

— Arranjei emprego para você na casa de meu irmão. Isso é tudo.

— Mas faltei com *algum* dos meus deveres ou...

— NÃO! — explodiu Stephen, virando-lhe as costas. — Não tem nada a ver com coisa alguma que você tenha feito.

Normalmente o conde não interferia na admissão, demissão ou disciplina da criadagem, e deveria ter deixado também essa desagradável missão para seu secretário, pensou.

Os ombros do velho Hodgkin descaíram e ele se retirou, movimentando-se como um homem dez anos mais velho do que quando entrara ali.

Seria um erro procurar ver Stephen, mesmo a uma distância segura, e Sherry sabia disso, mas não conseguiu se controlar. Ele lhe dissera que ia à ópera quase todas as quintas-feiras, e ela queria, quer dizer, precisava vê-lo pelo menos uma vez antes de ir embora da Inglaterra. Escrevera para a tia havia três semanas, no dia seguinte ao de seu casamento desfeito, contando tudo o que acontecera e pedindo a Cornelia que lhe mandasse dinheiro para a passagem de volta. Enquanto isso, conseguira emprego como governanta na casa de uma grande família que não tinha condições para contratar os serviços de uma dama mais adequada, de mais idade, nem para verificar a carta de recomendação que Nicholas DuVille lhe dera, citando Lady Charity Thornton como segunda informante. Sherry desconfiava que a boa senhora nem sequer sabia que fora citada nas referências para ela arranjar trabalho.

A plateia do Covent Garden achava-se apinhada de gente barulhenta, irrequieta, que passava pisando nos pés de Sherry, esbarrando-lhe constantemente nos ombros, mas ela nem notava. Seus olhos estavam fixos no camarote vazio, o sétimo a contar da frente; ficou olhando tão fixo e por tanto tempo que as estrelas e as flores começaram a se embaralhar. O tempo custava a passar, e o barulho na ópera foi se transformando numa espécie de trovão contínuo e ensurdecedor. De repente, as cortinas do sétimo camarote se descerraram e ela sentiu-se gelar na emoção de saber que logo o veria. Em seguida ficou arrasada porque ele não estava com o grupo de pessoas que se acomodou no camarote.

Devia ter se enganado, pensou, aflita, e recomeçou a contar os camarotes, examinando os aristocráticos rostos dos ocupantes. Cada camarote era separado do vizinho por um tabique de madeira e um pilar fronteiroço dourado, de onde pendia um candelabro. Sherry contou-os, recontou-os, depois olhou para as próprias mãos no colo e entrelaçou os dedos, na tentativa de fazê-los parar de tremer. Ele não viera nessa noite. Cederia seu camarote para amigos. Só dali a uma semana ela poderia tentar de novo, se conseguisse economizar dinheiro suficiente para a entrada.

A orquestra fez uma sonora introdução, as cortinas de veludo vermelho-escuro abriram-se, e ela, que gostava tanto de música, não ouviu. Notara que havia dois lugares vagos no camarote dele e passara a contar os minutos, enquanto olhava compulsivamente, a cada instante, para as cadeiras vazias; desviava os olhos, em seguida, rezando para que ele estivesse lá quando olhasse de novo.

Stephen Westmoreland chegou entre o primeiro e o segundo ato, sem que ela o visse entrar no camarote e sentar-se: um espectro sombrio, que parecia ter se materializado pela força de sua lembrança e que fez seu coração disparar quando o viu. Seus olhos percorreram ansiosamente o rosto duro, bonito, como se quisesse gravá-lo mais uma vez na memória, enquanto piscava para livrar-se das lágrimas que lhe empanavam a visão.

Ele não a amara, tratou de lembrar a si mesma, torturando-se ao vê-lo. Significava para o conde apenas uma responsabilidade que ele cometera o erro de assumir. Sabia disso tudo, mas não conseguia desfitar os olhos dos lábios de linhas firmes, lembrando-se de como eram macios ao tocar os seus, nem do perfil severo, lembrando-se de como o sorriso conseguia alegrar e rejuvenescer aquele rosto.

Sheridan não era a única mulher que não prestava atenção no que acontecia no palco. Do lado oposto do teatro, no camarote do duque de Claymore, Victoria Fielding, marquesa de Wakefield, examinava atentamente os espectadores da plateia, procurando a moça que vira de relance quando se dirigia para o Covent Garden.

— Eu *tenho certeza* que a moça que vi era Charise Lane... quero dizer, Sheridan Bromleigh — sussurrou Victoria para Whitney. — Ela estava na fila da plateia. Espere... Olhe, ela está ali! — exclamou em voz baixa. — Está com uma touca azul-marinho.

Sem reparar nos olhares curiosos dos respectivos maridos, sentados logo atrás delas, as duas amigas examinaram atentamente a moça em questão; os ombros das duas aristocratas estavam tão juntos que o cabelo castanho de Victoria se misturavam com o negro, de Whitney.

— Se não fosse essa touca reclamou a marquesa, teríamos certeza absoluta pela cor do cabelo!

Whitney não precisava ver o cabelo dela para ter certeza, pois na última meia hora a moça não tirara os olhos do camarote de Stephen, e isso era mais do que uma confirmação.

— Ela não parou um instante de olhar para ele — comentou Victoria, deixando transparecer na voz a mesma confusão e pena que Whitney sentia desde que a noiva de Stephen o abandonara. — Acha que ela sabia que ele viria aqui hoje?

A duquesa fez que sim, querendo que a moça olhasse na sua direção pelo menos um instante, em vez de continuar olhando para o lado oposto.

— Ela sabia que Stephen costuma vir à ópera nas quintas-feiras e que aquele é o

camarote dele. Estiveram aqui juntos uns dias antes de Sherry... desaparecer.

”Desaparecer” não era a palavra certa para aquele momento, uma vez que Sheridan estava ali, mas Whitney não estava com cabeça para escolher outra. Victoria e Jason Fielding, amigos também de Stephen, eram o casal da sociedade mais ligado aos Westmoreland, e por isso sabiam o que acontecera, em detalhes. A marquesa indagou:

— Você acha que ela pretende dar um jeito de se encontrar com ele ”por acaso”?

— Não sei— murmurou Whitney em resposta.

Atrás delas, os maridos observavam o lindo par que ignorava a ópera, belíssima, aliás.

— O que está acontecendo? sussurrou Clayton para Jason Fielding, indicando as esposas com a cabeça.

— Alguém deve estar exibindo o vestido mais lindo do século...

— Impossível isso acontecer lá embaixo, na plateia discordou o duque. — A última vez que Whitney e Victoria agiram dessa maneira foi porque a amante de Stephen se encontrava no camarote dele e Monica Fitzwaring estava no camarote pegado, com Bakersfield, tentando demonstrar que não sabia que apenas uma fina tábua separava seu ombro do ombro de Helene Devernay.

— Eu me lembro sorriu o marquês. E, se não me engano, nossas esposas torciam por Helene Devernay naquela noite.

— Whitney riu durante todo o trajeto até nossa casa contou Clayton.

— E Victoria declarou que havia passado as três horas mais divertidas da temporada— garantiu Jason. Depois, inclinando-se para a frente, avisou num murmúrio: — Victoria, você corre o perigo iminente de despencar do nosso camarote.

Ela respondeu com um sorriso meio sem jeito, mas continuou a observar seu ponto de interesse, imperturbável.

— Ela está se levantando! — surpreendeu-se Whitney, sentindo ao mesmo tempo alívio e tristeza. Não vai esperar a ópera terminar e não saiu de seu lugar nos dois entreatos, o que significa que não pretende se encontrar com ele ”por acaso”.

Tão intrigado quanto divertido pelo incessante cochichar das duas damas, Clayton inclinou-se meio de lado para observar as fileiras e cadeiras da plateia. Nada viu de anormal, e esperou até que estivessem na carruagem, a caminho da ceia da meia noite, para perguntar à preocupada esposa:

— Por que você e Victoria se agitaram e cochicharam durante a ópera inteira?

Whitney hesitou, imaginando que ele não gostaria de saber que Sheridan Bromleigh reaparecera e também não se interessaria pelos motivos dela.

— Victoria pensou ter visto Sheridan Bromleigh — respondeu, sem mentir e nem dizer toda verdade. — Não pude ver o rosto da moça, então não sei se era ela mesma.

As sobrancelhas cerradas do duque de Claymore uniram-se, de tão franzidas, ao ouvir aquele nome, e a duquesa achou melhor não insistir no assunto.

Na quinta-feira seguinte, depois de ter certeza que os maridos se encontravam ocupados com outros interesses, Victoria e Whitney chegaram cedo ao Covent Garden, e, do ponto vantajoso em que ficava o camarote delas, examinavam com atenção toda mulher que chegava à plateia ou à galeria, procurando um determinado rosto,

— Por acaso a viu? perguntou Victoria.

— Não, mas na verdade foi um milagre você percebê-la entre a multidão, na semana passada. — É impossível ver claramente as feições das pessoas, de tão longe.

— Não sei se devo me sentir decepcionada ou aliviada — comentou a marquesa, recostando-se em sua cadeira quando a cortina se abriu sem que tivessem vislumbrado a mulher da semana anterior, que julgavam ser Sheridan Bromleigh.

Whitney também recuou, não demonstrando a frustração que sentia.

— Seu cunhado acaba de chegar avisou a amiga, minutos depois. Não é Georgette Porter que está com ele?

Olhando para o camarote de Stephen, do lado oposto do teatro, a duquesa de Claymore assentiu, distraída.

— Ela é um encanto...

A voz de Victoria era como a de uma pessoa que quer encorajar alguém numa situação nada encorajadora. Gostava muito de Stephen Westmoreland, e ele era uma das poucas pessoas que seu marido estimava, entre as mais chegadas. Além disso, sentira profunda simpatia por Sheridan Bromleigh, que, como ela, era americana.

Whitney contemplava as atitudes do conde em relação à dama a seu lado. Ela sorria e conversava muito animada, enquanto ele a ouvia com o olhar fixo da boa educação, parecendo nem sequer saber do que Georgette Porter falava, não reparar se a moça tinha ou não um rosto e até mesmo nem saber se ela estava no camarote dele.

— Sherry está aqui, eu *sei* que está! — afligiu-se Whitney, sem se cansar de examinar as fileiras ocupadas lá embaixo.— Sinto que está...

— Se eu não a tivesse visto quando cheguei, na semana passada, e não a descobrisse por acaso na plateia comentou Victoria, jamais poderia tê-la mostrado a você. Não vamos conseguir encontrá-la agora, nessas numerosas fileiras de gente.

— Eu sei de um jeito! — exclamou a duquesa, em voz baixa, numa inspiração. Procure uma cabeça cujo rosto esteja virado para o camarote de Stephen e não para o palco.

Alguns minutos depois, nervosa, a marquesa apertou o braço da amiga:

— Ali, ali! — indicou. A mesma touca! Ela está praticamente embaixo de nós, por isso não a vimos.

Observando a moça que Victoria indicava, Whitney só teve certeza quando ela se ergueu para ir embora, e pôde, então, ver-lhe o rosto com clareza.

— É *ela*, sim!

A voz de Whitney soou embargada pela emoção e solidariedade ao ver a profunda tristeza e o desânimo no rosto lindo de Sheridan, quando ela se levantou para sair, antes que a ópera terminasse.

Solidariedade não era bem a emoção que seu marido partilharia, a não ser talvez se ele também visse o jeito como Sheridan Bromleigh se sentava ali, alheia a tudo, com o olhar perdido em Stephen. Se ele visse isso e se o seu modo de pensar sobre a jovem se suavizasse, Whitney achava que talvez pudesse persuadi-lo a falar com o irmão, a convencê-lo a procurá-la e conversar com ela. Sabia que Clayton era a única pessoa que tinha tanta influência sobre Stephen a ponto de conseguir alguma coisa.

— Não podemos nos atrasar! — Whitney lançou um olhar ansioso ao relógio, enquanto o marido tomava vagarosamente um gole de xerez. — Acho melhor irmos...

— Nunca reparei que você gostava tanto de ópera— comentou Clayton, fitando-a com curiosidade.

— É que as últimas montagens têm sido magníficas — respondeu ela, corando.

Abraçou o filho antes que, sonolento, ele saísse da sala entre sua governanta e Miss Thornton.

— Magníficas mesmo? — insistiu o duque, relanceando os sorridentes olhos azuis por cima do cálice.

— Muito. Ah, sim, troquei nosso camarote com o de Rutherford por esta noite.

— Posso saber por quê?

— Porque a vista do lado do camarote de Stephen é muito melhor...

— A vista de quê?

— Dos espectadores.

Quando ele ia abrir a boca para continuar perguntando, Whitney cortou:

— Por favor, confie em mim e não faça mais perguntas, até que eu possa lhe mostrar o que quero dizer.

— Olhe — sussurrou a duquesa, apertando o pulso do marido, tão agitada se sentia. — Ela está aí. Não... Não a deixe perceber que você a viu. Apenas movimente os olhos, não a cabeça.

Lorde Claymore não movimentou a cabeça, mas em vez de olhar na direção que ela indicava, olhou para a esposa:

— Eu gostaria muito de ter uma ideia do que você quer que eu veja.

Nervosa porque tudo dependeria da reação do marido e da disposição dele em ajudar, Whitney cedeu:

— É Sheridan Bromleigh. Eu não quis dizer antes, por medo que você resolvesse não vir.

O rosto do duque endureceu no instante em que ouviu aquele nome, e nunca seus olhos tinham fitado os da esposa com tanta frieza.

— Por favor, Clayton, não a condene sem julgar! Nunca ouvimos o lado dela da história.

— Porque ela fugiu, como a vagabunda culpada que é. O fato de ela gostar de ópera, como já sabemos que gostava, não altera a situação.

A lealdade para com Stephen está obliterando sua capacidade de julgamento. Como essa observação não desse resultado, Whitney tornou a atacar, perseverante: — Ela não vem aqui por causa da ópera. Jamais olha para o palco. Fica o tempo todo olhando para Stephen, e senta-se numa fileira atrás do camarote, de maneira a não ser vista por ele, caso olhe para a plateia. Por favor, querido, veja por si mesmo.

O duque hesitou por um momento que pareceu interminável para a esposa, então assentiu com um breve aceno de cabeça e deu uma olhadela na direção que ela indicara, à sua direita.

— Uma touca azul-marinho, com fita azul um pouquinho mais clara — disse ela procurando ajudar. E acrescentou:— Vestido azul-marinho, com gola branca.

Soube o momento em que o marido localizou Sheridan na multidão porque os maxilares dele se enrijeceram, seu olhar desviou-se rápido para o palco e permaneceu lá até que a cortina se abriu. Desapontada, porém não derrotada, ela observava Lorde Claymore dissimuladamente, esperando a mais insignificante mudança em sua postura que indicasse que estava dando uma segunda olhadela. No momento em que a percebeu, olhou rápido para Clayton. Ele movera a cabeça apenas um milímetro para a direita, em relação ao palco, mas seu olhar dirigia-se todo para esse lado. Rezando para que essa não fosse a primeira vez em semanas que Sheridan Bromleigh decidisse olhar para o palco, Whitney fitou-a também e sorriu, aliviada.

Nas duas horas seguintes ela manteve Sheridan e o duque sob estrita e cautelosa vigilância, procurando não mover sequer um músculo para não alertá-lo. No final do espetáculo, seus olhos ardiam, mas ela se sentia triunfante. O olhar de Clayton procurara Sheridan o tempo todo, mas Whitney sabia que não deveria tocar no assunto senão dali a uns dois dias, quando sentisse que ele tivera tempo para revisar sua atitude em relação à ex-noiva do irmão.

— Lembra-se da outra noite, na ópera? — começou Whitney, cautelosa, enquanto o lacaio servia o café da manhã.

— Achei uma montagem ”magnífica”, como você havia dito. O rosto de Clayton estava impassível. O tenor que...

— Você não estava assistindo à ópera— interrompeu ela, com firmeza.

— Tem razão.— Ele sorriu. — Eu vigiava você, e você me vigiava.

— Clayton, por favor, não brinque. É muito sério e importante.— As sobrancelhas negras ergueram-se, inquisitivas, e ele deu-lhe total atenção, mas parecia tranquilo, divertido e preparado.

— Quero fazer alguma coisa para colocar Stephen e Sheridan Bromleigh frente a frente. Conversei com Victoria a esse respeito ontem, e ela concordou que devemos obrigá-los a conversar um com o outro.

Ela procurava argumentos convincentes para quebrar a resistência do marido, e caiu das nuvens quando ele disse, casualmente:

— Engraçado, também tive essa ideia e conversei a respeito dela com Stephen ontem à noite, quando o encontrei no Strathmore.

— Por que não me contou? O que disse a ele? E o que ele respondeu?

— Eu disse — relatou o duque — que queria falar com ele sobre Sheridan Bromleigh, que achava que ela está indo à ópera apenas para vê-lo.

— E aí, o que aconteceu?

— Nada. Ele se levantou e foi embora.

— Só isso?— duvidou Whitney. — Ele não falou nada?

— Para ser sincero, falou. Stephen disse que por respeito à nossa mãe ia resistir à tentação de me dar uma boa surra, mas que se eu pronunciasse o nome de Sheridan Bromleigh de novo na frente dele não podia garantir que fosse se conter.

— Ele disse isso?

— Não exatamente com essas palavras — ironizou Clayton.— Ele foi mais direto e... digamos, expressivo.

— Bem, a mim ele não pode ameaçar com agressão física. Há algo que eu posso fazer.

— E o que pretende fazer, querida? Uma novena? Uma peregrinação? Uma promessa? Um feitiço?

— Apesar do tom bem-humorado, o marido queria que ela agisse, segundo Whitney podia perceber claramente. Como não achou graça, ele pôs a xícara sobre o pires e recostou-se no espaldar da cadeira, com a testa franzida:

— Você está mesmo determinada a se envolver no caso, não importa o que Stephen diga ou faça, não é?

Ela hesitou um segundo, então assentiu:

— Tenho que tentar. Não consigo esquecer a expressão triste com que Sheridan olha para ele na ópera, e o jeito como olhava para ele no baile de Rutherford. Além disso, cada vez que vejo Stephen, ele parece mais amargo e infeliz. Estar separados não faz bem a nenhum dos dois, isso é claro.

— Entendo. Lorde Claymore fitou o rosto bonito da esposa, até que um sorriso se esboçou nos cantos de sua boca. Será que posso dizer algo que a convença que vai cometer um erro?

— Temo que não.

— Também acho.

— Tenho algo a confessar — continuou Clayton, um tanto sem jeito:— contratei Matthew Bennett para investigar onde Sheridan mora, porque acho que nada podemos fazer enquanto não soubermos como encontrá-la.

— Eu não tinha pensado nisso!

— Mas eu pensei.

A voz dele mantinha-se tão neutra e sua expressão tão calma, que foram precisos alguns instantes para que o verdadeiro significado dessas palavras se impusesse. Quando isso aconteceu, Whitney sentiu a familiar sensação de orgulho e amor pelo marido, sensação essa que se tornava mais forte a cada ano de casamento que passava.

— Clayton — sua voz estava embargada, — eu o amo!

— Ela trabalha como governanta para um baronete e a família dele — informou o duque, tentando ocultar a própria emoção.— O nome dele é Skeffington. Três filhos. Nunca ouvi falar nessa família. Bennett conseguiu o endereço.

Whitney largou a xícara de chá e se pôs de *pé*, aflita para mandar um bilhete a Bennett,

pedindo-lhe que lhe enviasse todos os dados que conseguira.

— Whitney...

Ela voltou-se, já na porta da sala:

— Milorde?

— Eu também a amo.— Ela sorriu, e ele esperou um instante para fazer um aviso sério:

— Se insistir na ideia de colocá-los frente a frente, tenha cuidado como faz isso, e prepare-se para ver Stephen ir embora no momento em que deparar com Sheridan. Também deve se preparar para a possibilidade de meu irmão jamais perdoá-la pelo que vai fazer. Talvez, na melhor das hipóteses, leve muito tempo para perdoar. Pense bem antes de tomar uma atitude que pode fazê-la arrepender-se.

— Vou pensar prometeu ela.

Clayton olhou-a sair e balançou a cabeça, sabendo muito bem que sua mulher não iria perder tempo pensando, sem fazer nada. Simplesmente não estava na natureza dela olhar a vida passar e não participar. E essa era, pensou com carinho, uma das qualidades que mais amava em Whitney.

No entanto, não esperava que ela agisse tão depressa quanto o fez.

Na tarde daquele mesmo dia, ao passar pela saleta de estar da esposa, viu-a sentada à pequena escrivaninha de pau-rosa, passando a extremidade macia da pena na face, enquanto olhava pensativa para a folha de papel à sua frente.

— O que é isso?— indagou ele.

Whitney ergueu o rosto e sorriu:

— Uma lista de convidados.

As frenéticas atividades da temporada estavam lentamente chegando ao fim, e ambos sonhavam em ficar na tranquilidade do campo durante o verão, por isso Clayton surpreendeu-se ao verificar que ela planejava uma festa.

— Pensei que fôssemos voltar para Claymore depois de amanhã.

— E vamos. Esta festa vai ser daqui a três semanas... É o aniversário de Noel. Nada muito grande, é claro.

Por cima do ombro dela, o duque olhou a lista e abafou uma risada, ao ler o primeiro item em voz alta:

— Um elefante pequeno, manso, que permita que as crianças mexam nele...

— Eu estava pensando num tema circense, com palhaços, mágicos e tudo mais, com mesas de doces, salgados e música no jardim animou-se a duquesa. É mais confortável, e as crianças poderão se divertir com os adultos.

— Noel ainda não é muito pequeno para festas assim?

— Ele precisa da companhia de crianças, querido...

— Pensei que era por isso que ele passa os dias com os filhos dos Fielding e dos Townsend quando estamos em Londres, querida...

— E é mesmo — confirmou ela, com um sorriso maroto. — Stephen concordou em dar a festa de Noel em Montclair, quando falei com ele a esse respeito, hoje.

— Como meu irmão foi a festas suficientes para o resto da vida nas últimas seis semanas, imagino que você deve ter usado uma boa arma para convencê-lo — brincou o duque. Pensou um instante e riu: — Já sei! Como tio *e* padrinho de Noel, a obrigação de Stephen é abrir a casa de campo *dele* para todos os parentes e amigos que forem convidados para a festa de aniversário...

— Sim, só que eu o convenci, em vez disso, a dar o baile dos sessenta anos de sua mãe em Montclair e, em troca, permitir que a festa do aniversário de Noel seja em Claymore. Como o aniversário de Lady Alicia é três dias depois do de Noel, ele concordou...

— Moça esperta! — exclamou Clayton, começando a perceber a manobra da esposa. O baile de mamãe vai ser um enorme acontecimento.

— E a festa do nosso filho vai ser pequena, apenas poucos casais, com seus filhos e governantas.

Ao ouvir aquilo, os olhos de Lorde Claymore percorreram rapidamente a lista dos convidados e depararam com o nome Skeffington. Quando ergueu os olhos azuis, tão parecidos com os de Stephen, e falou, ele o fez com divertido sarcasmo:

— Interessante, essa lista de convidados.

— *Não é mesmo!* — indagou a incorrigível Whitney. — Dois casais em cuja absoluta discrição podemos confiar, não importa o que eles venham a ver ou ouvir, e que já conhecem boa parte da situação. E os Skeffington.

— E as governantas, é claro.

— É claro — concordou ela. E o bom do plano é que Sheridan não vai poder escapar,

por mais que queira, porque trabalha para os Skeffington.

— Como você pretende impedir que Stephen vá embora quando vir Sheridan?

— Ir embora?— repetiu ela, com expressão felinamente satisfeita. — Como poderá largar o sobrinho que o adora? O sobrinho que é também seu afilhado? Não poderia fazer isso! E mais: como poderia encarar os presentes se fugisse transtornado pela presença de uma mera governanta, numa casa com mais de cem aposentos? Seria uma atitude lamentável para um homem corajoso, adulto... Eu gostaria que houvesse menos público no encontro deles, mas como Stephen nunca aceitaria falar com ela em particular, tive que imaginar um jeito de fazê-lo estar no local do encontro e impedi-lo de ir embora. Mesmo que ele possa alegar que Noel não iria sentir muito sua falta, terá que aceitar que perderia o respeito dos Fielding, dos Townsend e dos demais. Ele é muito orgulhoso, e Sheridan também. Na verdade, duvido que ele queira realmente ir embora no instante em que puser os olhos nela. Como a festa será ao ar livre, as governantas estarão o tempo todo junto com os convidados, portanto Stephen não poderá evitar Sheridan, nem mesmo à noite.

Ela fez uma pausa e olhou pensativa para a lista de convidados.

— Não me atrevo a convidar Nicki— comentou, preocupada. — Primeiro, ele iria tentar me dissuadir, e, mesmo que não o fizesse, iria se recusar a comparecer a uma festa planejada com ”essas” intenções. Ele reprovou tudo o que Stephen fez em relação a Sheridan, inclusive o fato de não ir procurá-la e explicar suas ações. Ele reprova tudo o que fizemos. Confessou-me, no dia seguinte àquele em que a vi pela primeira vez na ópera, que sabia onde ela estava, mas não me disse quando lhe perguntei. E Nicki nunca me recusou nada... Argumentou que ela já sofrera bastante por causa de Stephen e não queria ser encontrada.

— Ela é que foi embora, não Stephen — observou Clayton, frio.

— Eu posso até concordar com isso, mas Nicki não.

— Aliás — preveniu o lorde, é prudente não manobrar com Stephen e Nicholas na mesma casa, — assim como é bom evitar que eles fiquem a sós.

Whitney franziu a testa ao ouvir aquilo:

— Por quê?

— Porque Stephen desenvolveu um profundo e refinado ódio por Nicholas DuVille desde que Sheridan desapareceu.

Ela ficou tão aflita ao ouvir aquilo que Clayton chegou a duvidar que fosse acertado fazer Sheridan e seu irmão se encontrarem. O esquema de Whitney tinha alta chance de falhar, mas ele não conseguira planejar um melhor.

— E se os Skeffington não forem à festa?— perguntou, procurando não pensar no pior.

Pegando uma carta de cima da mesa, Whitney declarou que não corriam esse risco:

— De acordo com as informações da empresa de investigações de Matthew Bennett, Lady Skeffington persuadiu o marido, Lorde John, a trazer a família a Londres para a temporada, principalmente para entrarem em contato com "as pessoas certas"... Parece que Lady Skeffington tem pouco dinheiro mas altas aspirações sociais.

— Ela deve ser um encanto!— ironizou o duque. Mal posso esperar para tê-la em minha casa durante setenta e duas horas consecutivas, doze refeições, três chás...

Preocupada com a segurança de seu plano, Whitney voltou ao assunto principal:

Eles vieram a Londres com a esperança de conseguir se introduzir nas altas esferas sociais, onde a filha deles, de dezessete anos, teria oportunidade de fazer um bom casamento. Como até ontem não haviam conseguido o que querem, você não pode achar, honestamente, que irão recusar um convite pessoal do duque de Claymore para uma festa em sua propriedade de campo, não é?

— Não — concordou o lorde,— mas sempre há uma esperança.

— Não, não há! — A jovem duquesa voltou à sua lista, com uma alegre risada. — Não enquanto seu irmão for considerado o solteiro mais valioso da Inglaterra!

— Pode ser que caia uma tempestade de neve nesse fim de semana — suspirou o duque, de fato apavorado com a festa da esposa. Acredito que alguma vez na história da Terra deve ter nevado neste continente em junho...

—

Com os *pés* doloridos apoiados num tamborete, Lady Skeffington permanecia em pensativo silêncio na sala de estar da casa que tinha alugado em Londres. Do lado oposto da sala, seu marido lia o *Times*, com o pé que sofria de gota sobre o assento de uma cadeira, para ficar bem alto.

— Que sossego delicioso! — comentou ela, voltando o rosto para o marido. Miss Bromleigh levou as crianças para tomar sorvete. Daqui a pouco estarão de volta, e esta tranquilidade vai acabar.

— Sim, minha pombinha — concordou o marido, sem perder uma palavra do que lia.

Ela ia continuar a conversa quando o laçao deles, que também fazia as vezes de cocheiro e mordomo, entrou na sala com um envelope na mão, entregou-o e retirou-se, calado como chegara.

— Se for outra cobrança do aluguel, eu... — começou ela. Então, estranhou a extraordinária consistência do envelope de cor creme, virou-o e viu o sinete. Quase perdeu a respiração. — Skeffington, acho... acho que... quero dizer, tenho certeza que acabamos de receber nosso mais importante convite!

— Sim, minha pombinha.

Ela quebrou o lacre, desdobrou o papel e seu queixo caiu ao deparar com o brasão em ouro no canto esquerdo superior da folha, também de cor creme. Pôs-se de pé num salto, tremendo toda de excitação.

— *Claymore!* — *gritou*, com a mão livre apertando o peito, onde o coração saltava loucamente.— Fomos convidados para ir *a...* a *Claymore!*

— Sim, minha pombinha.

— O duque e a duquesa de Claymore pedem a honra de ter nossa companhia na pequena festa de comemoração do aniversário de seu filho. E... — Parou um instante para pegar seu vidrinho de sais e aspirá-los, antes de continuar.— A duquesa de Claymore escreveu pessoalmente o convite. Diz que sente muito não ter tido oportunidade de nos conhecer durante a temporada, mas que espera remediar esse mal... *Claymore...* — *Parou* para cheirar outros sais e poder prosseguir daqui a três semanas.— É para levarmos as crianças! O que acha disso, Skeffington?

— Diabolicamente estranho.

A dama apertou a carta sobre os amplos seios, depois tornou a lê-la e sussurrou, em tom reverente:

— Skeffington, você sabe o que isso significa?

— Sim, minha pombinha. Que recebemos um convite que, com certeza, era para ser dirigido a outra pessoa.

Lady Skeffington pensou naquela possibilidade, releu o envelope, a carta, e sacudiu a cabeça:

— Não. O convite é dirigido a nós, realmente. Veja. Desviando por fim sua atenção do *Times*, Sir John pegou a carta que a esposa lhe estendia e sua expressão de aborrecimento transformou-se em satisfação:

— Eu disse a você que não precisávamos permanecer em Londres à espera de convites. Esta carta viria ter às nossas mãos mesmo que estivéssemos em Blintonfield, na nossa casa.

— Ah! Isto não é um mero convite! — A voz da dama demonstrava entusiasmo infantil.

— Significa muito mais do que isso!

Sir John abaixou o jornal de novo:

— Como assim?

— Tem a ver com Julianna.

O jornal desceu mais alguns centímetros, e os olhos do cavalheiro, meio inchados e avermelhados por sua profunda afeição pelo vinho madeira, fitaram a esposa:

— Julianna? Como assim?

— Pense, Skeffington, pense! Julianna participou da temporada; e, apesar de não termos recebido convites para o Almack, nem para os bailes mais importantes, onde encontraríamos a mais alta aristocracia, fomos a várias festas, e fiz questão que ela cavalgasse no Green Park todos os dias. Não deixamos de ir um só dia, e uma tarde *ele* estava lá, nós o vimos! Percebi que olhou para Julianna, e acho que então... Acho que... Isso, ele a viu! Tanto assim que recebemos este convite para ir a Claymore. Ele notou como nossa filha é adorável e passou toda a temporada procurando-a, pensando em um jeito de poder conhecê-la.

— Modo esquisito de conseguir isso... a própria esposa dele fazendo o convite! Não posso aprovar. Falta absoluta de dignidade!

Os olhos da *lady* arredondaram-se de aflição, fixos no marido:

— O quê? Do que você está falando?

— Da nossa filha e Claymore.

— O duque? — indagou ela, confusa. — Quero que ela conquiste Langford.

— Não entendo como você pode imaginar uma coisa dessas! — Se Claymore interessou-se por Julianna e Langford também a quer, teremos uma enorme encrenca. É preciso pensar muito bem antes de aceitar esse convite, minha querida.

Ela abriu a boca para censurar Skeffington por ser tão obtuso, mas foi interrompida pelo som de vozes alegres vindas do *hall*.

— As crianças! — exclamou, correndo para fora da sala e abraçando a primeira pessoa que encontrou. Miss Bromleigh, estava tão entusiasmada que nem notou que abraçava a governanta, — teremos que trabalhar dia e noite a fim de nos prepararmos para uma viagem. Não tenho ideia do que iremos precisar para uma festa tão importante... Julianna, onde você está, meu anjo? — perguntou, momentaneamente desnorteada ao ver apenas os dois meninos de cabelo negro, que tinham seis e sete anos.

— Julianna foi direto para o quarto dela, Lady Skeffington.

Sheridan conteve um sorriso cansado diante da alegre vibração da dama, sentindo-se preocupada com o trabalho a mais que significaria preparar as crianças para "uma festa tão importante". Tinha apenas uma noite de folga, e para não perdê-la trabalhava desde o amanhecer até às onze horas da noite, todos os dias, fazendo as inumeráveis tarefas que deveriam ser confiadas a criadas de quarto e camareiras, não a uma governanta.

Aproveitando a confusão criada pela festa em perspectiva, Sherry foi se refugiar em seu pequeno quarto no sótão, por alguns instantes. Com água do jarro, lavou o rosto na bacia que se achava sobre sua penteadeira, verificou se o cabelo estava bem preso no volumoso coque atrás da cabeça e foi sentar-se junto da pequena janela, com a costura no colo. Uma festa significava mais costuras, mais vestidos para passar a ferro, mais trabalho, porém ela não tinha medo de trabalhar. Ser governanta de dois meninos e uma jovem a impedia de pensar durante o dia em Stephen Westmoreland e no tempo mágico que vivera ao lado dele. À noite, quando a casa se aquietava e ela costurava, à luz de velas, dava liberdade às lembranças e aos sonhos de olhos abertos. Às vezes chegava a ter medo que a obsessão sem esperança que tinha pelo conde a fizesse enlouquecer. Com a cabeça inclinada para a

costura, imaginava cenas entre os dois e recordava as que tinham mesmo ocorrido.

Revivera uma porção de vezes o terrível rompimento do noivado, misturando-o com acontecimentos imaginários. A maioria das cenas revividas começavam do mesmo jeito, com Charise Lancaster irrompendo em seu quarto, e, no meio das insuportáveis acusações de que ela era impostora e ambiciosa, Stephen aparecia. Tinha preferência por algumas variações sobre o fim da história:

... Stephen ouvia as mentiras acusadoras de Charise, expulsava-a de sua casa, voltava-se para ela, Sheridan, e ouvia com boa vontade suas explicações. Casavam-se naquele dia, como fora planejado.

... Stephen recusava-se a ouvir sequer uma palavra de Charise e a expulsava de sua casa; depois ouvia de boa vontade as explicações dela, Sheridan. Casavam-se naquele dia, como fora planejado.

... Já estavam casados quando Charise aparecia, ele ouvia o lado de Sheridan da história e acreditava nela.

Nenhum desses finais anulava a dolorosa revelação de Nicholas DuVille de que Stephen decidira ficar noivo dela levado pelo peso da culpa e senso de responsabilidade, mas Sherry minimizava esse fato com simplicidade: ele a amava, também. Tinha variações sobre esse tema:

... Ele sempre a amara, porém *só* descobria isso depois que ela havia ido embora. Aí, ele a procurava, encontrava-a, e eles se casavam.

... Já estavam casados quando ele descobria que a amava, apesar de tudo.

Ela preferia a primeira versão, porque era a única possibilidade real, e sonhava tanto com isso que às vezes se via à janela, olhando para a rua na esperança de vê-lo chegar. Uma vez por semana Sheridan adicionava um pinga de felicidade real ao sonho indo à ópera para vê-lo, o que também era uma tortura.

Precisava parar de fazer isso, precisava parar de atormentar-se esperando pelo momento impossível em que ele deixaria de dar atenção à dama que o acompanhava a cada noite e olharia para ela, com aquele maravilhoso e íntimo sorriso. Ela sabia que se isso acontecesse seria o fim de suas idas ao Covent Garden, e não suportaria esse novo sofrimento.

Às vezes, imaginava que seu desaparecimento era a causa da expressão dura e distante que ele mantinha, sentado ao lado de suas ocasionais companhias, no camarote da ópera.

Stephen estava triste, abatido e amargo porque sentia saudade dela... porque sofria por tê-la perdido.

Como a tarde ainda estava em meio e era cedo demais para sonhar, Sheridan sacudiu a cabeça a fim de se livrar daqueles pensamentos doce-amargos e ergueu os olhos, procurando mostrar-se tranquila, quando Julianna entrou em seu quarto.

— Miss Bromleigh, posso me esconder aqui?

O rosto adorável da jovem de dezessete anos demonstrava aflição quando ela se voltou, depois de ter fechado a porta, e dirigiu-se para a cama. Cuidadosa para não amarrotar a colcha adamascada, sentou-se, leve como um anjo. Nos seus momentos menos caridosos, Sherry permitia-se imaginar como duas pessoas feias como Sir John e Lady Skeffington haviam tido aquela menina de ouro, encantadora, inteligente, meiga e sensível.

— Aconteceu a pior coisa que poderia acontecer!— exclamou Julianna, triste.

— A pior *mesmo!*— *brincou* Sheridan.— Não apenas uma coisa terrível ou desastrosa, mas sim a pior coisa do mundo?

Um sorriso começou a surgir em seus lábios, mas apagou-se quando Julianna suspirou:

— Mamãe está fazendo mil castelos no ar, acreditando que um aristocrata está interessado em mim, quando a verdade é que ele nem sequer olhou na minha direção e nunca me dirigiu uma só palavra.

— Entendo... — assentiu Sheridan, séria.

E de fato entendia. Pensava em algo para dizer quando Lady Skeffington abriu a porta e entrou no pequeno quarto.

— Não tenho a menor ideia do que devemos vestir enquanto estivermos em tão ilustre companhia... disse, aflita.— Miss Bromleigh, você, que nos foi recomendada pela irmã de um duque, pode nos orientar? Precisamos ir imediatamente à Bond Street. Julianna, endireite os ombros! Os cavalheiros não gostam de moças corcundas. O que devemos fazer, Miss Bromleigh? Vamos ter que alugar carruagens e levar nossos criados, inclusive você, é claro.

Sherry ouviu isso sem um piscar de olhos sequer. Era verdade: não passava de uma criada, e tinha muita sorte por ter conseguido essa posição.

— Não tenho experiência com roupas da nobreza— respondeu, cautelosa, mas darei minha opinião com prazer, madame. — Onde vai ser a festa?

Lady Skeffington endireitou os ombros e estufou o vasto peito, fazendo Sheridan pensar em um arauto anunciando a chegada do rei e da rainha:

— Na casa de campo do duque e da duquesa de Claymore!

Sherry sentiu o mundo girar e dominou-se com esforço. Decerto entendera errado. Mas a dama tratou de confirmar em seguida:

— O duque e a duquesa de Claymore nos convidaram para uma festa íntima em sua casa!

Tendo se erguido quando Lady Skeffington entrara, Sherry segurou-se na coluna de sua cama para evitar cair, tão moles seus joelhos haviam ficado. Baseada no que aprendera sobre a alta sociedade inglesa, sabia que os Westmoreland se localizavam no ponto mais alto e os Skeffington no mais baixo, completamente fora do campo de ação da família Claymore. Mesmo que não houvesse a intransponível diferença entre as duas famílias, havia o ponto do berço ilustre. Os Westmoreland tinham uma longa linhagem de antepassados nobres; Sir John e Lady Glenda Skeffington, não. Era impossível, pensou ela. Estava tendo um daqueles sonhos de olhos abertos, e ele se transformava aos poucos num pesadelo.

— Miss Bromleigh, está tão pálida! Por favor, não é um bom momento para ficar doente! Temos muito trabalho pela frente acrescentou a dama, com um sorriso amplo, e vamos precisar da senhorita!

Engolindo em seco, Sherry rezou para que a voz não lhe faltasse, ao dizer:

— A senhora... — Pigarreou e recomeçou:— A senhora os conhece... Quero dizer, o duque e a duquesa?

Antes de dizer a verdade à criada, Lady Skeffington resolveu adverti-la:

— Posso confiar que você não irá trair a nossa confiança, com o risco de perder seu emprego?

Sheridan engoliu em seco de novo e fez que sim com a cabeça. Deduzindo que era uma promessa de manter segredo, a dama confiou-lhe, emocionada:

— Sir John e eu jamais os vimos em nossa vida.

— Então, por que...

— Creio que sei o motivo. — O peito de Glenda Skeffington se estufou mais ainda, de tanto orgulho.— Julianna chamou a atenção do mais cobiçado solteiro da Inglaterra! Na

minha opinião, essa festa é apenas um pretexto, uma inteligente manobra imaginada pelo conde de Langford para introduzir Julianna em seu círculo, a fim de poder aproximar-se dela.

Relâmpagos coloridos sucediam-se junto aos cantos dos olhos de Sheridan.

— Miss Bromleigh?...

Sherry piscava, mal enxergando aquela mulher que com certeza inventara aquele pesadelo para destruir a defesa que ela construía para não enlouquecer.

— Miss Bromleigh, ISSO NÃO PODE ACONTECER!

— Mamãe, pegue seu vidrinho de sais, depressa!

A voz de Julianna tornava-se cada vez mais fraca aos ouvidos de Sheridan, enquanto ela percorria um longo e escuro túnel.

— Estou bem... Sherry tentou desviar-se do odioso vidrinho de sais que Lady Skeffington insistia em colocar sob seu nariz. Foi só uma... tontura.

— Graças a Deus! Pois dependemos de você para nos orientar sobre a maneira correta de agir diante da alta aristocracia.

Sheridan riu, e seu riso era em parte divertimento, em parte nervosismo:

— Por que acha que sou capaz disso?

— Porque Miss Charity Thornton diz na carta de referência que você é uma moça de rara gentileza e que pode ser o mais alto exemplo dos padrões da nobreza máxima para qualquer criança ou jovem de quem cuide. Ela escreveu essa carta, não? Aquela que você nos mostrou?

Sherry desconfiava que a carta fora escrita por Nicholas DuVile e que Miss Charity a assinara sem ler, porque as recomendações apenas de um homem solteiro, principalmente quando se tratava de um famoso namorador, não conseguiriam emprego respeitável para nenhuma moça. Fora isso ou, quem sabe, ele escrevera a carta e simplesmente assinara por si e pela bondosa dama.

— Dei-lhe algum motivo para duvidar do que essa carta afirma, madame? — desconversou Sherry.

— Claro que não. Você é uma excelente moça, apesar da cor extravagante de seu cabelo, e espero que nunca nos deixe.

— Tentarei não deixar... — Sheridan surpreendia-se por ainda ser capaz de falar.

— Então, vou dar-lhe um tempinho para descansar. Deite-se e procure dormir um pouco...

Como uma criança obediente, Sherry deixou-se cair na cama, com o coração batendo forte e apressado. Um instante depois de ter fechado a porta, Lady Skeffington tornou a abri-la e enfiou a cabeça pelo vão:

— Quero que as crianças aproveitem o máximo enquanto você estiver conosco. Mesmo que minha filha se torne Julianna, condessa de Langford, temos o futuro dos outros para pensar... Continue a ensinar canto a eles: é maravilhoso como em tão pouco tempo conseguiu fazê-los tocar alguma coisa naquele instrumento esquisito que me aconselhou a comprar, aquele...

— Violão ajudou Sheridan, — num fio de voz.

Assim que a porta se fechou, ela começou a pensar intensamente. Não acreditara, nem por um minuto sequer, na ideia insensata de Lady Skeffington de que Stephen Westmoreland vira Julianna no parque e se dera a tanto trabalho para conhecê-la. Sem dúvida, Julianna era uma jovem bonita, mas suas melhores qualidades apareciam quando se conversava com ela, o que não acontecera com Stephen. Além disso, de acordo com o que ouvira dizer na única vez que fora ao Almack, ele tinha uma porção de mulheres dispostas a atender ao seu menor sinal de interesse. Não tinha a menor necessidade de montar o esquema elaborado de uma festa em casa por causa de uma mocinha.

Não. Não era por isso que a família Skeffington e sua *governanta* tinham sido convidadas para uma festa em Claymore. O convite nada tinha a ver com eles, pensou, com uma risada nervosa, em parte por medo, em parte pela vulnerabilidade que sentia. A verdade era que os Westmoreland, e provavelmente amigos deles que também estariam em Claymore, haviam planejado a mais cruel vingança do mundo para punir Sheridan Bromleigh pelo que achavam que fora uma ofensa profunda a eles: iam forçá-la a voltar à sociedade, só que dessa vez não como uma igual, mas como a serviçal que ela *realmente* era.

E a parte mais dolorosa disso tudo a parte humilhante, devastadora era que não tinha escolha: precisava ir a Claymore.

Com os dentes batendo de tanto que tremia, levantou-se. Sua consciência estava tranquila, não se envergonhava de trabalhar e jamais aspirara a tornar-se condessa.

A consciência encarregou-se de lembrá-la de que isso não era bem verdade. Ela quisera, sim, tornar-se a condessa de Stephen Westmoreland. E aí estava o castigo por ter se atrevido a sonhar, por querer ser mais do que era, pensou, zangada com o destino, que fazia isso com ela.

— Quero ir para casa! — disse, angustiada, para o quarto vazio. — Tem que haver algum modo de eu ir para casa!

Já fazia um mês que escrevera para tia Cornelia contando tudo o que acontecera desde que embarcara no *Morning Star* e pedindo-lhe que mandasse dinheiro para a passagem de volta. O dinheiro viria, tinha absoluta certeza, só que na melhor das hipóteses sua carta levaria de um mês a um mês e meio para atravessar o Atlântico e chegar às mãos da tia; depois, seria preciso mais ou menos o mesmo tempo para a resposta de Cornelia chegar.

Mesmo que o Atlântico se mantivesse calmo e o navio não fosse obrigado a parar em algum porto entre Portsmouth e Richmond, ainda levaria no mínimo três semanas para receber notícias da tia; três semanas até que o dinheiro para a passagem chegasse. A festa em Claymore seria dali a três semanas. Se a sorte lhe sorrisse pelo menos uma vez desde que pusera os pés em solo inglês, os Westmoreland não conseguiriam realizar sua vingança.

Com tempo de adequar-se mentalmente para qualquer surpresa desagradável que os Westmoreland tivessem planejado para ela em Claymore, Sheridan convenceu-se de que estava bem preparada para enfrentar seu destino. Durante as três semanas tratara de lembrar-se constantemente de que era inocente, que a franqueza e a honestidade estavam do seu lado. Para se precaver contra qualquer sofrimento maior, acabara com o ritual de sonhar com Stephen de olhos abertos.

Como resultado, foi capaz de enfrentar a viagem para Claymore com o que ela achava ser uma indiferença estóica. Em vez de avaliar quanto tempo teria antes de ver Stephen, se é que iria vê-lo, ela se concentrara em conversar animadamente com os filhos de Sir Skeffington, que viajavam com ela na terceira das carruagens alugadas. Em vez de pensar no que Stephen ia fazer ou dizer quando a visse, insistira com as crianças para cantarem músicas alegres durante as duas horas que o trajeto levava. Em lugar de ficar olhando pela janelinha a fim de ver a casa assim que surgisse, devotara todos os pensamentos e atenção à aparência das crianças, enquanto o comboio Skeffington prosseguia por um largo caminho ladeado por árvores e passando por uma linda ponte de pedra que levava à casa de campo do duque de Claymore.

Quando chegaram, ela não se permitiu dar mais do que um rápido e pouco atencioso olhar à fachada da imensa mansão de duas alas, unidas por uma vasta entrada com esguias colunas, nem admirou os balcões e janelas que a adornavam.

A não ser por seu traiçoeiro coração, que bateu mais rápido quando ela desceu da carruagem, sentiu-se fortalecida por ser capaz de fazer apenas um cumprimento de cabeça e dar um sorriso bem-educado aos criados, elegantíssimos nas librés com as cores dos Westmoreland, que saíam da casa para receber os recém-chegados. Com o vestido simples de bombazina azul-marinho, o cabelo reunido num severo coque embaixo da touca e o decote alto, abotoado até o pescoço e terminado por uma gola branca, Sheridan parecia exatamente a governanta que era ao descer da carruagem. Com as mãos num dos ombros de cada menino, subiu os degraus que davam para o pórtico, atrás de Sir John, Lady Glenda e Julianna.

Seu queixo mantinha-se alto, porém não em atitude agressiva, e os ombros continuavam

firmes, pois não tinha nada de que se defender ou envergonhar, nem mesmo da sua nada nobre mas respeitável posição de governanta. Pela milésima vez em três semanas, lembrou a si mesma, determinada, que não enganara voluntariamente os Westmoreland nem ninguém. O conde de Langford é que a enganara, conscientemente, fingindo ser seu noivo, e depois, fingindo que queria casar-se com ela. A família o acompanhara na farsa, portanto a culpa e a vergonha era deles, não dela.

Infelizmente a determinada força de vontade de Sheridan sofreu o primeiro golpe assim que ela entrou no átrio de três pavimentos, sem teto e iluminado pela luz do dia, onde mais criados aguardavam, atentos e gentis, para levar os convidados aos seus aposentos logo que o segundo-mordomo os tivesse cumprimentado formalmente e indicado em que quartos deveriam se instalar.

— Sua Alteza acredita que os senhores irão apreciar a linda vista que se tem do quarto azul — disse ele a Sir John e Lady Glenda. — Têm todo o tempo que desejarem para repousar da viagem. Depois, Sua Alteza os aguardará na sala de estar.

Assim que o mordomo terminou de falar, um lacaios deu um passo à frente, destacando-se da fileira de criados que aguardavam para escoltá-los até o quarto.

— Jovens senhores — continuou Hodgkin, pois era ele o segundo-mordomo dos Claymore, — seu aposento fica no terceiro andar, onde estão as salas de jogos e brinquedos. E a governanta dos senhores deverá ficar, é claro...

Ele voltou-se para Sheridan, e, se bem que ela tivesse tido tempo para se preparar para o momento em que a reconhecesse, não estava preparada para o horror que surgiu nos olhos azuis claros e espalhou-se pelo rosto do velho mordomo quando seu olhar foi do vestido simples para o rosto dela e a reconheceu.

— A governanta... de... deverá ficar, é cla... claro — gaguejou Hodgkin, — perto dos senhores... então, ocupará um quarto... bem em frente, do outro lado do corredor.

Sheridan dominou o impulso de aproximar-se dele e dar-lhe um beijo no rosto marcado pelas rugas, de dizer-lhe que tudo estava bem, que ela era uma governanta e que não havia motivo para ele ficar com aquela angustiada cara de choro. Em vez disso, esboçou a sombra de um sorriso:

— Muito obrigada disse, suave, e acrescentou: — Hodgkin. Seu quarto era pequeno em comparação com o dos meninos,

simplesmente mobiliado com uma cama, uma cadeira, uma pequena penteadeira com a bacia e o jarro e um pequeno armário, mas era um luxo diante do quarto que ocupava no sótão da casa que os Skeffington tinham alugado em Londres. Melhor ainda, a mansão dos Claymore era tão vasta que ela poderia evitar com certa facilidade os proprietários e a família deles. Num esforço para se manter ocupada, sem pensar, lavou as mãos e o rosto, ajeitou suas poucas roupas no armário e foi para o quarto dos meninos.

Havia duas outras governantas acomodadas no fim do corredor, e quando Sherry levou seus garotos para a sala de brinquedos, elas também foram, cada qual com um menininho de cerca de quatro anos. Depois de amáveis apresentações, as duas governantas fizeram os pequenos Skeffington interessarem-se em brincar com os delas, e Sheridan viu-se do modo que menos queria: com o tempo nas mãos.

Ouvindo a barulheira que as quatro crianças faziam brincando, ela andou pela sala enorme, passou por uma grande mesa coberta por exércitos de soldadinhos de chumbo e foi pegar dois livros que estavam no chão, perto da estante. Colocou-os numa das prateleiras e, num gesto distraído, pegou um caderno de desenho que estava deitado sobre uns livros. Abriu-o... e seu coração falhou. Sob um desenho infantil, que parecia ser de um cavalo pastando num campo ou bebendo água num lago, havia um nome, escrito com caligrafia insegura e desajeitada: STEPHEN WESTMORELAND.

Fechou o caderno de imediato e recolocou-o no lugar, mas suas defesas sofreram outro choque, dessa vez mais forte ainda: poucos metros adiante, acima de uma pequena mesa, havia um quadro que mostrava um menino com um braço passado pelo pescoço de um cavalo e um amplo sorriso no rosto. Era evidente que o quadro havia sido pintado por um amador com talento, e o sorriso do menino de cabelos escuros era travesso, meigo e irresistível; sem dúvida, o sorriso de Stephen.

— Creio que vou brincar também disse, — virando as costas para o quadro. — O que vocês estão jogando?

Thomas Skeffington, o menino mais velho, de sete anos, que estava se tornando obeso, respondeu:

— Já tem jogadores demais, Miss Bromleigh. Quem vencer vai ganhar um doce, e se você jogar pode ganhar... mas o doce é meu!

— Não! *é meu!* — *berrou* o de seis anos.— Envergonhada pelas maneiras mal-educadas dos meninos, que apenas começavam a melhorar sob seus cuidados, ela lançou um olhar de desculpas às outras duas governantas, e as moças lhe sorriram com simpatia.

Você deve estar cansada disse uma delas. Nós chegamos ontem e tivemos uma boa noite de sono. Por que não descansa um pouco, antes de a festividade começar? Pode deixar que tomamos conta dos jovens cavalheiros.

Como tinha grande dificuldade para dominar o impulso de pegar o caderno de desenhos ou para impedir-se de ficar olhando para o quadro do menino cujo sorriso lhe perturbava o coração, Sherry aceitou o oferecimento e praticamente voou para seu quarto. Deixando a porta aberta, sentou-se na cadeira junto da cama e procurou não pensar que estava na casa onde Stephen crescera. No entanto, as três semanas de ansiedade e de trabalho duro, assim como os acontecimentos da última meia hora, venceram-lhe a resistência; pela primeira vez em vinte e um dias ela abandonou-se a um sonho de olhos abertos: imaginou que o convite feito aos Skeffington nada tinha a ver com ela, que poderia ficar sossegada no terceiro andar da mansão, pois não seria descoberta nos três dias que passaria ali, e Stephen Westmoreland não compareceria à festa.

No entanto, o aparecimento de Julianna pouco depois não apenas lhe roubou essas esperanças como também deixou evidente que iria passar por várias humilhações.

— Você está descansando ou posso entrar? — perguntou a jovem, hesitante.

Sheridan livrou-se da ansiosa fantasia:

— Claro que pode, sua companhia é bem-vinda... — respondeu. Depois, não pôde se conter e perguntou: — O conde de Langford está aqui?

— Não, mas esperam que chegue a qualquer momento, e mamãe continua com a ridícula ideia de fazer que eu me case com ele. Não sei como vou aguentar este fim de semana... Os olhos cor de violeta brilharam de zanga contida. Por que ela faz *isso* comigo, Miss Bromleigh? Por que o maior sonho dela é me ver casada com um homem rico, com elevado título de nobreza, não importando que eu o considere velho, feio ou insuportável? Por que ela se torna uma... uma *bajuladora* quando está diante de alguém socialmente superior? — A jovem fazia tudo para não demonstrar a vergonha e a raiva que sentia. — Você precisava tê-la visto agora há pouco, na sala de estar, com a duquesa de Claymore e os amigos dela. Mamãe pressionava tanto e se mostrava tão ansiosa para obter a simpatia

deles que quase morri de humilhação!

Como não podia responder sinceramente a essas perguntas sem condenar a mãe dela e trair sua aversão às atitudes que Julianna achava tão deploráveis, Sheridan disse, cautelosa:

— Às vezes as mães desejam para suas filhas uma vida melhor do que a delas e...

— Com desprezo,— Juliana interrompeu:

— Mamãe pouco se importa com a *minha* vida! Eu seria feliz se ela me deixasse escrever em paz! Eu seria feliz se ela parasse de tentar me casar como se eu fosse uma...

— Linda princesa?— completou Sherry, quando a jovem se calou, hesitante.

E era parcialmente verdade. Na cabeça de Lady Glenda Skeffington, o rosto e o corpo da filha eram dons preciosos que davam chance para a família conseguir um nível mais elevado na sociedade. E a jovem era sensível o bastante para perceber isso.

— Eu queria ser feia! — desabafou Juliana, — e estava sendo sincera. Eu queria ser tão feia que homem nenhum sequer olhasse para mim. Sabe como era minha vida antes de você ir para a nossa casa? A única coisa que eu fazia era ler. Mamãe nunca me deixa ir a lugar algum porque morre de medo que algum escândalo possa me atingir e baixar meu valor no mercado de casamentos! Eu queria tanto que isso tivesse acontecido! — exclamou, desesperada. — Eu queria estar arruinada, assim poderia pegar a pequena herança que vovó me deixou e ir morar numa casinha em Londres, poderia ter amigos, ir à ópera, ao teatro e escrever um livro. Liberdade murmurou, com ar sonhador, amigos... A senhorita é minha primeira amiga, Miss Bromleigh. É a primeira mulher quase da minha idade que mamãe permite chegar perto de mim. Ela não aprova o comportamento moderno das moças da minha idade, entende? Acha que são assanhadas e que, se eu me misturar com elas...

Sherry entendia perfeitamente, e completou:

— Sua reputação sofrerá e você ficará...

— Arruinada!

Ao dizer essa palavra Julianna parecia inclinada a gostar da perspectiva. Nos olhos dela cintilava a personalidade que Lady Skeffington tentava esmagar quando repetiu, num sussurro confidencial:

— *Arruinada!* Nunca mais me casaria... Não seria divino? Nas circunstâncias da vida de Julianna, até poderia parecer

”divino”, mas ela não tinha ideia real do que era a vida.

— Não. Não seria divino — discordou Sheridan com firmeza, porém sorrindo.

— Acredita no amor, Miss Bromleigh? Quero dizer, no amor entre um homem e uma mulher, daquela espécie que a gente vê nos livros? Eu não.

— Eu...

Enquanto hesitava em responder, lembrou-se da sensação de euforia que tinha quando Stephen se aproximava, como era delicioso conversar e rir com ele. Lembrou-se, acima de tudo, das emoções que a dominavam quando sentia enorme prazer com o beijo dele. Por um momento, foi como se tivesse voltado a fazer parte da ordem natural das coisas. Lembrou-se de que se sentira realizada, completa, porque ele gostava dela. Ou estupidamente achara que ele gostava. De repente, percebeu que Julianna a fitava, expectante, e assentiu:

— Eu já acreditei no amor.

— E?

— E descobri que pode ser muito doloroso quando ele existe apenas de um lado.

Assim que fez a confidência, Sherry conscientizou-se, aturdida, de que sua guarda caíra só por ter se lembrado de um beijo.

— Compreendo... — sussurrou Julianna.

Os bonitos olhos cor de violeta eram adultos, sábios demais para a idade dela. Na opinião de Sheridan, a jovem tinha talento para escrever, e era uma observadora extraordinária.

— Creio que não compreende — mentiu, com um leve sorriso. Julianna aceitou a observação com simplicidade e falou, pensativa:

— Quando você chegou lá em casa eu senti... senti que fora profundamente ferida e percebi que tem muita coragem e determinação. Não vou lhe perguntar se foi um amor infeliz, como tenho a impressão de que foi, mas posso perguntar-lhe outra coisa?

Estava na ponta da língua de Sherry dizer, numa repreensão, que era errado bisbilhotar a vida dos outros, mas Julianna era tão só, tão meiga e simpática que não quis magoá-la.

— Se perguntar algo que não me deixe sem jeito... — respondeu, receptiva.

— Como consegue ser uma pessoa tão serena?

Sheridan sentia-se tudo menos serena naquele momento, e tentou brincar, mas o sorriso saiu forçado:

— É que devo ser um exemplo: tranquila, corajosa, determinada... Bem, vamos falar de coisas mais importantes. Você sabe quais são os planos para o fim de semana?

Julianna deu um sorriso de admiração ao ver com que habilidade Sheridan desviava o assunto de si mesma, enquanto respondia:

— Vai ser um fim de semana ao ar livre, inclusive as refeições, o que aliás me parece muito esquisito. O fato é que crianças e governantas irão sentar-se à mesa conosco... Sei disso porque fui dar uma volta no jardim antes de vir para cá e vi como a mesa está arrumada.

Enquanto falava, a jovem abaixou-se para retirar *uma* pedrinha que entrara em seu sapato e não viu o horror e a hostilidade que se estamparam no rosto de Sherry.

— Ah, sim! — Acrescentou, ainda de cabeça baixa: — Você vai tocar violão e cantar com os meninos...

Em vez de se deixar abater, o moral de Sheridan reforçou-se, provocado por aquela manobra maldosa que ela jamais teria sido capaz de imaginar. Pelo que Julianna acabara de dizer, era evidente que aquela festa fora deliberadamente organizada de maneira a mantê-la o tempo todo em foco. Os convidados limitavam-se aos casais amigos dos Westmoreland que ela conhecera melhor, o que fazia supor que eles eram coniventes com o castigo-humilhação da ex-noiva de Stephen que se tornara governanta, e que haviam sido escolhidos porque jamais espalhariam mexericos a respeito daquilo em Londres, porque não iriam querer embarçar o conde. Ela não teria paz nem mesmo para jantar. Enfureceu-se ao pensar que seria obrigada a se exhibir para diverti-los.

— Aqueles monstros! — a voz dela vibrava de revolta. Julianna terminou de calçar o sapato e ergueu a cabeça:

— Os meninos? Eles estão no quarto, aí em frente e...

— Não *esses* monstros — disse Sherry, sem pensar. — Os monstros adultos. Você disse que "eles" estão na sala de estar?

Sem dar atenção ao olhar espantado de Julianna, a mulher que ela admirara pela serenidade marchou para fora do quarto com um feroz olhar combativo que teria feito Napoleão Bonaparte pensar duas vezes se a tivesse tido como inimiga. Sheridan sabia que ia perder o emprego pelo que ia fazer, e que os Skeffington podiam até mandá-la embora antes de voltarem para casa. Lady Glenda era ambiciosa, esperta, e não demoraria muito a

perceber que a governanta de seus filhos era desprezada pelos nobres além de ser a figura em foco daquela estranha festa. Além disso, a dama estava disposta a sacrificar a única filha na tentativa de se introduzir no círculo social dos Westmoreland, e não hesitaria um instante em despedi-la quando soubesse que a nobre família tinha má opinião a respeito dela.

Mas nada disso importava para Sherry, enquanto ela descia a escada. Não ia permitir que esses convencidos aristocratas ingleses a torturassem por causa de um doentio, distorcido desejo de vingança.

Cega a tudo o mais, Sheridan localizou a sala de estar com a ajuda de um laçao e defrontou-se com outro criado, que se encontrava diante da porta fechada.

— Desejo falar com a duquesa de Claymore imediatamente — informou-lhe, certa de que ele ia dizer que era impossível e que estaria disposto a obrigá-la a retirar-se, se fosse o caso. — Meu nome é Sheridan Bromleigh.

Ficou chocadíssima quando o laçao fez um cumprimento com a cabeça e abriu a porta, dizendo:

— Sua Alteza está esperando a senhora.

Ouvir aquilo removeu todo o resto de dúvida que ela pudesse ter sobre a intenção de que queriam puni-la naquela festa.

— Eu devia ter imaginado isso — comentou, com desdém. Risos e vozes femininas interromperam-se no momento em que ela entrou na grande sala. Ignorando Victoria Seaton e Alexandra Townsend, Sherry passou também pela duquesa-mãe e por Miss Charity sem um aceno de cabeça sequer, parando por fim diante da duquesa de Claymore.

Baixou os olhos fuzilantes para contemplar a linda mulher de cabelo negro que um dia considerara como irmã e disse com voz alterada pela dor do ultraje:

— Madame está tão pobre de entretenimento que precisa torturar uma criada para se divertir? — perguntou, com *clareza*, de punhos cerrados. — Que outros divertimentos espera que eu lhe ofereça, além de tocar e cantar? Vai exigir que eu dance, também? Por que Stephen ainda não está aqui? Ele deve estar com tanta pressa quanto a senhora para ver o espetáculo começar. — Nesse momento, a voz dela tremeu quase imperceptivelmente: Perderam tempo, Alteza, porque estou indo embora! Entendeu? A senhora obrigou os Skeffington a fazer um gasto exorbitante para as posses deles e os atraiu para cá com a possibilidade de realizar suas aspirações sociais, quando tudo o que quer é vingar-se de mim! Que tipo de *monstros* são vocês, afinal? E, por favor, não *se atreva* a fingir que não planejou este fim de semana com o simples propósito de me trazer até aqui!

Whitney esperava que Sheridan a procurasse, mas não imaginara que o primeiro encontro se tornaria agressivo como um duelo. Em vez de explicar com gentileza o que havia planejado, realmente ela aceitou a batalha verbal e respondeu com uma verdade que,

sabia perfeitamente, iria atingir o coração de Sheridan Bromleigh:

— Tive motivos — disse, com um desafiador erguer de sobrelance — para pensar que você iria me agradecer por trazê-la de volta ao ambiente de Stephen.

— Nunca tive intenções de estar no ambiente dele — rebateu Sherry.

— É por isso que ia à ópera todas as quintas-feiras?

— Qualquer um é livre para ir à ópera.

— Só que você não olhava para o palco; olhava para Stephen. — Sheridan empalideceu:

— Ele sabe? Ah, por favor, diga-me que não contou a ele. Por favor, diga que não fez essa crueldade!

Sabendo que a possibilidade de descobrir a verdade sobre a fuga de Sheridan era mais frágil do que um fio de cabelo e que só descobrindo-a veria se estava errada em julgá-la inocente, Whitney falou com o maior cuidado:

— Por que seria crueldade contar a Stephen que você ia à ópera para vê-lo?

— Ele *sabe*?

Diante de tanta teimosia, Whitney teve que morder os lábios para apagar o espontâneo sorriso de admiração pelo caráter forte daquela moça. Sheridan Bromleigh podia ser uma criada numa sala cheia de aristocratas, mas nada ficava devendo a eles. Por outro lado, a cautela e a teimosia dela estavam criando um impasse. A jovem duquesa respirou fundo, detestando ter que recorrer à chantagem, mas fê-lo sem hesitar:

— Ele não sabe, mas poderá saber, se você não me contar por que vai à ópera apenas para vê-lo, depois de tê-lo abandonado diante do altar.

— A senhora não tem o direito de me perguntar isso!

— Tenho todos os direitos.

— Quem pensa que é? — explodiu Sherry. — A rainha da Inglaterra?

— Eu não penso, *sei* que sou a mulher que foi ao seu casamento e que *você é a* mulher que não compareceu a ele.

— Devia me agradecer por isso!

— Agradecer a você? — A surpresa de Whitney não era fingida. — Por quê?

— Por que está me fazendo essas perguntas? — reagiu Sheridan. — Por que insistir em coisas sem importância?

Whitney olhou para as próprias mãos:

— Não acho que o coração e a vida de meu cunhado sejam "coisas sem importância".
Será que é aí que discordamos?

— Eu gostava mais de você quando ainda não sabia quem eu era, de fato...

O tom de Sheridan demonstrava tanta confusão e incerteza que poderia ser engraçado em outra circunstância. Ela olhou ao redor, como se precisasse ter certeza de que os móveis estavam firmes em seu lugar, que a sala não ia virar de cabeça para baixo, que as cortinas e tapeçarias não iam desaparecer a qualquer momento. Continuou, insegura:

— Você não parecia tão... cruel e indiferente. Depois que Monsieur DuVille me explicou, no dia do casamento, por que Stephen decidiu casar-se comigo, fiz a única coisa que poderia ter feito. Pobre Mr. Lancaster... morreu sem ter Charise a seu lado...

Mentalmente Whitney anotou que Nicholas DuVille iria pagar por sua participação no que havia acontecido, mas tratou de continuar atenta ao seu plano.

— Posso me retirar, agora? — perguntou Sheridan, indiferente a tudo.

— Com certeza — respondeu Whitney, enquanto Victoria e Miss Charity a olhavam, chocadas. Mas quando Sherry chegava à porta, chamou-a:— Miss Bromleigh e sua voz tornara-se suave, gentil, — creio que meu cunhado a ama.

— Por favor, não me diga isso!— Sherry permaneceu de costas para ela, e sua mão segurava a maçaneta da porta com quanta força tinha. — Não faça isso comigo! Ele nunca fingiu que me amava, nunca sequer se deu ao trabalho de mentir a esse respeito quando falamos em casamento.

— Talvez ele não conheça esse sentimento pelo nome, talvez não saiba que a ama, no entanto nunca mais foi o mesmo homem desde que você desapareceu.

Sheridan sentiu-se abalada por uma explosão de esperança e de medo, de tristeza e alegria.

— Não minta para mim, pelo amor de Deus! — implorou, ainda sem olhar para trás.

— Sherry... — Ela voltou-se diante do carinho que percebeu na voz de Whitney. — No dia do seu casamento, Stephen não acreditou que você não voltaria. Mesmo depois que Charise Lancaster destilou todo o veneno que tinha, ele não acreditou nela. Esperou, certo de que você ia voltar e explicar tudo.

Com a sensação de que seu peito ia romper-se, Sherry ouviu a duquesa acrescentar:

— Ele reteve o padre até tarde da noite. Não quis deixá-lo ir embora. Isso não é

esquisito num homem que não a ama? Não é esquisito num homem que ia casar-se com você apenas por sentir-se culpado e responsável? No momento em que ele soube que você não era Charise Lancaster, por que continuaria se sentindo culpado e responsável por você? O ferimento em sua cabeça já sarara há tempo e sua memória voltara...

Sherry ficou abalada ao pensar no que tivera nas mãos e perdera.

— Ele não queria acreditar que você tinha ido embora de vez — afirmou Whitney, emocionada. — O padre não parava de repetir que o casamento teria que ser realizado à luz do sol, antes do meio-dia, como manda a tradição, mas Stephen não queria saber de nada.

Os olhos cinzentos de Sherry encheram-se de lágrimas, e ela abaixou a cabeça para ocultá-las:

— Eu nunca pensei... nunca imaginei... Achei que ele não havia pensado com clareza — Ergueu a cabeça e fitou Whitney. — Ele não podia sequer pensar em se casar com uma governanta.

— Podia, sim! — A risada da jovem duquesa misturou-se com suas lágrimas. — Eu posso falar por experiência própria... e, por tudo o que li a esse respeito na história da família, sei que os homens Westmoreland fazem *exatamente* o que querem e como querem. Lembre-se de que, quando Stephen reteve o padre, ainda com esperança de você voltar e de que se casassem, já sabia que você era a acompanhante paga de Charise Lancaster. Ele não se importou com isso. Havia decidido casar com você, e nada o demoveria. Só você.

Calou-se, observando o rosto bonito de Sheridan, que expressou alegria, angústia e... por fim, esperança. Uma esperança tênue, frágil, mas estava lá, e isso agradou a Whitney, que se viu obrigada a dar um conselho:

— É muito difícil lidar com os homens Westmoreland quando provocados além do que consideram razoável, e creio que Stephen ultrapassou muito esse ponto perigoso.

— Provocados além do razoável? — indagou Sherry, cautelosa. Whitney assentiu:

— Temo que isso tenha acontecido... — Esperou por um sinal de que Sheridan teria a coragem necessária para colocar as coisas nos devidos lugares. — Creio que todo o peso de corrigir o que saiu errado irá ficar nos seus ombros. Para dizer a verdade, a única coisa que você pode esperar de Stephen é oposição. Fria, distante oposição. E, pior, ele será capaz de manifestar a raiva que sente de você.

— Sei...

— Ele não quer saber de você, não admite sequer que se diga seu nome na frente dele.

— Ele... ele me odeia?

A voz dela soou quebrada pela angustiante certeza de que Stephen a odiava e pela aflição de não ter pensado nisso quando fugira.

— Profundamente.

— Mas ele... — Sherry engasgou. — Quero dizer, você acha que antes ele não me odiava?

— Acredito que ele a amava até ver que você não voltou. Eu lhe disse, uma vez, que jamais tinha visto meu cunhado tratar uma mulher do jeito como a tratava. Entre outras coisas, ele era possessivo, o que nunca acontecera antes.

Sheridan abaixou os olhos para as mãos que apertava nervosamente, com medo de ter esperança de fazer aqueles sentimentos reviverem nele. Mas não podia impedir-se de esperar. Afinal, ergueu os olhos para Whitney e perguntou:

— O que posso fazer?

— Pode lutar por ele.

— Como?

— Essa é a parte mais delicada do problema. — Whitney mordeu os lábios para evitar rir da expressão alarmada de Sherry. — Naturalmente, ele tratará de evitá-la. Na verdade, iria embora no momento em que soubesse que você está aqui, se não fosse o aniversário de Noel e se não fosse ficar mal diante dos convidados.

— Então, creio que isso quer dizer que devo ser grata porque as coisas aconteceram assim.

— Eu acho que elas não "aconteceram assim". Você teve *razão* ao pensar que tudo isto foi cuidadosamente planejado — explicou a jovem duquesa, — mas a intenção nunca foi colocá-la em má situação, e sim obrigar Stephen a ficar perto de você o mais possível durante este fim de semana. Além disso, as outras duas governantas foram instruídas para tomar conta dos meninos Skeffington enquanto vocês estiverem aqui. Convenci Lady Glenda de que é melhor você cuidar de Julianna... à distância, é claro. Isso lhe permitirá andar por todo canto, até mesmo cavalgar, se quiser, e estar sempre visível.

— Eu... eu nem sei como agradecer... Não precisa agradecer!

Whitney sorriu, nervosa, e, como queria desesperadamente dar a Sheridan todo o apoio

de que ela precisava para ter coragem de enfrentar o que Stephen iria fazer com ela, confiou-lhe algo que apenas a família sabia:

— Há vários anos meu pai contratou meu casamento com Clayton sem me consultar. Eu... eu tinha um sonho infantil de me casar com um rapaz da nossa propriedade de campo; acreditava que ia amá-lo para sempre, e... e fiz tantas coisas terríveis para evitar o casamento que por fim ele rompeu o noivado e retirou o pedido. Infelizmente, foi só então que descobri que o que eu sentia pelo outro era pura ilusão e que, de fato, amava Clayton. Só que a essa altura ele agia como se não me conhecesse.

— Mas é evidente que mudou seu modo de pensar...

— Não tão simplesmente — confessou Whitney, enrubescendo.— *Eu* mudei o modo dele de pensar. Clayton estava prestes a se casar com outra, e eu... eu vim aqui falar com ele, tentar dissuadi-lo. Stephen me deu todo o apoio, me animou a ficar e a lutar... Como foi algo assim que consertou tudo entre meu marido e mim, planejei esta festa para aproximar vocês.

— As coisas endireitaram assim que ele viu você? Os lindos olhos cinzentos estavam maiores pela ansiedade.

A jovem duquesa deu sua risada musical e sacudiu a cabeça:

— Ele parecia odiar até a minha sombra. Foi a noite mais mortificante da minha vida. Mas quando tudo terminou, quando venci... quando nós dois vencemos... meu orgulho não estava ferido. Clayton era meu.

— Está querendo me avisar que meu orgulho vai sofrer?

— Terrivelmente, a menos que eu esteja muito enganada.

— Obrigada por me alertar— sorriu Sheridan.— Ajuda muito saber que cometeu um erro parecido com o meu e que conseguiu corrigi-lo.

— Não consegui sozinha— lembrou Whitney, suave— . Dá mais força partilhar o sofrimento. E eu tinha um motivo muito importante: impedir que o homem que eu amava se casasse com a mulher errada e fazer que ele viesse para mim. Senão, creio que não teria suportado o desafio...

— Compreendo.— Sherry hesitou, depois seu sorriso se tornou brilhante e sua voz mais forte: — O que devo fazer?

— Primeiro, tem que estar sempre visível, para que ele não deixe de notá-la. E estar

sempre disponível, também.

— Disponível... para ele, você quer dizer?

— Exatamente. Sentindo-se enganado e tendo se decepcionado, Stephen não quer saber de você. Vai ser preciso que você o atraia de um modo irrecusável, irresistível, para tê-lo de volta.

Sheridan assentiu, com o coração batendo descontrolado de medo, esperança e incerteza; então, voltou-se lentamente para as outras damas, que insultara ignorando ao entrar, e viu que as três a fitavam com emocionada e terna compreensão. Olhou primeiro para a duquesa-mãe e Miss Charity:

— Fui imperdoavelmente rude...

Mas a mãe de Stephen fez um aceno com a cabeça e estendeu-lhe a mão.

— Se estivesse na sua situação, querida, eu teria agido do mesmo jeito.

Envolvendo a mão da duquesa com as dela, Sherry apertou-a:

— Sinto, sinto muito!

Victoria Seaton impediu que ela se desculpasse levantando-se e abraçando-a com carinho; depois recuou um pouco e disse, rindo:

— Estamos aqui para apoiá-la, e garanto que você vai mesmo precisar de apoio quando Stephen chegar.

— Não a assuste repreendeu Alexandra Townsend,— rindo também, enquanto se levantava e pegava as mãos de Sheridan. Com uma exagerada imitação de arrepio, acrescentou:— Deixe isso para Stephen!

O sorriso de Sherry foi meio trêmulo:

Os seus maridos sabem o que estão fazendo?

As três damas assentiram, e ela emocionou-se ao saber que eles também a apoiavam.

A tarefa que tinha diante de si era assustadora, e era comovente saber que Stephen se importava com ela a ponto de ter retido o padre até altas horas da noite, quando fugira. No entanto, nunca se sentira tão feliz na vida.

Depois que Sheridan, Alexandra e *Victoria* saíram da sala de estar, as três damas que permaneceram lá, apesar do esforço que faziam para aparentar tranquilidade e confiança, tiveram um sobressalto e ficaram tensas ao ouvir uma carruagem chegar, uma hora mais tarde.

— Deve ser Stephen... — A duquesa-mãe colocou a xícara de chá sobre o pires com um gesto tão nervoso que a delicada porcelana de Sèvres tilintou.

Os convidados para a festa de aniversário tinham chegado durante a manhã, uns após outros, inclusive os Skeffington, mas o conde de Langford não aparecera, e era evidente que algo o atrasara, se é que não o retivera em Londres.

— Se ele não tiver sofrido nenhum acidente, nem tiver sido atacado por ladrões na estrada — acrescentou Lady Alicia, — vou sentir impulsos de atacá-lo! Meus nervos estão no limite, e estou velha para suportar essa espécie de suspense.

Ansiosa demais para esperar que o mordomo anunciasse quem havia chegado, Whitney foi até uma das janelas e deu uma olhadela.

— É ele, querida? — indagou Alicia Westmoreland.

— Sim... Ah, não! — a duquesa de Claymore largou a cortina e voltou-se, nervosa.

— Sim, é ele, ou "ah, não", não é ele? — quis saber Miss Charity.

— Sim, é Stephen... respondeu Whitney.

— Que bom!

— com Monica Fitwaring.

— Que mau! — lamentou a duquesa-mãe.

Entregou o neto que estava em seu colo para Miss Charity Thornton. O garoto de três anos abriu os braços para ela. Miss Charity não fazia parte do complô, mas, como ela e Noel tinham se afeiçoado muito um ao outro, Whitney não tivera coragem de deixá-la fora da festa de aniversário. Ela não sabia de nada até a intempestiva entrada de Sheridan na sala de estar, depois do que lhe informaram o que estava acontecendo.

— Ele trouxe também Georgette Porter.

— Isso é *muito* mau! — desanimou Lady Alicia.

— Eu acho que é ótimo! — exclamou Miss Charity.

Os olhares incrédulos das duquesas fixaram-se nela, que ria para Lorde Noel Westmoreland. Pegou as mãozinhas gorduchas e fez o menino bater palmas e rir, divertido. Só então olhou para as damas, que a observavam como se temessem que tivesse ficado louca.

— Uma mulher ocuparia todo o tempo dele— explicou, toda animada, — duas mulheres ocuparão uma o tempo da outra e o deixarão livre para a nossa Sheridan.

— Infelizmente, Monica e Georgette não se dão bem objetou Whitney.

Miss Charity fez um gesto de descaso:

— Querendo que Langford tenha boa opinião sobre elas, irão fazer o possível para sobrepujar uma à outra em gentilezas mútuas. Ou então acrescentou, franzindo a testa enquanto pensava por momentos irão se unir e dirigir toda a sua maldade e malícia para a nossa pobre Sherry... fazendo com que o conde preste atenção nela.

Sem saber se gostara da segunda possibilidade, a duquesa de Claymore fitou a sogra:

— O que devemos *fazer*?

— Não querendo ficar fora da conspiração nem por uma fração de segundo, Miss Charity — respondeu, em lugar da duquesa-mãe:

— Vamos convidar Monsieur DuVille para nos ajudar!

Os nervos da duquesa Alicia realmente estavam tensos, pois ela voltou-se e fuzilou Miss Charity com o olhar:

— Que ideia mais absurda! Como sabe, Stephen tem aversão até ao nome desse homem, — desde o dia em que Sherry desapareceu.

Preocupada com a impaciência da sogra, Whitney interferiu rápido:

— Por que não leva Noel para dar um passeio no jardim, Miss Charity? — sugeriu, sorridente. Recomendei às governantas que levassem os meninos para junto do lago, a fim de verem os cisnes, e entreguei-lhes bombons para que dessem a eles. Se nossa ”governanta especial” aparecer por lá, a senhora poderá vigiá-la para nós.

—Charity assentiu de boa vontade, pôs Noel no chão e deu-lhe a mão:

— Muito bem, meu jovem lorde, vamos, que temos uma missão de espionagem!

Noel soltou a mãozinha e sacudiu a cabeça, agitando os cachos de cabelos castanho-escuros e dizendo:

— Primeiro, o beijo de até-logo!

Correu para beijar a avó e a mãe, pois sabia que elas gostavam que fizesse isso. Depois, satisfeito, voltou rindo para Miss Charity, deu-lhe a mão e saiu com ela pelas portas envidraçadas que se abriam para o imenso e bonito jardim.

A duquesa-mãe manteve o sorriso enquanto o neto esteve à vista, mas assim que ele desapareceu o sorriso fez o mesmo, e ela focou o olhar irado na porta que dava para o *hall*. O nervosismo a fizera atingir o limite da paciência: estava irracionalmente zangada com Stephen por ter atrapalhado os planos de reconciliação com Sherry, que ela fizera tão cuidadosamente, trazendo não apenas uma, mas duas mulheres para a festa. E estava injustamente zangadíssima com as duas moças por terem vindo. Sem saber do mau humor da mãe, o conde entrou na sala com as convidadas e dirigiu-se direto para Lady Alicia:

— Parece cansada, mamãe observou, beijando-a no rosto.

— Eu não *pareceria* cansada se você não se empenhasse em se atrasar e me deixar preocupada.

Stephen ficou tão surpreso pelo tom impaciente que nem pensou em reagir à crítica injusta.

— Eu não sabia que havia hora marcada, e sinto muito se a fiz ficar aflita.

— É muito deselegante fazer os convidados esperar — atacou a dama outra vez.

Intrigado, ele fitou-a com as sobrancelhas franzidas:

— Meu humilde pedido de desculpas pelo atraso, Alteza. Com uma reverência formal, acrescentou: Pela *segunda* vez.

Procurando não dar atenção à implicância da mãe, fez um aceno para suas convidadas:

— Mãe, creio que já conhece Miss Fitzwaring...

— Como vai seu pai, Monica? — perguntou a duquesa-mãe à jovem, que lhe fez uma graciosa reverência.

— Muito bem, obrigada, Alteza. Ele mandou seus mais respeitosos cumprimentos.

— Retribua-os por mim, por favor. E agora, sugiro que suba para seu aposento e fique lá descansando a fim de recuperar-se da viagem, pois você está com ar muito cansado e abatido.

— Não estou cansada, Alteza— retrucou Miss Fitzwaring, ofendida com a insinuação de que não estava com a melhor das aparências.

Lady Alicia ignorou-a, estendeu a mão para a outra moça e disse, enquanto ela a reverenciava:

— Ouvi dizer que você esteve muito doente nos últimos dias, Miss Porter. Pode passar o fim de semana em seu aposento, repousando.

— Ah! Foi no ano passado que adoeci, Alteza. Já estou completamente boa.

— Prevenir é o segredo da boa saúde — insistiu a duquesa-mãe. É o que meu médico diz, e foi o que me fez viver todos esses anos com *tanta* saúde e *incrível* disposição.

Whitney adiantou-se e cumprimentou as inesperadas hóspedes antes que elas resolvessem fazer tudo ao contrário para demonstrar que estavam ótimas.

— Vocês duas me parecem muito bem, mas tenho certeza que precisam de alguns minutos para ajeitar suas coisas e refrescarse...

Sorrindo amavelmente, conduziu a mortificada Miss Porter e a ofendida Miss Fitzwaring à porta para que o mordomo informasse quais eram os seus aposentos ao laçao que as conduziria para cima.

— Onde está meu sobrinho? — perguntou Stephen, depois de dar um beijo no rosto da cunhada. — E onde acrescentou num sussurro irônico — está o bom humor da minha mãe?

— Noel está com Miss Charity no... começou Whitney, quando se lembrou do plano. Tinha que colocá-lo em ação de imediato. Daqui a meia hora todo mundo estará junto ao lago, onde vai haver uma brincadeira com as crianças, e Noel estará lá, com os filhos dos convidados.

Cisnes deslizavam suavemente na água tranquila como um espelho. Sheridan e as outras duas governantas permaneciam de pé próximo de um gracioso coreto branco, olhando as crianças, que brincavam com patinhos à beira do pequeno lago, no centro do grande jardim. As vozes agudas, felizes, que às vezes se erguiam mais tentando fazer os cisnes se aproximarem da beira, misturavam-se com as vozes mais reservadas e profundas dos Fielding, Townsend, Skeffington e Westmoreland.

Sheridan prestava atenção nas crianças, mas nenhum som foi mais alto do que as batidas de seu coração quando, afinal, viu Stephen sair da casa, em companhia das moças. Whitney tinha parado um instante perto dela, antes de reunir-se aos convidados, avisando num murmúrio que ele tinha vindo com duas jovens, mas Sherry mal prestara atenção. Em sua cabeça continuavam ressoando as palavras *"Stephen reteve o padre até tarde da noite. Ele não podia, não queria acreditar que você não ia voltar"*.

Toda vez que pensava nisso sentia um misto de ternura e arrependimento, e renovava-se a coragem, a determinação de enfrentá-lo e de fazer "qualquer coisa" para tê-lo de volta.

O conde de Langford ouvia algo que Monica lhe dizia, com um sorriso ausente e o olhar nas crianças. À medida que ele se aproximava, mais o coração de Sheridan se agitava em seu peito e suas batidas pareciam rugir em seus ouvidos. Nesse momento, Noel saiu correndo na direção dela, com Miss Charity atrás; parou e ofereceu-lhe uma flor, que a velha governanta apanhara e lhe dissera para dar a Sherry.

— Flor para você— disse, e os olhos azuis da família brilhavam de entusiasmo. Ficou claro por que Miss Charity tinha feito aquilo quando ela disse:— Langford vai querer abraçar Noel, e se o menino estiver com você nosso nervosismo vai durar menos tempo do que se tivermos que esperar até que Stephen a perceba entre as outras governantas.

Sherry não gostou da ideia, mas abaixou-se e aceitou a flor oferecida pelo pequeno, que era muito parecido com o tio e o pai.

— Obrigada pela gentileza, *sir* — disse, observando Stephen pelo canto dos olhos.

Ele se aproximava do coreto; mais adiante, reunidos sob um enorme carvalho, a maioria dos adultos observavam disfarçadamente, enquanto a conversa e os risos deles

diminuíam.

Noel observou que os cabelos dela flamejavam à luz do sol e ergueu a mão para tocá-los, mas hesitou, perguntando:

— Queima?

— Não — respondeu ela, sentindo imensa vontade de abraçar a adorável criança. — Não é quente.

Ele riu, e ia pôr a mãozinha nos cabelos ruivos quando Stephen gritou, chamando-lhe a atenção:

— Noel!

Noel voltou-se, começou a rir e, antes que Miss Charity pudesse impedir, saiu correndo para o tio, que o ergueu nos braços.

— Como você cresceu! — O conde segurou-o no colo, encaminhando-se para o grupo de adultos sob a árvore. — Sentiu saudades do tio?

— Senti! — exclamou Noel, enfático, abraçando-lhe a cabeça quando passavam a poucos metros de Sheridan.

Ela sorriu hesitante para o menino, que imediatamente fez força para descer do colo do tio.

— Já não me quer mais?— indagou Stephen, olhando-o surpreso e um tanto magoado. Parece brincou, dirigindo-se aos Townsend e aos Fielding, assim como a Georgette e Monica que preciso aparecer mais e dar-lhe mais presentes.— Aonde é que vai, juvenzinho?

Noel fitou-o com adoração e apontou para a moça parada a poucos passos, vestida de azul-marinho, explicando:

— Primeiro, um beijo de até-logo!

Sem saber que era observado pelo grupo sob o carvalho, Stephen olhou na direção que o menino apontava e ficou paralisado, com os olhos fixos em Sherry, que se abaixou para receber o beijo de Noel, mas olhava para ele.

Whitney observou a reação do cunhado: viu os maxilares cerrarem-se com força e um músculo pulsar nas extremidades. Secretamente ela esperara que talvez ele pensasse que os Skeffington eram antigos conhecidos e que a presença de Sheridan era pura coincidência, mas sua esperança demonstrou-se vã. Stephen voltou a cabeça devagar e

olhou-a direta e penetrantemente. Seu silêncio gelado acusou-a de traição e cumplicidade; depois ele se voltou e caminhou rápido para a casa.

Temendo que ele fosse embora, a jovem duquesa colocou o copo de vinho sobre a mesinha, pediu licença aos convidados e foi atrás dele. As pernas do lorde eram longas e ele não ligava para o que pudessem pensar, por isso entrou em casa minutos antes dela. O mordomo fora providenciar que trouxessem sua carruagem, como ordenara, enquanto ele ia para o andar de cima.

Depois de subir a escada correndo e bater inutilmente à porta do quarto do cunhado, Whitney chamou:

— Stephen? Stephen, eu sei que você está aí...

Girou a maçaneta da porta, que não estava trancada e abriu-se. Entrou e viu-o diante do armário, terminando de abotoar a camisa limpa que vestira. A expressão dele tornou-se mais dura do que quando a olhara lá fora.

— Stephen, escute, por favor...

Saia ordenou ele, seco, pegando a casaca.

— Você não vai embora, vai?

— Embora? A voz de Stephen soava áspera, abafada. Não *posso* ir embora! Você pensou em tudo. Meus cumprimentos, *Alteza*— *ênfaticou*, irônico, — por sua duplicidade, desonestidade e deslealdade.

— Stephen, por favor — implorou ela, dando uns passos oscilantes para dentro do quarto. Ouça-me, sim? Sherry pensou que você fosse se casar com ela por piedade. Eu achei que, se tivesse a chance de encontrá-la, você...

Stephen aproximou-se dela e parou, com ar ameaçador:

— Se eu quisesse vê-la, teria ido à casa do seu amigo DuVille — a voz dele tornou-se escarnecedora, — que é para onde ela foi quando fugiu de mim.

Whitney recuou enquanto falava:

— Se ao menos você tentasse ver os fatos pelo lado dela...

— Se for esperta — cortou ele, em tom áspero,— você vai tratar de se manter longe de mim este fim de semana, Whitney. E quando a "festa" terminar, só se comunique comigo através de meu irmão, por favor. Agora, suma da minha frente.

— Eu sei que você a ama e pensei que...

Segurando-a pelos ombros, ele a tirou de sua frente e passou. Em doloroso silêncio, ela viu-o sair do quarto e ouviu seus passos descendo a escada.

— Meu Deus... — murmurou baixinho.

Conhecia Stephen Westmoreland há mais de quatro anos, e jamais imaginara que ele seria capaz de sentir o ódio virulento que vira em seus olhos quando a fitara.

Devagar, desceu também a fim de reunir-se aos convidados para a festa, que começara sob maus auspícios. Soube, então, que Stephen levava Monica e Georgette para um passeio na cidade, o que significava que ficariam fora pelo menos por duas horas. Lady Skeffington parecia mais decepcionada do que os outros pela retirada do conde, só que por motivos diferentes, é claro. As duas únicas pessoas que não estavam deprimidas eram Sir John, que tomava seu segundo cálice de madeira o que felizmente o fazia ficar sossegado num canto, e Julianna Skeffington, que conversava animadamente com Sheridan e a ajudava a cuidar das crianças. Com um sorriso, ela acabara de tirar Noel dos braços de Sherry e o abraçou carinhosamente; depois disse algo com expressão claramente comovida.

Um pouco à parte, a duquesa-mãe observava a jovem loira, procurando esquecer a rancorosa reação de Stephen diante da presença de Sheridan. Quando a nora se aproximou, disse-lhe, discretamente:

Julianna Skeffington sabe de alguma coisa... Ela notou o olhar cheio de ódio que Stephen deu a Sheridan quando a viu e aproximou-se dela no mesmo instante. Quando conversamos, no início da tarde, achei-a encantadora e inteligente...

Whitney forçou-se a deixar de lado as coisas terríveis que o cunhado lhe dissera e pensar em Julianna:

— E é muito bonita, também concordou.

— É incrível como a caprichosa natureza fez com que esse homem — Lady Alicia olhou com desgosto para Sir John e essa mulher fez um leve aceno de cabeça na direção de Lady Glenda produzissem uma criatura tão delicada e linda!

Havia sempre um grupo de criados disponíveis para ajudar os hóspedes recém-chegados a descer das carruagens e levar os veículos e cavalos à estrebaria, mas, quando Stephen voltou do passeio à cidade, ninguém saiu da casa para recebê-lo. O único criado à vista era um laçao que, de pé junto à escada, parecia olhar distraidamente as colinas, que ondulavam, depois de um terreno plano, a partir dos fundos da casa. O homem estava tão

concentrado no que pensava ou via, que não ouviu a carruagem chegar e só se voltou quando o conde a fez parar atrás dele. Então virou-se rápido e com ar culpado correu para segurar as rédeas.

— Onde estão todos? — perguntou o lorde, notando que o mordomo não abria a porta, como seria de se esperar.

— Na hípica, depois da estrebaria, milorde. Está havendo um grande espetáculo, segundo me disseram, e ninguém quer perdê-lo. Pelo menos, foi o que me disse uma criada, que foi correndo para lá.

Tornando a pegar as rédeas das mãos do lacai, Stephen decidiu levar pessoalmente a carruagem para os fundos, a fim de ver o que ele classificara de "grande espetáculo". Depois da estrebaria e das construções onde os cavalos eram escovados e alimentados antes de serem levados para as baias, havia uma cerca que separava o terreno da casa propriamente dito de uma enorme área gramada. De um lado dessa área o gramado estendia-se até uma extensão de colinas arborizadas, fechada por sebes e uma cerca de pedra, onde os Claymore costumavam treinar os cavalos para caçadas; do outro, havia uma pista de hipismo. Quando Stephen parou a carruagem, junto da entrada da estrebaria, viu que boa parte da cerca estava ocupada por lacaios, mordomos, cocheiros, criados e cavaleiros; a criadagem feminina misturava-se a eles, só que sem subir na cerca. Ajudou Monica e Georgette a descerem da carruagem, enquanto reparava que todos, tanto os convidados quanto os Westmoreland, menos sua traidora cunhada, encontravam-se de pé do lado de dentro do gramado, junto da porteira da cerca, absortos por algo que se passava no campo gramado. Observou o perfil do irmão, enquanto se aproximava do grupo com as companheiras, e imaginava se Clayton havia colaborado com o esquema de Whitney. Não podia acreditar que seu irmão fosse capaz daquilo, mas, como não tinha absoluta certeza, preferiu falar com Jason e Victoria Fielding, e foi deles que se aproximou:

— O que vocês estão olhando?

— Espere e veja por si mesmo respondeu Jason, com um sorriso misterioso. Eu não quero estragar a surpresa contando o que é.

Parecendo ter dificuldade de enfrentar os olhos do conde, Victoria Fielding confirmou:

— É impressionante!

Stephen achou que tanto os Fielding quanto os Townsend se mostravam muito esquisitos; havia uma espécie de nervosismo nas mulheres, e os homens estavam inquietos. Talvez, pensou, eles se sentissem pouco à vontade por causa da presença de Sheridan Bromleigh... ou talvez soubessem de antemão que ela iria estar na festa e sentiam culpa diante dele, por não tê-lo avisado. Observou, atento, as quatro pessoas que considerava amigas, tentando imaginar se a amizade estava prestes a terminar para sempre. As mulheres sabiam, era evidente, percebeu, quando viu que Alexandra Townsend corava ao notar que ele a olhava. Desde que vira sua ex-noiva a poucos passos de distância, havia mais de duas horas, Stephen não se permitira pensar nela. Apagar a presença dessa mulher era o único jeito de conseguir permanecer em Claymore.

Sherry fingira ser quem não era, e, quando fora desmascarada, fugira para junto de DuVille, lembrou-se com raiva, deixando-o à espera como um idiota, com o padre e sua família.

Nas semanas seguintes à fuga, ele relembrou tudo o que ela havia dito enquanto supostamente sofria de amnésia, e o que mais o impressionara fora o que dissera impulsivamente ao recusar uma acompanhante. "Não preciso de acompanhante. Eu sou uma..."

Tinha que reconhecer, ela era uma excelente atriz, disse a si mesmo pela milésima vez, lembrando-se da meiguice de seu olhar no momento em que se fitaram, junto do coreto. Ela sustentara os olhos dele sem se alterar. Ele seria capaz de jurar que tinha o coração nos olhos, se ela tivesse coração. E não tinha consciência, também, concluiu. Ela ia fazer nova tentativa, soube com absoluta certeza ao ver aquela expressão suplicante em seu adorável e enganoso rosto pela manhã.

DuVille a mantivera só para seu prazer naquelas semanas todas, mas pelo jeito se cansara logo dela e a mandara embora. O fato é que agora Sherry trabalhava como governanta, e, claro, sonhava com uma vida melhor. Pelo olhar intenso que lhe dera, esperava que ele ainda fosse sensível à sua atração como antes.

Livrando-se daqueles pensamentos amargos, ele ia falar com um dos lordes quando soou a entusiasmada exclamação de Victoria:

— Vejam, começou de novo!

Imediatamente ele olhou na direção em que ela apontava. Na pista de treino, na parte em que havia obstáculos, dois cavaleiros galopavam a toda a velocidade, lado a lado, inclinados sobre o pescoço dos cavalos. Reconheceu Whitney no mesmo instante: ela era uma das mais habilidosas campeãs de equitação que conhecia. O rapaz que galopava ao lado dela e que a ultrapassava aos poucos, mas com firmeza, vestindo calças justas, camisa e botas, era mais habilidoso do que Whitney. Com o rosto colado ao pescoço da montaria, chegou aos obstáculos antes da jovem duquesa e passou a saltá-los de um modo que o conde nunca vira: confiante, firme, soberbo.

— Nunca vi esse cavalo saltar dessa maneira! — exclamou Clayton, admirado. Esquecido das dúvidas do irmão sobre sua lealdade fraternal, acrescentou: — Stephen, você cavalgou o Commander na última caçada. Ele é rápido no plano, mas você sabia que saltava desse jeito?

Stephen apertou os olhos ao sol da tarde, observando os cavalos saltarem os obstáculos com perfeição, depois continuarem galopando juntos até o outro lado da pista. Como não podia fazer perguntas ao irmão a respeito de Sherry naquele momento, respondeu no que supunha ser uma voz firme, sem emoções:

— Não. E parece que o cavaleiro está contendo Commander, para que não vença Khan...

— E Khan sempre foi mais dócil do que Commander, em saltos de obstáculos — explicou Clayton aos amigos.

Os cavaleiros chegaram até a cerca, na outra extremidade, e então dirigiram os cavalos, juntos e velozmente, para a porteira, perto da qual se encontravam os espectadores. Como no ano anterior Clayton contratara treinadores novos para os cavalos, Stephen supôs que ele dera ao jovem cavaleiro uma chance de mostrar suas habilidades. Os cavalos se aproximavam, e ele ia sugerir ao irmão que pegasse aquele jovem como empregado permanente quando aconteceram duas coisas que o fizeram ficar calado: um cavaleiro que estava junto da porteira correu para a pista e jogou um saco de cereais vazio no chão. Imediatamente, quem cavalgava Commander dirigiu o imponente garanhão para o saco e foi se inclinando para a direita, cada vez mais baixo, à medida que a distância que o separava do saco ia diminuindo; de repente, seu cabelo se soltou.

A cabeleira flamejante agitava-se ao vento, enquanto a amazona se inclinava e

descia mais e mais, dando a impressão de que ia cair. Monica deixou escapar um grito de medo; Stephen deu um passo, sem perceber, e ia correr no impulso de socorrer a audaciosa amazona quando Sheridan pegou o saco do chão e se reergueu agilmente sobre a sela, entre os aplausos entusiasmados, vivas e gritos de criados e convidados.

Em menos de um segundo o temor que Stephen sentira foi substituído pela raiva. Raiva por ter se apavorado com aquela exibição que classificou de idiota, fúria por deixá-la conseguir mexer com os sentimentos dele. Enquanto o conde lutava para controlar-se, Sherry fez o cavalo galopar direto em sua direção. Monica e Georgette recuaram com gritinhos assustados, mas Stephen cruzou os braços e permaneceu no lugar, imóvel, com a absoluta certeza de que ela sabia o que estava fazendo. Quando o cavalo se encontrava quase em cima dele, deteve-se de repente, ao mesmo tempo em que a amazona passava uma das pernas para o outro lado e saltava graciosamente para o chão. Enquanto os criados gritavam e os convidados batiam palmas, Sheridan parou diante dele, com um sorriso no rosto corado e radiante. Fitando-a com ar impassível, ele reparou nos grandes olhos cinzentos: imploravam que ele sorrisse para ela.

Em vez de sorrir, mediu-a com um olhar insultante, desde o maravilhoso cabelo flamejante até as pontas das pequenas botas negras, e indagou com desprezo:

— Ninguém lhe ensinou como se vestir?

Ouviu uma risada irônica de Georgette e viu que Sheridan estremecia mas não desviava os olhos dos dele. Com todo mundo assistindo, ela falou, com voz firme porém meiga:

— Antigamente era costume o vencedor de um torneio oferecer o símbolo de sua vitória e seus favores a alguém, num gesto de *alta* consideração e *profundo* respeito.

Stephen não sabia do que Sheridan falava, até que ela lhe ofereceu o saco de anagem e acrescentou, em voz baixa:

— Meus favores, Lorde Westmoreland.

E ele pegou o saco antes de perceber que o fazia.

— Que falta de pudor, que desfaçatez ultrajante! — zangou-se Monica, falando alto e bastante para que todos ouvissem.

Lady Skeffington dava a impressão de que ia se desmanchar em lágrimas de tanta mortificação:

— Miss Bromleigh! — gritou, irada.— Esqueceu-se do seu lugar? Peça perdão a todos, depois suba ao seu quarto, arrume suas coisas e vá embora imed...

— Então, eu também vou!— cortou Julianna, dando o braço para Sherry e dirigindo-se com ela para casa. Miss Bromleigh, tem que me contar como aprendeu a cavalgar assim e como consegue...

Victoria destacou-se do grupo e parou, olhando para os Skeffington:

— Miss Bromleigh e eu somos americanas explicou. Faz tempo que estou com saudade de conversar com alguém da minha terra. Voltou-se para o marido: Você me dá licença até o jantar?

Jason Fielding, que havia sido objeto de muito falatório e proscrito pela falsa aristocracia, sorriu para a jovem esposa, que revertera essa situação. Fez uma reverência leve, olhou-a com profundo carinho e respondeu:

— Sim, mas quero que saiba que ficarei desolado sem a sua companhia, madame.

— Também eu quero saber coisas da América — anunciou Alexandra Townsend, separando-se do grupo. Sorriu para Lorde Townsend:— E o senhor, milorde? Posso ter esperança de que vai ficar desolado sem a *minha* companhia?

Jordan Townsend, que sempre se referia à sua união com a jovem Alexandra como um "casamento obrigatório por inconveniência", fitou-a com indisfarçado amor:

— Fico sempre desolado sem você, como sabe perfeitamente. Whitney esperou até que suas companheiras conspiradoras estivessem longe para fixar um luminoso sorriso no rosto e dar uma desculpa para retirar-se, mas Lady Skeffington a impediu:

— Não posso imaginar o que deu em Sheridan Bromleigh — disse, vermelha de raiva e vergonha. Sempre disse a Sir John que é muito difícil arranjar uma boa governanta... — Voltou-se para o marido: Eu não vivia dizendo isso?

Sir John assentiu, soluçou e confirmou:

— Sim, minha pombinha.

Satisfeita, ela tornou a voltar-se para a jovem duquesa:

— Imploro-lhe que me ensine como consegue.

Num esforço, Whitney retirou sua atenção de Stephen, que conversava com Monica e Georgette como se nada tivesse acontecido, tendo aos pés, largado no chão, o saco que Sheridan lhe oferecera.

— Desculpe, Lady Skeffington, eu estava distraída. O que a senhora quer saber?

— Como a senhora consegue boa criadagem? Mas seja ou não difícil, com certeza não posso continuar com essa americana de cabelo vermelho. Tenho muito medo de conservá-la junto de meus filhos por mais uma hora sequer.

— Eu não considero as governantas parte da "criadagem"...

A duquesa de Claymore começara a falar pensando que Stephen não prestava atenção no que acontecia, mas ele a interrompeu e disse a Lady Skeffington, com aspereza:

— Minha cunhada as considera como parte da *família*. Pode-se até dizer que as coloca acima da família. Voltou o olhar gélido para Whitney e indagou, sarcástico: — Não é isso?

Era a primeira vez que ele falava com Lady Skeffington desde que fora apresentado a ela, e a dama encarou o fato como um encorajamento, sem sequer perceber o profundo sarcasmo das palavras dele. Deixando cair o tema governanta, aproximou-se do lorde:

— Minha querida Julianna é como a duquesa, milorde deve ter notado. Logo se arvorou em defensora de Sheridan Bromleigh. Julianna é tão maravilhosa! E foi por aí a fora, conseguindo enfiar-se entre o conde e Monica. Tão leal, tão meiga, tão...

Quando Stephen se encaminhou para casa, a dama ainda estava ao lado dele, falando, falando, com Sir John trotando pouco atrás.

— Juro que quase sinto pena dele! — exclamou Clayton, olhando o trio que se distanciava.

— Eu, não! — contrapôs Whitney, ainda magoada com o que o cunhado dissera. Depois, com um olhar de desculpas dirigido aos cavalheiros, disse: — Preciso conversar com Victoria e Alexandra...

Os três lordes, em silêncio, olharam-na retirar-se, e então Jason Fielding falou, ecoando os pensamentos dos outros dois:

— Apesar do que nossas esposas acreditam, isso tudo é um erro. Não vai dar certo. Fitando Clayton, continuou: — Você, que conhece Stephen melhor do que eu e Jordan, o que acha?

— Acho que vocês têm razão — anuiu Clayton, sombrio, lembrando-se da expressão do conde quando Sherry meigamente lhe oferecera seus "favores". — Acho que é um erro *enorme* e que Sheridan Bromleigh vai sofrer muito... Stephen classificou-a como uma

cínica oportunista que fugiu ao ser desmascarada por medo de acabar presa; acha que ela recuperou a coragem porque ele *não* a denunciou à polícia como impostora e que resolveu tentar envolvê-lo de novo. Nada do que ela diga ou faça irá adiantar, porque teria que provar que ele está enganado. E ela não pode provar isso.

As esposas, que haviam se reunido no salão azul para discutir a situação, eram da mesma opinião.

Whitney, recostada na poltrona, olhando as mãos, pensativa, ergueu a cabeça e fitou as conspiradoras, entre as quais se contava a duquesa-mãe, que vira o espetáculo equestre da janela de seus aposentos.

— Foi um erro disse, com um suspiro.

Tive vontade de chorar ao vê-lo ignorar a oferta. A voz de Alexandra também soava triste. Sheridan é uma pessoa tão confiante, franca e vulnerável!

Olhou por cima do ombro para incluir Miss Charity Thornton na conversa, mas a bondosa dama nada tinha a dizer. Encontrava-se no banco junto de uma das janelas, com a testa franzida pela concentração, dando a impressão de estar completamente alheia, de não estar ouvindo nada do que se dizia na sala.

— Temos mais um dia e uma noite inteiros pela frente — lembrou a mãe de Stephen. — Quem sabe ele ainda cede.

Lady Whitney balançou a cabeça:

— Não. Pensei que fosse conseguir fazê-lo me ouvir, mas, mesmo que ele o fizesse, não mudaria de ideia. Tenho certeza disso, agora que sei que ele descobriu que Sherry foi para a casa de Nicki no dia em que fugiu. Todas nós sabemos o que ele pensa de Nicholas DuVille...

Ao ouvir isso, Miss Charity voltou-se, e sua testa enrugou-se mais ainda pela concentração profunda, enquanto Whitney continuava falando:

— O fato é que Stephen não irá acreditar em nada do que Sherry diga se não tiver provas. As atitudes dela falam tão alto, que para ele nada mais importa. Alguém teria que dar-lhe outro motivo plausível para ela ter fugido e... Interrompeu-se ao ver que Miss Thornton se levantava e saía silenciosamente da sala. Comentou, penalizada:— Creio que Miss Charity não está se sentindo bem com todo este nervosismo...

— A mim ela disse que achava tudo muito excitante esclareceu a duquesa-mãe, aborrecida.

Da perspectiva de Sheridan, que estava à janela de seu quarto vendo Stephen rir de algo que Monica dissera, a situação se apresentava ainda mais desesperadora. Não podia falar-lhe a sós porque era evidente que ele não iria cooperar com nada que ela fizesse para isso; não podia falar-lhe na frente dos outros, como verificara ao tentar comunicar-se com ele oferecendo-lhe seus "favores": havia sido um verdadeiro desastre!

A decisão de Stephen de ignorar a existência de Sheridan tornava-se cada vez mais difícil à medida que o entardecer se transformava em noite. Piorou muito quando a viu movimentar-se na área do jardim iluminada por tochas, onde estavam pondo a mesa para o jantar. O choque de vê-la inesperadamente ao chegar a Claymore fortalecera sua decisão de ignorá-la nas primeiras horas, mas o choque fora desaparecendo, e ele já não tinha mais esse apoio. Junto ao grupo de convidados, com o ombro encostado no tronco de um carvalho, ele podia olhá-la à vontade sem ser observado, enquanto lembranças que não conseguia conter se atropelavam em sua mente.

Via Sherry do lado de fora de seu escritório, falando com o mordomo.

Bom dia, Hodgkin. Você está muito elegante hoje. Roupa nova?

Sim, miss. Obrigado, miss.

E eu estou de vestido novo confiara ela, girando para o mordomo apreciar melhor. *Não é lindo?*

Alguns minutos depois, antes de dizer-lhe que queria que ela conhecesse outros pretendentes, Stephen lhe perguntara por que não tinha lido as revistas que lhe trouxera.

Por acaso leu alguma delas? perguntara ela, fazendo-o rir mesmo antes de começar a descrever as revistas. Há *uma chamada* Museu Mensal das Damas ou Polido Repositório de Divertimento e Instrução: Uma Reunião de Tudo o que Tende a Conservar a Beleza, Instruir a Mente e Exaltar o Caráter das Damas Britânicas explicara ela. O *artigo ensina a passar ruge nas faces! É absolutamente fútil dissera* ela, com um sorriso divertido. *Você imagina como isso pode "instruir a mente" ou "exaltar o caráter"?*

No entanto, mais do que tudo, lembrava-se de como se sentia quando Sherry se derretia em seus braços, e da doce generosidade de sua boca romântica. Ela era naturalmente tentadora,

verificou. O que lhe faltava em experiência sobrava em paixão espontânea.

Poucos minutos antes, ela entrara em casa para buscar os garotos Skeffington, que, parecia, iam cantar para distrair os convidados; quando saíra, Stephen vira que carregava uma espécie de instrumento. Precisara violentar-se para desviar os olhos dela e obrigar-se a olhar o copo que tinha na mão. Não queria encontrar os olhos dela, não queria começar a querê-la.

Não queria *começar* a querê-la?, perguntou a si mesmo, desgostoso. Começara a querer Sheridan no momento em que ela abria os olhos no seu quarto, em Londres, e a queria dolorosamente agora, poucas horas depois de tornar a vê-la. Mesmo com aquele vestido simples, severo, e o cabelo preso em discreto coque atrás da cabeça, ela fazia seu corpo arder de desejo.

Relanceou os olhos por Monica e Georgette, que conversavam com sua mãe. Eram duas mulheres bonitas bem vestidas, uma de amarelo, a outra de rosa, bem penteadas e bem comportadas. Nenhuma das duas seria capaz de se vestir como um cavaliço e montar aquele diabólico cavalo.

Além disso, nenhuma das duas ficaria gloriosa como Sherry se o fizesse.

Nenhuma das duas lhe ofereceria um saco vazio de aniagem com um suave sorriso, na certeza de que fazia uma homenagem a ele.

Principalmente, nenhuma das duas seria atrevida o bastante para fitá-lo diretamente nos olhos, *convidando-o* para abraçá-la, *desafiando-o* a fazê-lo.

Há algum tempo, ele tinha pensado que Sheridan Bromleigh era uma feiticeira, e quando as primeiras notas da música soaram, vindas do instrumento que ela tocava, pensou nisso de novo. Essa moça enfeitiçava todo mundo, principalmente ele. Ninguém mais estava falando, até mesmo os criados tinham parado o que faziam para olhá-la, para ouvi-la com dedicação. Stephen observou a bebida em seu copo, procurando não olhar para ela, mas podia sentir os olhos de Sherry fixos nele. O olhar dela era ora meigo, ora convidativo, às vezes implorante, enfurecendo Monica e Georgette, que se sentiam confusas, desdenhadas e com inveja do jeito atrevido dela. Mas nada podiam fazer, porque as mãos de Stephen não conheciam seus corpos: apenas Sheridan sabia exatamente o que podia fazê-lo querer... e como fazê-lo lembrar-se de como a queria.

Furioso ao compreender isso tudo, Stephen desencostou-se da árvore, pôs o copo

sobre a mesa mais próxima, deu boa-noite aos convidados e foi para o seu quarto, com intenção de beber até ficar embrutecido demais para pensar nela.

Com um começo *de* dor de cabeça pela tensão do dia, Sheridan abriu a porta do quarto que ocupava na mansão Claymore. Tomando cuidado ao movimentar-se no escuro pelo ambiente que não conhecia bem, chegou à penteadeira e começou a acender as velas do candelabro. Acendia a quarta quando uma profunda voz masculina quase a fez gritar de susto.

— Não creio que seja preciso muita luz para o que vamos fazer.

Ela recuou, levando a mão à boca, o coração batendo forte, dando saltos de alegria. Stephen Westmoreland estava sentado na única cadeira do pequeno quarto; mostrava-se casualmente elegante com a camisa desabotoada junto do pescoço, e uma perna cruzada sobre a outra, na altura do joelho. A expressão dele também era casual. Casual demais. Em algum lugar do cérebro, apesar dos pensamentos que se atropelavam, girando, Sheridan registrou que ele parecia encarar aquele importante encontro com fria e estranha indiferença. Mas sentia-se tão feliz em vê-lo, tão contente pela oportunidade de falar com ele a sós, e o amava tanto, que nada importava. Nada.

— Segundo me lembro — ele falava daquele jeito sensual que fazia o coração dela derreter, — a última vez que esperei por você íamos nos casar.

— Eu sei e posso explicar começou ela. É que...

— Não vim aqui para conversar cortou o conde. Lá embaixo, na hípica, tive a impressão de que você me ofereceu mais que simples conversa. Ou será que me enganei?

— Não — sussurrou ela

Stephen observou-a num silêncio denso e reparou, com olhos de conhecedor e não com os olhos de bobo com que a via antes, que Sherry era mais exótica, mais excitante do que se lembrava...a não ser pelo penteado severo. Não gostava de seu cabelo daquele jeito, principalmente quando ia acalmar a própria luxúria e o desejo de vingança contra aquela prostituta fria e ambiciosa, que conseguia parecer uma virgencinha intocada.

— Solte o cabelo — ordenou, impaciente.

Surpresa com o pedido e o tom de comando, Sheridan obedeceu, retirando os mais de quinze grampos necessários para conter a massa luxuriante do longo e sedoso cabelo.

Voltou-se para colocar os grampos na penteadeira e quando se virou ele estava de pé, desabotoando a camisa.

— O que está fazendo? — perguntou, engasgada.

O que ele estava fazendo?, pensou Stephen, com selvageria. Que diabo ela pensava que tinha ido fazer ali, convidado ou não, com a mulher que o abandonara sem uma palavra, no dia do casamento deles? Como parte da resposta à pergunta, ele pegou a gravata que colocara no espaldar da cadeira.

— Estou indo embora— respondeu, encaminhando-se para a porta.

— Não! — Sheridan teve impressão de que a palavra lhe queimava a boca. — Não vá!

Stephen voltou-se, determinado a dar a resposta grosseira que ela merecia, mas Sherry correu para ele e o abraçou, macia contra o seu peito, atordoando-lhe os sentidos com seu perfume e seu calor.

— Por favor, não vá... — Ela chorava, com os braços passados pelos ombros dele, que, ainda que não a abraçasse, sabia que perdera a batalha.— Deixe-me explicar... Eu o amo...

Ele ergueu-lhe o rosto com as duas mãos, procurando fazê-la calar-se, com os olhos fixos nos rosados lábios entreabertos.

— Entenda isto, Sherry: nunca acreditarei numa só palavra que você disser. Nunca!

— Então, não vou falar, vou mostrar!

Corajosa, ela colocou as mãos em seu pescoço, ergueu-se nas pontas dos pés, colocou o corpo ao dele e beijou-o com a mistura de ingênua inexperiência e instintiva sensualidade que o enlouquecia.

E enlouqueceu. Enfiando as mãos no cabelo dela para segurar-lhe a nuca, Stephen correspondeu ao beijo, mostrando-lhe o desejo incontrolável que ela despertava nele. Com o pouco de raciocínio que lhe restava, separou um mínimo a boca da dela e indagou, rouco:

— Você tem certeza?

— Eu sei o que estou fazendo... — foi a resposta de Sheridan. Stephen, então, aceitou o que ela oferecia e tomou o que queria com loucura desde o primeiro instante em que a vira. E tomou-o sem pensar, levado por violenta compulsão para tê-la; tomou-o com determinação e urgência, com uma fome que o aturdia e fazia sofrer. Uma união selvagem,

primitiva para ele, que, no entanto, queria, precisava saber se era boa para ela. O orgulho masculino exigia a certeza de que ela o quisesse com um desespero igual ao dele, por isso usou sua experiência erótica para derrubar as defesas de uma moça inexperiente, que não tinha a menor ideia do que e como fazer. Acariciou levemente com os dedos o sexo aveludado e úmido, lambeu e mordiscou os bicos enrijecidos dos delicados seios, até que ela começou a chorar, arqueando e colando o corpo contra o dele, enlouquecida também. Só então ele a possuiu, separando-lhe as coxas nacaradas com as duas mãos. Enquanto a penetrava, segurando-a pelos quadris, sentiu o corpo de Sheridan enrijecer, as unhas cravarem-se selvagemmente em suas costas e ouviu-a soltar um grito abafado de dor. Imobilizou-se, gelado.

Eu sei o que estou fazendo...

Aturdido, confuso, ele abriu os olhos e fitou-lhe o rosto. Os olhos cinzentos, enormes, estavam abertos, cheios de lágrimas, mas não havia neles acusação nem triunfo por tê-lo levado a possuí-la, fosse qual fosse o motivo pelo qual o fizera. As palavras que ela murmurou a seguir combinavam com a expressão cheia de amor daqueles olhos e o carinho com que as mãos dela lhe acariciaram os ombros.

—Faça-me sua —foi o sussurro mágico, doce como uma bênção.— Por favor... Stephen atendeu ao pedido, deixando-se levar pelo inefável convite. Abraçou-a com força, apoderou-se de sua boca num ardoroso, possessivo beijo, e sentiu as pequenas mãos afagando-lhe os ombros, enquanto o terno corpo dela o aceitava, o recebia, oferecendo aos dois um paraíso. Oferecendo... oferecendo mais... e mais...

Cada centímetro do corpo dele clamava pelo gozo total, e Stephen arqueava-se para trás, penetrando-a mais profundamente, enquanto continha a explosão máxima do êxtase a duras penas, determinado a dar a ela o prazer que ia ter. Sheridan gemia, com os olhos apertadamente fechados, querendo com desespero algo que não sabia o que era, que não entendia, pelo qual ansiava, mas que sentia medo de ter. E tinha medo de não ter. Chorou de desejo, chorou de terror, querendo sentir-se segura. E ele deu-lhe essa segurança ao murmurar-lhe no ouvido, com a voz enrouquecida de paixão:

— Daqui a um segundo...

Antes que ele terminasse de falar, ela sentiu-se devorada pelas chamas do prazer. Seu corpo fundiu-se com o dele, e Stephen ouviu-a gemer mais alto, vibrando com o

esplendor do gozo que ele lhe dava. Só então ele se permitiu chegar ao clímax também, estremecendo e lançando-se nela.

Fossem quais fossem os pensamentos de vingança pelo orgulho ferido que o haviam levado ao quarto de Sheridan, foram esquecidos no momento em que ele se deitou de lado e, com um braço passado pelas costas dela, outro pelos quadris, ajeitou-a de frente para si. Ela era magnífica demais para ser usada como vingança, encaixava-se perfeitamente bem entre seus braços, por isso não deveria estar em nenhum outro lugar do mundo. Desde o primeiro momento em que seus lábios se haviam tocado, ele compreendera que era uma combinação combustível, explosiva. Mas ficara longe da realidade: os momentos que tinham acabado de viver constituíam o encontro sexual mais selvagemmente erótico e delicioso de sua vida. Imóvel enquanto ela adormecia em seus braços, ele admirava a impetuosa e primitiva sensualidade dela. O que Sheridan sentira enquanto se amavam tinha sido real... Essa era uma das poucas coisas a respeito dela sobre a qual não tinha dúvida. Fora real, verdadeiro. Mulher nenhuma do mundo poderia, fingindo, responder como ela àqueles apelos, a não ser que tivesse anos de prática, e, agora tinha certeza, ela não tinha prática alguma.

Sheridan acordou sozinha em sua cama, o que pareceria normal, e no entanto... não era. Seus olhos abriram-se de repente, ela o viu sentado na cadeira ao lado da cama, e então um doce alívio a envolveu. Ele estava todo vestido, com a camisa meio desabotoada na frente, o rosto bonito indecifrável. Num gesto inconsciente, ela puxou as cobertas para cobrir os seios e sentou-se recostada no travesseiro, pensando com certa angústia como era possível Stephen se mostrar tão tranquilo depois do que havia se passado entre eles. Em algum lugar, no fundo de sua mente, começou a surgir a ideia de que haviam feito coisas vergonhosas, mas afastou-a. Os olhos dele fixaram-se no lençol que cobria os seios dela, depois subiram para seu rosto, demonstrando claramente que achara engraçado aquele gesto de pudor. E ela não podia censurá-lo por isso, mas desejou que ele não a olhasse com tanta calma, que não parecesse estar se divertindo, que não se mostrasse tão distante... Ela tentava mas não conseguia considerar normais as coisas que tinham feito juntos. Por outro lado, compreendeu, ele não estava se mostrando frio, nem cínico, nem zangado, e isso já era uma grande mudança. Firmando o lençol embaixo dos braços, ela dobrou as pernas e abraçou os joelhos.

— Será que agora podemos conversar?— perguntou, tímida.

— Por que não me deixa começar, então?— sugeriu Stephen, suave.

Ainda temerosa de falar em Charise Lancaster e nas coisas que a angustiam, Sheridan assentiu.

— Tenho uma proposta a fazer-lhe. —Viu os olhos dela cintilarem no momento em que disse "proposta", e imaginou se o achava idiota o bastante para propor-lhe casamento outra vez. — *Uma proposta de negócio* —esclareceu logo. Creio que depois que tiver tempo para pensar vai achá-la adequada para nós dois. Pelo menos, vai achar melhor do que continuar trabalhando para os Skeffington.

A momentânea felicidade de Sheridan desvaneceu-se no mesmo instante, mas ela manteve a aparência de calma e perguntou:

— Qual é a proposta?

— É evidente que, apesar das diferenças que existem entre nós, somos extraordinariamente compatíveis em sexo.

Sherry não conseguia acreditar que ele fosse capaz de permanecer tão sossegado e falar sobre as arrebatadoras intimidades que tinham partilhado com aquela calma cínica.

— Qual é a proposta? — tornou a perguntar, abalada.

— Você irá para a minha cama quando eu desejar seu corpo. Em troca, vai ter uma casa, criados, lacaios, uma carruagem e a liberdade para fazer o que quiser, desde que homem nenhum use aquilo pelo que estarei pagando.

— Está sugerindo, então, que eu me torne sua amante — a voz de Sherry adquirira um tom esquisito.

— Por que não? Você é esperta, ambiciosa, e a situação que lhe proponho é muito melhor do que a que tem agora. — Como ela nada dissesse, o conde voltou a falar, com ar aborrecido. — Por favor! Não me diga que esperava que eu lhe propusesse *casamento* por causa do que aconteceu entre nós esta noite. Diga-me que não é assim tão ingênua ou idiota.

Estremecendo com o tom gelado e agressivo, Sheridan ficou olhando para o rosto duro, bonito, para os profundos olhos azuis nos quais nunca vira tanto cinismo até então. Engolindo com dificuldade, sacudiu a cabeça e respondeu, com honestidade:

— Eu não sabia o que esperar, depois do que fizemos, mas nunca esperei que o

levasse a se casar comigo.

— Bom. Já houve bastante desencontro e desentendimento entre nós. Não gostaria que você se enganasse interpretando tudo errado.

Ele teve impressão de ver lágrimas de desapontamento subirem aos olhos cinzentos, então levantou-se e deu-lhe um beijo rápido na testa.

— Pelo menos, você foi ajuizada o bastante para não se fingir ofendida pela minha proposta. Pense nela. — Sherry continuava olhando para ele, muda, enquanto Stephen acrescentava: — Antes que decida, sinto-me na obrigação de avisá-la: se você mentir para mim sobre qualquer coisa uma vez... veja bem, uma única vez... eu a jogo no meio da rua. —Aproximou-se da porta e disse, por cima do ombro:— Mais uma coisa: jamais me diga "Eu o amo". Nunca mais quero ouvir essas palavras de sua boca.

Sem dizer mais nada e sem olhar para trás, ele saiu. Sheridan encostou a testa nos joelhos e deixou as lágrimas descenderem pelas faces.

Chorava por sua própria falta de caráter e de pudor quando ele a tomara nos braços. Chorava por ter sentido a tentação, mesmo que por alguns instantes, de aceitar a indecente, humilhante proposta que ele lhe fizera.

A conscientização total do que havia feito naquela noite deu-se antes mesmo que Sheridan deixasse a cama e se vestisse. À brilhante luz do dia não havia como fugir da terrível verdade: sacrificara sua virtude, seus princípios, sua moral, e iria viver com aquela vergonha até o fim de seus dias.

Fizera aquilo num lance desesperado para recuperar o amor dele, se é que Stephen de fato a amara! E como ele reagira à imensa dádiva que lhe fizera? A resposta angustiante a essa pergunta encontrava-se lá embaixo, diante da janela de seu quarto, em uma grande mesa posta para o café da manhã, e se apresentava a ela nos mínimos e humilhantes detalhes: o homem a quem se entregara nessa noite encontrava-se ao lado de Monica, que se empenhava em agradar a ele, que parecia disposto a aceitar as tentativas dela. Enquanto Sherry olhava pela janela, ele acomodou-se melhor na cadeira, com o olhar atento no rosto da jovem, depois inclinou a cabeça para trás e soltou uma gostosa gargalhada ao ouvir o que ela dizia.

Sheridan sentia-se uma pilha de vergonha e ansiedade, enquanto *ele* parecia contente e descontraído como jamais o vira até então. Na noite passada Stephen recebera

tudo o que Sherry tinha para dar, e de manhã jogara na cara dela a proposta que era uma dolorosa humilhação: convidara-a para se tornar sua amante. Agora, dava toda a atenção à moça que não fora idiota o bastante para fazer o que ela fizera... uma moça que prezava a si mesma antes de mais nada, pensou com amargura. Uma moça para quem se propunha casamento, não uma relação escusa, em troca de sua virtude.

Esses e outros pensamentos atropelavam-se na mente atormentada de Sheridan enquanto ela permanecia à janela, olhando para ele e se recusando a chorar. *Queria* guardar aquela cena na memória, a fim de lembrá-la durante toda a sua vida, para nunca mais, nunca, sentir carinho por ele. Assim pensando, firme, permaneceu imóvel, enquanto uma fria insensibilidade foi se apoderando dela, apagando a angústia, demolindo todos os sentimentos ternos que tinha por Stephen.

— *Filho da puta!* — sussurrou, por fim.

— Posso entrar?

Sobressaltada, Sherry voltou-se ao ouvir a voz de Julianna.

— Sim, —pode respondeu, com um sorriso que parecia tão forçado e tenso quanto sua voz.

— Vi você aí na janela enquanto tomava café. Quer que eu lhe traga algo para comer?

— Não, não estou com fome, mas obrigada por pensar em mim.

Hesitou, sabendo que deveria dar alguma explicação por sua atitude na tarde anterior, quando oferecera seus favores ao conde. Mas não conseguia pensar em nenhuma desculpa razoável.

— Eu fiquei pensando se você iria embora, Sheridan.

— Embora? — Ela tentou não parecer desesperada como estava. — Só iremos embora amanhã.

Julianna aproximou-se e ficou também junto da janela, olhando a cena com que Sheridan estivera se torturando.

—Julianna —a voz dela soou mais estranha ainda,— devo uma explicação pelo que aconteceu ontem, quando eu disse ao conde de Langford que lhe tinha o mais profundo respeito...

— Não tem que me explicar nada interrompeu a jovem, com um sorriso.

Havia tanta compreensão e apoio naqueles olhos cor de violeta que Sherry se sentiu como uma menina de quinze anos, em vez da governanta que era.

—Tenho,— sim insistiu, teimosa. —Sei quanto sua mãe deseja o casamento entre ele e você, sei que deve ter se admirado ao me ver... me ver dirigir-me ao lorde de modo tão atrevido e *familiar*.

Como se mudasse de assunto, Julianna comentou:

—Tem razão quanto às intenções de mamãe... Lembro-me que ela ficou nervosíssima, acho que uma semana antes de você ir lá para casa.

Sentindo-se uma covarde por aceitar o desvio da conversa, Sheridan perguntou

—Por que sua mãe ficou nervosa?

—Porque o noivado do conde fora anunciado nos jornais

—Ah,

—E a noiva dele era uma americana

Inquieta diante do olhar franco da jovem, ela nada disse

— Claro, havia mexericos a respeito dela— continuou Julianna, —e você sabe como mamãe adora saber tudo o que acontece na alta aristocracia. Diziam que a noiva dele tinha cabelo vermelho muito, muito vermelho E que ele a chamava Sherry. Diziam também que ela perdera a memória por causa de uma pancada na cabeça e que deveria recuperá-la, mais dia, menos dia

Numa última e frágil tentativa de continuar anônima, Sheridan indagou

—Por que está me contando isso?

—Para você saber que pode contar comigo, se precisar de ajuda, e que foi por sua causa que nos convidaram para este fim de semana. Notei que havia algo estranho quando vi o modo como Lorde Westmoreland reagiu ao vê-la junto do coreto, ontem. Fiquei surpresa por mamãe não perceber o que flutua claramente no ar

—Não ha nada flutuando no ar —negou Sherry, orgulhosa. —Esse capítulo horrível foi encerrado

Sem comentários, Julianna indicou Monica e Georgette com um aceno de cabeça

—Elas sabem quem você é?

—Não. Nunca as encontrei quando eu era.— Calou-se antes de dizer *Charise Lancaster*

—Quando você era noiva dele? —completou a jovem Respirando fundo, Sheridan assentiu.— Quer ir para casa?— Uma risada histérica subiu aos lábios de Sherry, que não conseguiu contê-la

—Se eu pudesse, iria neste instante —respondeu, por fim. Julianna dirigiu-se para a porta do quarto. —Arrume suas coisas —disse por cima do ombro, com um sorriso conspirador.

—Espere! O que vai fazer?

—Vou chamar papai de lado, dizer que estou me sentindo mal e que você vai me levar para casa. Não dá para pedirmos a mamãe para irmos embora antes do fim da festa, mas ela não vai querer que o conde de Langford me veja doente e horrorosa. Por incrível que pareça —acrescentou, com uma risada divertida, —ela ainda acalenta a esperança de que ele me enxergue, de repente, e se apaixone loucamente por mim. Jamais irá admitir o que está tão claro.

Julianna quase fechara a porta quando Sheridan a chamou, e enfiou a cabeça pelo vão da porta para ouvir este pedido:

—Você pode fazer o favor de dizer à duquesa de Claymore que eu gostaria de falar com ela, agora?

—Todas as *ladies* saíram para um passeio na cidade, com exceção dessas duas moças e de Miss Charity.

Da outra vez que fora embora Sheridan o fizera parecendo culpada e ingrata. Não queria isso, desta vez. Queria, apenas, ir embora. Então disse:

—Pode pedir a Miss Charity que venha até aqui um instante?— Julianna fez que sim. —E não diga a ninguém, a não ser a seu pai, que vamos embora. Pretendo dizer isso pessoalmente ao conde.

O rosto de Miss Charity entristeceu quando Sheridan lhe disse que ia embora.

—Mas você ainda não teve oportunidade de conversar com Langford a sós — argumentou a dama e fazê-lo compreender por que o deixou!

—Tive essa oportunidade a noite passada —esclareceu Sherry, amarga, com um rápido olhar para a janela, enquanto arrumava sua bagagem. —O resultado está lá embaixo.

Charity foi até a janela e olhou o conde em companhia das duas jovens.

—Como os homens são estranhos!— comentou, sacudindo a cabeça. Ele não se importa com essas jovens, você sabe.

Não se importa comigo, também, Miss Charity!

Miss Thornton voltou a sentar-se na cadeira, e, com uma dor aguda no peito, Sheridan lembrou-se de que, quando a vira pela primeira vez, pensara numa boneca chinesa... A bondosa dama parecia uma boneca chinesa, nesse momento. Uma boneca chinesa perplexa, triste, que perguntou:

—Você explicou a ele por que fugiu no dia do casamento?

—Não.

—Diga-me, então, *por que* fugiu?

A pergunta foi tão inesperada que pegou Sheridan desprevenida, e ela falou, sem pensar:

—Eu pensava ser Charise Lancaster, e de repente Charise Lancaster apareceu na minha frente, acusando-me de ter tomado seu lugar de propósito, dizendo que ia contar a Stephen e dar parte na polícia. Fiquei em pânico, por causa do escândalo que ia causar na família Westmoreland, e prometi a ela que desapareceria imediatamente se não fosse à polícia. Então, fugi. Quando me acalmei um pouco, compreendi que eu mentira sem querer e que, no entanto, todos os *demaix* tinham mentido para mim sobre quem eles eram. Entre as coisas de que me lembrava estava o fato de Charise ser noiva de um barão, não de um conde, chamado Burliton, não Westmoreland. Eu queria respostas, precisava delas, e fui à procura de Nicholas DuVille. Sabia que pelo menos ele seria honesto e me diria a verdade.

—E que verdade ele lhe disse, querida?

Ainda sentindo mágoa pela verdade que ouvira, Sheridan desviou os olhos, fingindo

arrumar o cabelo e, para isso, olhando-se no espelho, enquanto respondia:

—Toda. Toda a mortificante verdade, começando pela morte de Lorde Burleton, até que Stephen se vira obrigado a cuidar de mim, quero dizer, de Charise Lancaster, depois decidira arranjar outro noivo para ela... Ele me contou tudo.

Sheridan calou-se, procurando desfazer o doloroso nó que se formara em sua garganta na tentativa de conter as lágrimas de humilhação por ter imaginado que Stephen quisera, de fato, casar-se com ela. A mesma suposição ingênua a levava a sacrificar a virgindade e o orgulho por ele, naquela noite.

—Ele também me esclareceu o maior mistério de todos— conseguiu falar, por fim, —no entanto eu me permiti acreditar que ele me amava, quando Lady Whitney falou comigo, ontem pela manhã.

—Que mistério é esse?

A risada que Sherry soltou era tensa e amarga:

—A repentina proposta de casamento que Stephen me fez naquela noite em que fomos ao Almack coincidiu com a notícia da morte do pai de Charise, que ele recebeu no mesmo dia: resolveu casar-se comigo porque sentiu pena e achou-se responsável, em parte, por eu estar só no mundo... não por me amar ou por se importar mesmo comigo.

—Nicholas errou ao ter exposto isso a você, dessa maneira! —criticou a dama.

—Ele foi honesto, eu é que me torno uma tola quando se trata daquele homem que está lá embaixo.

—E conversou a respeito disso tudo com Langford, esta noite?

—Tentei, mas ele disse que não estava interessado em conversar...—respondeu Sheridan, num fio de voz, enquanto fechava a maleta e a pegava.

—*Em que* ele estava interessado, então?

O tom da pergunta fez com que Sherry olhasse rapidamente para Miss Charity. Havia momentos em que achava que a irmã do duque de Stanhope não era tão distraída quanto parecia; momentos como esse, em que a dama observava o rosto enrubescido de Sheridan com um olhar vivo, atento.

—Pensei que estaria interessado numa prova da minha inocência, caso se interessasse por mim, o que não acontece —respondeu, vagamente.— Quando se olha o acontecido pelo lado dele, como eu tentei olhar ontem e nesta noite, parece mesmo que fugi

por ser culpada. Que explicação tenho para isso?

Charity Thornton ergueu-se. Sheridan fitou-a, sabendo que nunca mais voltaria a vê-la, e as lágrimas queimaram-lhe os olhos quando, num impulso, deu-lhe um forte abraço.

—Por favor, despeça-se de todos por mim pediu, contendo os soluços e— diga-lhes que tentei... Tentei, mesmo.

—Tem que haver algo mais que eu possa fazer! —disse Charity, e uma profunda tristeza ensombrecia-lhe o rosto.

—Há, sim —confirmou Sherry, conseguindo dar um sorriso que parecia confiante. — Diga a Lorde Westmoreland que preciso vê-lo, a sós, por um momento. Peça-lhe que se encontre comigo na pequena saleta de estar.

Quando Charity saiu para fazer o que ela pedira, Sheridan respirou fundo, foi à janela e esperou até que a dama desse seu recado. O conde ergueu-se depressa e quase correu para a casa, fazendo nascer uma leve esperança de que talvez, apenas talvez, ele não a deixasse ir embora. Talvez se desculpasse pela cruel grosseria e lhe pedisse para ficar.

Enquanto descia a escada, não pôde se recusar essa última doce e atormentadora fantasia, que fez seu coração bater mais forte ao entrar na saleta e fechar a porta. Mas a frágil esperança morreu quando ele se voltou e a fitou. Vestido para montar, com as mãos enfiadas nos bolsos, não parecia apenas casual, mas também completamente indiferente.

—Quer falar comigo? perguntou, distante.

Ele encontrava-se no meio da saleta, e bastavam poucos passos para estarem um nos braços do outro. Mas ambos permaneceram imóveis onde estavam. Então, demonstrando uma tranquilidade que não sentia, Sherry anuiu:

—Quero informá-lo de que estou indo embora. Não quis simplesmente sumir, desta vez, como fiz da outra.

Esperou, procurando no impassível rosto algum sinal de que ele sentia alguma coisa, qualquer coisa, por ela, pelo fato de estar indo embora, pela dádiva de seu corpo. O lorde apenas ergueu as sobrancelhas como se perguntasse, em silêncio, o que ela esperava que ele fizesse.

—Não aceito sua proposta— esclareceu ela.

Não compreendia como ele podia mostrar-se tão indiferente a uma decisão que

afetava tanto a vida dela, uma decisão que tomara depois de passar a noite nos braços dele, depois de lhe ter ofertado sua virgindade e sua honra.

Stephen sacudiu os largos ombros e disse, com voz sem cor:

—Está bem.

Aquelas pequenas palavras, ditas com profundo aborrecimento, tiveram o dom de fazê-la passar da dolorosa humilhação para uma fúria ardente, indomável. Girou nos calcanhares e caminhou para a porta, mas deteve-se de repente, virou-se e caminhou na direção dele.

—Mais alguma coisa? —indagou o conde, demonstrando tédio e impaciência.

Sheridan sentia-se tão furiosa e *satisfeita* com o que decidira fazer que deu um desarmante sorriso ao chegar bem perto dele.

—Sim —respondeu, com voz clara. —Há mais uma coisa. Uma das sobrancelhas negras, bastas, ergueu-se em arrogante inquirição:

—O quê?

—Isto! —Ela deu uma bofetada tão violenta no rosto dele que o fez virar a cabeça. Então recuou um passo, com indizível ódio brilhando nos lindos olhos cinzentos e os seios arfando pela respiração ofegante. —Você é um monstro horrendo, sem coração, e não posso compreender como o deixei tocar em mim esta noite! Sinto-me profanada, imunda! — Um músculo começou a latejar junto das têmporas dele, mas Sheridan ainda não terminara, e estava zangada demais para perceber que ele se tornava perigoso. —Cometi um grande pecado quando permiti que você fizesse comigo o que fez esta noite, mas eu quis e não tenho direito de culpá-lo por isso. No entanto, nunca poderei me perdoar por ter sido estúpida a ponto de confiar em você e de amá-lo!

Stephen ficou olhando para a porta que bateu atrás dela, paralisado, incapaz de livrar-se da visão daquela arrasadora beleza, dos olhos cinzentos que pareciam soltar fogo, do rosto lindo, contraído pela raiva e pelo desprezo. A imagem permanecia em sua mente ao lado das palavras ditas com dolorosa emoção: *Nunca poderei me perdoar por ter sido estúpida a ponto de confiar em você e de amá-lo!*

Ela falara como se acreditasse em cada palavra que dizia. Santo Deus, que atriz soberba! Muito melhor do que Emily Lathrop. Claro, Emily estava em desvantagem, pois não tinha a aura de virtuosa inocência, nem o gênio tempestuoso de Sherry. Emily era

sofisticada, cuidadosamente discreta, e jamais faria uma cena daquelas.

Por outro lado, provavelmente Emily não teria jogado na sua cara a proposta de se tornar amante dele...

Reconhecia, agora, que no fundo acalentara a esperança de que Sheridan não recusasse. Ela era esperta e ambiciosa o bastante, tanto que transformara uma simples perda de memória passageira em um sério caso de amnésia que prolongara até não poder mais, chegando muito perto de trocar sua posição de governanta pela de condessa. No entanto, recusara a vida de ócio e luxo que ele lhe oferecia agora e que não conseguiria a não ser tornando-se amante de alguém, principalmente depois de perder a virgindade.

Pelo jeito, ela não era assim tão esperta quanto ele pensara...

Ou não era tão ambiciosa...

Em consideração ao aniversário de Noel e num inútil esforço para manter a aparência de uma atmosfera festiva, Whitney declarou banido o assunto Sheridan Bromleigh e sua partida pelo restante do fim de semana. Mas a fracassada reconciliação pairava como uma nuvem negra sobre os convidados e donos da casa, em Claymore. Horas depois de as duas moças terem ido embora, nuvens de tempestade acumularam-se no céu e começou a chover, fazendo todos se refugiarem dentro de casa e aumentando o desânimo geral. Apenas Charity Thornton demonstrava-se imune à atmosfera lúgubre e sentia-se tão animada que se recusou a concordar com o programa das demais *ladies* e alguns dos cavalheiros para aquela tarde: recolher-se aos seus aposentos para dormir até o jantar. Na verdade, a ausência da maioria das pessoas servia a seu plano.

Sentada no amplo sofá estofado de couro da sala de jogos, com as pernas cruzadas à altura dos tornozelos e as mãos no colo, ela observava o duque de Claymore, que jogava bilhar com Jason Fielding e Stephen Westmoreland.

—Sempre achei o jogo de bilhar muito interessante! —mentiu ela, quando Clayton Westmoreland deu uma longa tacada numa das bolas e errou inteiramente a jogada.— Qual é a estratégia de Sua Alteza?— indagou toda feliz. —Errar as bolas que estão na mesa para que Langford tenha que se arranjar com elas?

—Interessante esse seu ponto de vista —comentou o duque, seco, aborrecido por ela ter falado justamente no momento crítico, fazendo-o perder a concentração e errar.

—E agora, o que vai acontecer? —quis saber a dama. Jason Fielding respondeu, rindo:

—Stephen vai jogar, e nenhum de nós dois teremos oportunidade de jogar de novo.

—Ah, sei... —Charity sorriu, inocente, para sua vítima, que passava gesso na ponta do taco. —Isso quer dizer que você é o melhor jogador presente, Langford?

Stephen ergueu os olhos ao ouvir seu nome, mas Charity tinha certeza de que ele não a ouvira e não estava concentrado no jogo. Desde que Sheridan fora embora, ele se mantinha de cara fechada. Apesar disso, quando deu a tacada, a bola atingida bateu contra outra, que foi colidir com a beirada da mesa e ricocheteou, atingindo três outras.

—Bela tacada, Stephen —festejou Jason.

Miss Thornton viu que chegara a oportunidade que esperava. Enquanto Clayton Westmoreland servia um madeira para si e os parceiros, ela declarou, de repente:

—Gosto muito da companhia dos cavalheiros!

—Por quê? —indagou o duque, gentil.

—Porque minhas companheiras de sexo podem ser muito maldosas e vingativas... esclareceu, enquanto Stephen se preparava para nova tacada. —Mas os homens, não. Eles são profundamente leais para com os companheiros de sexo. Vejam Wakefield, por exemplo e sorriu, com um olhar admirativo e aprovador, para Jason Fielding, marquês de Wakefield. —Se ele fosse mulher, estaria com inveja da jogada perfeita de Langford... Você está com inveja da habilidade dele, Wakefield?

—Estou! —brincou o marquês. Ao ver o rosto da dama desmanchar-se em frustração, disse depressa:— Não. Claro que não estou, madame.

—É o que quero dizer! —aplaudiu Charity, enquanto o conde se movimentava ao redor da mesa para jogar. —Mas quando falo em lealdade entre homens, sabem em quem penso de imediato?

—Não. Em quem?— indagou Clayton, distraído, observando Stephen ajeitar-se para jogar e mirar o alvo.

—Nicholas DuVille e Langford.

A bola atingida pelo taco deslizou sem direção, foi bater num dos lados da mesa e, ricocheteando devagar, mal tocou a bola que deveria empurrar. A bola tocada movimentou-se lentamente, mas acabou indo encostar-se de leve na beirada.

—Isso não é habilidade, é pura sorte! —exclamou Jason. Tentando evitar que Miss Thornton continuasse falando, perguntou: —Algum de vocês já tentou calcular quantas vezes ganhou um jogo por sorte, em vez de habilidade? Seria interessante!

Ignorando a tentativa de Wakefield de fazê-la calar-se, Charity foi adiante, dirigindo cuidadosamente suas animadas palavras para Jason Fielding e Clayton Westmoreland, sem dar sequer a menor olhada para o lado do conde, que se preparava para a terceira jogada.

—Sabem por quê? Porque, se Nicholas não fosse um amigo tão *leal* de Langford, teria levado Sheridan Bromleigh de volta à mansão Westmoreland no dia em que ela fugiu e foi chorar na porta da casa dele. Mas ele fez isso? Não.

Pelo espelho que havia na parede oposta, ela viu que Stephen se imobilizara,

fixando os olhos azuis muito escuros na cabeça dela. Criando coragem, prosseguiu:

—Sheridan implorou-lhe que lhe dissesse, com franqueza, qual o motivo que levava Langford a decidir casar-se com ela. Apesar de não ser responsabilidade do pobre DuVille contar toda a verdade à atormentada moça e magoá-la ainda mais, ele o fez! Teria sido muito mais fácil mentir para ela ou dizer-lhe que fosse perguntar a verdade a Langford. Mas ele tomou a si a missão de ajudar o amigo e companheiro.

—Exatamente o quê —perguntou Stephen, devagar, com voz presa na garganta— meu *amigo* DuVille disse a Sheridan?

Como se levasse um susto com a presença dele, Charity Thornton voltou-se e fitou-o com olhos cheios de inocência:

—Ora, a verdade! Ela já sabia que não era Charise Lancaster, então Nicholas pôde contar-lhe, sem perigo de causar-lhe um choque emocional, que Burleton morrera e que você se sentia responsável pela morte dele. Explicou-lhe também que foi por isso que você fingiu ser o noivo de Charise... sem saber que ela era Sheridan, claro!

Três homens silenciosos ficaram olhando para a *lady* em vários estados de choque e de raiva. Ela, por sua vez, olhava de um para o outro toda animada, enquanto prosseguia:

—Como a moça romântica que é, mesmo depois de ficar sabendo tudo o que acontecera, Sheridan ainda quis pensar, aliás, acreditar que havia motivo mais importante para você ter pedido a mão dela, mas o querido Nicholas tratou de dizer-lhe, *francamente*, que você só resolveu casar-se com ela mesmo quando soube da morte do pobre Mr. Lancaster... Isso foi terrível para a pobre menina, mas seu amigo sabia que precisava ser dito, que ele precisava ser leal para com você, Langford! —Fora de si, Stephen bateu com o taco na parede:

—Aquele *filho da puta!* —*exclamou* engasgado, enquanto saía da sala.

Aturdida pela grosseria do palavrão dito em sua presença, mas nada surpresa com a saída dele, Charity voltou-se para Jason Fielding:

—Aonde acha que Langford vai? —perguntou, tendo que se esforçar para não rir e continuar fazendo cara de boba.

Jason desviou lentamente o olhar da porta que o conde batera com violência ao passar, fitou Clayton Westmoreland e repetiu a pergunta:

—Aonde acha que Langford vai?

—Eu diria —respondeu o duque, asperamente —que vai procurar seu "leal" amigo,

para ter uma "conversinha" com ele.

—Ah, que bom!— animou-se Charity, toda feliz. —Então, vocês acham que posso ficar no lugar de Langford, no jogo? Vocês me ensinam bilhar? Tenho certeza que aprenderei as regras com facilidade.

O duque de Claymore fitou-a em divertido silêncio por um longo momento. Tão longo que Charity começou a sentir-se desconfortável.

—Que tal, então, jogarmos xadrez? —perguntou o duque, por fim. E acrescentou, insinuante:— Tenho a impressão de que o forte da senhora é estratégia.

Charity considerou a observação por um momento, então anuiu:

—E... Acho que tem razão.

A temporada aproximava-se do final, mas as exclusivas salas de jogos do White contavam com ricos ocupantes dispostos a arriscar altas somas de dinheiro em partidas de baralho ou lances de roleta. Como o mais antigo e mais elegante dos clubes da St. James's Street, o White era mais ruidoso que o Strathmore, mais feericamente iluminado, porém não deixava de ter suas próprias tradições. Na frente, dando diretamente para a rua, ficava a enorme porta em arco que o Belo Brummell cruzara tantas vezes com seus amigos: o duque de Argyll, os lordes Sefton, Albanley, Worcester e, de vez em quando, o Príncipe Regente.

No entanto, mais famoso do que sua entrada em arco era o Livro de Apostas do White, no qual os distintos associados vinham, há muitos anos, registrando apostas sobre acontecimentos que iam dos mais solenes aos mais tolos, passando pelos mais sórdidos. Entre os milhares delas, havia as feitas sobre o fim da guerra, a data da morte de parentes que iam deixar grandes fortunas, os ganhadores da mão de disputadas *ladies*, e até mesmo sobre o vencedor de uma corrida de dois porcos premiados, pertencentes a dois sócios do clube.

Numa mesa dos fundos de uma sala de carteados, William Baskerville jogava uíste com o duque de Stanhope e Nicholas DuVille. Com espírito de camaradagem, os três cavalheiros haviam permitido que dois jovens de excelentes famílias se juntassem a eles para jogar. Ao primeiro olhar, ficava evidente que os dois eram verdadeiros dândis, faristas, e que logo teriam fama de grandes viciados em jogo e bebida. A conversa na mesa era lenta e descosida, as apostas rápidas e pesadas.

—Por falar em equitação —disse um dos jovens, que falava um pouco mais,— não vi Langford no Hyde Park esta semana.

William Baskerville respondeu, enquanto contava suas fichas:

— Se não me engano, é aniversário do sobrinho dele. A duquesa de Claymore organizou uma pequena festa para comemorar. Mulher adorável, a duquesa — acrescentou. — Digo isso a Claymore toda vez que o vejo. — Relanceou os olhos por Nicholas DuVille, que estava à sua esquerda. — Você era muito amigo dela na França, antes que a duquesa voltasse para a Inglaterra, não?

Nicholas assentiu sem tirar os olhos de suas cartas, depois tratou de evitar qualquer

possibilidade de mexerico:

— Sinto-me feliz por ter a sorte de privar da amizade de toda a família Westmoreland.

Um dos rapazes, que tinha bebido demais, ouviu isso com certa surpresa e demonstrou falta de finura, assim como de habilidade em beber, ao exclamar:

— É mesmo? Dizem que você e Langford quase se pegaram a socos no Almack, por causa de uma garota de cabelo vermelho que ambos cortejavam.

Baskerville riu da ideia e aconselhou:

— Meu rapaz, quando você estiver há mais tempo em Londres e adquirir maior experiência, vai aprender a separar o falso do verdadeiro, e para fazer isso terá que conhecer bem as pessoas envolvidas nos falatórios. Olhe, também eu escutei essa história, mas conheço DuVille e Langford, por isso sei que não é verdade. Tive certeza que não era verdade no momento em que a ouvi.

— Eu também! — garantiu o outro rapazinho, mais sóbrio.

— Uma lamentável invencionice — confirmou Nicholas, ao ver que todos esperavam que falasse — que logo será esquecida.

— Eu sabia que era assim — aprovou o irmão de Miss Charity, o distinto duque de Stanhope, enquanto colocava suas fichas no considerável monte que já havia no centro da mesa. — Não me surpreenderia se descobríssemos que você e Langford são os melhores amigos do mundo. Ambos são pessoas cordatas, razoáveis.

— Não duvido — disse o rapazinho sóbrio, com um largo sorriso para DuVille. — Mas se um dia você e Langford tiverem que trocar socos, eu quero estar presente!

— Por quê? — quis saber o duque de Stanhope.

— Porque vi Langford e DuVille lutarem boxe no Gentleman Jackson's. Não um contra o outro, claro, mas eram os melhores. Reparei nos punhos deles... Juro que uma luta entre os dois me faria ir ao Almack!

— Eu também! — concordou o amigo dele, com um soluço. Baskerville ficou perplexo com a ignorância dos jovens sobre masculinidade civilizada e sentiu-se obrigado a orientá-los:

— Langford e DuVille jamais resolveriam seus problemas com os punhos, meus jovens amigos! Essa é a diferença entre vocês, meninos de cabeça quente, e cavalheiros

como DuVille, Langford e nossos demais companheiros. Vocês precisam aprender boas maneiras com os mais velhos, adquirir um certo polimento, aprender o que não sabem. Em vez de admirar a habilidade de DuVille com os punhos, seria melhor que admirassem e procurassem imitar as admiráveis atitudes dele e sua habilidade em dar o laço na gravata.

— Muito obrigado, Baskerville — murmurou o francês, sem jeito, porque era evidente que o lorde esperava que ele se manifestasse.

— Não há por quê, DuVille. Eu apenas disse a verdade. Quanto a Langford — continuou pontificando Baskerville, enquanto esperava sua vez de apostar —, — vocês não encontrarão mais fino exemplo de educação e de artes cavalheirescas. Resolver impasses com os punhos, francamente! — escarneceu. — Só pensar nisso é ofensivo para qualquer homem civilizado.

— É ofensivo até falar nisso — concordou o duque de Stanhope, observando o rosto dos demais jogadores antes de resolver se apostava, com o jogo fraco que tinha na mão.

— Peço desculpas, cavalheiros, se... — começou a dizer o rapazinho mais sóbrio, interrompendo-se bruscamente. — Pensei que o senhor tivesse dito que Langford estava fora da capital — acrescentou, num tom tão surpreso que parecia significar prova indiscutível do contrário.

Os outros quatro jogadores olharam na mesma direção que o jovem cavalheiro e viram Stephen Westmoreland vindo direto para eles com uma expressão que, como puderam perceber quando chegou mais perto, estava longe de ser amigável. Sem muito mais do que um aceno de cabeça para os conhecidos que o cumprimentavam, o conde ia passando entre as mesas de jogo com os olhos fixos na mesa de Baskerville.

Quatro dos homens dessa mesa ficaram tensos, fitando-o com a aérea surpresa dos inocentes que de repente se vêem diante de uma ameaça que não entendem, nem merecem, de um violento predador que até então consideravam manso.

Apenas Nicholas DuVille parecia despreocupado com a tangível ameaça que emanava de Stephen Westmoreland. De fato, para os frequentadores do White, que estavam em suspense olhando para a cena com incrédula fascinação, DuVille parecia estar provocando audaciosamente um confronto com sua deliberada e exagerada indiferença. Quando o conde parou ao lado de sua poltrona, Nicholas inclinou-se para trás, enfiou as mãos profundamente nos bolsos e, com o fino charuto preso entre os dentes, encarou-o com

um olhar inquisitivo:

—Quer juntar-se a nós, Langford?

—Levante-se! —exigiu Westmoreland. O desafio estava mais do que claro.

Houve certa agitação quando alguém começou a passar o Livro das Apostas do White para que os presentes anotassem seus palpites. Todos pararam de novo quando um sorriso passou pelo rosto do francês, que se acomodou melhor na cadeira e apagou calmamente o resto do charuto, enquanto parecia avaliar a situação com cuidado. Como se quisesse ter certeza de que sua esperança de não brigar não tinha fundamento, ergueu as sobrancelhas e perguntou, com o sorriso se ampliando mais:

—Aqui?

—Saia dessa poltrona —ordenou Stephen, com a voz perigosamente baixa, —seu filho da...

—Definitivamente aqui —interrompeu Nicholas, enquanto o sorriso gelava e ele indicava com a cabeça a sala nos fundos.

A notícia de que ia haver uma briga chegou aos ouvidos do diretor do White, que chegou quase correndo:

—Por favor, por favor, cavalheiros! —dizia, aflito, enquanto tentava atravessar o grupo compacto que se formava atrás dos dois contendores.— Jamais na história do nosso clube...

Quando chegou à porta da sala dos fundos, ela bateu na cara dele e na de todos os que tinham ido atrás.

—Pensem em suas roupas, cavalheiros! Pensem nos móveis!— O diretor gritou, desesperado; abriu a porta bem a tempo de ouvir o som de um soco atingindo carne e osso, e ver a cabeça de Nicholas DuVille balançar. Tornou a fechar a porta, encostou-se nela mortalmente pálido, parecendo só não cair porque se segurava na maçaneta. Cerca *de* cem rostos masculinos o encaravam expectantes, todos interessados na mesma informação.

—Então?— perguntou um deles.

O rosto do diretor contorceu-se quando pensou no possível estrago que seria feito nas custosas mesas de baeta cinza, usadas no jogo de faraó, mas conseguiu gaguejar uma resposta:

—A esta altura... acho que aposto em... três a dois...

—A favor de quem, bom homem? —quis saber, impaciente, um cavalheiro elegantemente vestido que estava anotando tudo no Livro de Apostas.

O diretor hesitou, fechou os olhos tentando reunir coragem, então virou-se um pouco, entreabriu a porta e espiou para dentro no exato momento em que um corpo se chocava com a parede fazendo um ruído cavernoso.

—A favor de Langford! —gritou por cima de um ombro, mas, quando ia fechar a porta, ouviu outra pancada como a primeira e espiou outra vez. —Não... DuVille! Não... Langford! Não...

Fechou a porta com rapidez suficiente para não ser atingido por um par de robustos ombros voadores que bateram contra ela.

Quando afinal os terríveis sons da luta silenciaram, o diretor continuou com as costas coladas na porta, e, quando ela se abriu, praticamente tombou para dentro da sala vazia, enquanto DuVille e Langford saíam. Sozinho na sala e respirando com alívio, o diretor lentamente girou sobre si mesmo, examinando o ambiente, que à primeira vista parecia miraculosamente ileso. Já fazia uma fervorosa prece de agradecimento quando seus olhos deram com uma mesa polida que se apoiava sobre três pernas, porque a quarta estava irremediavelmente quebrada. Levou a mão ao peito como se seu coração também estivesse quebrado. Com as pernas trêmulas, aproximou-se da mesa de faraó e retirou o canecão que não deveria estar em cima dela, descobrindo que ele produzira uma profunda marca no tampo polido da mesa. Arregalou bem os olhos e verificou a sala com maior atenção... Num dos cantos havia quatro poltronas ao redor de uma mesa circular de jogo, mas cada poltrona tinha apenas três pernas.

Um relógio dourado, todo trabalhado, que normalmente ficava no centro de um longo aparador, encontrava-se na extremidade direita dele. Com mãos inseguras, pegou-o para recolocá-lo no lugar e gritou de horror quando a frente do relógio desabou, a parte de trás também, e ele ficou segurando apenas os lados.

Sufocado pelo ultraje e pela angústia, o diretor conseguiu arrastar-se até a poltrona mais próxima e segurou-se no encosto dela, que saiu na sua mão.

Na sala contígua, no momento em que o conde e o francês apareceram, explodiram conversas desencontradas entre os cavalheiros que esperavam com ansiedade. Era o tipo da conversa descosida que homens adultos improvisam quando querem dar a impressão de que

não estão prestando atenção naquilo em que estão.

Sem perceber a agitação ou indiferentes à atmosfera de suspense e aos olhares curiosos que não se desviavam deles, os dois contendores encaminharam-se juntos para o centro da sala; Langford para chegar ao criado que levava uma bandeja de bebidas, DuVille para voltar ao seu lugar na mesa de jogo.

—Era minha vez de dar cartas? —perguntou, sentando-se no seu lugar.

Os dois rapazinhos responderam ao mesmo tempo que sim, o duque de Stanhope disse que não tinha absoluta certeza, mas Baskerville, que estava zangado por ter passado por mentiroso ou bobo diante dos jovens, falou o que todos tinham vontade de falar:

—É melhor você dizer a esses dois meninos o que aconteceu lá dentro ou eles não vão conseguir prestar atenção no jogo nem dormir, mais tarde, sem saber o que aconteceu. Mas vejo-me na obrigação de lhe dizer, DuVille, que foi um comportamento condenável. De ambas as partes!

—Não há o que contar respondeu Nicholas, tranquilo, pegando suas cartas e abrindo-as em leque, habilidosamente. Conversamos a respeito de um casamento.

Baskerville fitou-o desconfiado. Os dois rapazes pareciam estar se divertindo, mas só o mais bêbado teve a temeridade e a má educação de pedir mais do que aquela explicação.

—Um casamento? —perguntou, olhando meio vesgo para o colarinho amarrotado e a gravata fora do lugar de DuVille.— O que dois homens podem *conversar* sobre casamento?

—A respeito de qual dos dois será o noivo —foi a resposta calma do francês.

—E decidiram?— perguntou o rapaz menos bêbado, enviando um olhar de zangada advertência para o companheiro e procurando dar a impressão de que acreditava naquela história esquisita.

—Sim.— O francês inclinou-se para colocar suas fichas no centro da mesa. —Eu vou ser o padrinho.

O rapazinho bêbado tomou mais um grande gole de vinho e deu uma risada:

—Um casamento!— exclamou com sarcasmo, evidenciando que não acreditava naquela bobagem.

Nicholas DuVille ergueu a cabeça bem devagar, olhou-o com profunda atenção e

perguntou:

—Você prefere trocá-lo por um funeral?

Sentindo que algo muito ruim poderia acontecer, Baskerville meteu-se na conversa azeda:

—Sobre o que mais você e Langford conversaram? Levaram um bom tempo... conversando.

—Falamos sobre cândidas damas idosas e distraídas... —era evidente a ironia de Nicholas— e admiramos os desígnios de Deus, que, por incompreensíveis razões, às vezes faz a língua dessas damas continuar funcionando, quando o cérebro não funciona mais.

O duque de Stanhope olhou-o, rápido:

—Espero que não esteja se referindo a alguém que eu conheça.

—Conhece alguém chamado "Charity", em vez de "Calamity"?— O duque teve que fazer força para não soltar uma gargalhada ao ouvir a espirituosa comparação.

—Creio que sim respondeu.

Uma conversa talvez embaraçosa sobre esse assunto foi evitada pela chegada de mais um jogador, que cumprimentou Baskerville com rápida gentileza, pegou uma poltrona e sentou-se ao lado de DuVille.

Esticando as longas pernas por baixo da mesa, o recém-chegado fez um aceno para os dois jovens cavalheiros, que não conhecia, claramente esperando uma apresentação. Nicholas pareceu ser o único a compreender essa necessidade de apresentação:

—Esses dois mocinhos de boca sempre seca e bolsos profundos são os lordes Banbraten e Isley —disse ao recém-chegado. Para os rapazes, esclareceu: —Creio que vocês já conhecem o conde de Langford, não? —Depois que os dois assentiram, ao mesmo tempo, tratou de dar cartas, enquanto dizia—: Deus! Quando este jogo terminar, o conde e eu teremos tirado todo o dinheiro dos pais de vocês!

Abriu as cartas que tinha dado a si mesmo e fez uma careta ao sentir aguda dor nas costelas.

—Cartas ruins, hein? —caçoou o duque de Stanhope, interpretando erradamente a cara de dor do francês.

Acreditando que a observação do duque fora para ele, Stephen fechou as próprias cartas, respondendo:

—Nem tanto... —Voltou-se para o garçom, que se aproximou e ofereceu a bandeja com dois cálices de conhaque. Pegou ambos e deu um a Nicholas:— Com meus cumprimentos...

Depois de falar, Stephen observou um dos rapazinhos, que derrubara seu copo de vinho quando ia pegá-lo.

—Ele passou um pouco da conta —explicou Nicholas. Stephen cruzou as pernas à altura dos tornozelos, fitou o rosto vermelho do moço com reprovação e comentou:

—Creio que alguém deveria tê-los ensinado a se comportar antes de se introduzirem na sociedade...

—É exatamente o que eu penso concordou o francês.

Os Skeffington haviam entregado a casa alugada em Londres e voltado para a cidadezinha de Blintonfield. Portanto, tinham sido necessárias três horas a mais do que Nicholas DuVile havia calculado para chegar até Sheridan e pôr em prática o plano romântico que Stephen Westmoreland achava o melhor e o único meio de trazê-la de volta para ele e convencê-la de que suas intenções eram sérias.

O fato de Nicholas ter se tornado emissário do conde de Langford, em vez de seu rival e adversário, não o incomodava. Para começar, estava fazendo o que podia para reatar um relacionamento que se rompera também por sua causa. Depois, achava muito engraçado o papel que desempenhava em sua missão: tinha que persuadir Sheridan a se demitir do emprego com os Skeffington e acompanhá-lo, a fim de ser entrevistada para um emprego numa propriedade a algumas horas de viagem.

Para não ter problemas, levava consigo duas governantas com excelentes recomendações, a fim de substituí-la. Como Lady Skeffington fora com Julianna para Devon, onde ouvira dizer que o duque de Norringham iria passar suas férias de solteiro no mês de julho, tinha sido fácil convencer Sir John a trocar uma governanta por duas com pouco gasto, pois Stephen iria pagar secretamente mais da metade do salário delas durante o primeiro ano de emprego.

Cumprida essa parte do plano, o francês passou à tarefa mais difícil, convencer Sheridan a arrumar sua bagagem e ir com ele ao encontro de um nobre que tinha uma "posição melhor" para oferecer-lhe. Nessa tentativa, resolvera dizer toda a verdade que pudesse e improvisar o restante do jeito que a ocasião ou seu senso de humor permitissem. —O visconde de Hargrove é um tanto temperamental e desagradável, às vezes —explicou, mas ele gosta demais do sobrinho, que é também seu herdeiro por enquanto, e quer o melhor para ele.

—Entendo —assentiu Sheridan, tentando avaliar até que ponto o visconde seria temperamental e desagradável.

—O salário é excelente, para compensar os defeitos do visconde.

—Excelente, como?

A soma que ele mencionou fez a boca de Sherry abrir-se de espanto.

—Há outras vantagens, se você aceitar o... o encargo —pressionou DuVille.

—Outras vantagens? Quais?

—Um excelente quarto com banheiro só para você, uma criada para servi-la, um cavalo só seu...

Os grandes olhos cinzentos arregalavam-se a cada palavra.

—Há mais alguma coisa? —perguntou ela, vendo que ele *fizera* uma pausa, apenas.

— Não acredito!

—Pois o fato é que há. Um dos pontos mais importantes é o que se pode chamar de... estabilidade.

—Estabilidade? O que significa?

—Significa explicou Nicholas, cauteloso que, —se aceitar o encargo, ele será seu, com todos os benefícios, enquanto você for viva.

—Mas pretendo ficar na Inglaterra por pouco tempo!

—De fato, essa é uma complicação, mas quem sabe eu consigo persuadir o visconde a dar-lhe o cargo, assim mesmo.

Sheridan hesitou, tentando imaginar como seria esse homem:

—O visconde é idoso?

—Sim, comparativamente falando —disse Nicholas, rindo por dentro,— pois Langford era um ano mais velho do que ele.

—Ele já teve governantas?

Dessa vez DuVille teve que engolir várias respostas muito divertidas, mas nada adequadas, e respondeu apenas:

—Teve, sim.

—Por que elas foram embora?

Mais uma série de explicações engraçadas lhe ocorreram, e Nicholas decidiu por uma delas:

—Vai ver que esperavam estabilidade e ele não lhes deu... —sugeriu, inocente.

Para evitar outras perguntas a esse respeito, continuou: —Como eu já disse, há certa urgência em resolver a questão. Se você estiver interessada, arrume suas coisas e iremos embora já. Prometi que estaria com você lá hoje às duas horas da tarde, e já estamos com três horas de atraso.

Sem saber se deveria acreditar na sorte, que não lhe sorrisse desde que pusera os pés em solo inglês, Sheridan hesitou. Por fim, ergueu-se:

—Não entendo por que o visconde iria me dar esse emprego, uma vez que deve ter à disposição as mais qualificadas governantas inglesas!

—Ele prefere uma americana —garantiu Nicholas, divertidíssimo.

—Está bem. Então, vamos vê-lo, e se simpatizarmos um com o outro eu trabalharei para ele.

—É o que espero —animou-se o francês. Enquanto ela se dirigia para a escada, a fim de ir arrumar suas coisas, acrescentou: —Eu lhe trouxe um vestido melhor para se apresentar diante de Hargrove, Sherry. Um vestido menos... — procurou uma palavra para definir o vestido simples e escuro que ela usava —fúnebre. O visconde detesta coisas sombrias e tristes ao seu redor.

—Alguma coisa errada, *chéri*? —perguntou Nicholas, quando o sol iniciou a lenta descida no céu, depois do meio-dia.

Olhando os campos verdejantes que passavam pela janelinha da carruagem, Sheridan sacudiu a cabeça:

—Não... Só estou pensando na mudança... Uma nova posição, um salário maravilhoso, um quarto grande, só meu, e até um cavalo para cavalgar. Parece bom demais para ser verdade.

—Então, por que está tão séria e triste?

—Não me sinto bem por ter deixado os Skeffington tão de repente— explicou ela.

—Eles agora têm duas governantas em vez de uma, e Lorde Skeffington ficou tão animado que quase subiu para ajudá-la a arrumar logo a sua bagagem!

—Se você conhecesse a filha deles,— iria me entender. —Deixei um bilhete para ela, mas detesto ter vindo embora sem me despedir de Julianna. Na verdade, detesto me separar dela.— No entanto Sherry afastou a tristeza e sorriu, —sou muito grata a você pelo que faz por mim.

—Espero que continue sendo, daqui a pouco...— replicou Nicholas, com certa ironia. Consultou o relógio e ergueu as sobrancelhas. Estamos muito atrasados. Ele é capaz de pensar que não iremos.

—Por que o visconde pensaria isso? —estrANHou Sheridan. Ele levou mais tempo do que poderia parecer necessário para responder, mas ela afastou a desconfiança assim que DuVille disse:

—Por que eu não podia garantir que você ia deixar seu emprego para vir comigo.

Rindo, ela comentou:

—Quem, em pleno juízo, recusaria uma oferta dessas? —Nesse momento ocorreu-lhe outra possibilidade, e Sherry ficou séria: —Você não está querendo me dizer que ele pode ter dado o emprego a outra, por estarmos atrasados?

Essa pergunta pareceu divertir o francês, que se ajeitou melhor no banco estofado da carruagem e olhou para fora alguns instantes. Ao voltar-se, deu com o olhar preocupado dela e apressou-se a responder:

—Tenho certeza que o encargo será seu, se o quiser.

—O entardecer está tão lindo! —admirou Sheridan. Inclinou-se para a janelinha quando os cavalos passaram a andar mais devagar, em uma subida. Logo depois, com um sacolejo, a carruagem virou à esquerda, saindo da estrada principal.

—Creio que estamos perto da casa...

Ela ajeitou os punhos bordados das mangas compridas do elegante vestido azul-claro que Nicholas lhe dera, depois verificou se o cabelo estava bem preso no severo coque adequado a uma governanta.

O francês chegou-se à janela e viu a imponente e antiga construção de pedra no alto da colina, já começando a ficar na sombra, enquanto o sol descia rápido no horizonte. Sorriu, satisfeito, enquanto explicava:

A propriedade de praia do visconde fica a uma certa distância ainda, mas ele achou que seria melhor esperá-la aqui, que é o local mais adequado para conversarem sobre a posição que quer oferecer-lhe.

Curiosa, Sheridan olhou pela janelinha; suas finas e bem-feitas sobrancelhas franziram-se:

—É uma *igreja*?

—Que eu saiba, é uma capela que fazia parte de um mosteiro escocês, no século XVI. Foi restaurada pelo visconde, pois faz parte da história dos ancestrais dele.

—Que tipo de significado uma capela pode ter na história de uma família?— perguntou ela, curiosa.

—Parece que foi nessa capela que o mais antigo ancestral conhecido do visconde forçou um frade do mosteiro a casá-lo com uma donzela, contra a vontade da moça. —Vendo que Sheridan estremecia, continuou: Agora que penso bem, acho que a família dele tem esse costume...

—Que história mais gótica e nada simpática! —Ela riu, nervosa. —Veja, duas carruagens paradas ali! Mas não há ninguém dentro delas... Que tipo de serviço religioso pode estar acontecendo a esta hora, em uma capela tão fora de mão?

—Um serviço religioso muito especial, acho —respondeu Nicholas. Mudou de assunto:— Deixe-me ver como você está...

Ela voltou-se para ele, que franziu a testa:

—Parece que seu cabelo está escapando do coque... —Intrigada, porque verificara havia pouco e o coque parecera estar firme, Sherry ergueu as mãos, porém o francês foi mais rápido:

—Deixe que eu arrumo, você não pode ver sem espelho.

Antes que ela pudesse protestar ou impedir, ele tirou os grampos, em vez de firmá-los, e a massa de cabelo ruivo despencou pelos ombros dela, em adorável desordem.

—Ah, não! —afligiu-se Sheridan.

—Desculpe! —Nicholas fingiu-se embaraçado. —Você tem uma escova?

—Claro que sim! Mas eu preferia que você não...

—Não se zangue —pediu ele. —Você vai sentir-se mais forte para fazer exigências durante as tentativas se souber que está mais bonita.

—Que exigências eu poderia fazer, Nicholas?

A carruagem parara. Ele esperou que o cocheiro viesse colocar os degraus, então desceu e ofereceu a mão para ajudá-la, enquanto respondia vagamente:

—Ah, não sei... Mas acho que você poderá fazer uma ou duas exigências, para começar.

—Há alguma coisa que você não tenha me contado, Nicki? —Sheridan parou, mas, quando o cocheiro pôs a carruagem em movimento, viu-se obrigada a começar a andar ao lado de Nicholas. A leve brisa movimentava a ampla saia do vestido e o cabelo chamejante. Com certa ansiedade, ela procurou pelo menos um sinal do homem que ia pagar-lhe uma fortuna para ser governanta, no jardim da pitoresca capela.

Teve a impressão de ver algo mover-se à direita e levou uma das mãos ao peito. DuVille fitou-a rapidamente:

—Algo errado?

—Na... não. Pensei que tivesse visto alguém.

—Deve ser ele. Disse que a esperaria ali.

—Ali? O que ele está fazendo aqui fora, no jardim?

—Acho —respondeu Nicholas, com certa ironia que está meditando sobre seus pecados. —Agora, por favor, vá até lá e converse com ele. E, *Shérie*...

Ela já entrara na alameda do jardim, então parou e voltou-se:

—Sim?

—Caso você não queira mesmo aceitar o oferecimento dele, eu a levarei embora daqui. Não se sinta obrigada a ficar, se não quiser. Você vai ter muitas chances de outros... ”empregos”, só que não tão atraentes quanto este parece ser. Lembre-se disso e a voz dele se tornou mais firme, se não quiser mesmo aceitar, irá embora daqui sob a minha proteção.

Sem saber o que pensar, Sheridan assentiu, virou-lhe as costas e saiu andando pela alameda, erguendo a saia com cuidado para não sujá-la de terra. No ponto em que o jardim se tornava mais denso, ela teve que parar para acostumar os olhos à falta de luz. Percebeu então o vulto de um homem junto de uma árvore, com os braços cruzados no peito e as pernas meio afastadas uma da outra. Livrando-se da absurda ideia de que havia algo familiar naquele vulto, continuou se aproximando, o coração batendo um pouco mais rápido por causa da ansiedade pela entrevista que a esperava.

Quando se encontrava a poucos metros dele, o homem deu três passos à frente e disse, com voz solene:

—Fiquei com medo que não viesse.

Por um instante ela sentiu-se enraizada na terra, mas reagiu em seguida: voltou-se e saiu correndo, porém Stephen foi mais rápido e segurou-a, obrigando-a a virar-se de frente para ele.

—Largue-me! —exclamou ela, ofegante pela corrida e pela emoção.

Com suavidade, ele perguntou:

—Por favor, poderia ficar um momento e ouvir o que tenho a dizer?

Ela fez que sim, e ele a soltou. De imediato Sherry voltou-se para correr, mas dessa vez ele estava prevenido e segurou-a pelos dois braços. Com profunda tristeza nos olhos azuis, disse:

—Não me obrigue a retê-la à força.

—Eu não estou obrigando você a nada, seu repulsivo, desprezível... devasso! —Ela se debatia, tentando soltar-se das mãos férreas.— Nunca pensei que Nicholas DuVille fosse capaz de uma coisa dessas! Ele me convenceu a deixar o emprego, fez-me acreditar que teria uma posição melhor aqui, trouxe-me e...

—Mas eu tenho uma posição melhor para propor a você —interrompeu-a o conde.

—Não estou interessada em nenhuma de suas propostas! —gritou Sherry, cessando a inútil tentativa para soltar-se e encarando-o com indescritível furor. —A última delas

ainda dói em meu peito.

Os olhos de Stephen se estreitaram ao ouvir aquilo, mas ele insistiu:

—A proposta inclui uma casa... aliás, várias.

—Eu já ouvi isso! —rebelou-se ela.

—Não, não ouviu! —O tom dele se exaltara.— As casas serão acompanhadas por criados, todo o conforto, todo o dinheiro que você puder gastar, jóias, vestidos, peles... e por mim.

—*Eu não quero você!*—foi o doloroso grito de Sheridan.— Você me usou como... como uma prostituta, agora fique longe de mim! —Meu Deus a voz dela quebrou-se, — sinto tanta vergonha! Uma história tão banal... a governanta que se apaixona pelo dono da casa. Só que nos livros os cavalheiros não fazem com as governantas o que você fez comigo na cama. Foi horrível, e...

—Não diga isso! —O grito rouco doeu na garganta de Stephen. —Por favor, não diga isso. Não foi horrível. Foi...

—Sórdido— gemeu ela.

Com o rosto muito pálido, ele tentou falar com calma:

—A nova proposta me inclui, juntamente com minha mão, meu nome e tudo o que possuo.

—Eu não quero!

—Sim, você quer!

Ele a sacudiu, furioso, e Sheridan sentiu um começo de alegria, mas tratou de matar essa alegria dizendo a si mesma que Stephen estava tendo outro ataque de consciência, dessa vez por tê-la seduzido.

—Vá para o inferno! —As palavras dela soaram baixas e frias. Não sou nenhuma coitadinha que você precise pedir em casamento cada vez que tem um ataque de consciência culpada. E na primeira vez que você agiu assim eu nem sequer era a mulher diante da qual deveria sentir-se culpado.

—Culpado...— repetiu ele, com uma risada amarga.— Só posso sentir uma culpa em relação a você: foi querê-la para mim desde o momento em que você recuperou os sentidos. Pelo amor de Deus, olhe para mim e verá que estou dizendo a verdade! —Stephen segurou o queixo dela, que não resistiu, nem cooperou; apenas focou o olhar no peito dele.

—Eu roubei a vida de um jovem, depois vi a noiva dele e quis roubar a vida dela, também. Pode entender como me senti diante disso? Matei um homem e *desejei a* mulher que ele jamais iria ter porque eu o havia matado. Eu queria me casar com você, Sheridan, desde o começo.

—Não, não queria! Não, até que foi informado da morte de Mr. Lancaster, que deixava sua pobre e frágil filha sem ninguém no mundo a não ser *você!*

—Se eu não quisesse uma desculpa, diante de mim mesmo, para me casar com a ”pobre e frágil filha de Lancaster”, teria feito tudo o que podia por ela, mas nunca lhe teria proposto casamento. Que Deus me perdoe, mas uma hora depois de ter recebido aquela carta eu bebia champanhe com meu irmão para brindar nosso casamento. Se eu não quisesse me casar com você teria bebido cicuta!

Sheridan mordeu nervosamente os lábios, com medo de acreditar no que ouvia, com medo de confiar nele, mas incapaz de se impedir de fazê-lo porque o amava.

—Olhe para mim —pediu Stephen, erguendo-lhe de novo o queixo, e dessa vez os lindos olhos cinzentos encontraram os dele. —Eu tenho vários motivos para pedir-lhe que entre comigo, na capela, onde um padre está à nossa espera, mas juro que a culpa não é um deles. Tenho também várias exigências a fazer antes que concorde em entrar na capela comigo

—Que tipo de exigências?

—Eu quero que você me dê filhas com o seu cabelo e sua personalidade— disse ele, começando a enumerar as exigências. —Quero que meus filhos tenham seus olhos *e* a sua coragem. Se não é isso que você quer, diga-me as combinações que prefere e aceitarei, humilde, agradecendo-lhe por me dar os filhos que faremos

A felicidade que se expandiu no peito de Sheridan era tão imensa que doía

—Eu quero mudar seu nome —disse ele com um sorriso terno e carinhoso,— assim não haverá mais dúvidas sobre quem você é e a quem pertence. Deslizou as mãos pelos braços dela, com suavidade, sem que seus olhos deixassem de se fixar.— Eu quero o direito de partilhar a sua cama esta noite e todas as noites, de hoje em diante. Quero fazê-la gemer de novo em meus braços, quero acordar ainda unido a você. —Envolveu o rosto de Sherry com ambas as mãos, esmagando com os polegares as lágrimas que tinham começado a descer pelas faces dela —E, mais do que tudo, quero ouvir você dizer Eu o amo todos os

dias da minha vida. Se acha que não pode concordar com esta última exigência por enquanto, espero até mais tarde, esta noite, quando acho que você irá concordar. Em troca dessas concessões, prometo satisfazer a todos os seus desejos que estejam ao meu alcance. E, sobre o que aconteceu conosco na cama, em Claymore, não houve nada de sórdido.

—Mas nos tornamos *amantes*! —Ela ficou vermelha de vergonha ao dizer isso

—Sheridan —havia toda a suavidade do mundo nas palavras dele, —nós nos tornamos amantes desde o instante em que sua boca tocou a minha pela primeira vez.

Stephen queria que ela sentisse orgulho e não vergonha por dar-lhe prazer e senti-lo prazer com ele, queria que aceitasse isso como uma preciosa dádiva do destino. De súbito, compreendeu que estava esperando demais de uma mulher jovem e inexperiente.

Deveria absolvê-la completamente, assumindo toda a culpa que Sheridan julgava existir no desejo que sentiam um pelo outro. Pensava em como fazer isso quando a mulher que amava segurou-lhe a mão e depositou-lhe um beijo na palma.

—Eu sei... —ela murmurou, simplesmente.

Essas duas pequeninas palavras encheram-no de tanto orgulho que ele teve medo de explodir. *Eu sei*. Não haveria mais recriminações, fingimentos, negativas.

Sheridan ergueu os olhos para ele, e nas pupilas quase prateadas não havia mais dor e sombras: havia amor, uma doce aceitação e felicidade.

—Quer entrar comigo na capela? —indagou ele, baixinho.

—Quero.

Sua esposa de duas horas soltou um gemido de queixa quando a carruagem parou, e foi com relutância que Stephen separou os lábios dos dela.

—Onde estamos? —perguntou Sheridan, num sussurro langoroso.

Em casa respondeu ele, surpreso com a rouquidão da própria voz.

—Na sua casa?

—Na nossa casa —corrigiu ele.

Um arrepio de prazer percorreu o corpo dela ao ouvir isso. Um criado abriu a porta da carruagem e colocou os degraus. Sherry fez um esforço para ajeitar o cabelo, afastando-o da testa e penteando-o com os dedos. Enquanto o fazia, notou o jeito como Stephen a fitava, acompanhando seus gestos com um olhar acariciante e terno.

—Em que está pensando? —perguntou, curiosa. Ele sorriu:

—Na mesma coisa que pensei quando a vi sair do banheiro, em Londres, com uma toalha azul na cabeça, e me anunciou que seu cabelo era ruivo.

—E em que pensou então? —insistiu ela, enquanto o marido lhe oferecia a mão para ajudá-la a descer.

—Depois eu lhe digo, ou melhor, *lhe mostro* —prometeu ele.

—Quanto mistério! —brincou Sheridan.

Durante quatro anos uma quantidade enorme de jovens ladies haviam cercado Stephen, na esperança de um dia se tornarem senhoras da casa que ele desenhara, construísse e denominara Montclair. Nesse momento, o conde esperava a reação da mulher que afinal escolhera para ser a senhora de Montclair.

Sherry apoiou a pequena mão no braço dele, sorriu com gentileza para o laçaio que colocara os degraus junto da carruagem e olhou a imponente mansão de pedra que se erguia pouco adiante. Estacou, surpresa, olhando com aflição para as brilhantes janelas que se alinhavam na imensa fachada, depois reparou nas carruagens, umas atrás das outras, na alameda ao lado da casa. Então, olhou para o conde e indagou, numa voz embargada:

—Você está dando uma *festa*?

Stephen inclinou a cabeça para trás, deu uma gargalhada, abraçou-a e escondeu o rosto sorridente no cabelo macio:

—Eu sou louco por você, Lady Westmoreland!

Ela não se impressionara com aquele verdadeiro palácio, mas impressionou-se com a sonoridade de seu novo nome:

—Sheridan Westmoreland... —disse, em voz alta. —Gosto muito desse nome. A carruagem de Nicholas DuVille parou atrás da deles, e ela lembrou-se do que perguntara: —Você está dando uma festa?

O conde assentiu, olhou para DuVille e parou, para esperar que ele os alcançasse.

—Hoje minha mãe está fazendo sessenta anos —explicou, sorrindo. —Estou dando um baile dedicado a ela, e foi por isso que minha mãe, meu irmão e minha cunhada não puderam estar presentes em nosso casamento. Tiveram que ficar aqui para receber os convidados. —Ao ver a preocupação obscurecer os olhos cinzentos, ele continuou:— Os convites já tinham sido feitos há semanas, porém eu não quis esperar mais para nos casarmos. Para falar francamente— corrigiu, depressa, —eu não poderia esperar sequer mais um dia para nos casarmos. Está aborrecida com isso?

—Não respondeu Sherry, enquanto subiam a escada para o amplo terraço.— É que não estou vestida...

Nicholas interrompeu-a, ofendido:

—Como não está? Eu escolhi esse vestido pessoalmente, em Londres.

—Sim, mas não é um vestido de baile... —contrapôs ela, rindo.

O mordomo abriu a porta, e uma onda de música, vozes e risos envolveu os três. Diante de Sherry, surgiu uma escadaria de mármore, em forma de U, subindo dos dois lados de um amplo saguão. O mordomo mantinha-se ereto, atento, como se esperasse a atenção dela, que percebeu algo familiar nele e olhou com mais atenção:

—Colfax!— exclamou, com os olhos cintilando de alegria. Ele fez uma reverência formal:

—Bem-vinda ao lar, Lady Westmoreland.

—Estão todos aqui?— perguntou Stephen, tentando desviar os pensamentos da cama enorme que os esperava lá em cima.

—Sim, milorde.

O conde voltou-se para o seu padrinho de casamento:

—Sherry e eu vamos trocar de roupa, DuVille. Não quer ir para o salão de baile?

—De jeito nenhum. Quero entrar com vocês, para ver a cara deles.

—Muito bem. Vamos trocar de roupa e depois nos reunimos a você...

Ele pensava na possibilidade de alguns momentos de intimidade com a esposa antes de irem para o baile, que deveria se prolongar até as primeiras horas da manhã.

—Em vinte minutos então —concordou Nicholas, com o olhar de quem sabia das coisas.

Sheridan não prestou atenção no que eles diziam, pensando no que vestiria para o baile. Enquanto subiam a escada, ela perguntou isso a Stephen, mas a resposta dele foi interrompida por um chamado do francês, que ficara lá embaixo:

—Vinte minutos, ou subirei para pegar vocês!

O lembrete, aparentemente inocente, fez Lorde Westmoreland resmungar algo entre dentes, e Sherry perguntou:

—Do que você chamou Nicki?

—Chamei-o de Filho da Pontualidade —mentiu Stephen, com um sorriso sem jeito diante do olhar duvidoso dela.

—Não me pareceu bem isso...

—Bem, chegou perto —encerrou ele, enquanto parava diante de uma das portas do longo corredor.— Não havia tempo para comprar-lhe um vestido apropriado, então Whitney trouxe um que achou indicado para a ocasião... se você viesse comigo.

Enquanto falava, ele abriu a porta; Sheridan viu três criadas perfiladas, à espera. No entanto, o que mais lhe chamou a atenção foi um maravilhoso vestido de seda cor de marfim, estendido sobre a enorme cama, com uma longa cauda descendo pela colcha adamascada até o chão. Fascinada, ela deu um passo à frente, depois desviou o olhar do vestido para seu sorridente marido:

—O que é isso?

Ele abraçou-a, deslizou uma das mãos até a nuca delicada, apertou-a ao peito e murmurou:

—O vestido de casamento de Whitney. Ela disse que, se viesse comigo, gostaria que você o usasse.

Sherry achou um absurdo chorar de felicidade, e, envolta numa atmosfera estranha, como que acolchoada, mal ouviu Stephen perguntar:

—Em quanto tempo acha que ficará pronta?

—Uma hora respondeu ela, —ressabiada, —se quiser que meu cabelo se apresente decente.

Pela segunda vez ele apertou-a ao peito e pediu, emocionado:

—Escove-o, apenas. Deixe-o solto.

—Ah, mas...

Tenho um carinho especial por esse seu cabelo comprido, brilhante, cor de fogo e solto —cortou ele.

—Nesse caso —assentiu ela, comovida, —creio que é assim que vou deixá-lo esta noite.

—Ótimo, porque só temos quinze minutos para descer.

A duquesa-mãe olhou para Hugh Whitticomb quando o segundo-mordomo, que se encontrava numa extremidade do balcão, anunciou o duque e a duquesa de Hawthorne, que entraram no salão e misturaram-se aos numerosos convidados.

—Hugh, você sabe que horas são?

Clayton, que acabava de olhar seu relógio, respondeu:

—Já passa das dez horas.

A resposta fez os componentes do pequeno grupo olharem uns para os outros.

Whitney expressou o pensamento de todos ao falar com a maior tristeza:

—Sherry recusou-o... senão, eles teriam chegado há pelo menos três horas.

—Eu tinha tanta esperança de que desse certo! —suspirou Miss Charity com profundo desânimo.

—Quem sabe DuVille não conseguiu convencê-la a vir sugeriu Jason Fielding.

A esposa dele sacudiu a cabeça e contrapôs:

—Se Nicholas DuVille decidiu que a traria, tenho certeza que conseguiu persuadi-la a vir.

Sem reparar que falara como se achasse que mulher nenhuma conseguiria negar qualquer coisa ao francês, ela ergueu os olhos e viu o marido fitar o duque com as sobrancelhas erguidas e perguntar:

—Haverá alguma coisa em DuVille que eu nunca percebi? Algo que o torna irresistível?

—Juro que conseguiria resistir a ele! —afirmou Clayton, seco. Ia dizer mais alguma coisa, no entanto uma de suas tias aproximou-se para cumprimentar a duquesa-mãe pelo aniversário.

—Que festa mais linda, Alicia! Você deve estar muito feliz esta noite.

—Poderia estar mais —respondeu a dama, com o olhar triste, enquanto a irmã de seu falecido marido tornava a voltar para o turbilhão da festa.

Lá em cima, no balcão, o segundo-mordomo anunciava mais recém-chegados:

—Sir Roderick Carstairs. Monsieur Nicholas DuVille... —Alicia Westmoreland olhou para cima, assim como todos os que a rodeavam. Nicholas baixou os olhos para eles, o rosto bonito muito solene, enquanto se encaminhava para a escada que ligava o balcão ao salão de baile.

—Não deu certo! —Whitney parecia à beira do pranto. —Falhamos...

O marido passou um braço pela cintura dela e puxou-a mais para perto de si:

—Você tentou, querida. Fez tudo o que podia...

—Todos nós fizemos —acrescentou Charity Thornton, com o queixo tremendo enquanto olhava tristemente para Hugh Whitticomb e, depois, para Nicholas DuVille.

—*O conde e a condessa de Langford!*

Essas palavras, ditas num tom mais sonoro do que nunca, causaram imediata comoção entre os convidados, que começaram a se entreolhar, surpresos, depois voltaram-se todos para o balcão. Mas a surpresa deles não era nada comparada com a reação do pequeno grupo de sete pessoas que tinham permanecido atentas, em vigilante espera. As mãos de uns e de outros procuraram-se, encontraram-se e apertaram-se cegamente; ergueram o rosto para o balcão, sorrindo, felizes, com os olhos marejados de lágrimas.

De calça e casaca negras, colete branco, camisa branca com jabô de rufos, Stephen Westmoreland, conde de Langford, caminhava lentamente pelo balcão. A seu lado, com a pequena mão apoiada no braço dele, parecia flutuar uma princesa medieval, em um vestido de seda marfim, cujo corpinho justo bordado com pérolas e de decote quadrado mergulhava em V na ampla saia esvoaçante, marcando a cintura sutil. Uma corrente com elos de ouro incrustados de diamantes e pérolas apoiava-se nos quadris voluptuosos e cintilava a cada passo. O cabelo descia em ondas e cachos flamejantes pelos ombros e costas delicados.

—Ah, meu Deus!

A exclamação maravilhada de Charity Thornton foi abafada por um estrondo de aplausos que rolou pelo enorme salão, fazendo estremecer a sólida construção de pedra.

Era a noite do seu casamento.

Com o colarinho da camisa desabotoado e as mangas enroladas, Stephen sentou-se numa das poltronas *bergères* de seu quarto, com os pés apoiados em uma mesinha baixa. Tomava pequenos goles de xerez, enquanto dava tempo à noiva para trocar de roupa e dispensar a criada.

Noite do seu casamento...

Sua noiva...

Ergueu a cabeça, surpreso, quando seu criado de quarto entrou.

—Posso dar-lhe assistência esta noite, milorde?— sugeriu Damson, estranhando a surpresa do patrão por seu aparecimento, uma vez que o fazia todas as noites.

Assistência? Stephen teve que sorrir diante do imediato pensamento de que nada no mundo, nem mesmo a preciosa assistência de seu criado de quarto, iria atrapalhar a deliciosa tarefa que iria desempenhar nessa noite. O riso alargou-se ao imaginar Sheridan junto da penteadeira, com a escova de cabelos na mão, aguardando que Stephen desse a calça ao criado de quarto para que a pendurasse com perfeição e depois fosse pegando cada peça que o patrão tirasse...

—Milorde?

Ao som da voz de Damson o conde percebeu que estava olhando através dele, enquanto sonhava de olhos abertos. Imaginou que, com certeza, devia estar com um sorriso idiota nos lábios.

—Não respondeu,— afinal, com polida firmeza.— Obrigado e boa noite.

Damson observou com ar de reprovação a camisa aberta e as mangas enroladas:

—Posso pegar o robe de brocado, talvez?

Stephen pensou, divertido, o que iria fazer com um robe nessa noite, e percebeu que estava rindo outra vez.

—Não, creio que não.

—O de seda cor de vinho, então?— insistiu Damson. —Ou o verde-escuro?

De repente, o lorde lembrou-se que seu criado de quarto, de meia-idade, nunca se casara e que devia estar preocupado, temendo que o patrão não fizesse bonita figura diante

da noiva, entrando no quarto dela em mangas de camisa.

—Nenhum deles —respondeu, suave.

—Quem sabe o...

—Vá dormir, Damson —sugeriu Stephen, encerrando a discussão sobre robes e camisões de dormir apropriados que, tinha certeza, o criado ia iniciar. —E muito obrigado acrescentou com um sorriso, para tirar a dureza da dispensa.

Damson fez uma reverência e retirou-se, mas primeiro lançou um olhar doloroso à camisa aberta de seu lorde, que deixava o pescoço e parte do peito nus.

Desconfiado de que o pobre homem poderia decidir fazer mais uma tentativa de vestir o patrão dignamente para sua noite de núpcias, Stephen pôs o cálice sobre a mesinha, dirigiu-se à porta e trancou-a.

Era evidente que Damson não podia saber que o patrão já antecipara a noite de núpcias com a esposa. Ao abrir a porta de comunicação entre os quartos de casal, o conde pensou nisso e não pôde deixar de sentir uma ponta de culpa e de arrependimento pelo modo como começara e encerrara aquela outra noite. Mas não se arrependia nem um pouco do que tinham feito entre o começo e o fim. Resolvido a preencher todas as lacunas que aquela primeira noite de amor pudesse ter deixado, entrou no quarto da esposa e parou, surpreso, ao ver que ela não o estava esperando na cama. No entanto dera-lhe tempo mais do que suficiente para preparar-se e se deitar. Então, pé ante pé, aproximou-se da porta do banheiro anexo. Estava a meio caminho quando a porta que dava para o corredor se abriu e entrou uma criada, carregando uma pilha de toalhas macias.

Sua esposa estava no banho, compreendeu Stephen.

Esposa... Pensando nessa palavra e em tudo o que ela implicava, Westmoreland aproximou-se da criada e retirou as toalhas das mãos dela, escandalizando-a. Em seguida, disse-lhe que podia ir dormir.

—Mas... —gaguejou a moça. —Mas *milady* precisa de mim para ajudá-la a preparar-se para deitar!

Stephen estava começando a imaginar se todos os maridos e esposas, com exceção dele e de Sherry, iriam para a cama inteiramente vestidos se não tivessem um camareiro e uma criada que os ajudassem a despir-se e deitar-se. Nesse caso, nunca teriam a oportunidade de ver o corpo um do outro! Ria dessa conclusão, enquanto trancava a porta

atrás da criada e dirigia-se ao banheiro. Ainda sorria quando viu a esposa na enorme banheira de mármore, meio de costas para ele, com o cabelo preso no alto da cabeça, pequenas madeixas caindo sobre a nuca e bolhas cobrindo-lhe os seios.

Aquela visão era mais do que encantadora, era de enlouquecer! Sua esposa! O perfume de lavanda que vinha do banho o fez lembrar-se, de repente, do ultimato de Sherry a respeito de Helene. Essa lembrança trouxe outras, inclusive as amargas palavras dela a respeito dos mexericos que ouvira sobre ele. Rindo intimamente, ele concluiu que, mesmo não aprovando seus relacionamentos sexuais antes do casamento, com certeza Sherry iria beneficiar-se deles nessa noite. Ele pretendia usar toda a habilidade e conhecimento que tinha para que ela nunca esquecesse a noite de seu casamento.

Sentindo inteira confiança em que era capaz de fazer o que se propunha, Stephen sentou-se na borda da banheira, disposto a bancar a criada de quarto. Mergulhou as mãos na água quente, perfumada, para aquecê-las, depois colocou-as sobre os ombros de Sheridan, de leve, fazendo os polegares deslizarem na pele molhada.

—Eu gostaria de sair agora disse ela, —sem olhar para trás.

Sorrindo por causa da peça que ia pregar-lhe, Stephen ergueu-se e abriu uma das enormes toalhas, esperando por ela. Sherry saiu da banheira e ele envolveu-a na toalha, passando os braços ao redor dela, fazendo-a estremecer ao ver que eram as mãos dele e não as da criada que seguravam a toalha. De imediato, recuou, fazendo com que suas costas, quadris e pernas se encostassem nele; colocou os braços sobre os do marido, virou o rosto e esfregou-o no peito dele. Era um silencioso gesto de aceitação, de ternura, de amor, e no entanto, quando ele a girou, fazendo-a ficar de frente, ela tremeu de leve, parecendo nervosa e tímida.

—Posso vestir o *négligé*? —perguntou, insegura.

Era um pedido de permissão que o tocou de maneira inefável, mas, determinado a jamais dominá-la, ele respondeu com segurança:

—Pode fazer tudo o que quiser, Lady Westmoreland.— Como ela hesitasse, ele envolveu-a na toalha e, educadamente, voltou-lhe as costas e foi para o quarto, surpreso e meio abalado com aquele impulso de pudor.

Quando ela entrou no quarto, um minuto depois, a visão da esposa abalou-o mais ainda. Molhada, envolta na toalha, ela era deliciosa. Vestida com um *négligé* curto de renda

branca, delicado como uma teia de aranha e deixando entrever, por baixo do forro cor de carne, milímetros de pele aos olhos, desde os seios até os quadris, ela era a tentação máxima de um sonho masculino... Etérea, atraente, não inteiramente nua nem inteiramente vestida. Uma sereia. Um anjo.

Sheridan percebeu chamas nos olhos azuis enquanto ele se aproximava, e, com aquela única noite em Claymore de amostra para o que ia acontecer, esperou que ele lhe dissesse para soltar o cabelo. Ficou imóvel, sentindo-se sem graça e desesperadamente consciente de sua falta de experiência coisa que não teria acontecido se a criada não despejasse quase um vidro de sais de lavanda na água do seu banho. O perfume de lavanda a fizera lembrar-se de Helene Devernay, mas isso não seria tão ruim se, duas semanas antes, ela não tivesse visto a amante de Stephen passar na Bond Street em uma carruagem laqueada de prata, com estofamento cor de lavanda. Julianna Skeffington apontara para ela e lhe informara de quem *se* tratava, mas não seria preciso isso para Sherry saber quem era. A amante de Stephen, ex-amante se dependesse dela, era o tipo de mulher que fazia qualquer outra parecer comum e sem graça. E era como Sheridan se sentia.

Não gostava daquela sensação. Gostaria que Stephen tivesse dito que a amava. Gostaria que ele tivesse dito que não amava Helene. Agora, que sua memória voltara a funcionar, lembrava-se muito bem de um exemplo americano equivalente ao tipo de Helene Devernay: uma dama vestida com saia curtíssima, vermelha, com plumas nos cabelos, sentada no colo de Rafe, numa noite em que ela espiara para dentro da casa de jogos, através de uma janela. A mulher enfiava os dedos no cabelo de Rafe e Sherry sentira um ciúme que não era nada em comparação com o que sentia cada vez que pensava em Helene Devernay sentada no colo de Stephen.

Gostaria de ter coragem para perguntar a ele, naquele momento, se rompera o relacionamento com a lindíssima loira. Por outro lado, o bom senso lhe dizia que, se estivesse disposta a dar um ultimato, teria mais chance de sucesso se primeiro conseguisse fazer com que o marido a quisesse mais do que queria à sua maravilhosa *cherie amie*. O único problema era que não tinha a menor ideia de como fazê-lo gostar mais dela sem pedir ajuda a ele. Lembrando-se do modo como o marido lhe ordenara que soltasse o cabelo, naquela noite maravilhosa e amarga ao mesmo tempo, levantou as mãos.

—Posso?... —perguntou, incerta.

Stephen observou os seios se erguerem mais com esse gesto.

—Pode o quê? —indagou, aproximando-se dela.

—Posso soltar o cabelo *agora*?

Ela pedia permissão, de novo. Com certeza, deduziu ele com amargura, lembrava-se da grosseira ordem que lhe dera para soltar o cabelo em Claymore. Colocou as mãos nos ombros dela, procurando não olhar tão fixamente os seios que arfavam.

—Eu solto... —respondeu, com suavidade. Ela recuou um passo:

—Não, pode deixar. Se você prefere que eu solte...

—Sheridan, o que está havendo de errado? O que está perturbando você?

Helene Devernay é que me perturba, pensou ela, mas disse:

—Eu... eu não sei o que fazer... Não conheço as regras...

—Que regras?

—Eu gostaria de saber como agradar a você forçou-se a dizer, por fim.

O rosto dele alterou-se tanto e ficou tão vermelho que Sherry implorou, com voz angustiada:

—Ah, por favor, não ria de mim! Não..

Stephen olhou aquela mulher tentadora, maravilhosa, e murmurou:

—Ah, bom Deus!...

Era evidente que ela falava sério. Não imaginava o que era, como era. Atraente, sensual, linda, meiga, corajosa... E estava falando *sério*. Tanto que ele teve certeza de que uma resposta ou reação errada naquele momento poderia feri-la tão profundamente que nunca mais o relacionamento deles seria perfeito e lindo como prometia.

—Eu não ia rir, querida —garantiu, sombrio.

Contente por ele ter compreendido e não se opor, ela perguntou, procurando os olhos dele com os seus:

—O que é permitido?

Stephen acariciou-lhe o rosto e, em seguida, o cabelo:

—Tudo é permitido. —Sua voz soava rouca e trêmula.

—Existe... existe alguma finalidade?

Dissolveu-se completamente a confiança que ele sentira em sua experiência com mulheres e a certeza de que isso o ajudaria muito nessa noite.

—Sim, há.

—Qual é?

Ele abraçou-a e colocou as mãos nas costas dela, de leve, enquanto respondia:

—A finalidade para nós é nos unirmos o máximo que dois seres podem se unir e usufruir dessa união o mais que pudermos.

— Como eu vou saber que você... você gosta de se unir comigo? Ele percebeu que começava a ter uma ereção só com aquela conversa profundamente erótica.

— Em geral, sempre que você gostar — esclareceu —, eu também estarei gostando.

— Eu não sei *se* gosto.

— Entendo... Então, acho que primeiro você precisa aprender a saber.

— Quando vou aprender? —perguntou ela.

Assim que fez a pergunta, Sheridan teve medo que ele respondesse "um dia". No entanto, o marido segurou-lhe o queixo com delicadeza, ergueu-lhe o rosto e ela viu os lábios sensuais dele formarem uma só palavra:

— Agora.

Esperou, com um misto de embaraço e ansiedade, que ele fizesse alguma coisa, que lhe desse alguma instrução, mas Stephen apenas fitou profundamente os olhos dela, pensando que descobrira o paraíso. Depois, inclinou a cabeça e roçou levemente os lábios dela com os seus, enquanto levava uma das mãos ao pescoço dela e fazia-a deslizar suavemente até um seio, ao passo que a outra, em suas costas, apertava-a contra si. O roçar de lábios se transformou em beijo, e ela se viu correspondendo instintivamente. Ela gostou, pensou Stephen. Percebeu que ela gostava também de outra coisa, quando Sherry tentou inserir a mão pela estreita abertura de sua camisa.

— Quer que eu tire a camisa? — ele ouviu-se perguntar.

Sheridan teve a sensação de que essa pergunta era o prelúdio para que tirasse o *negligé*, mas ao mesmo tempo teve certeza de que ficaria sem ele, de qualquer jeito. Fez que sim e, enquanto Stephen satisfazia seu desejo, recuou um pouco a fim de vê-lo desabotoar a camisa. Quando o último botão foi desabotoado e ele abriu a camisa para tirá-la, descobriu que o ato de se despir diante de uma mulher era estranhamente erótico.

Ela admirava os ombros largos, musculosos, e o peito forte forrado de pêlos crespos, negros. Ergueu uma das mãos e ia tocá-lo, mas se deteve e lançou-lhe um rápido

olhar interrogador. Ele assentiu e sorriu diante do brilho que se acendeu nos lindos olhos cinzentos; Sheridan colocou as mãos no tórax firme, fez os dedos deslizarem até os mamilos minúsculos, depois foi descendo as mãos até a cintura, julgando-o tão lindo como a estátua de um deus grego, todo em ângulos duros e músculos rijos. Tornou a subir as mãos e tocou de novo os mamilos, que enrijeceram sob seus dedos. Ela retirou-os no mesmo instante.

— Você não gosta disso? — perguntou, fitando a profundidade azul dos olhos dele, agora mais escura pelo desejo.

— Gosto, sim — disse ele com certa dificuldade.

— Então, eu também — disse ela sem pensar, sorrindo.

— Ótimo...

Stephen pegou-a pelas mãos e levou-a até a cama. Sentou-se e, quando ela ia sentar-se a seu lado, segurou-a pela cintura e a fez sentar-se em seu colo, com uma risada rouca.

— Continue... — pediu.

Sherry voltou ao reconhecimento do peito dele, dos braços, intrigada com o comentário sobre gostar do que um fazia com o outro. De repente, entendeu o que ele quisera dizer. *Se você gostar, eu também estarei gostando*. Era isso, então, uma vez que uma das grandes mãos dele se insinuara sob o *negligé* e envolvera um dos seios, fazendo todo o corpo dela palpitar. Olhou para baixo, observando os longos dedos lhe acariciarem o bico do seio, enquanto acariciava os mamilos pequeninos e rijos dele. Imaginou se as batidas aceleradas de seu coração estariam sendo imitadas pelo coração de Stephen. Suspirou profundamente e esperou, mas a mão dele imobilizou-se sobre o corpo dela.

Naquele momento, ele esperava que Sheridan decidisse o que queria: se ele devia tirar seu *negligé* ou se ela mesma o despiria. Na expectativa de que ela se resolvesse pela segunda hipótese, ele esperou, num delicioso suspense, até que Sherry resolveu o problema erguendo os braços e passando-os pelo pescoço dele, ao mesmo tempo em que pressionava os seios contra o peito musculoso. Ela queria que ele abrisse o *negligé*, concluiu ele, mas não queria pedir. Conseguiu desabotoar a delicada peça depois de certa complicação e enfiou as mãos pela abertura, envolvendo os pequenos seios, depois brincando com os mamilos, sentindo-os endurecer como pequenos botões de rosa, enquanto os globos macios pareciam tornar-se maiores sob suas mãos. E, com eles, o sexo de Stephen tornava-se maior

e cada vez mais rijo.

Sentindo-se seguro de novo, em seu próprio território, onde, sua experiência valeria para ambos, ele inclinou a cabeça e tocou um mamilo com a ponta da língua; em seguida beijou-a, introduzindo a língua ardente em sua boca, e voltou de novo ao seio, fazendo-a estremecer e respirar fundo. Sheridan baixou os olhos para a cabeça escura sobre seu peito, enquanto clarões de uma sensação deliciosa partiam ritmicamente do bico do seio para a região cada vez mais quente entre as pernas. Com suavidade, enfiou os dedos na basta cabeleira castanha, enquanto Stephen passava para o outro seio e lhe dava a mesma atenção que dera ao primeiro. *Só* que dessa vez envolveu o bico com os lábios, sugando-o, e ela apertou-lhe a cabeça contra o peito, desesperada para transmitir-lhe as sensações que ele lhe proporcionava.

Como se adivinhasse isso, Stephen deitou-a na cama, de lado, e estendeu-se junto dela. Nos braços dele, Sheridan envolveu um mamilo com a boca, tocando-o com a ponta da língua, como ele fizera com ela, e sentiu os dedos de Stephen se ocultarem em seu cabelo, como se lhe desse uso livre de seu corpo.

Ele tinha a impressão de que morreria antes que aquela doce tortura terminasse.

Levara-a para a cama porque era mais confortável e lhe dava mais acesso ao corpo inteiro dela. Não esperava que Sheridan fizesse com ele o que estava fazendo. O desejo explodia através de seu corpo e ele gemia, agarrando-se a ela, que acariciava seu peito com as pontas dos dedos, com beijos, com a língua. Não aguentando mais, deitou-a de costas, desabotoou o restante do *négligé*, abriu-o e, então, fechou os olhos, respirando fundo. Não havia mais nada cobrindo a pele de Sheridan. Ele não entendia como não percebera isso, não sabia por que não supusera isso. *Só* sabia que o *négligé* fora um presente de Whitney para a concunhada.

Em Claymore, o quarto estava praticamente escuro, e ele não notara que Sherry tinha pernas longas, perfeitas, quadris arredondados, graciosos, cintura fina e seios lindos, firmes. Seu plano era ter uma noite de amor calmo, controlado, para não assustá-la mais do que já a assustara, porém seu corpo reclamava o dela com dolorosa urgência.

Ela mal respirava: via-o de lado, apoiado num cotovelo, olhando-a inteirinha. De repente, ele fechou os olhos, e o coração dela parou. Achando que era melhor conhecer os próprios defeitos, para poder disfarçá-los, ela perguntou, com voz trêmula:

— O que há de errado em mim?

— O que há de errado em você? — repetiu ele, sem acreditar no que ouvira.

Inclinou-se para beijá-la. — O que há de errado em você — murmurou num gemido de dor, fazendo a mão deslizar pelas costas dela e puxando-a para si — é que é maravilhosa, e eu a quero como um louco.

Essas palavras eram tão sedutoras quanto o beijo que se seguiu. Ele abriu a boca de Sherry com a dele, movimentando os lábios de maneira quase rude, e sua língua se introduziu nos lábios entreabertos, num beijo lascivo, entrando e saindo, até que o desejo se espalhou por todo o corpo dela, como um incêndio se alastrando na mata seca. Deitando-se sobre Sheridan, Stephen beijou-a até ela começar a gemer, e seus lábios desceram de novo para os seios, que doíam, tão tensos estavam, e sua mão percorreu-lhe o ventre macio, indo mais e mais para baixo, até cobrir a região quente e macia entre as pernas dela. Os dedos brincavam com ela, atormentando-a deliciosamente, até que Sherry se colou a ele em desespero, abrindo as pernas, numa entrega total de seu corpo.

Estava molhada e mais do que pronta para recebê-lo, quando Stephen saiu da cama, fazendo com que ela se sentisse só, com frio. Sherry abriu os olhos e viu-o de pé ao lado da cama, com as mãos na cintura; em seguida ele voltou e a magia recomeçou, mais ardente dessa vez, e Sheridan desejou-o com loucura. Virou-se de lado, ficando de frente para ele, com o corpo trêmulo arqueado, tendo como centro a mão dele e agarrando-se nos ombros fortes.

Stephen estava enlouquecido de tanto que a queria. Envolvendo as nádegas macias com as mãos fortes, puxou-a firmemente contra si; enfiou um joelho entre as pernas dela, procurou-a com o corpo e começou a penetrá-la, sentindo-a abrir-se para ele como uma flor, enterrando as unhas em seus ombros. Ela o ajudava, separando bem os joelhos e erguendo-os um pouco para dar-lhe melhor acesso. Mais uma vez ele tentou ir devagar. Passando um braço pelos quadris dela, firmando-a, apertou-a ao peito com o outro, enquanto forçava para a frente e mexia os quadris para os lados, num movimento quase rotatório. Mas no instante em que ela colou a boca macia na dele e começou a mover os quadris no ritmo oposto ao dele, Stephen se perdeu.

Sheridan ouvia o martelar surdo e rápido do coração dele contra o seu ouvido e sentia a força poderosa de seus movimentos dentro dela. De súbito seu corpo passou a

tremer, a se contorcer por conta própria, e ela agarrou-se a ele com toda a força que tinha, alucinadamente.

— Eu te amo! — gritou, num soluço.

O universo começou a pulsar, ardente. Ele deitou-a de costas, ficou sobre ela e mergulhou mais em seu ventre, beijando-a com uma fome feroz. A mão dele encontrou a dela sobre o travesseiro, de um dos lados da cabeça, enquanto seus quadris movimentavam-se um contra o outro, louca, furiosamente. Seus dedos entrelaçaram-se com força.

As mãos estavam tão unidas quanto seus corpos no momento em que o universo explodiu num clarão de prazer que a fez chorar, sentindo a vida dele misturar-se à dela. Seu corpo retesou-se e estremeceu mais uma vez... e outra... ainda outra, com a violência da explosão de gozo, as mãos apertadas.

Com extremo esforço, Stephen foi voltando do espaço. Apoiou-se nos braços para aliviar o peso em cima de Sheridan e forçou os olhos a se abrirem. O cabelo de seda estava espalhado sobre o travesseiro em selvagem desordem, exatamente como sonhara que estaria um dia, e suas mãos se apertavam.

Estavam de mãos dadas...

Repleto por um sentimento que era um misto de alegria, reverência e orgulho, olhou amorosamente a mulher que o levava a imponderáveis alturas do desejo e a igualmente incríveis profundezas de satisfação. Os olhos cinzentos se abriram, e ele tentou sorrir, dizer que a amava, mas seu peito estava tão apertado de emoção, havia um nó tão grande e desconhecido em sua garganta, que ele só conseguiu ficar olhando para suas mãos, unidas sobre o travesseiro.

Jamais segurara as mãos de uma mulher num momento como aquele.

Jamais pensara sequer nisso.

Jamais quisera fazê-lo.

Até agora.

Sheridan sentiu que a mão dele apertava mais a dela e percebeu a estranha expressão de ternura no rosto bonito. Fraca depois da paixão selvagem que tinham partilhado, foi difícil colocar a outra mão, que estava na nuca de Stephen, sobre o travesseiro, onde ele poderia alcançá-la. Os dedos longos deslizaram pelo braço, pela palma, e se entrelaçaram com os dela, bem apertados, como estavam os da outra mão.

Stephen abaixou a cabeça e beijou-lhe os lábios, mantendo o corpo unido ao dela, as mãos unidas às suas. Fechou os olhos, engoliu em seco e teve de novo vontade de contar a ela o que sentia, explicar que jamais conhecera sentimentos como aqueles, mas as emoções ainda eram muito novas, muito recentes, e ele quase não conseguia respirar. Tudo o que pôde dizer foi:

— Até agora...

Ela compreendeu. E ele sabia que ela compreendera, porque as mãos dela apertaram mais as dele; Sheridan virou o rosto e beijou-lhe os dedos.

EPÍLOGO

Sentado na sala de estar, em Montclair, decorada com o mobiliário refinado que era a última moda nos palácios europeus, rodeado de todos os confortos inerentes à sua riqueza e posição, Stephen Westmoreland observava os retratos com molduras douradas de seus antepassados, que se alinhavam nas paredes com painéis de seda. Imaginou se *eles* teriam tido tanta dificuldade quanto ele para ficar a sós com a mulher durante dois dias.

Acima do consolo da lareira, o primeiro conde de Langford olhava para ele de cima de um cavalo negro, de batalha, com o elmo embaixo de um braço, e a capa esvoaçando atrás. Parecia o tipo do homem que teria jogado seus cavaleiros no fosso caso tivessem a temeridade de não deixá-lo sozinho em seu castelo com a mulher.

Na parede em frente, o segundo conde de Langford achava-se de pé junto da lareira, com dois de seus cavaleiros; a mulher se encontrava sentada perto dele, rodeada por damas que trabalhavam em tapeçarias. O segundo conde parecia mais civilizado do que o pai dele, notou Stephen. Seu ancestral mais novo apenas expulsaria os cavaleiros do castelo e ergueria a ponte levadiça.

Cansado de estudar os avoengos, Stephen virou a cabeça e dedicou-se à tarefa mais agradável de olhar para a mulher, sentada no sofá diante dele, rodeada por sua mãe, seu irmão, Whitney, Charity Thornton e Nicholas DuVille. Mentalmente, ergueu o queixo e beijou-lhe os lábios, enquanto com a mão livre acariciava o ombro coberto pela musselina cor de limão, descia pelo braço, escorregava para o seio e o envolvia, enquanto o beijo se aprofundava. Estava beijando o pescoço de marfim, junto à orelha, tocando suavemente o

mamilo rijo, quando percebeu que o francês o fitava com o olhar divertido de quem entendia o que estava havendo. Stephen foi salvo de corar como um adolescente apanhado de surpresa pela chegada de Hodgkin, que ele tirara do exílio no dia anterior.

— Perdoe-me, milorde — disse o velho mordomo —, chegaram visitas.

— Quem são? — irritou-se o conde.

Precisou controlar-se para não dizer a Hodgkin que jogasse as visitas no lago, uma vez que não dispunha de um fosso bem largo e profundo, e que depois rodeasse a propriedade com uma cerca bem alta.

Hodgkin abaixou a voz e praticamente murmurou ao ouvido do lorde. Ao escutá-lo, Westmoreland conformou-se, compreendendo que não tinha outro jeito senão receber Matthew Bennett, que havia acabado de voltar da América. Pelo que entendera, Matthew trouxera algumas pessoas.

— Desculpem — disse aos parentes e a Nicholas, que conversavam com Sheridan.

Eles estavam tão absortos que nem perceberam que ele se retirava, mas sua mulher percebeu. Distraiu-se por um instante do que os demais falavam e fitou-o com um sorriso que lhe dizia como gostaria de estar a sós com ele.

Matthew Bennett começou a explicar-se assim que Stephen entrou no amplo escritório:

— Perdoe-me a chegada sem aviso, milorde — disse o procurador. — Seu mordomo explicou-me que o senhor se casou recentemente e que não estava recebendo ninguém, mas suas instruções, quando parti para a América, foram que localizasse os parentes de Miss Lancaster e os trouxesse logo para cá. Infelizmente, Miss Lancaster tinha apenas um parente, seu pai, que faleceu antes que eu chegasse à colônia.

— Eu sei — assentiu o conde —. Entregaram-me uma carta dirigida a Burleton que trazia essa notícia. Uma vez que Charise Lancaster não tinha parentes, quem são as pessoas que trouxe com você?

O procurador colocou-se na defensiva, meio sem jeito:

— O senhor sabe, Miss Lancaster viajava com uma acompanhante paga, uma jovem chamada Sheridan Bromleigh, que deveria ter voltado em seguida para a América. No entanto, nunca mais houve notícias dessa moça, e a tia dela, Miss Cornelia Faraday, quer que se dê uma busca por toda a Inglaterra a fim de saber o que aconteceu com a jovem.

Infelizmente, Miss Faraday não confiou em que o senhor ou eu mandaríamos fazer essa busca como se deve e insistiu em vir comigo para cuidar de tudo pessoalmente.

No decorrer de uma das duas noites que tinham ficado a sós, Sheridan contara ao marido sobre a tia, que praticamente a criara, e sobre o pai, que desaparecera havia vários anos. Agora, ele poderia dar a Sherry um inesperado "presente de casamento". Isso significava acolher mais um hóspede, mas em compensação sua esposa ficaria muito contente.

— Excelente! — exclamou, com amplo sorriso.

— Espero que continue pensando assim quando conhecer a dama... — disse Bennett, nada animado. — Ela está mais do que decidida a encontrar a sobrinha.

— Creio que poderei satisfazê-la com surpreendente rapidez — afirmou o lorde, sorrindo ao pensar na cena que se desenrolaria na sala de estar dali a alguns minutos. — Sei onde Miss Bromleigh está.

— Graças a Deus! — alegrou-se Matthew Bennett, com profundo alívio. — Acontece que o pai de Miss Bromleigh, desaparecido há anos, regressou enquanto eu estava na América. Ele e seus amigos também estavam muito preocupados com o sumiço da moça... e tão determinados quanto Miss Faraday a ver se o senhor irá fazer tudo o que for possível para que ela volte à companhia deles, sã e salva.

— Miss Bromleigh está "muito" sã e salva — garantiu Stephen, rindo. — Só que não voltará para a companhia deles.

— Por quê, milorde?

Há dez minutos o lorde não queria nada no mundo a não ser ficar a sós com Sherry. Agora, não queria nada no mundo a não ser observar a cara dela quando visse as pessoas que tinham vindo procurá-la, e também assistir à reação de Matthew Bennett, quando percebesse o que estava acontecendo. Animado, foi com o procurador para a sala de estar, mandou Hodgkin ir buscar as demais visitas e foi ficar perto da lareira, de onde poderia assistir melhor ao espetáculo que ia se desenrolar. Fez Matthew Bennett sentar-se numa poltrona a seu lado.

— Sherry — disse suavemente, interrompendo a divertida narração que Nicholas DuVille fazia das dificuldades que tivera para convencê-la a acompanhá-lo até a antiga capela. — Chegaram visitas para você.

— Quem são? — indagou ela, enquanto seu olhar dizia ao marido que não queria mais "visitas".

Enquanto ela olhava de Stephen para Hodgkin, que acabara de surgir à porta, entrou na sala um homem alto, bonito, de meia-idade, com ar de nervosismo e impaciência. Atrás dele, o conde viu uma dama de cabelos grisalhos, vestida com severa elegância. Ela deteve-se no umbral, enquanto o recém-chegado dizia:

— Perdoe-nos por invadir sua privacidade, milorde, mas minha filha desapareceu.

Stephen não desviou os olhos de Sheridan, que se voltou, ainda na poltrona em que se encontrava, ao ouvir aquela voz. Começou a erguer-se lentamente.

— Papai? — murmurou ela, e o homem olhou-a. Os olhos cinzentos arregalaram-se, e no rosto dela surgiu o medo de que aquela aparição sumisse caso ela se mexesse. Papai?

...

Como única resposta, ele abriu os braços, e Sherry voou para eles.

Stephen desviou o olhar, respeitando a emoção quase dolorosa deles, dando-lhes tempo, e percebeu que sua família, Charity e DuVille faziam o mesmo.

— Onde você esteve? — perguntou Sheridan, segurando o rosto adorado com ambas as mãos. — Por que nunca nos escreveu? Pensamos que você tivesse morrido!

— Eu estava preso — respondeu ele, mais com tristeza do que com vergonha, ao dirigir um olhar de desculpas aos silenciosos ocupantes da sala. — Seu amigo Rafe e eu fizemos a besteira de acreditar que um cavalo que ganhamos no jogo era propriedade legítima do homem que jogava conosco. Era um ladrão, e tivemos sorte em não sermos enforcados quando fomos presos com ele. Sua tia Cornelia vivia me avisando que jogar baralho sempre acaba dando confusão...

— E eu tinha razão — disse a dama, ainda à porta.

—Felizmente, ela não objetou em se casar com um ex-jogador, que ainda sabe trabalhar numa fazenda e que está disposto a fazer as pazes com o Squire Faraday...

Ninguém mais estava ouvindo o que Bromleigh dizia. Sherry tinha se voltado ao ouvir a voz à porta e já estava nos braços da dama, rindo, feliz.

De repente, lembrou-se das boas maneiras e se conteve. Deu as mãos para o pai e a tia, e voltou-se para Stephen, a fim de apresentá-los, mas Patrick Bromleigh disse:

—Há mais alguém que quer vê-la, Sherry. Tenho certeza que não irá reconhecê-la

—acrescentou com orgulho, admirando a filha.

A voz risonha de Rafe ressoou na sala quando ele entrou, mais lindo do que ela se lembrava e tão à vontade naquela elegante sala inglesa quanto ficava junto da fogueira de um acampamento, tocando violão.

—Olá, *angel!* —disse, com sua voz profunda e acariciante. Junto da lareira, Stephen sentiu o corpo inteiro se arrepiar enquanto o desconhecido tomava sua mulher nos braços e girava pela sala, mantendo-a indiscretamente apertada contra o peito.

—Voltei para cumprir a promessa de me casar com você! —brincou Rafe.

—Santo Deus! —gemeu Miss Charity, olhando alarmada para o rosto fechado do conde.

—Meu Deus... —murmurou a duquesa-mãe, com os olhos fixos no filho.

—O que significa isso? —A voz baixa de Whitney demonstrava como se chocara.

Nicholas DuVille inclinou-se para trás em sua poltrona, com ar divertido mas prudente, e não disse nada.

—Quando podemos nos casar, *angel?* —continuou Rafe, galhofeiro, colocando-a no chão e admirando-a da cabeça aos pés. —Conseguí sobreviver aos longos dias de prisão pensando na minha cenourinha...

Para surpresa de todos, o objeto do admirado olhar do mexicano ignorou o que parecia uma séria conversa sobre sérias intenções e, ao ouvir o velho apelido, pôs as mãos nos quadris, dizendo zangada:

—Agradeceria se você não usasse esse apelido vulgar diante do meu marido. — Além disso confidenciou, com um amoroso sorriso para Stephen, enquanto dava o braço a Rafe e o levava para junto dele —Stephen afirma que o meu cabelo é algo muito especial.

Essas palavras fizeram seu pai, sua tia e Rafe olharem abruptamente para o cavalheiro junto da lareira, enquanto Sheridan fazia as apresentações.

Depois que ela terminou, Stephen é que se tornou objeto de atento exame por parte daquelas três pessoas, que não pareciam dar a menor importância ao fato de ele ser dono da mansão em que se encontravam, ao fato de ser o conde de Langford, que estava decidindo se era necessário, ou razoável, entrar em disputa física com Rafael Benavente. Esse intrometido, que se dava a liberdade de dispensar livremente suas atenções a Sherry, era um homem viril demais para ser deixado a sós com qualquer mulher abaixo de setenta anos, e

bonito e atrevido demais para merecer confiança.

Adiando a decisão, Stephen passou um braço pela cintura de Sheridan, puxando-a possessivamente para junto de si, e resolveu deixar as coisas correrem.

—Você é feliz, querida? —perguntou o pai dela, dali a instantes. —Prometi a Cão que Dorme que iria encontrá-la e levá-la para casa. Ele vai querer saber se você é feliz.

—Sou *muito feliz*, papai —murmurou ela, emocionada.

—Tem certeza? —quis saber tia Cornelia.

— Toda a certeza do mundo —garantiu Sherry. Rafael Benavente pensou um pouco mais, e por fim estendeu a mão para Stephen:

—Você deve ser um homem excelente e muito especial, uma vez que Sherry o ama com tanta intensidade.

Nesse mesmo momento, Westmoreland decidiu oferecer a Rafe um cálice de conhaque, em vez da escolha de armas, como pensara. Rafael Benavente era um homem de julgamento excepcional e refinado. Era um prazer tê-lo entre seus hóspedes.

Bem mais tarde, nessa noite, Stephen contou tudo o que pensara a Sheridan, enquanto a tinha nos braços, com o corpo saciado e a alma feliz.

Ela colou o rosto ao dele e passou os dedos sobre o peito nu, numa leve carícia que, assim mesmo, começou a provocar uma reação rápida em todo o corpo de Stephen.

—Eu o amo —ela murmurou. Amo a sua força e a sua bondade. Amo você por ser tão bom para minha família e para Rafe.

Stephen decidiu que os três inesperados visitantes poderiam ficar em Montclair o tempo que quisessem. E disse isso a Sherry, com um misto de risada e gemido, quando a mão dela desceu mais...

JUDITH McNAUGHT é um estrondoso sucesso nos Estados Unidos, com seus romances

Whitney, my Love, Once and Always, Something Wonderful, A Kingdom of Dreams,

Almost Heaven, Paradise e Perfect. Mora em Houston, Texas.